



DUOLOGIA: PERFEITOS

LIVRO 02

— PERFEITO — DELINQUENTE

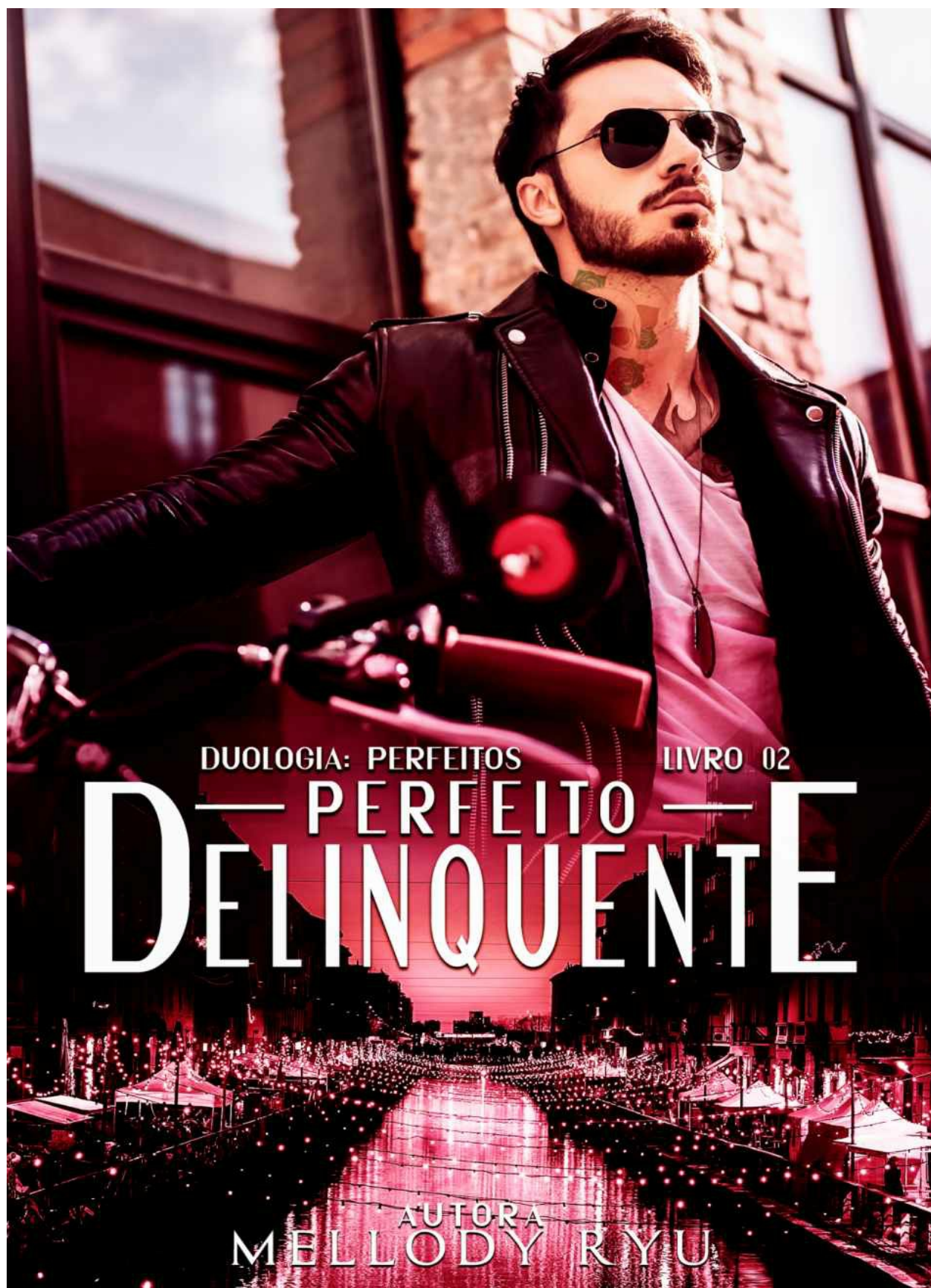
AUTORA
MELLODY RYU



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

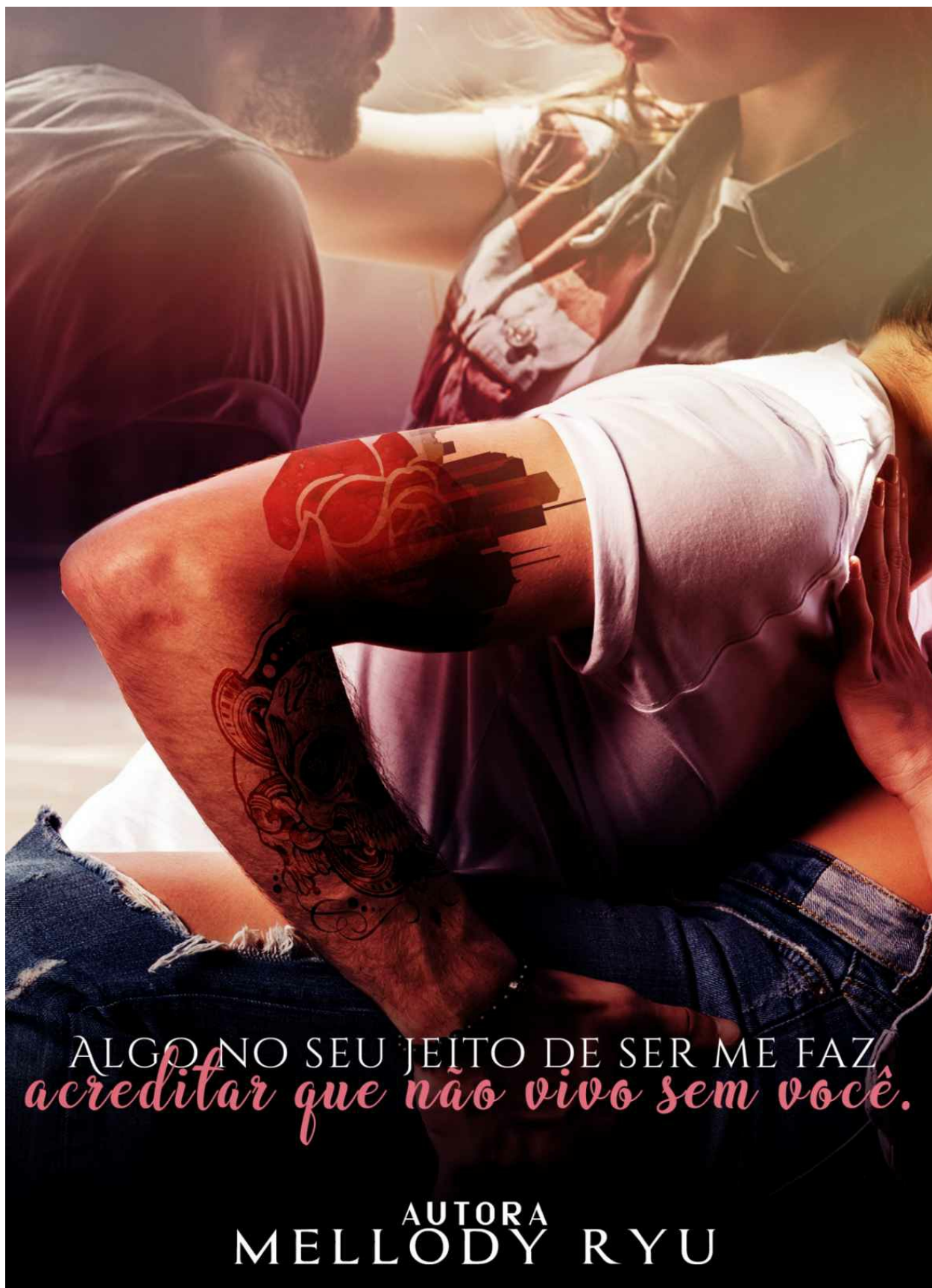


PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



ALGO NO SEU JEITO DE SER ME FAZ
acreditar que não vivo sem você.

AUTORA
MELLODY RYU

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

1º EDIÇÃO

DUOLOGIA: PERFEITOS LIVRO 02
— PERFEITO —
DELINQUENTE

AUTORA
MELLODY RYU

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 de Mellody Ryu.

Perfeito Delinquente (Duologia Perfeitos, Livro II)

Todos os direitos reservados.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem a autorização expressa, por escrito, da autora, exceto pelo uso de citações breves em resenhas ou avaliações críticas.

Capa: Mellody Ryu

Revisão: Natália Dias

Diagramação: Natália Dias

Imagens vetoriais: Projetados por Freepik

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dedico a todas as *Perfeitas Diabas* pelo mundo afora e a todos os *Perfeitos Delinquentes...* A todos aqueles que se permitem viver, com o que são, com a sua natureza considerada “normal” ou não, sobrevivendo a coisas inesperadas que acontecem na vida sem perder o seu sorriso, ainda que feridos.

Dedico também a todos que acompanharam este louco amor conosco, apoiando, rindo, chorando e pedindo por mais. Obrigada!

P.S: fora o país e a cidade, todo o resto é fictício.

MELLODY RYU

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ÍNDICE

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[EPÍLOGO](#)

[EXTRA 01](#)

[EXTRA 02](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA, OUTROS LIVROS &
REDES SOCIAIS](#)

SINOPSE



Em um acaso do destino, um rapaz que mais parece um jornal de rock dá a Diana o que ela mais quer, não apenas um bicho de pelúcia, Adrian oferece muito mais a ela. Com seus sorrisos maliciosos, ele aparece na vida da moça, no limite da sanidade, encarando-a de frente. Caótico, safado e sempre inesperado. Sendo mais do que supunha, muito mais do que se mostra. Quente, libertino e tão interessante, desmoronando cada muralha de rochas que ela construiu.

Para Adrian, Diana era apenas uma garota como qualquer outra. Mas ele se surpreende, sendo cativado pelos seus olhos felinos, sorriso perverso e uma personalidade endiabrada. A mulher que

PERIGOSAS NACIONAIS

consegue instigá-lo e desafiá-lo como ninguém. Com a sua boca nervosa, aquece o que já não se aquecia: seu coração. Leva consigo mais que uma razão para viver, torna-se um motivo para não morrer.

Ser louco não é um defeito, um livro nunca deve ser julgado pela capa. Um romance nem tão romântico assim.

“Algo no seu jeito de ser me faz acreditar que não posso viver sem você.”



PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO



O dia está nascendo, os pássaros cantam, os carros buzina e, olhando para cima, vejo que o céu está limpo. Fico encantada com a forma como se colore de uma maneira singela e bonita. Hoje farei o percurso até o *shopping* sozinha, porque fui abandonada pela Nina, aquela traidora. Rindo baixo, mais para mim mesma, coloco o meu fone de ouvido e ao som de *Aerosmith* sigo em passos tranquilos. Caminho pelas ruas, mas seria mentira dizer que não sinto falta da minha melhor amiga.

Eu sorrio sozinha novamente. Conhecendo a filha perfeita de bons modos, sei que ela e o Luke foram falar com os pais dela para avisar sobre o

relacionamento. *Não que eles mereçam essa consideração.* Tenho um repúdio por aquela família da Nina que não está no gibi. Por todo o esforço que minha amiga fez por eles, e continua fazendo, e mesmo assim nunca deram valor a ela.

Porém, satisfaço-me em imaginar o melhor de tudo, que será a expressão do povo e dos projetos de vacas que são as primas dela. Terão que calar a boca, principalmente quando virem o homem lindo, forte, gostoso e maravilhoso que a Nina, a “solteirona”, arrumou! Vai, Nina! “Taca-lhe pau!”, como diz em um vídeo que vi na internet.

Estou chegando ao *shopping* que, como sempre, vou durante as manhãs antes do trabalho. A rotina é a mesma, sempre aparece um e outro funcionário para me cumprimentar, respondo apenas com um acenar de cabeça. Sinceramente?

Não sou de muitos amigos, pois não confio neles. Na realidade, não confio em praticamente ninguém. Tantos moldes de gente sem caráter que existe apenas para me encher o saco. Contudo, de alguma forma, sempre aparecem pessoas como a Nina. Elas são espertas. Vão entrando na minha vida e quando vejo... *Plop!* Já entrou, arrumou o banquinho, pegou uma bebida e por lá ficou.

Finalmente já estou diante da minha terrível arqui-inimiga, a máquina que tem sido a minha adversária, meu tormento e, admito, o vício diário nos últimos cinco anos. *Mas é hoje! Eu estou sentindo que hoje esse gato será meu!*

Poucos minutos depois...

Sejamos francas, até mesmo eu posso me enganar. Mais que isso, já passou da hora. Infelizmente para mim, três das minhas quatro fichas já se foram. Foram tão rápido que nem vi e

muito menos consegui o meu bicho de pelúcia.

Merda. Porra de máquina!

Ameaço chutá-la, mas paro no último segundo e olho bem para o meu pé. O meu querido pé, que me aguenta o dia inteiro. Bom, vamos ponderar. Chutar vale a pena? Ir para o trabalho mancando e passar o dia inteiro com dor? Hum... Definitivamente não. Por falar nisso, já passou da hora de comprar um carro. Lembrete mental: na hora vaga do trabalho ou no almoço, checar o total que tenho no banco pelo aplicativo. Aposto que deve ter mais que o suficiente, pois quase não gasto. Preciso fazer uma pesquisa de carros usados e enviar um *e-mail* para a loja escolhida.

Respiro fundo e olho esperançosa para minha última ficha do dia. Engulo em seco, mas quando vou colocar a ficha na máquina, o som do início de uma discussão se faz presente, porém ignoro. Ou

melhor, tento. As vozes estão muito alteradas e, infelizmente, não tem como ignorar.

“*Cara, você arranhou a minha motocicleta!*” diz um deles. “*Mano, estou bêbado. O que você esperava?*”. Irei ignorar essa discussão idiota.

Respiro fundo, me foco e coloco a ficha.

— Vamos lá, gracinha... Vai, garra! — falo, dando à minha voz a entonação dos *aliens* do *Toy Story*. Manuseio a garra, que finalmente parece estar obedecendo-me, e a desço lentamente. O nervosismo faz com que eu comece a suar.

Isso! Só mais um pouco! Estou quase conseguindo! Se o gancho não me trair, é hoje! A garra balança, fazendo-me engolir em seco, e o gato quase cai, ficando preso pelo pé. Puta merda! Não! Não, filhote. Cai não, por favor! Nunca te pedi nada! Neste momento, a garra para e respiro aliviada, sentindo o meu suor rolar pela minha face,

PERIGOSAS NACIONAIS

descendo pelo pescoço e perdendo-se no vão dos meus seios.

Em mais um movimento, o gato de *Cheshire* seria meu, porém um infeliz esbarra em mim e ele cai fora do buraco. Mas que filho da puta! Em um lento movimento irritado e com um olhar perdido em ira, viro e encaro o idiota.

— Ow, cara! Não vê por onde anda? Tem olhos não? Ou não tem noção de espaço? Estou aqui na minha, sem atrapalhar a vida de ninguém! Você vem e me faz perder a maior chance de conseguir esse gato de pelúcia em anos! Está de brincadeira comigo?

Quando meus olhos recaem sobre ele, meu primeiro pensamento é: quase um marginal. É feio julgar as pessoas e sei que não deveria, afinal nem o conheço. Não serei preconceituosa, só raivosa mesmo, OK?

PERIGOSAS ACHERON

Com uma jaqueta de couro, fedendo a cerveja e um chapéu de mafioso. Cheio de tatuagens bem evidentes, incluindo um número 21 no rosto, pequeno e abaixo do olho, que está com leves círculos escuros pela óbvia falta de sono. Um alargador razoavelmente grande em cada orelha, de cabelo cortado baixo e barba irregular, com uma boca bem definida, além dos profundos e significativos olhos azuis acinzentados. Um legítimo *bad boy*. Ele não é feio. Na verdade, é exatamente o contrário. É um homem muito bonito de olhos enigmáticos. Só tem tanta informação nele que, à primeira vista, me atordoa. O cara parece um jornal de rock!

Ele para e me olha, atento ao que eu lhe disse. Assim que seus olhos encontram os meus, o meu corpo se arrepia por algum motivo. Olhos que não são só significativos, mas também sedutores e felinos. O homem tira a jaqueta e sua clássica

PERIGOSAS ACHERON

regata branca, revelando um físico magro, mas com cada músculo definido, algumas cicatrizes e mais tatuagens espalhadas pelo seu corpo.

Observo-o enrolar a camisa na mão, ao mesmo tempo em que tira o seu chapéu preto e o entrega para mim, com calma e serenidade. Algo me diz que essa calma toda é uma coisa que devo me preocupar muito. Em poucos segundos, ele dá um soco forte contra a máquina. Vejo o vidro se quebrar e me surpreendo. A atitude foi tão drástica e rápida que fico sem reação, no mais pleno silêncio.

Ele pega o gato de *Cheshire*, que eu tanto almejei por todo esse tempo, e o joga em meus braços, fazendo-me ter que equilibrar o chapéu, minha bolsa e o gato. O desconhecido pisca para mim enquanto me presenteia com um sorriso cafajeste. Como se não bastasse a atitude de antes,

a sua expressão fica mais séria e ele se aproxima em passos calmos. Solta a camisa e a deixa cair no chão para então levar a sua mão até o meu queixo. *Ele é meio estranho, mas muito gostoso.* Penso enquanto o homem se aproxima ainda mais de mim.

Pelo fato de ele estar tão perto e de não ter mais ninguém aos meus olhos, não consigo deixar de analisá-lo. Não é o meu tipo de cara ideal, já que sempre gostei de caras grandes e fortes. Mas há algo nele... Talvez seja seu olhar ou o “eu” despreocupado e irresponsável. Sinto minha face corar e é estranho o que estou sentindo, pois não sou esse tipo de garota.

Contudo, não tenho tempo para mais reações ou pensamentos. Os guardas do *shopping* surgem, correndo e apitando, e o pegam, imobilizando-o. Torcem o seu braço de forma brusca e ele não

reclama, parece até estar acostumado. Um dos seguranças me força a afastar e dou alguns passos para trás.

— Por que fez isso, rapaz? — pergunta o outro segurança, aparentemente mais velho. Como ele não responde, o velho parece ficar ainda mais irritado. — Está filmado! Não há como você negar!

Neste momento, o tal desconhecido olha para mim e sinto algo esquisito. Um rebuliço, não sei. Só sei que algo não vai dar certo. Será que ele vai colocar a culpa em mim? Mas o homem me surpreende e finalmente reage, contorcendo-se nos braços do segurança, que começa a arrastá-lo para mais longe de mim. Entretanto, não é apenas isso, o doido começa a gritar:

— Foi por amor! Amor, senhor segurança!

Minhas bochechas esquentam e não sei como reagir. Não tive tempo de me programar. Nunca

adivinharia algo desse tipo, então a reação é genuína quando os seguranças olham para a minha cara. Minhas sobrancelhas se unem numa expressão de *what that fuck?* Logo em seguida, uma gargalhada toma o lugar da incredulidade. É mais forte que eu e não consigo parar de rir diante da cena que estou envolvida. *Sério, cara?*

Antes de ele se perder do meu campo de vista, grita:

— Cuida bem do meu chapéu!

Seguro o chapéu juntamente com o bicho de pelúcia e com a minha bolsa. Reparo que é muito bem feito, até demais. Bem-cuidado, muito bem costurado e parece muito caro. Um ladrão? Fui envolvida em algo assim? As coisas não poderiam ser melhores...

Durante o dia no trabalho, não tinha como evitar rir sozinha ao me lembrar dele. Em todo o

PERIGOSAS NACIONAIS

caso, ele me ajudou e me deixou com bom humor pelo resto do dia, rendendo-me até alguns elogios do chefe pelo meu excelente desempenho. Não que o velho tenha perdido oportunidade de salientar como era difícil me ver rindo sozinha.

Chega a hora de sair do trabalho, então pego a bolsa e ela se abre um pouco, deixando o gato de pelúcia à mostra. Demorou cinco anos de tentativas frustradas e um cara socando o vidro. Tão fácil. Na delicadeza de um mamute, em pouquíssimo tempo, o doido pegou e me deu! Aqui estou eu, rindo novamente sozinha.

Quando perdi a última ficha por causa dele, nunca imaginaria que a situação se transformaria naquilo. Com seu jeito todo peculiar, ele simplesmente arrumou um jeito de me dar. Mas a pergunta é... Como devolverei o seu chapéu? Para o dono real dele, no caso, já que não consigo

PERIGOSAS ACHERON

acreditar que seja daquele delinquente juvenil. Pegou o chapéu, giro-o, observando a parte de dentro, e encontro na etiqueta uma pequena frase escrita.

Se encontrar, por favor, devolva.

Item de colecionador

Mr. Bianco – Alfaiataria. Numb: XXX XXX

XXX

CAPÍTULO 01



UM ALFAIATE ABUSADO & DESCARADO

O destino parece gostar de brincar com as pessoas. Na maior parte das vezes, as vidas não têm valor. As pessoas vivem e só. Infelizmente, é só isso mesmo. Mas mesmo assim, tantas coisas acontecem... Uma pequena curva é o bastante para alterar todo o resultado. No caso da Nina foi ir a um bar. *Deu tudo certo? Vai dar! Eu sei.* Só que a vida não é um conto de fadas, pelo menos não para mim. Porém, podemos viver bem, sem arrependimento. Essa sim sou eu, tão

diferente da minha amiga sonhadora. *Como vocês me chamam? Ah é! Diaba.*

Saindo do prédio em que trabalho, olho para o chapéu. Chapéu de um cara louco, mas com um bom gosto. Será que deveria apelidá-lo de Chapeleiro Maluco? Bom, dentro do objeto diz que é de uma alfaiataria. *Estranho? Sim, muito!* Um marginal ou um delinquente, é cada um que conheço. Porque, com certeza, não me parece um alfaiate. Essa é a possibilidade mais realista, principalmente pelo modo que pegou meu gato de pelúcia. Aliás, eu deveria devolver o gato, mas não vou. Tenho um senso ético, mas nem tanto.

Enquanto caminho, pego o celular e ligo para o número da etiqueta. Rapidamente uma voz feminina atende.

— *Alfaiataria Mr. Bianco. Boa tarde. Com quem falo?*

— Boa tarde, me chamo Diana. Estou procurando por um rapaz moreno, cabelo baixo e cheio de tatuagens. Um marginal...

Sou interrompida pela atendente, que me responde como se isso fosse rotineiro.

— *Ah sim! Conheço. Mas está mais para um delinquente juvenil desde que se têm notícias. Ele trabalha aqui. O que aprontou agora?* — E agora vem mais essa. Ele trabalha lá? Nunca imaginei um marginal trabalhando, ainda por cima de alfaiate! Vamos pagar a língua? Vamos sim.

— Hum... Nada. — Já que, em parte, é minha culpa. — Esqueceu algo comigo e gostaria de devolver.

— *Compreendo* — diz ela tranquilamente, como se tudo fizesse sentido. — *Vou te passar o endereço daqui. Anote aí. É Rua Borgo Stretto, n.º 3891, no terceiro andar. Mr. Bianco Alfaiataria.*

Pego um bloco de notas na bolsa e escrevo o que ela me diz. Ainda com dificuldade em crer que ele é um alfaiate, me distraio e, quando vejo, a mulher já desligou. Educação faltou, não sei se minha ou dela, mas faltou! *Não que eu seja lá muito educada.*

O endereço é no sentido oposto ao meu caminho para casa. Suspiro pesadamente. Bom, acho que já está em tempo de gastar meu dinheiro com algo útil. Desde que comprei a minha casa, não tive gastos exorbitantes. Acho que em parte por influência da Nina. *Na verdade, é certeza. Tudo culpa dela.* No intervalo do trabalho, já chequei tudo que tinha para ter certeza, o dinheiro é mais que o suficiente e ainda terei mais para investir em alguma outra coisa. Economizar tem lá as suas vantagens.

Faço uma pesquisa na internet e procuro

concessionárias de automóveis, mas, por um acaso, encontro um anúncio de um rapaz vendendo os carros do pai, com urgência e por motivos pessoais. Dou uma olhada para ver se não são pré-históricos e, por incrível que pareça, não são. Não estão com os preços ruins, os valores estão até abaixo da média. Entro em contato e marco de encontrá-lo em um lugar público. Escolho o conversível usado vermelho. Por que justamente vermelho? Porque vermelho combina comigo.

Combinamos um adiantamento de cinquenta por cento para eu poder sair com o carro imediatamente e os outros cinquenta quando estiver com todos documentos em mãos. Com o trato virtualmente feito, vou de táxi até o ponto de encontro e faço a transferência pelo celular. Ele tenta puxar assunto comigo, falando do pai que sofre de uma doença, que o senhor compra coisas que não precisa. Apenas sorrio educada e saio de

PERIGOSAS ACHERON

fininho.

Depois de comprar meu veículo, vou até o endereço indicado pela atendente da alfaiataria. Vejo facilmente a rua comercial, especificamente o prédio em questão. É bem movimentado, não parece um lugar suspeito. Ou foi isso que pensei antes de chegar ao elevador. Na placa ao lado do botão do terceiro andar está escrito “Moda: Alfaiataria Mr. Bianco e Sex Shop Valentim.”. Após cinco segundos de silêncio e um suave sorriso, penso na Nina. Só que esta conversa é de outra história.

Vamos devolver logo este chapéu.

Aperto o botão e aguardo pacientemente. Não demora nem dois minutos, mas é o suficiente para me fazer criar teorias de como é atrás dessas portas. Quando o elevador abre, vejo um bonito corredor bem organizado e elegante. Totalmente fora do que

imaginei. Ainda bem que não fiz uma aposta valendo dinheiro!

As portas são de vidro fosco, com letras douradas dizendo do que se trata cada uma das salas. Bem diante do elevador está a que procuro. Sem demora, vou até a porta e a abro, dando de cara com uma linda mulher sentada atrás de um balcão de recepcionista. Suponho que foi com ela que falei ao telefone. A mulher é excepcionalmente bonita, com cabelos bem penteados no estilo Cleópatra e uma franja curta lisa. Usa como tiara um lenço de bolinhas, no melhor estilo *pin-up*, e um *corset* que destaca sua cintura e seus seios. Além das suas delicadas tatuagens. Não é um estilo popular para a massa, assim como o do marginal, mas ambos são bonitos. Sensual sem ser vulgar.

— Olá. Falei com você hoje no telefone. Vim devolver ao rapaz delinquente o que ele deixou

comigo — digo, mostrando minha bolsa.

— Ah! Diana, certo? Pode ir lá atrás. Ele está sozinho terminando um terno. Pode ir — ela fala, piscando para mim.

Hã? Ela está pensando que sou... Ah, dane-se. Que recepcionista mais doida que deixa as pessoas irem entrando assim. Ela quer vê-lo se foder mesmo ou talvez apenas seja normal garotas aparecerem por aqui. Tanto faz.

Caminho, passando por ela e observando alguns manequins de madeira. Sinto um cheiro diferente, um misto de limpeza, madeira, tecido e cigarro. O lugar é bastante peculiar, apesar de organizado, assim como quem trabalha nele. Ando, observando alguns manequins de madeira. Vejo uma única entrada tampada por uma cortina de bolinhas e passo por um espelho de corpo inteiro, observando disfarçadamente se o meu cabelo está

PERIGOSAS NACIONAIS

no lugar, mas acabo parando para me olhar e me alinhar.

Mesmo sendo curtos sobre os ombros, os fios negros ainda têm o costume de bagunçar, nunca vi coisa igual. Cortei curto para facilitar, só que nem sempre dá certo. Só que, para a minha surpresa, o cabelo não está uma bagunça. A claridade deste lugar realça a minha pele clara e meus olhos também, mostrando que não são azuis nem verdes, mas uma mistura de azul com castanho, que fica levemente esverdeado. Até meus olhos são diferentes. Minha roupa social está um pouco fora do lugar, então a arrumo.

Quando termino de me olhar, coloco a mão para abrir a cortina que divide os ambientes, porém alguém segura o meu braço e me puxa bruscamente para dentro. Sou jogada contra a parede, fazendo com que minha bolsa caia no chão. Acabo deixando

PERIGOSAS ACHERON

o ar fugir dos meus pulmões em um arfar. *Mas que caralho está acontecendo aqui?*

Um corpo quente se pressiona contra o meu, colocando a perna entre as minhas. Segura firme o meu antebraço sobre a minha cabeça e com a outra livre contorna minha cintura, pousando-a na base da minha coluna. Está tão próximo que posso sentir a sua respiração contra a minha boca.

— Quem é você? — Sua voz está rouca e seus olhos tão próximos que até poderia ficar animada, no entanto, “quem é você?” me quebra e brocha. Mas que porra de filho da mãe! Está mesmo perguntando isso logo após sair agarrando-me assim? É louco. Só pode! *Calma, Diana. Respira.*

— Eu sou a garota do *shopping*. Vim devolver seu chapéu. — Olho para ele com a maior tranquilidade. Se me importar com esse tipo de

coisa, só irei me estressar ou dar mais motivo para sua diversão. Não que ele pareça estar brincando, na realidade, está bem sério e sedutor. Admito novamente, o cara é quente.

— Ah sim! Salvou a minha vida e o meu salário! — diz ele, soltando-me como se nada tivesse acontecido. Abaixo-me e pego a peça na minha bolsa.

— Seu trabalho pode até ser, eu acho. Mas sua vida? Fala sério! — Olho-o e lhe entrego o chapéu.

— Realmente. Talvez o velho não me mate. Talvez sim. Quem sabe? Mas este chapéu custa três mil dólares, então é provável... — diz ele como se eu não estivesse presente. Afasta-se e coloca o chapéu na cabeça de um dos manequins.

— Como assim? Três mil dólares? Você é doido? Não, não... A pergunta é: isso aí é feito de

PERIGOSAS NACIONAIS

quê? De ouro? — pergunto, incrédula, pois travei no valor.

— Isso mesmo. Quer dizer... Não sobre a parte do ouro. Mas sim, foi feito com um excelente material e com a medida certa da cabeça do dono. — O delinquente caminha até uma prateleira e o vejo pegando um aerossol e jogando no chapéu. Pelo cheiro parece até laquê. — Mas diga, moça, você não sabe de nada e não viu nada. Isso aqui? Nunca saiu daqui! OK? — Ele sorri matreiro para mim e pisca, parando para me olhar atento. — Já que está aqui... Que tal irmos tomar um café juntos?

Só sei me perguntar “onde fui me meter?”. Ele age diferente de toda a imagem que supus dele. Surpreende-me, segurando a minha mão, e se usa de guia, fazendo-me apertar seu braço para acompanhar seus passos apressados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu disse que iria com você? — pergunto falsamente esnobe diante do seu abuso e excesso de confiança.

— Você não recusou. Quem cala, consente.

— Sorte a sua que eu não tenho nada melhor para fazer! — digo, enquanto dou risada da sua cara de pau e tiro minha mão do seu braço. — Não preciso de guia.

— Então a sorte é nossa, pois eu também não tenho nada melhor para fazer — fala ele, rindo. Ele é diferente... Realmente não se importa com as minhas provocações? Interessante.

Novamente segura a minha mão e coloca em seu braço. Cara do caral... persistente. Ele vai andando comigo para sair do estabelecimento, apenas dando um tchau com a mão para a recepcionista antes de sair. Ouço o grito dela de longe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Adrian! Espero que tenha terminado o terno! Seu avô irá te matar e me matar caso contrário! Diana, cuidado com ele! Não ama ninguém, nem ele mesmo!

Hum... Com toda a sua confiança, não parece isso.

— Então seu nome é Diana. Assim como a Mulher Maravilha — diz divertido quando já estamos fora do prédio.

— Você é o Adrian. Nenhuma referência sobre você me vem à mente — provoco. Mesmo que não seja uma completa mentira, não consigo me lembrar de ninguém.

— Isso, querida, é porque eu sou ÚNICO. — Paro de caminhar e olho para ele.

— Descarado e convencido! — falo, achando o maior absurdo. Ele me olha, abaixando-se para se aproximar do meu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca reclamaram disso para mim... na cama — sussurra de maneira astuta e sensual, fazendo-me arrepiar. Porém, recupero-me rápido e logo um sorriso rápido surge em meus lábios.

Ele quer brincar? Ele não me conhece, mas tenho certeza de que vai me conhecer. Em minhas veias com certeza não corre água. Corre sangue. E sangue quente, amigo!

— Têm muitas coisas que são únicas e não são tão geniais — rebato sarcástica, em um tom baixo que imita o dele.

— Estou sentindo um atrito... — fala, aproximando-se mais, totalmente despreocupado enquanto sorri.

— Foi você quem me chamou para o café. Ainda quer reclamar? — pergunto e ergo a sobrancelha, colocando a mão no quadril e olhando-o de cima a baixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou sendo analisado? — indaga na maior cara de pau. Ele está claramente mordendo a boca para segurar o sorriso.

— Desculpe, mas não sabia que para tomarmos café tinha que me tornar sua amiga. — Sorrio cordialmente, assim como no trabalho.

— Boquinha nervosa a sua. Gosto disso — diz, abrindo um grande sorriso desta vez, e volta a andar quase me arrastando com ele.

Esse cara me surpreende e parece não se cansar de fazê-lo, mas agora, além de marginal e delinquente, me parece um cafajeste! Contudo, admito, é divertido estar com ele. Dificilmente irei conseguir ir a uma cafeteria de novo sem pensar nele. É interessante. Durante o café que tomamos juntos, descobri que Adrian é tranquilo, doido, safado, ousado e caótico. É impossível se entediar com seu jeito. O clima não fica chato e nos

PERIGOSAS ACHERON

“bicamos” de igual para igual. Não sei o que esperar dele, mas ele também não sabe o que esperar de mim.

Por onde o cara passa alguém o cumprimenta. Mulheres em sua maioria, o que só confirma minha teoria de cafajeste. Não que seja da minha conta, porque também tenho meus “acazos”. Só não deixo, e nem preciso, que o mundo todo saiba disso. Seria problemático demais.

No final do café, após uma hora ter passado voando, já é tempo de partir. Isso me deixa muito surpresa. Logo que nos levantamos para irmos pagar o café, até a garota do caixa procura sua cara, querendo a sua atenção. Dou risada, tentando ser delicada para não ferir o coração da moça, pois acho que ele não é um homem que queira mais do que sexo de qualquer mulher.

— O que foi? Parece pensativa — pergunta

ele quando já estamos saindo pela porta do café.

— Estava pensando em como é popular —
respondo automaticamente.

— Ciúmes? Sou seu, amor. Só pedir — diz,
rindo.

— Ciúmes? Nunca senti. Não se ache tanto.
Amor? Com quem acha está falando? — falo, séria,
e ele parece se surpreender, talvez porque não
pareço estar brincando, mentindo ou algo do tipo.
Realmente não estou.

Ele não diz mais nada além disso e, em
seguida, fica pensativo. Não demoramos a nos
despedir e volto para onde estacionei o carro. Só
para lembrar que deixei minha bolsa na alfaiataria.
Merda! Volto ao prédio da alfaiataria e chego logo
depois dele, que se vira surpreso ao me ver.

— Já sentiu a minha falta?

— Por mais que você queira isso, apenas
PERIGOSAS ACHERON

esqueci a minha bolsa.



Passou um final de semana desde o “encontro” com o marginal. Assisti *Vingadores: Guerra Infinita*. Ver todos os meus heróis favoritos morrerem me fez ficar com a maior cara de “que merda é essa?” da minha vida! *Hulk* tomou um pau só, enrolou o “rabo no bolso” e saiu de campo na maior cara de pau. Todo mundo que gosto no maior drama e morrendo. Que merda estão fazendo com os meus heróis? OK, não está tão longe da história, mas que porra!

Segunda-feira. Acordo, sem querer, antes de o dia nascer. Mas que mer... porcaria! Nada dá certo para mim. Hey, organismo! Agora estou com um carro! Uma droga de um carro. Não tenho motivo para sair tão cedo. Talvez deva aproveitar esse meu ritmo para chegar antes do horário e

PERIGOSAS NACIONAIS

ganhar umas horas extras... É, parece uma boa ideia. OK, faremos isso então.

Levanto para me arrumar bem naquele ritmo de saudade da minha cama quente. Ligo o rádio e ao som de *Sweet Dreams* penso no meu dinheiro extra para ter um pouco de ânimo. Abro o guarda-roupa e vejo o gato de *Cheshire*. Involuntariamente, me recordo do bendito delinquente prensando-me contra a parede. *Têm pessoas que são abusadas até mesmo em nossa mente. Invadem assim, de uma vez. É um absurdo.* Pego um sobretudo grande e vou ligar o carro, deixando-o esquentar enquanto volto para dentro para me arrumar. O que na verdade não demora muito.

Visto-me rapidamente e volto para o quarto, vendo os embrulhos e caixas de calcinhas que comprei no *sex shop*. *Sim, eu gosto. Vocês também que eu sei.* É inconveniente jogar no lixo perto de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa, pois me conhecem. Além do fato de as vizinhas falarem demais. Então, junto todas as caixas e levo comigo para o carro. Qualquer coisa deixo em alguma lixeira por aí no percurso para o trabalho. Saio de casa e, como ainda é cedo, ninguém me vê.

Imagino a cara do lixeiro e isso me faz rir horrores por dentro. Decido comprar o meu café da manhã por aqui na vila mesmo. Pego um pão na chapa, um copo grande de café com leite e assim vou arriscando a vida, comendo e dirigindo ao mesmo tempo. *Super emocionante, não?* Já estou desperta o suficiente para fazer piadas sem graça, tenho a certeza de que já estou pronta para encarar mais um dia de trabalho.

O sol colore o céu e o mar também carrega uma bonita tonalidade, acompanhando a beleza do céu. *Em parte, posso entender os amantes da arte.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A diferença é que não paro minha vida para perder horas olhando algo assim. É bonito, mas entediante também. Ao virar e seguir para atravessar a ponte, vejo um grande barco vindo com o seu farol ligado, precisando de iluminação para clarear o caminho. Então, vejo algo que talvez não era para ter visto.

Um homem, ou eu imagino que seja, do outro lado da barra de segurança, na beira. Parece ser um suicida. *Não é um problema meu! Mas não posso dizer que consigo evitar o impulso de parar o carro e evitar um suicídio. Lá se vai minha hora extra, penso, lamentando-me.*

Conforme o dia clareia e me aproximo, reconheço a pessoa suicida. O cara alfaiate. *Estranho. Ele não parece o tipo de pessoa que faria isso. Desde o início, pareceu ser o tipo de cara que tem tudo o que quer. Eu errei em meu*

PERIGOSAS ACHERON

julgamento sobre ele? Pego o meu celular para ligar para o socorro se algo der errado.

— Hey, cara — falo sem gritar, mas alto o suficiente para não o assustar. — O que está fazendo aí?

— Estou olhando a vista — diz sem virar seu olhar para mim.

Ele está drogado? Não sei. Ainda não consigo assimilar essa atitude com a convencional dele. Seu olhar está sereno e perdido. Como se na verdade estivesse em qualquer outro lugar. Contudo, não consigo evitar o meu sarcasmo ao revirar os olhos e dizer:

— Como não pensei nisso antes? Super óbvio! Sou tão idiota. Na beira de uma ponte? Com certeza é o melhor lugar para se olhar a vista! — digo, sucinta. — Só que não né, cara!

Ignorando o meu tom e drama, continua lá

PERIGOSAS ACHERON

parado e posso vê-lo abrindo um suave sorriso.

— É o costume... — Ele dá uma risada baixa e travessa. *Claro, porque é super normal isso.* — Gosto de me arriscar pelas melhores coisas.

— Você é louco? Tem demência ou só se faz? — pergunto, incrédula, ignorando o ar de cantada de... sei lá, esportista? Aff! — Se você cair, ninguém vai ver. Eu mesma quase não o vi aí! E vai morrer, cara! Caiu? Morreu! Tchau e bênção! Aí verá apenas a linda paisagem do fundo do mar.

— Sim. Eles não verão e tão pouco terão pesadelos à noite com a minha morte — diz ele, sem humor, desta vez quase melancólico. — O fundo do mar parece interessante, talvez eu deva...

— Estou aqui, seu filho da mãe! Pode parando! Terei pesadelos com a sua morte. Idiota! — grito, muito inconformada. — Saia logo daí! A vista daqui nem é bonita! Pelo amor de Deus, não

seja um idiota!

— É bonita sim — retruca e então vira somente um pouco, com seu olhar recaindo de um jeito desafiador sobre mim. — Quer ver? Sobe aqui.

— Eu? Não! — digo, resmungando um “nem pagando!” em seguida. Esse cara perdeu a razão por completo. É um caso perdido.

— Quem sabe se você vier... Eu saio daqui. — Chantagem? Barganha? Onde este mundo vai parar? Um suicida barganhando comigo a sua segurança! Estou podendo com isso? — Mas repito: só saio se vier ver o que estou observando daqui de cima.

Meu silêncio predomina no momento. Fico perguntando-me se ele irá se matar mesmo. Porra! E se ele fizer? E minha cabeça, como vai ficar? Culpando-me por não ter feito o que me pediu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Óbvio! Se eu fizer, posso morrer; se não fizer, vou ficar com uma droga de peso na consciência! Porra! Merda. Caral... *Respire, Diana*. Olho para o meu celular ainda em minha mão e suspiro. Coloco-o no meu quadril, preso entre minha pele e a calcinha. Minha saia justa me ajuda e o prende mais contra mim.

Quase posso ouvir a voz da Nina repreendendo-me. Estou dizendo... Nem em pensamento essas pessoas me dão paz para xingar. É minha melhor amiga, mas sua voz virou até a minha consciência. Puta merda.

Passo a primeira barra por onde os pedestres podem caminhar.

— Não acredito que estou fazendo isso — resmungo, segurando o pilar para subir na barra de segurança. Ele me orienta para que eu não caia e me contenho para não revirar os olhos e rir.

PERIGOSAS ACHERON

Claro, porque um suicida sabe orientar alguém para não cair da ponte que ele pretende se jogar. Fico em pé na barra de segurança e o vento bate contra meu rosto e corpo. Devido à altura, tenho a sensação terrível de que irei cair a qualquer momento, mesmo usando a estrutura para manter o meu equilíbrio. Posiciono-me ao lado do Adrian.

— Pronto... Estou aqui. Me mostre a vista “espetacular” que vale o risco de morrer.

Ele não me responde e apenas olha para frente. Sigo o seu olhar, vendo um céu agora mais claro, mas ainda com seu jogo de cores, sombreando e deixando apenas o contorno dos pássaros e barcos mais distantes. O vento gelado bate contra o meu rosto, deixando ainda mais intensa a sensação que a paisagem provoca em conjunto com a altura. Fascinante.

Agraciada pela sensação hipnótica de

liberdade, meu corpo se inclina para frente, ansiando por mais. Porém, ao quase perder o equilíbrio, me recordo de onde estou. *Opa! Não! Não, morte. Hoje não!* Volto a me segurar na estrutura e sinto meu coração doendo no peito do que tanto bate.

— OK. Isso é lindo e maravilhoso! Vamos embora. Agora! — digo mais alto, pois o fluxo de carros começa a aumentar. Isso é ridículo! Estou mais do que fora da minha zona de conforto, estou fora da minha zona de segurança! Por causa de um cara que mal conheço. Coloco o pé mais para trás, buscando um apoio seguro.

— Não — ele diz, sério.

— Como assim não?— Paro e lentamente viro minha cabeça para olhar em sua direção. — Uma linda imagem dessas pego na internet. Coloco de papel de parede e posso observar para sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda teria o bônus de não arriscar a minha vida no processo! Absolutamente incrível. Vamos descer agora, OK?

— Não — repete.

— Que filho da... — Quase dou um rosnado de ódio, mas tento controlar o ímpeto de socar a cara dele, mas só até que me escute. — Vamos. OK? — falo pausadamente enquanto tento me controlar.

— Não, não possuo motivo algum para sair daqui. — Seu tom melancólico quase me faz ver uma lágrima em seu rosto. *Droga...* Suas emoções são quase palpáveis. Como se alguma coisa tivesse o desiludido ou esmagado tão forte algo dentro dele que não tivesse mais nada que o fizesse se sentir preso a este mundo.

E agora? Como vou tirar esse louco daqui?
Eis então que a ideia mais louca aparece na minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mente. Sinto meu rosto corar, ardendo pelo constrangimento antecipado. Fico em silêncio, apenas esperando um carro de farol aceso nos iluminar. Em um segundo, assobio o mais alto que consigo, bem próximo a ele, surpreendendo-o e fazendo-o me olhar. Pego a barra da minha saia e a levanto, revelando minha calcinha de renda branca.

Ele se surpreende ainda mais e quase perde o equilíbrio. O doido quase cai! Sinto o meu sangue gelar e, neste momento, em um rápido movimento, passo a mão na frente do seu rosto, indo para o seu ombro esquerdo enquanto dou a volta em seu pescoço, fazendo uma meia gravata ou até algo como um gancho. Pulo em direção à área segura dos pedestres e levo-o comigo nesse movimento. Caio de joelhos e ele vai com tudo de costas no chão. *Porra*. Era só para pegar o cara desprevenido e derrubar para a parte segura! Não quase enfartar pensando que ele iria cair!

PERIGOSAS ACHERON

— Você está querendo me matar, mulher? — grita ele, exasperado, assustando-me.

Afasto-me dele e sento no chão, tentando acalmar o meu coração devido à onda de adrenalina que me invadiu. Que susto que esse maldito me deu.

— Babaca. Eu salvei a sua vida! E outra... Que porra de preocupação é essa com a sua vida agora? Não ia se matar? Esse tombo, com certeza, não o mataria! — grito de volta, nervosa. Ele me olha como se não conseguisse entender o que estou falando.

— Não, maluca! Não estou falando do tombo. Estou falando da calcinha! E aquela visão do paraíso? Meu Deus! Nunca mais irei esquecer! — Ele parece extasiado e estampa um largo sorriso de cafajeste.

Ele realmente quer morrer. E vai conseguir,

será hoje, ou melhor, será agora!

— Seu filho da puta, mau caráter e cafajeste! Você quer morrer? Não precisará subir lá! — digo, levantando-me e pegando-o pela gola da camisa. — Eu mesma vou empurrar você! Anda! Porque eu não tenho tempo...

Como confirmação do meu pensamento, o celular do trabalho começa a tocar. *Estou tão atrasada assim?* Toca e toca insistentemente dentro do carro. Largo o cafajeste e vou para o veículo desligar o aparelho. Neste momento, vejo as horas. Droga! Só tenho meia hora para chegar lá.

— Sorte a sua que estou atrasada para o trabalho — digo, virando-me para ele, mas um *flash* me surpreende junto com o barulho de foto sendo retirada.

Vejo um celular muito parecido com o meu pessoal na mão do infeliz. *Quando foi que ele*

pegou? Levo a mão ao meu corpo, tateando a procura do aparelho em uma reação involuntária para verificar. Mas é em vão, pois não está aqui. Não... Mais importante do que isso. Ele está enchendo meu celular de foto dele? Sério?

CAPÍTULO 02



UMA ATRIZ, UM DELINQUENTE & UM NÓRDICO

Sério? Estou completamente desacreditada. Que abuso! Mal conheço o cara, me dá trabalho e ainda quer mexer nas minhas coisas? Puxo o ar em busca de calma, paz e principalmente não pirar, mas parece não funcionar muito bem, pois minha seguinte fala é:

— O que você está fazendo com o meu celular, marginal de araque?

— Tirando fotos para o caso de sentir minha falta — diz, piscando para mim. — E colocando o meu contato, aliás... Mandeí para uma tal de Nina,

PERIGOSAS NACIONAIS

que parece que você conversa bastante. Sua melhor amiga, eu imagino. Suponho que ela queira saber quem é o homem que mexe tanto com a sua cabeça e que você não consegue esquecer.

— Está falando de quem? É louco! Aff... Te digo... Você não é tudo isso e nem é tão gostoso assim. Sinto muito por te desiludir. Agora... — Percebo que falei demais e acabo parando a frase pela metade. Fecho os olhos e puxo o ar, sentindo uma profunda raiva da minha própria boca. Quando abro, ele está sentado no chão, sorrindo. Reviro os olhos e caminho até ele, tomando o celular de sua mão. — Tenho um trabalho para ir. Se possível, faça o melhor para se suicidar sem dar pesadelos para ninguém.

Dou as costas para Adrian e entro no carro. Quando já estou passando o cinto pelo corpo, ele se aproxima do veículo. Abaixa-se e apoia os braços

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na janela, completamente despojado, estampando um sorriso de canto.

— Hey, me dá uma carona? — pergunta na maior cara de pau.

Olho-o com a língua querendo falar um enorme “não”, mas a questão é... É bem capaz de que se eu o deixar aqui, o cara se mate mesmo! *Desgraçado!* Suspiro, cansada, e permito que entre no carro. Logo entra, se senta obedientemente, sem meios termos, e me informa onde quer que eu o deixe.

O lugar é no caminho da empresa, em frente a um *point* de encontro de motoqueiros. Não posso dizer que não combina com suas características de *bad boy*. Contudo, agora o clube parece apenas uma enorme garagem com algumas motos e pessoas trabalhando nelas. Paro o carro para que o delinquente possa descer, mas enquanto espero-o

PERIGOSAS ACHERON

sair, Adrian faz o extremo oposto, virando-se para mim. Neste momento, passa a mão no meu queixo e fala em um tom sedutor, baixo e um tanto grave.

— Obrigado. Adorei a vista. — Olho para o volante e sorrio sem mostrar os dentes, divertida e descrente com sua capacidade de não ter vergonha na cara.

Penso em respondê-lo, mas ele sai do carro antes que eu pense em alguma coisa para dizer. Adrian dá apenas alguns passos e se afasta, mas logo para e levanta o dedo indicador, parecendo se lembrar de algo. Dá meia volta e vem em minha direção. Em seguida, abaixa em minha janela novamente e diz:

— Aliás, Diana, adorei o perfume.

— Que perfume? — indago.

Perfume? A única coisa com cheiro que usei hoje é a minha... calcinha. Paro e o olho, cética.

Sério? Filho de uma... digníssima mulher! Para não dizer outra coisa. Mas eu, no lugar dela, o deserdaria.

— Esse de morango. Só que parece que não usa perfume. — Seu sorriso sem-vergonha chega aos olhos. — Hum... Legal. É só isso que queria saber mesmo.

Sorrio com sarcasmo e lhe mostro o punho, como se ele fosse uma caixinha de surpresas, com a mão livre, faço uma mímica e giro uma manivela, revelando meu dedo do meio. *Maturidade? Eu tenho, mas só faço uso quando bem entendo.*

— Vá se foder, Adrian! — digo e então piso no acelerador, deixando-o ali sozinho. Posso vê-lo rindo pelo retrovisor do carro. *Maldito seja! Você vai me pagar, debochado descarado.*

O dia de trabalho ocorre naturalmente, sem maiores danos ou dores de cabeça. Pelo menos é

PERIGOSAS NACIONAIS

isso que gostaria de dizer. Por que, Diana? Porque eu trabalho com o público! Têm aqueles clientes que temos que explicar cinco ou seis vezes a mesma coisa. Claro, é trabalho, temos que fazer. Só que trabalhar com público é uma merda! Uns acham que sabem mais que eu, outros simplesmente parecem não ouvir nada do que digo. Se a paciência é testada? A cada segundo!

No almoço, me vejo na companhia de Gabriella, aquela que quase não apareceu, mas na Ilha de Ischia dividiu quarto comigo e com a Nina. A tal fofinha delicada e blá, blá e blá. Não que ela seja muito presente, é daquele tipo de gente grudada em seu celular, o tempo todo trocando fotos e mensagens. Não que eu não use meu celular com frequência, mas não é para ficar batendo papo. Neste momento, me sinto um monstrinho antissocial.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bom, a pausa acaba e é hora de voltar ao trabalho. No período da tarde, é onde tem mais movimento. Consequentemente, é o pior e mais exaustivo. Uma molecada assanhada que fica chamando-me e fazendo-me perder tempo. Na hora de ir embora, não parece que sou só eu, mas viro religiosa e dou glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo! Ser ofendida no setor de cobrança me irritava, mas tentava pensar na morte da bezerra para não responder de volta. Aqui? Aqui não. Tem que prestar atenção na cara desses infelizes.

Nina? Nina só tem tempo para o Luke! Mas tudo bem. Ou nem tanto. Nem implicar com ela tenho feito. Ela quase não me mostra a sua cara. Não me manda notícias, não diz que me ama e nem vai me trazer uma caixa de bombons para se desculpar. Amiga traidora.

Ao chegar em casa, olho bem para minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cozinha. Hoje não. Passo direto e vou para o quarto. Foco no meu calendário, observando a última saída para diversão ou só jantar fora para arrumar um *boy* no processo foi a... Não vou falar os dias, pois é tempo demais para me orgulhar.

Arrumo-me e vou para um restaurante mais refinado, pois se a intenção é arrumar um cara legal e atraente, então vamos com o que temos de melhor. Não vou dirigindo, ligo para o táxi. Ele diz que chegará daqui vinte minutos. Bom mesmo.

Já sou conhecida no restaurante pelo tanto de vezes que já fui, então será fácil conseguir uma boa mesa. Visto um vestido social preto, básico, justo e sem decote na frente, apenas nas costas. Joias delicadas, meias sete oitavos e um salto preto de sola vermelha. Meus cabelos? Eu os prendo em um coque, deixando algumas mechas escaparem. Passo um lápis, um batom acetinado e... Fim. Isso é o

PERIGOSAS ACHERON

suficiente para atrair olhares, quebrar pescoços e ter uma noite no mínimo agradável.

Sempre vai ter um cara querendo atenção e algo mais. Se for gostoso, melhor ainda, assim mato dois coelhos numa cajadada só! O que foi? Não me olhe assim. Sou solteira, um caso de uma noite e outra nunca fez mal. Ou sim... Bom, tanto faz.

Chego rapidamente ao restaurante. Assim que me vê, o *maître* sorri.

— Senhorita Mancini, já fazia um bom tempo que não a via.

— Sim, Jonas. Muito trabalho. Teria uma mesa para mim? — Sorrio, encarando-o de um jeito felino, como se o desafiasse a me dizer que não.

— Claro que temos mesa para você. Se não tivéssemos, eu providenciaria o mais rápido possível. Aguarde no bar por um instante. Não

demorarei a guiá-la para sua mesa — diz ele, calmo como sempre. Não só entra no meu jogo, como lida comigo da melhor forma possível, passivo e controlado.

Vou para o bar, sento e olho ao redor, mas Jonas não me deixa aguardando por muito tempo. Ele me encaminha a uma mesa bem iluminada, com visão para o bar e para os demais clientes. O homem me conhece bem.

— Jonas, estou faminta! Me traga algo, por favor. Deixo ao seu critério.

— Claro, senhorita Mancini — fala, retirando-se. Este restaurante não é um dos mais caros, mas também não é um dos mais baratos. Apesar disso, o serviço e gerenciamento são de primeira. Jonas é o maître e é sempre muito prestativo, sem falar da memória surreal.

Enquanto aguardo o meu pedido, o tal filho

PERIGOSAS NACIONAIS

de uma mãe, mau caráter e safado surge. Adrian passa por mim, mas sem me notar. Reparo que está acompanhado de uma bela loira. Ela tem longos cabelos cacheados e seios enormes, nem um pouco omitidos pela sua roupa chamativa. Então ele gosta de qualquer pira... pessoa de uma família muito distinta. Acho que perdi um pouco o interesse, parecia alguém no mínimo interessante, mas no final Adrian não tem nada de diferente.

Para minha infelicidade, eles se sentam à mesa em frente à minha. Como uma tortura psicológica, posso ouvi-la falando. Adrian, por sua vez, não parece lá muito feliz, pois está com um sorriso amarelo, como se perguntasse “*que merda eu estou fazendo aqui?*”. Não minto, ver sua desgraça, mesmo sendo o meu infortúnio por ter que olhar para ele e escutar a loira aguada, me faz sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

— Então, quando sairmos daqui, nós vamos para o meu apartamento.

Sua voz é irritante e enjoativa e eu me surpreendo com a capacidade de falar alto o suficiente para quase todos do restaurante ouvirem. *Tudo nela grita pir... uma pessoa peculiar.* Ela agora balança um cartão magnético suavemente para quem quiser ver.

— Não, Nessa. Hoje, não dá — diz ele com um tom evasivo.

Arruma os problemas e depois não sabe o que fazer? Muito esperto, Adrian. Apoio os braços na mesa, querendo muito rir, mas acabaria com meu divertimento enquanto espero a minha comida.

— Não? Ah, mas hoje você não vai me escapar.

— Não! Não escapo, eu trabalho, Nessa. A alfaiataria está cheia de encomendas — diz ele,
PERIGOSAS ACHERON

brincando com o garfo na mão em sinal de puro descaso.

Se ferrou, bonitinho.

— Como se você se importasse tanto com seu trabalho. Sem essa... — Ela continua tagarelando. Neste momento, os olhos de Adrian encontram os meus e ainda estou sorrindo, perversa. Ele ergue apenas uma das suas sobrancelhas enquanto faço um gesto de entendimento nada sutil de “Se fodeu”. — Hoje, fui ao salão e depilei tudo. Como você adora.

Com a sua fala, engasgo com o riso contido. Piranha sendo piranha. Desculpa, mas desta vez não pude evitar. Nem digo por ser safada, mas por falar isso tudo para quem quisesse ouvir, chamando a atenção. Levanto as mãos, uma tampando a visão da minha boca, protegendo de olhos curiosos, e a outra fazendo um “V” em frente enquanto finjo

lamber entre os dedos. Rio e pisco para ele, divertida.

É a vez de Adrian engasgar de surpresa. Deixa o garfo cair no chão, abaixando-se para pegar após um “opa” muito descarado. Longe dos olhos da loira, junta as mãos pedindo-me ajuda. Reviro os olhos, mas no fim sorrio, perversa e divertida, quando tenho uma ideia súbita.

Levanto-me e arrumo o meu vestido. Respiro fundo e faço a expressão mais furiosa que consigo, dando passos firmes no chão. Paro de frente para Adrian genuinamente surpreso. Seguro-o pela gola da roupa e o puxo, deixando-o cara a cara comigo.

— Você! — falo, forçando meu maxilar. — Seu sem-vergonha, cretino de cara lavada! Deveria estar em casa, com seus filhos e a minha irmã! Ela está esperando a sua ligação! Ela, toda inocente,

PERIGOSAS NACIONAIS

acha que você está fazendo horas extras no trabalho! E você aqui! Com essa... mulher! — digo com gosto amargo na boca, medindo-a de cima a baixo. — Programando a sua traição, seu descarado!

No ânimo da encenação, dou um tapa bem servido em seu rosto. Ele parece estar em choque e estático, olhando-me enquanto tento me concentrar para não rir. *Foco, Diana.*

— Desde quando você é casado? Como não me disse? Sem-vergonha! — fala, levantando-se e indo embora revoltada. Antes de sumir de vista, ela se vira para Adrian. — Não quero te ver nunca mais!

— Amém... — sussurra ele depois que a loira se afasta. — Que atuação, hein! — Adrian se vira para mim.

— O que posso fazer? Sou uma ótima atriz!

PERIGOSAS ACHERON

Vivo o personagem — digo, virando-me para ele, e vejo a marca dos meus cinco dedos em sua face. *Será que eu exagerei? É! Acho que passei um pouquinho do limite.* Infelizmente, meu humor negro se aflora ainda mais, divertindo-me ao ver seu rosto marcado. Não consigo parar por aí. — E o meu trabalho é caro, você vai pagar a minha conta.

— Você sabe o valor da comida daqui?

— Claro que sei! — Vejo minha comida vindo e me sento em minha cadeira novamente. — Garçom, a comida será paga por esse rapaz.

— Você é bem ousada, — Adrian deixa sua mesa para lá e se senta à minha. Ele me observa pensativo, mas parece se divertir. Espero mesmo que goste da visão, pois será o único deleite que esse mulherengo terá.

— Já terminou de comer? — *Sério que está perguntando isso? Mal comecei a comer, cara.* —

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque eu vou te levar em um lugar legal!

Contudo, ele mal tem a chance de terminar o seu convite, pois um dos clientes que assistiu tudo intervém e diz:

— Vá para casa cuidar dos seus filhos. Traindo sua mulher com a irmã dela?

Eu não sei se dou risada ou se me preocupo em trocar de trabalho para seguir a carreira de atriz. Entretanto, a reação do Adrian é diferente. Ele se levanta irritado, fuzilando o homem com o olhar.

— Ei, você! Vai tomar conta da sua vida!

É assim que, em poucos segundos, chega o resultado: somos expulsos do restaurante. Isso nunca aconteceu comigo, não até agora. A culpa? Vou jogar nele e na minha ótima interpretação. Ainda estou chateada, pois a comida estava gostosa e mal pude saborear. Para piorar, sabe-se lá Deus quando poderei pisar aqui novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Na porta do restaurante, sinto o vento gelado que me causa um pouco de frio. Ele repara e novamente se vira para mim.

— E aí, Mulher Maravilha? Ainda está com fome?

— Não, estou cheia! De ar, só se for! Idiota — respondo mal-educada.

— Bem, o idiota aqui pode te levar em um churrasco com um pessoal bem legal — diz ele, balançando as chaves.

— Hum... Pessoas legais iguais sua amiga? — digo, referindo-me à loira. Ergo uma das sobancelhas e cruzo os braços enquanto apoio meu peso em um pé só.

— Eu disse pessoas *legais*, Diana. Não é longe daqui. — Ele me mede descaradamente. — Bom, do jeito que está vestida, princesa guerreira, terá que fazer como nos tempos antigos e ir com as
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

duas pernas para o mesmo lado em meu cavalo. Digo, na minha moto — diz, debochado, e caminha em direção à sua moto.

Acabo aproximando-me, apesar de ainda estar meio receosa. Ele me joga o capacete, que pego com dificuldade, já que não esperava, e Adrian pisca para mim.

— Fique tranquila. Com esta moto posso te levar até o céu.

— Claro! Ou até o inferno, colega — digo, colocando o capacete e subindo na garupa. Logo, Adrian liga a moto, que emite um ronco forte.

— Segure-se firme, Mulher Maravilha — fala, novamente se divertindo às minhas custas, só então coloca o capacete.

— Se gosta de seus dentes na boca, pare de me chamar assim porque eu tenho um nome. — Cravo minhas unhas em sua barriga enquanto me

PERIGOSAS ACHERON

seguro nele.

— Ah... — geme — Adoro mulher brava!

Eu já disse que ele é um filho da...?

Sou levada ao clube de motociclistas que o deixei no outro dia, mas desta vez está aberto e, por sinal, bem movimentado. Antes não parecia mais do que uma grande garagem, agora vejo luzes e ouço risos. Ao som de cover de bandas famosas, parece mais atraente, porém não deixa de ser intimidante. Talvez pelo ar de *bad boy* que eles fazem questão de salientar.

Todos parecem intensos em suas paixões e gostos, até nas formas de se vestirem. Está claro que, assim como sua maneira de se portar, isso faz com que tenham um ar opressor. Há muitas motos estilizadas, grandes como a do Adrian. Próximos a elas, alguns fumantes conversam tranquilamente com um copo de cerveja nas mãos.

Há pessoas dentro e fora do ambiente, de todos os tipos e idades. Até mesmo algumas crianças brincam soltas, na maior naturalidade. Isso me dá uma visão de um mundo e de um ritmo totalmente deles, e o principal, sem ser abalado com as opiniões diversas da sociedade. Isso é uma das coisas que sempre me fez admirar os motociclistas. São pessoas mais duras, de opiniões formadas e com a visão do mundo muito mais aberta do que a do mundo em relação a eles. Mesmo que, como em qualquer lugar, tenham boas e más pessoas, a índole deles não é algo que cabe a mim julgar.

Nunca tinha me visto entre pessoas como eles, mas me identifico de certo modo. Não é como se todos eles fossem iguais de toda maneira, cada um tem seu ritmo e estilo. Alguns estão no estilo mais *heavy metal*, com calças de vinil, outros, mais *hardcore*, e têm os que não usam nada além de uma

PERIGOSAS ACHERON

calça jeans e a jaqueta do clube.

Existem mundos dentro de mundos, gostos diversos. No entanto, eu estou deslocada entre eles devido à forma que estou vestida, produzida para outro tipo de evento. Estou recebendo olhares curiosos, mesmo que nem tenha saído da moto ainda. Não debocham de mim e nem invadem meu espaço. Apenas estão surpresos e se questionam, provavelmente com o seguinte pensamento “O que a patricinha faz perdida por aqui?”.

Ao descer da moto, Adrian me deixa ali e vai entrando. Olho para ele e quero esganá-lo. Vejo-me obrigada a segui-lo. Conforme ele vai cumprimentando os amigos, e muitas garotas também, o delinquente vai mexendo com cada uma delas, provocando-as e arrancando alguns risinhos. *Safado, descarado, sem-vergonha e cachorro! Tem mais algum adjetivo para um cara assim?* Bom,

PERIGOSAS NACIONAIS

que seja. Não é nada meu mesmo. Ele só me trouxe aqui para jantar, afinal estragou minha ida ao restaurante.

Não é muito educado comer em um churrasco em que não conheço ninguém. Não conheço nem o doido que me trouxe aqui! Aproveito que estou praticamente sozinha, me viro e vejo que o bar está próximo. Mas parece que alguém nos viu também, pois um homem grande se levanta e se vira para nós. Ele é alto, muito forte e másculo, com uma barba grande, assim como os longos cabelos cacheados em um tom de loiro escuro. Possui tatuagens que sobem pelo pescoço, mãos e braços. Se bobear muito mais, no entanto, a roupa o protege da minha curiosidade. Ele faz com que a quantidade de tatuagens do marginal ao meu lado pareça pequena. Será uma disputa?

Adrian é um homem lindo, mas esse loiro é

PERIGOSAS ACHERON

um dos mais bonitos que já conheci. A personificação de meu cara ideal: bonito e opressor. Ele caminha até nós, usando uma jaqueta de couro com um pequeno pingente escrito “presidente”, e cumprimenta o Adrian.

Caralho! Existem deuses nórdicos! E eles são motoqueiros!

— Diana, esse é o presidente deste clube — diz Adrian, apresentando-nos.

O grande homem me olha e estende a mão. Hum, ainda é educado. Estendo também e, assim que sua forte mão envolve a minha, um pequeno pensamento escapa dos meus lábios.

— Sim, vamos para *Asgard*.

O presidente me olha, ergue a sobrancelha, mas logo em seguida uma rouca e gostosa risada chega aos meus ouvidos. Como um nórdico, reparo que o homem realmente possui uma presença

PERIGOSAS NACIONAIS

única. Ele foca a sua atenção em mim e posso ver os seus dentes perfeitamente alinhados e caninos bem-feitos, que me fazem querer ser mordida por ele. Não por me lembrar vampiros, longe disso. Dizem que homens com caninos grandes são mais brutos, com tendências a serem mais selvagens. Juro que pensava de tudo, mas nunca imaginei um homem com um porte desses como um presidente de um clube de motoqueiros.

— Ih! Adrian, meu amigo, acho que perdeu!
— Sua voz, apesar de rouca, é baixa, mas não demais. É quase um ronronar de perfeito entendimento a cada palavra. *Com uma dicção dessas, homem de Deus! O que faz aqui? Estaria rico se trabalhasse como garoto de telessexo ou se virasse gogoboy! Que isso!*

— Eu? Ela é uma amiga, só isso — responde Adrian sorrindo, sempre com o ar despreocupado e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de cafajeste. Olho-o, tentando entender o que ele está achando divertido para sorrir tanto assim. *Tem coisa aí...*

— Hum, então OK. — O nórdico bonitão me olha diretamente nos olhos e eu me sinto seduzida pelo seu jeito de ser. Entre o calmo e o contraste perigoso que ele passa. — Então, sim, vamos para Asgard. Mas antes faça com que o Adrian lhe apresente o clube. Tenho algumas coisas para resolver.

Ele afasta seu olhar do meu e se vira para o Adrian.

— Adrian, apresente as garotas e os outros membros do clube a Diana. Gostei da garota, ela é diferente. Tenho a impressão de que vou gostar dela e que não será a única vez que nos veremos.

Ele vai embora, afastando-se sem olhar para trás. *Não, não volte para Valhala! Ai que homem!*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspiro e Adrian se aproxima, imitando o meu suspiro de maneira dramática. Isso me faz lembrar que ele ainda está aqui. Paro e volto o meu olhar para ele.

— Bom, já suspiramos pelo presidente, agora vamos conhecer o clube — fala e segura a minha mão com firmeza, esperando que eu tentasse me soltar. E acertou. Tento puxar mesmo assim, mas Adrian a segura com força. Esse garoto aprende rápido, mas me irrita na mesma velocidade.

Ele me leva mais para dentro do lugar, me apresenta as garotas que fazem parte do clube e as esposas de outros membros. Adrian é sempre muito direto em seus cumprimentos, jogando charme, dando beijos demorados nas mãos e até alguns mais ousados na bochecha, quase no canto da boca. Não tem vergonha mesmo, faz isso até com mulheres mais velhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto tudo isso acontece, só sei me perguntar por que esse cara não larga a minha mão. Tem cola nesta porra? Ou ele pensa que a popularidade dele com as garotas vai me seduzir? Babaca. Ele nunca ouviu que mulheres gostam de exclusividade? Para piorar, parece que Adrian realmente consegue mulher com esse estilo cachorro. Um absurdo. Embora, ele tenha mesmo um charme e uma cara de pau surreal. OK, não duvido conseguir, mas... porra.

Comigo não, amigo!

Em seguida, me apresenta para os rapazes, que se divertem com a minha referência ao presidente de Deus nórdico. Também descubro que o clube vai até a rua de trás. Deste lado, tem uma oficina de motos e carros. As coisas por aqui parecem ser bem agitadas, mas todos aparentam ser como uma grande família. O Adrian, com certeza,

PERIGOSAS ACHERON

parece ser aquele caçula, arteiro e sem-vergonha.

Por último, ele me mostra o escritório do presidente e também vejo as meninas dos Recursos Humanos. Parece uma empresa, em que cada um tem seu dever e lugar. Nunca pensei nisso, mas faz todo sentido. A cozinha é quase industrial e Adrian segue guiando-me por um corredor com várias portas fechadas. Apenas uma no final do corredor que está aberta.

Nossos passos ecoam pelo local e não duvido nada ouvirem lá de fora o som dos meus saltos, já que o barulho do *new metal* parece ter sumido. *O que será que aconteceu?* Ao passar pela porta, vejo um grande quarto rústico, que me faz pensar em uma cabana nas montanhas. É bonito, com um banheiro próprio e tudo. Para ser grande assim, deve ser o quarto do presidente.

Olho para Adrian e depois para trás. O

silêncio é predominante.

— Ah! — *Entendi. Esse era o plano. Ele acha mesmo que é fácil assim?* Bem, pensando na loira de hoje mais cedo... Sim, deve ser. É bonito e carismático ao seu modo, mas não é assim. Comigo não. Eu jogo, mas nunca sou jogo de ninguém. — Então é isso?

Viro-me, olhando para o delinquente, e inclino suavemente a minha cabeça. Ele abre um sorriso sem mostrar os dentes, bem suave, fazendo-me querer quebrar esses dentes.

— Não é isso o que todos querem e procuram no final? — diz ele, tirando os sapatos.

Certo. Porque todo mundo olha para sua cara e pensa “quero dormir com esse cara”. Não, idiota! Você vai ver o que te espera.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 03



VINGATIVA? RANCOROSA? JAMAIS!

Conto mentalmente até dez, sentindo meu coração batendo com mais força devido à raiva. Porém, preciso me acalmar. Solto o ar lentamente e fecho os olhos. Quando volto a abri-los, faço uma expressão calma e serena. Vou ensinar ao delinquente que nem todo mundo cai de bandeja em sua cama.

— Irei ao banheiro — anuncio, falsamente sedutora.

— Tome o seu tempo — concorda, jogando-se de costas na cama fofa enquanto fecha os olhos.

Antes de esperar mais qualquer palavra sua, entro no banheiro. Ajeito os meus cabelos e retoco a minha maquiagem. Arrumo o meu vestido e, quando me vejo no espelho, agora em ordem, sorrio satisfeita. Ao guardar a maquiagem, vejo o meu celular e começo a pôr em ordem o meu plano.

Abro a porta do banheiro apenas um pouco e o vejo, ainda tranquilo na cama. Endireito-me e abro um pouco mais, fazendo a madeira ranger com o ato. Ergo um pouco meu vestido e revelo a minha perna pela brecha da porta. Escuto-o assobiar animado, mas para o seu completo espanto, saio do banheiro ainda devidamente arrumada, enquanto me deparo com uma bela visão de Adrian seminu, usando apenas uma cueca *boxer* preta. Tenho uma visão mais detalhada de seu corpo e dos músculos definidos, não é de se jogar fora. No entanto, o que chama ainda mais a minha atenção é o volume protuberante em sua cueca.

Caminho até a cama e subo, para em seguida engatinhar até o meio dela, mantendo a minha posição de quatro. Com uma expressão de deleite, aliso suas pernas com a ponta dos dedos, causando assim arrepios sutis, mas que não me passam despercebidos.

— Já vejo o quão pronto está... — digo, levando a mão à sua excitação e passando as unhas na ponta de sua ereção por sobre a cueca. Isso causa um baixo gemido vindo dele. — Realmente... Mas, amigo, isso aqui... — murmuro, sentando-me na cama e apontando para baixo, para a minha intimidade. — Não é circo para qualquer palhaço! Mas fique tranquilo, já chamei o táxi e sei o caminho de volta.

— Mas o quê? — indaga, surpreso, enquanto me levanto e pego minha bolsa. Viro-me para trás apenas tempo o suficiente para lhe mostrar o dedo

do meio.

— Até mais!

— Cão de saia! — grita Adrian lá do quarto, furioso. A voz dele treme, provavelmente por estar saindo da cama.

Já no corredor, posso continuar ouvindo o eco de suas reclamações, enquanto deve estar vestindo a calça. Apresso meus passos, pois o homem parece furioso, mas isso só faz com que meu sorriso se amplie ainda mais. Ao sair do corredor, vejo um dos rapazes, amigo do Adrian, encostado na parede, chorando de rir.

— Eu vivi todos esses anos para ver o Adrian se ferrar pelo menos uma vez! — Vejo lágrimas em seus olhos do tanto que ri. Tosse em seguida, com o rosto todo vermelho. — Que bom que pude ver isso! Inigualável, menina! Obrigado! Em vinte e um anos, acho que ele nunca ficou tão frustrado.

Bem que me falaram que hoje algo ia dar ruim para o Adrian.

— Essa mulher! Sua diaba! — Adrian vem vindo e acabo esbarrando em alguém. Percebo que dei de cara com uma parede de músculos.

— Lion, temos que arranjar uma vaga para ela no clube — fala o cara que estava rindo. *Lion é o nome do presidente? Hum... Combina.*

— Você é o vice! Quem arruma essas coisas é você, Joshua. — *Então o cara que escutou tudo é o vice-presidente?*

— Gostamos dela! — diz algumas das esposas e das meninas para quem fui apresentada. Procuro-as e as vejo no batente da porta com sorrisos animados. — Já a queremos aqui!

Que pessoal mais filho da mãe! Escutando às escondidas! Todos ficaram na expectativa se eu ia dormir com ele ou não? Acho que estou começando

PERIGOSAS ACHERON

a entender minha melhor amiga. Adrian está parado na entrada do corredor, apenas de calça. Ele encara seus amigos, que continuam divertindo-se às suas custas. Adrian parece muito irritado. *Sim, é a confirmação. Ele é o caçula mimado do grupo.*

Não tinha a intenção de fazê-lo passar tanta vergonha assim. Minha consciência me diz que pelas proporções que tudo tomou, foi errado o que fiz. Mas ainda não vejo erro na minha atitude, afinal ele me apresentou para todo mundo sabendo que todo mundo ia me olhar como a garota da vez. Isso me faz ver os membros do clube com outros olhos e com um pé atrás. Eles são coniventes com a patifaria do pivete ou só desistiram de tentar impedir. *Eu realmente não sei, mas aqui não é diferente de qualquer lugar. Não posso confiar em ninguém, por mais que sejam amistosos.*

— Eu sabia que ela era diferente, o seu olhar

é felino — diz uma mulher, passando pelas outras garotas e indo até Joshua, o vice-presidente.

— Meus olhos me traíram? Que coisa, logo eu, que tento esconder tanto quem sou de “verdade” — digo com sarcasmo.

Eles queriam ver até onde eu ia. O fato de o Adrian trazer mulheres aqui com frequência é nítido. Talvez eu, no lugar deles, com o tempo também ia deixar para lá, já que é desejo de ambas as partes. Mas ele ter me trazido aqui com o pensamento de que sou como uma piranha qualquer, me irrita. *Então quer saber? Passe vergonha mesmo, bonitinho. Peso na consciência por todos tirarem sarro de você é o caralho!*

Em seguida, faço uso da minha educação e me despeço. Viro-me para ir embora sem dar chances ao Adrian, embora ele tente se aproximar. Também não paro para ouvir Lion ou qualquer

outro. No momento, estou irritada demais para isso.

No dia seguinte, como *time is money*, aqui estou eu em mais um percurso nada animado para o trabalho. Estaciono o carro no estacionamento rapidamente. Estou entrando na empresa e, no primeiro passo que dou no prédio, já sou parada pela secretária do meu chefe. *Ótimo!* Ela diz que tenho a ordem de encontrá-lo em sua sala. Dou de ombros, e, sem saber o que o velho pode querer comigo agora, obedeço. Ando até o elevador e o vejo abrir, chego até a pensar que estou com sorte, mas apenas até ver todos saindo em passos apressados, vermelhos e constrangidos.

Meu caralh... Espera, não tenho isso. Enfim, o que está acontecendo aqui? Aproximo-me e me deparo com a cena de amor mais esquisita da minha vida. Isso só poderia acontecer com quem? Nina e o Luke, claro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Luke entre gemidos e risos e Nina vermelha, rindo como uma louca com a mão dentro da camisa do cara. *Que evolução! Ou não, conhecendo a Nina.* Eles ficam nessa enrolação quando já estão em um relacionamento praticamente desde que um colocou o olho no outro. Ver Nina passando vergonha é legal, então fingirei demência e me divertirei um pouco mais.

— Claro, vocês são apenas amigos. Não estou pensando que tem nada além disso entre vocês. Entendo completamente. Tem uma ótima justificativa aí. — Observo Nina ficando pálida enquanto me olha, ainda que o riso permaneça em seus lábios. Ela claramente não sabe onde se enfiar de vergonha.

— Não é isso que você está pensando... — diz entre risadas enquanto Luke volta a gemer, provocando-a. — Para com isso, Luke!

PERIGOSAS ACHERON

Ela abre muito os olhos e fica apavorada, quase gritando para ele parar devido ao tamanho do seu constrangimento. O que só faz o seu público aumentar. Olha o Luke dando-me orgulho! Ele me entende. É muito divertido desconcertar a Nina! Isso só faz com que uma risada minha queira escapar.

— Agora estou pensando coisas pervertidas — provoco-a também, piscando em seguida para ela e para Luke. — Pego o próximo elevador.

Nina pode até reclamar ou chamá-lo de louco, mas tenho certeza de que, amanhã de manhã, essa vergonha temporária a deixará com um sorriso bobo naquela cara lavada. Sinto-me como uma mãe orgulhosa, vendo-a crescer. Satisfeita, sigo o meu caminho quando a porta do elevador ao lado se abre.

Quando enfim chego à sala do velhote, ele

vem até mim com um bom humor. Estreito meus olhos disfarçadamente, procurando o erro. *Aí tem coisa que eu sei.* Ele estende a mão para mim, cumprimentando-me. Retribuo o cumprimento e sigo em silêncio.

— Bom dia, menina. Obrigado por vir. Vou tentar ser direto. A única pessoa capaz de tomar o cargo da Nina enquanto ela está fora está em outro setor, onde é igualmente importante — começa dizendo, tentando ser direto, mas dando tantas voltas que perco a paciência e o interrompo.

— E o que isso tem a ver comigo?

— Você, Diana, será mandada temporariamente para o setor de *marketing* visual. Não será um trabalho tão complicado que terá que fazer. Você é muito sagaz e astuta, certamente terá um bom destaque nesse cargo. É a primeira classificação de modelos, que serão contratados

para a temporada. Será instruída caso tenha alguma dúvida.

— Está bem, chefe — resmungo baixo e ele apenas ergue uma das sobrancelhas para mim, mas parece deixar para lá.

Saio da sala dele e a sua secretária me explica como chegar ao setor que irei trabalhar a partir de agora. *Ótimo!* Minha semana começou bem! Trabalhando feito uma condenada, acordando cedo, como se não tivesse carro. Meu relógio biológico é uma droga! Mal chego ao trabalho e sou chamada na “diretoria”. Sinto-me de volta à época da escola. Não importava o que acontecia, tudo só podia ser culpa minha. Sou movida do meu setor de *marketing* de vendas para lidar com várias pessoas porque, certamente, sou a melhor lidando com elas. Obviamente sou muito gentil e amável. Bom, pelo menos verei os modelos de cueca.

PERIGOSAS NACIONAIS

Só que como o destino é um grande filho da... mãe. Ao chegar à porta de vidro do lugar indicado, o que eu vejo? Só um monte de mulher de biquíni com corpos perfeitos para sociedade. Ótimo! Tudo o que faltava para animar meu dia. Quase posso ouvir o som da descarga levando meus sonhos de ver os homens sarados.

Esses projetos de mulheres ficam esbanjando as barrigas definidas, atacando a minha autoestima com seus corpos malhados e definidos. *Inveja? Claro que sim e que não.* Eu não fico sem minhas tortas de maçã e nem sem coxas de frango fritas, mas também não fico super magrinha assim. Então, elas por elas. Ao abrir a porta e entrar, uma *bendita* me vem com um:

— Me traz um café, por favor.

Passo a língua nos lábios, umedecendo-os. Ergo uma de minhas sobrancelhas e a olho de cima

PERIGOSAS ACHERON

a baixo como se a avaliasse. Estendo o meu braço e coloco a mão na cara dela, tampando a sua boca.

— Eu vou sim, mas é te trazer uma escova e uma pasta de dente, OK? — A modelo para e arregala os olhos, surpresa.

Uma e outra pessoa que está próxima se vira para olhar. Ela se constrange e checa o hálito, parecendo confirmar o fato. A modelo, agora sem graça, pede desculpas e se afasta enquanto resmunga um “maldita dieta!”.

Bom... Parece que alguém não quer mais café.

Em seguida, vou para dar mais um passo, mas vejo uma mulher vestida com um terninho vindo em minha direção.

— Olá! Diana? — Confirmo com a cabeça e ela se apresenta como Ruth.

Logo começa a me explicar, esclarecendo-me

PERIGOSAS ACHERON

todo o trabalho que terei que realizar, fazendo um grande resumo. Para ter certeza de que entendi, ela me guia até o corredor e encenamos até eu pegar o jeito para que possa aprender na prática o que farei a partir de hoje. Também sou informada por ela de que terei “minha” própria sala neste período. *Pelo menos algo bom!* Não vou ter que ficar vendo barrigas definidas das modelos. Assim poderei continuar serena, preocupando-me apenas com a minha própria.

Entro na minha sala e vejo que o primeiro modelo já me espera. Quero suspirar desanimada, mas é um cara realmente bonito. Pode valer a pena. Passo o dia vendo modelos, entrevistando-os e a única conclusão que chego é... Nunca pensei que pudesse me desiludir tanto. Muitas dessas pessoas são mais podres por dentro do que imaginava! Se não são podres, são só idiotas e fúteis. Apenas um e outro é uma pessoa normal com um cérebro.

O dia passa e vejo mais rostos do que queria. Sou obrigada a sorrir mais do que desejava por toda a vida! Quando está faltando apenas vinte minutos para o fim do expediente, vem a merda do auxiliar, que entra na sala sem bater na porta e me pega no flagra comendo meu chocolate fora de hora.

— Desculpa, senhorita Mancini — diz, constrangido. — Ainda tem mais uma pessoa para ser atendida.

Espero que desta vez não me venha falar do cachorro, do carro novo, das pessoas que tem “contatos”, da sua bolsa Prada, dos seus cabelos. Não quero saber da Vogue! Também espero, sinceramente, que não venham falar do meu cabelo, maquiagem, roupa ou sapato! Senão serei obrigada a mandar essa pessoa distinta ir tomar bem no meio do olho do seu...

Meu pensamento trava quando um arrepio me

PERIGOSAS NACIONAIS

sobe pela espinha. Através da porta de vidro fosco, vejo uma sombra bem alta. Chegou a minha hora? Sério, produção? Eu sabia! Sabia que não deveria ter comido este chocolate. Deus disse: *Diana, se você comer esse chocolate, você irá morrer*. Agora, por que joguei logo o foda-se no ar e comi?

A porta se abre e vejo a morte de cabelos loiros, barbudo, cheio de tatuagens e óculos escuros, parecendo um *viking* moderno só que em um estilo esporte chique. Ele tira os óculos escuros conforme entra na sala.

— Boa tarde, estou procurando a Senhorita Mancini. Me disseram que ela é a pessoa que vai me entrevistar... — Sua dicção é perfeita e rouca, em um tom perigoso de sensualidade.

— Eu acho que te conheço... — digo enquanto tento refrescar minha memória. Um homem desses não passa despercebido.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que me vê, seus olhos se abrem bem em surpresa.

— Droga, é a garota que estava com o Adrian. Como é seu nome? Ah, Diana — fala, rindo baixo. — Isso será lembrado por muito tempo. Bom, é isso... Estou indo, foi bom te ver.

Ele volta a colocar os óculos e dá meia volta, pronto para ir embora. Nem ficou na cara que está fugindo de mim.

— Você não veio aqui em busca do trabalho? — pergunto antes que ele vá. Ele para na porta e olha para trás com um sorriso torto.

— Até quero, mas você conhece o Adrian. Ele conhece muita gente — diz, dando de ombros, em um claro gesto de que não vale a pena.

Observo-o, finalmente compreendendo a situação. Isso faz com que um sorriso malicioso meu escape. Cruzo os braços e me encosto à

PERIGOSAS ACHERON

cadeira enquanto cruzo as pernas.

— Hum... Compreendo. Mantendo segredos dos seus amiguinhos.

— As motos e carros não sustentam muito mais que o próprio clube — diz em resposta, virando-se completamente para mim.

— Imagino, mas sendo modelo... Acha mesmo que ninguém vai descobrir o seu... — Olho para ele de cima a baixo, focando mais em seu corpo de forma sugestiva. — Enorme segredo?

Sua gargalhada ecoa pela sala e ele tira novamente os óculos escuros, encostando-se no batente da porta enquanto me fita divertido.

— Trabalho em ensaios que só usam o meu corpo, sim. E sobre as tatuagens, eles teriam que reparar muito, mas geralmente, quando me veem, todos se reúnem para beber. Bêbados não reparam muito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum... Vai que gostam da sua cara? Mas é muito interessante isso de trabalhar com o corpo. Gosto disso. — Mordo os lábios, contendo o sorriso perverso.

Ele novamente parece se divertir com a minha personalidade e se aproxima de mim, sentando-se para a entrevista. O homem parece grande demais para a poltrona, o que se torna um pouco engraçado. A entrevista ocorre tranquilamente e sem o mesmo estresse que tive com os outros modelos. Coloco todas as fichas que aprovei em um envelope.

— Pronto. Irá para a segunda seleção que, infelizmente, já não será comigo. Analiso apenas o histórico e a moralidade para não ter transtornos futuros.

— Está bem — diz, levantando-se. — Vamos para o clube? O meu agente já deve ter ido embora.

PERIGOSAS ACHERON

Para não chamar atenção, vim sem minha moto. Assim eu ganharia uma carona e te apresentaria melhor o lugar.

Levanto-me da cadeira, dou meia volta na mesa e me apoio nela para me sentar em seguida, ficando de frente para ele, cruzando as pernas.

— Não tenho a melhor lembrança do clube. Você sabe... — murmuro, fazendo um leve jogo com o bonitão nórdico.

— Quanto a isso, não se preocupe... — responde, levando a mão até o meu queixo em uma carícia rápida. Ele entra no meu jogo em uma fração de segundo para então se afastar, colocando seus óculos escuros e caminhando para fora da sala.

— Eu não sou o Adrian.

Olho-o e meu sorriso aumenta.

— Gosto assim. — Saio da mesa e pego a minha bolsa. Em seguida, caminho até a saída,
PERIGOSAS ACHERON

encontrando-o à minha espera no corredor. A carona chega a ser engraçada, talvez porque ele só combine com carros muito grandes, pois suas pernas ficam encolhidas no meu conversível vermelho.

Quando estamos em frente ao clube, sem querer me pego procurando a moto de Adrian com o olhar e, infelizmente, o Lion percebe.

— Não acho que Adrian esteja aqui, talvez fique um bom tempo sem dar as caras — fala, saindo do carro reclamando de dor nos joelhos.

— É, acho que ele não seria tão cara de pau — resmungo. Lion me olha de uma forma que me faz repensar minha fala. Talvez seja possível encontrá-lo aqui, sim.

Os próximos minutos são um pouco constrangedores, pois todos me olham atentos chegando ao lado do Lion. Não só olham, como

PERIGOSAS NACIONAIS

todos param o que estão fazendo para nos encarar. Lion dá de ombros, não se preocupando nem um pouco. Ele tira os óculos e os pendura na camisa, prendendo os cabelos enquanto anda. Ele toma à frente, apresentando-me corretamente para as garotas do clube e para as esposas dos outros membros.

— Bom, se não a conhecem, provavelmente já ouviram falar sobre — diz num meio sorriso. — Essa é a Diana. Meninas, tratem minha convidada bem, pois sem dúvidas se darão bem. Vou um tomar banho. Bom divertimento para vocês.

Em meio a “já fomos mais ou menos apresentadas” e “estava louca para te conhecer” quando menos percebo, estou sendo arrastada para o andar superior. Aqui tem mais alguns cômodos, uma cozinha e me levam para uma sala onde nos sentamos em um sofá. Elas não cansam de rir do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Adrian e falar que já me adoram pelo que fiz, mas também deixam claro que gostam dele, e que, no fundo, é um bom rapaz e um ótimo amigo. As mulheres me dizem para que eu não me deixasse enganar, ele é leal aos princípios, mas também aos amigos. *O que me faz pensar que não é tão diferente de mim, e não sou tecnicamente uma pessoa ruim.* No entanto, elas continuam e completam dizendo que Adrian estava merecendo que alguém como eu aparecesse para lhe dar um castigo de leve.

Elas me acolhem com carinho, animação e respeito. Elogiam-me e fazem um dia de “meninas” comigo. Cuidam do meu cabelo, retocam a maquiagem, arrumam roupas estilosas e me perguntam se gostaria de usar e, é claro, que aceito. Assim que fico completamente arrumada, ganho a jaqueta mais *motherfucker* linda que já vi! Preta com *Diabolic* escrito nas costas.

PERIGOSAS ACHERON

— Agora, você é uma de nós e não poderia ser diferente. Bem-vinda, Diana — diz a esposa de Joshua. Sorrio.

— Muito obrigada por todo o carinho mesmo sem me conhecerem direito. Admito que fico até constrangida.

Como não sei reagir a essa demonstração de afeto, me sinto deslocada. Peço licença para me sentar na escada para a unha secar mais rápido. Algumas me olham sem entender, outras mais compreensivas, apenas sorriem.

Não é que eu tenha um passado ruim ou uma família ruim. Só não sou boa com esse tipo de coisa, OK? É isso que gostaria de dizer para elas, mas não vejo necessidade de ficar justificando. Além do que, a vida é minha e eu amo minha família. Só não sou uma rosa. A Nina é rosa, girassol e tudo que é meigo e estabanado. Eu não

sou. Sou como uma flor, mas sem pétalas, apenas com espinhos. Carinho me atrai, mas não sou capaz de demonstrar. Talvez por ter muitos exemplos masculinos em minha vida. Contudo, não tenho o hábito de pensar nisso, até porque sou feliz do jeito que sou. Em momentos assim, só posso ver a diferença gritante entre elas e eu. Talvez eu tenha nascido com o gênero errado. Errei em alguma curva e, ao invés de nascer homem, nasci mulher.

Quando meus pensamentos se silenciam, posso escutar a voz de Adrian no andar de baixo. *Não é que é mesmo um cara de pau?*

— Não, cara, não estou mais puto. Na verdade, se ela tivesse aceitado, seria só mais uma, mas como recusou e da forma como o fez... Penso nela como alguém especial, diferente e interessante. Não é pelo meu orgulho. Desde que entrei nessa vida impulsiva, quase não vejo pessoas assim como

ela. Divertida, animada, sincera, verdadeira e absolutamente fiel a ela mesma. Admiro isso. — Isso me surpreende, ainda mais vindo de um babaca como o Adrian. — Mas ainda vou me vingar. Aquilo não vai ficar barato. Só tenho que encontrá-la.

Por alguma razão, tenho alguns motivos para detestá-lo, no entanto, não consigo. Alguma coisa com o seu jeito de ser me atrai. Só acho uma coisa engraçada... O presidente Lion é o meu tipo ideal, mas meu olhar sempre busca Adrian. Em minha mente ronda mais o Adrian do que o Lion. Talvez seja a mesma coisa, como ele mesmo me definiu? Diferente, interessante, sincero e fiel a ele mesmo? Bom, isso será divertido. Isso me faz levantar, dar a volta e descer pela outra escada.

Desço toda linda, como sei que as garotas me deixaram. Assim que escuta o som de passos, o

olhar do Adrian busca a fonte do som e encontra os meus olhos. Vejo um delinquente olhando para mim estupefato, mas logo em seguida um sorriso lento começa a brotar em seus lábios.

— Falando do diabo, digo... Diaba — diz o vice-presidente Joshua, divertido.

— Ah! Você está aqui? — Adrian pergunta em uma falsa surpresa.

— Ah! Você está aqui? — imito-o, debochando. — Não pensei que seria tão cara de pau de voltar aqui tão cedo.

— Engraçada, mas eu queria me desculpar... — fala ele. *Isso definitivamente faz parte do plano de vingança.* Está certo... Quer brincar, *boy*? Vamos brincar.

Fico em silêncio, apenas o olhando como se dissesse “sei que você não vale nada. Posso até entrar na sua, mas não acredito em uma só

PERIGOSAS ACHERON

palavra.”. E sim, um olhar que diz tudo isso. E não. Não, é difícil fazer uma expressão desta, afinal não conheço uma mulher que não saiba fazê-la. Ele não parece se importar muito com isso. Adrian dá de ombros, fingindo demência, e logo volta a falar.

— Bom, é o seguinte. O clube irá sair para curtir. Como você é uma de nós agora, queria saber se quer ir junto? — pergunta, observando a minha reação com aquele olhar de cachorro abandonado dele. — Sem segundas intenções, desta vez.

— Irei sim — digo. Como fui produzida pelas garotas, agora não me sinto deslocada como quando cheguei. — Mas não confio em você, gracinha.

Ele me olha e estreita os olhos, mas dá de ombros diante da minha provocação.

— Se quiser pode vir comigo ou com o Lion. Você que sabe.

— Não, Adrian. Irei contigo. Você quem me convidou e é você que precisa conquistar a minha confiança, não ele — murmuro, caminhando em sua direção com um sorriso. — Ou prefere mesmo que eu vá com o Lion? Ele é gostoso, não me importo. Não sou do século passado. Eu o convido e, se estiver disposto, pago até o motel.

Ele apenas ri e me dá passagem.

— Não, vamos, por favor. Siga-me, *mademoiselle*.

Seguimos para a sua moto e vamos ao tal lugar para curtir. Sentada na garupa de sua moto, curto o vento contra nós. Ao olhar para os lados, sinto-me em uma cena de filme ou série. Um grande grupo de motos nos acompanha, na verdade, estamos entre eles. Parece haver muito mais motos e mais pessoas do que tinha visto anteriormente. Homens jovens e velhos; mulheres nas suas

próprias motos, esbanjando tanto estilo quanto os homens. Tudo isso é muito legal, mas... O que uma mulher tem na cabeça? Sabendo que tem trabalho amanhã cedo e saindo para curtir bem no meio da semana? Nada!

Quando chegamos ao local, vejo que não é um lugar qualquer. Na verdade, me lembra muito um bar, mas também me recorda uma boate. Aqui traz a lembrança de um filme antigo chamado *Um drink no inferno*, porém mais moderno e maior, sem falar que os detalhes são bem melhores. É atraente para quem gosta do gênero e esse pessoal parece gostar muito. O nome do bar também carrega uma grande referência. *From Hell*.

CAPÍTULO 04



A DIABA & O DELINQUENTE

Entramos no local e observo que até mesmo os funcionários estão vestidos a caráter. Perversos, maléficos, atraentes e sedutores, assim como o mal em geral. Adrian me leva para uma área reservada aos membros do clube, já que são clientes frequentes.

Nós nos sentamos e ele pergunta se quero beber alguma coisa. Neste momento, minha expressão carrega nitidamente pura desconfiança e o delinquente me olha, rindo e erguendo as mãos em defesa.

— Pode confiar, não vou aprontar nada,

PERIGOSAS NACIONAIS

Diana — murmura, ainda rindo.

— Sinto te informar, mas essa risadinha não me passou a menor confiança, Adrian — digo, sincera.

— OK, OK. Veja, em oferta de paz — Ele me dá as costas, vai até o bar e pede duas garrafas lacradas de cerveja e dois copos. Volta, abre a garrafa na minha frente, servindo-se com um pouco de cada, e bebe.

Em algum momento, enquanto o observo fazer isso, pela primeira vez sem fazer aquela expressão de quem não vale nada, acabo dando-me conta de que Adrian é bem fechado. Não fala muito sobre si, não usa suas conquistas do passado. Não é daquele tipo idiota de falar “já fiz isso e isso, você não sabe o que está perdendo”. Ele parece estar vivendo sempre o momento, em um contraste de um cara legal, triste e de cretino.

PERIGOSAS ACHERON

Com algumas bebidas a mais na cabeça do que seria o recomendado, Adrian me propõe um casamento. *Não, não acreditem no que falei! Estou brincando, gente.* Resolvemos brincar de nos desafiar. Ele escolherá um cara para que eu beije e escolherei uma garota para ele. Se Adrian não conseguir, vai fazer tudo o que eu quiser e vice-versa. A princípio, fico meio desconfiada sobre isso, porém acabo aceitando. Uma doideira a mais de vez em quando não faz mal. Além do mais, já pensei até na coleira de cachorro que o farei usar. E o máximo que o Adrian pode querer é transar. *Não parece uma coisa tão ruim. Sabe, não faço sexo tem mais dias do que me orgulho em dizer.*

Escolho uma garota aparentemente solteira e a mais bonita do lugar. Ele vai até ela, que se surpreende, e logo estão em uma boa conversa. Entretanto, o filho de uma digníssima mãe, dentro de poucos minutos, está aos beijos com ela. *Mas o*

PERIGOSAS ACHERON

que esse cara tem, afinal? Mel? Assim que o beijo chega ao fim, ele se despede e se vira para mim, caminhando em minha direção e limpando a boca suja de batom. *Descarado.*

Adrian faz a mesma coisa comigo e escolhe um cara para mim logo depois de me alcançar e parar ao meu lado. Ainda estou achando isso muito suspeito, não esqueci o que escutei sobre plano de vingança.

— Ele não é seu amigo, né?

— Não, é a primeira vez que o vejo por aqui. Boa sorte! — fala Adrian, dando um leve tapa na minha bunda.

Abusado.

Começo a andar em direção ao cara, mas não consigo me conter e olho para trás. Vejo Adrian ser chamado por Lion sutilmente e agradeço mentalmente, pelo menos sei que não serei alvo do

PERIGOSAS ACHERON

seu olhar provocador enquanto converso com o homem.

Aproximo-me, mas não muito. Gosto de homens com atitude, então fico dando sinais ao rapaz enquanto curto a música. Contudo, o cara é tão tapado que não se dá conta e tenho que me aproximar dele.

— Olá — digo, abrindo meu melhor sorriso.

— Oi — o homem responde, achando-se a última bolacha do pacote, o que me faz revirar os olhos internamente.

Em menos de três minutos, constato que o cara é idiota. Além de claramente ser do tipo que me dará dor de cabeça posteriormente. Suspiro e viro de costas, deixando-o falando sozinho. Vejo que o lugar em que eu estava agora está vazio, mas vou em sua direção mesmo assim. É melhor assumir a derrota do que ter esse cara demente no

meu pé. Não estou nem sequer no meio do caminho de volta quando sinto uma mão alisando minha bunda e levantando um pouco minha roupa. Viro-me de uma vez só e empurro o cara. *Sabia... Porra!*

— Hey! Babaca!

— Calma! Não é isso que você queria, linda? Por que subitamente essa rebeldia? — pergunta com um sorriso no rosto.

— Só mudei de ideia. Sai fora, cara — falo, tentando controlar a minha raiva porque ele não parece o tipo de cara que vá se segurar para não me bater se for ofendido. *Sou louca, mas não trouxe.*

Viro-me para me afastar novamente e ele me segura, passando a mão pela minha cintura e deslizando até a parte interna da minha coxa. Enquanto me debato, ele pega meu cordão de prata com a mão livre e, em um puxão só, o arranca e se afasta de mim em seguida. Fico de frente para ele e

PERIGOSAS NACIONAIS

o olho com profundo ódio enquanto coloco a mão onde dói em meu pescoço. O colar que ganhei da minha avó. Eu quero muito matar esse cara! *Calma, Diana, ele tem força para te partir em duas.* Fecho a mão livre e sinto a raiva ainda borbulhando dentro de mim.

— Vou ficar com isto de recordação, gracinha — provoca, balançando o cordão e sorrindo. Olho ao redor e percebo que ele não está com poucos amigos, mas sim muitos. — Se quiser de volta, pode vir comigo. Sei ser muito bom para quem me agrada.

— Nojento. Imbecil, filho da puta! — rosno, furiosa, e ele parece se divertir. Viro-me de volta para a mesa em que o Adrian deveria estar, mas não o vejo em lugar algum.

Era esse o plano de vingança dele?
Desgraçado!

PERIGOSAS ACHERON

Quando chego à mesa em que bebíamos, sento-me violentamente, deixando o meu corpo cair na cadeira de madeira, e espero. *Aquele filho da puta! Achou que o último tapa na cara que levou foi forte? Ele verá o chute no saco que receberá!* Não demora muito e Adrian chega sorrindo, mas quando vê a minha expressão, o seu sorriso some.

— Você está feliz? — Fito-o soltando fogo pelos olhos. — Armou isso, não é mesmo?

— Armei? Armei o quê? — pergunta, confuso. — Pirou de vez, mulher?

— Ah! Agora vai se fazer de trouxa? — Levanto-me pronta para bater nele, mas não vou gastar energia com isso. Ele não merece.

Para mim essa brincadeira perdeu a graça. Apenas viro meu corpo e começo a ir embora, mas o Adrian corre atrás de mim e me segura firme pelo pulso, preocupado. Sua voz me passa uma verdade

em sua preocupação, mas não consigo acreditar.

— O que houve, Diana? Fala comigo! Ou vai ficar só me acusando? Não posso resolver um problema se não fala claramente qual é!

— Primeiro, me solta. Se continuar me perturbando, vou dar na sua cara! Me solta, Adrian! — digo, dando um tranco no meu braço para que ele me solte, mas falho miseravelmente.

— Não! Eu não irei te soltar. Não vou te deixar ir. Não vou te soltar até me falar! Caralho, Diana! Não sou adivinho! — Fico encarando-o em silêncio e vejo sinceridade no seu olhar.

Droga.

— Aquele cara que você escolheu era um babaca... Quando desisti da aposta, ele passou a mão em mim, me assediou e ainda levou o meu cordão!

Mostro o meu pescoço, que provavelmente
PERIGOSAS ACHERON

está marcado. Com um ódio que não cabe em mim, cerro meus punhos novamente, sentindo a dor causada pelas minhas unhas que ferem a palma da mão, mas não estou ligando.

O Adrian me olha profundamente. Seu olhar foca no meu e desce para o meu pescoço, assimilando as informações. Logo fecha a cara e fica absurdamente sério. Quase como se fosse outra pessoa. Rapidamente, o homem se vira e se afasta de mim.

— Adrian, para onde está indo? — pergunto, indo atrás dele. — Volte já aqui!

— Já volto, querida — diz, virando-se para mim, e sorri. Ergue a mão e segura em meu queixo com o polegar, fazendo uma suave carícia como se me dissesse que irá ficar tudo bem.

Essa porra não vai ficar nada bem que eu sei. Maluco! Adrian continua indo em direção ao

babaca. Quando chega perto, ele o cutuca e sorri. O homem não entende nada e o olha confuso.

— Oi.

— Oi? — indaga o desconhecido. No segundo seguinte, vejo Adrian socando o homem, encaixando o soco de baixo para cima.

— Esse é por tocar nela. — Ele encaixa outro soco, que faz o nariz do homem sangrar. — Esse por machucá-la e depois a roubar.

Isso é tudo que consigo entender até o cara começar a revidar. Começa uma troca de socos e ofensas. É, não parece que vai acabar bem. O segurança do lugar aparece em seguida, pega os dois como se fossem brinquedos e os joga para fora. Alguns dos caras que estão acompanhando o babaca, vão para fora logo atrás. *Isso vai dar merda. Merda feia.*

Corro para procurar Lion, pois tenho que

PERIGOSAS ACHERON

avisá-lo. Ele saberá o que fazer. São muitos contra um. *É muito injusto! Para piorar, tudo é minha culpa! Merda.* Encontro Lion sentado próximo ao bar e o viro para mim, segurando-o pela jaqueta, desesperada.

— O Adrian brigou! Ele e o cara foram jogados para fora. Os amigos do babaca foram logo atrás! Vamos!

Quase sou atropelada pelo Lion, que passa por mim na velocidade da luz, mas logo vou atrás, tão preocupada quanto. Ao chegarmos do lado de fora, sinto meu sangue gelar nas veias. *Não há ninguém.* Apenas as motos e alguns carros. A moto do Adrian está intacta, mas não há sinal dele. É tudo minha culpa. Coloco a mão na cabeça e, enquanto isso, Lion já puxa o celular, notificando a polícia do desaparecimento de Adrian.

Sento-me na calçada, sendo corroída pela

PERIGOSAS NACIONAIS

culpa. Conto como tudo aconteceu para o Lion, mais calma. Mesmo após terminar de falar, eu fico ali por quase uma hora. O homem, depois de passar a informação aos outros membros, se aproxima e segura o meu braço, erguendo-me facilmente.

— Calma, ele vai aparecer. Venha, vamos a um hotel. Sempre ficamos nele quando a gente vem para esses lados. É perto daqui. Não vai adiantar ficar aqui sentada no frio.

Sentindo-me ainda mais abalada, apenas concordo silenciosamente em um gesto com a cabeça. Meus pés estão fracos e meu corpo todo está tremendo. Não consigo deixar de imaginar o pior cenário possível. Balanço a cabeça, tentando afastar esses pensamentos. *Ele está vivo. Tem que estar. Adrian vai aparecer.*

Lion manda uma mensagem para os outros membros do clube e nós saímos dali.

PERIGOSAS ACHERON

Quando já estamos no hotel de beira de estrada na mesma rua, Lion me mostra que podemos ver o bar daqui e vigiar a rua olhando pela janela. Acho que para tentar me acalmar.

— Se ele aparecer, vai saber que nós estamos aqui. O seu quarto não será compartilhado. Se quiser ou precisar conversar ou se sentir só, pode ir até o meu quarto. Estarei acordado, esperando notícias dele, OK? — diz, ameno.

Nem sequer tenho ânimo para uma leve provocação, apenas concordo e fico em silêncio novamente. O tempo passa e já tem quase uma hora que ele sumiu. Troco mensagens com a Nina para que eu não pire.

Uma forte chuva começa a cair e começo a perder as esperanças. Tenho que ser realista, não é? É assim que a gente se mantém forte. Quando a minha primeira lágrima ameaça cair, vejo uma luz

de farol de carro virando a esquina, vindo em alta velocidade. O veículo para bruscamente e alguém joga um corpo para fora. Algo me diz que é o Adrian. Ele parece morto, deitado sobre a grama. Sem soltar o celular, abro a porta desesperada e saio correndo em direção a seu corpo. Abaixo-me com tudo, ralando meus joelhos e caindo sentada, já checando o seu pulso.

— Ei! Adrian... Está vivo? — digo e sinto a minha voz trêmula. — Diga que sim, por favor!

— Sim, Diana. Não foi desta vez — responde com a voz baixa e fraca, provavelmente de dor.

— O que você estava pensando? — pergunto em um fio de voz.

— Estava pegando o seu cordão. — Ele enfia a mão no bolso e o pega, mostrando-me com um sorriso vitorioso.

Ver seu sorriso com o colar entre suas mãos

machucadas me destrói por dentro, fazendo com que eu engula em seco. Não consigo evitar chorar, abaixando a cabeça e respirando pesadamente. Pelo menos tenho a chuva como aliada para disfarçar.

— Adrian, eu perdi a aposta. O que você vai querer? — pergunto com um sorriso torto e com a voz embargada de emoção. Minhas lágrimas continuam caindo, mas dessa vez é de felicidade por ver esse ordinário vivo.

— Aproxime-se mais... — diz e o obedeco. — Quero possuir você... Aqui e agora. No meio da chuva.

Mas é o quê? Esse cara é louco?

Com todas as emoções à flor da pele, fico atordoada. Neste momento, a ideia de transar na rua estranhamente me deixa excitada, arrepio só de imaginar executar o seu pedido. As imagens rondam e se formam em minha mente, que em

conjunto com o tempo sem sexo, em uma mistura muito louca de sentimentos, fazem com que a excitação seja ainda mais forte. *Droga! Corpo traidor!* Tento disfarçar, principalmente porque ele parece estar todo ferrado. Tenho que ser a voz da razão.

— Se eu fizer isso, com certeza você vai morrer.

— Eu não me importo. Se for assim, ainda estou no lucro — o sem-vergonha fala, fazendo-me engasgar ao tentar conter o riso. — Além disso, por que está preocupada? Não foi você que me salvou da ponte e depois queria me matar?

Acabo soltando a risada que tentava conter, enquanto nego com a cabeça.

— Você é louco! Mas, sinceramente, acho que eu sou ainda mais... — admito, sincera. Respiro fundo e coloco a mão no peito dele, usando

como apoio para passar a perna sobre sua cintura. Neste momento, ele solta um gemido.

— Oi? Mas já? — comento bem-humorada.

— Não, querida — diz, levando a mão até a minha coxa. — Isso é sinal de que provavelmente estou com alguma costela trincada.

— É, acho que assim você irá morrer mesmo — digo, preocupada.

— Já disse... — fala, alisando a minha coxa, apertando-a. — Se for você não tem problema, mas, por favor, deixa para me matar depois que nós terminarmos. Pode ser, minha diaba? — Pergunto-me quando foi virei a diaba *dele*. Só que irei relevar, pois ele está alucinando.

Deixo o meu peso sobre os meus joelhos e levo a mão até a sua virilha por cima da sua calça. Ainda um tanto receosa, tento quebrar o gelo usando do meu humor.

— Não quebraram isso aqui também, né? — digo e sinto-o ficando duro e maior na minha mão. *Meu Deus! O que é isso?* — Espera aí. Eu sou a diaba e você que tem a cauda?

Ele não aguenta e gargalha, mas logo em seguida se arrepende e faz uma careta de dor. Com cuidado, abro o zíper da calça dele e seu pau pula para fora, grande, grosso, com as veias destacando-se pela sua excitação. Meu Deus, estou até salivando. Tento me controlar, afinal não posso ser fácil diante do descarado que não usa nem cueca.

Suas mãos tentam ditar o que fazer, mas impeço.

— Ainda não tirei a calcinha da frente, vê se espera! Afobado.

— É aquela calcinha? — indaga, curioso, enquanto morde os lábios de maneira sacana.

Ele me lembra do episódio da ponte e fico

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem graça. Eu sabia! Sabia que aquilo era uma péssima ideia. Ele nunca me deixará esquecer isso. Por que o bendito tinha que me lembrar justo agora? Como vingança, apoio um pouco minha mão sobre a sua costela.

— Ai! Que mulher vingativa! Credo! — reclama, mas sem perder o sorriso. — Uma pena, porque funciono melhor com dor.

Como se confirmasse, sua ereção pulsa ainda mais em minha mão. Solto uma risada baixa, pois o cara ainda é capaz de brincar com a sua dor, mesmo que ela me faça sentir culpa. Desço a minha mão e levanto um pouco mais o meu vestido. Em seguida, direciono-a para a calcinha, apenas para colocá-la para o lado. Noto o quão molhada está apesar de toda esta situação estranha. Não sou de muitas voltas ou preliminares, então sento sobre ele e deixo o vestido cobrir nossas partes.

PERIGOSAS ACHERON

A princípio, sinto um incômodo com a penetração mais profunda devido à posição em que estamos. O seu tamanho e espessura dentro de mim não tornam mais fácil acomodá-lo, mas a dor sentida por causa disso me excita ainda mais. Não sei se é o tempo sem prática, mas é tão gostoso que quase gozo apenas com isso.

Um longo gemido me escapa e Adrian me acompanha. O som do seu gemido faz com que me entregue mais a excitação e rebolo. Suas mãos automaticamente vão para minha bunda, apertando-a, pressionando mais seu corpo contra o meu. Pego as mãos dele, tirando-as de mim e colocando-as apoiadas no chão. Entrelaço os nossos dedos, aproveitando para usar como apoio. Fico face a face com ele enquanto domino a situação e os movimentos, rebolando de maneira tortuosa para nós dois. Entre os gemidos, Adrian parece também sentir muita dor. Paro os movimentos e digo:

— Você vai acabar morrendo, Adrian...

— Se for disso, tudo bem. Só vamos terminar... — *Só terminar isso? OK. Vamos terminar isso.* Ele não consegue terminar a frase, pois me sento, soltando as suas mãos.

Pego o meu celular que deixei caído no chão e continuo fazendo movimentos sobre ele. Suas mãos resolvem ir aos meus seios por sobre a roupa e eu mordo meu lábio, enquanto contenho o meu gemido. Mantenho o foco para ligar para ambulância. Em meio a gemidos roucos, ele pergunta o que estou fazendo. Ignoro o que Adrian está falando, e, irritado, ele belisca um dos meus seios. A emergência atende bem neste momento e não consigo evitar começar a ligação com um gemido. *Claro, tinha que ser.*

— Olá, me chamo Diana. Estou aqui perto do bar *From Hell*, em frente ao hotel *Orpheu*. Tem um

PERIGOSAS NACIONAIS

homem que foi espancado. Ele está caído no chão. Precisa ir imediatamente a um... — falo, rápida, mas acabo deixando outro gemido escapar quando ele larga os meus seios para segurar o meu quadril. Adrian aumenta a força e a velocidade da sua investida, fazendo-me ao invés de rebolar, cavalgar sobre o seu pau. Ele provavelmente está com raiva por eu tê-lo ignorado.

— Hospital.

— *Senhora, está tudo bem?* — a mulher pergunta do outro lado da linha, um tanto sem graça.

— Aham... Absolutamente — digo, quase deixando outro gemido escapar em meio a uma risada. — Perfeitamente bem. Quanto tempo vocês vão demorar para chegar?

— *Em torno de cinco minutos, senhora* — responde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— OK. Pode repetir? — Coloco o telefone no ouvido de Adrian para que ele a escute e desligo em seguida. — Você ouviu. Tem cinco minutos.

Ele me olha como se dissesse “*que porra você espera que eu faça em cinco minutos?*”. Sorrio, perversa, e então ele me olha estranho. Faço à minha maneira e na velocidade que mais sinto prazer. Com força, cavalgando e rebolando, rápido e sem pausas para descansar. Acabo arranhando sua barriga definida no percurso e gozo rápido. Cinco minutos pode não ser nem uma rapidinha, mas para quem estava sem...

Levanto-me com as pernas meio bambas, ainda entorpecida pelo orgasmo. Arrumo-me rapidamente, ajeito os cabelos e a roupa, como se nada tivesse acontecido. Deixo-o totalmente desnortado e sem gozar. Sorrio e o ajudo a guardar o brinquedo, na maior cara de pau. Com um sorriso

PERIGOSAS ACHERON

maquiavélico, ainda dou um tapinha logo após fechar o zíper da calça.

Os enfermeiros, em um trabalho rápido e eficiente, colocam Adrian em uma maca enquanto ele parece sair do transe. O homem me ofende e se debate mesmo em meio a dor. Um dos enfermeiros me pergunta:

— Ele tem o quê?

— Acho que usou drogas. Tadinho. Já não sabemos mais o que fazer com ele em casa — digo quando Adrian está sendo posto para dentro da ambulância. Ele para as ofensas para me olhar de um jeito indignado quando escuta o que digo. Antes de a porta do veículo fechar, posso ouvi-lo gritar:

— Diana, sua diaba filha da puta!

CAPÍTULO 05



TODA AÇÃO TEM UMA REAÇÃO

Volto para o hotel com uma expressão de pura satisfação devido à minha arte. *OK, coitadinho do Adrian...* Bom, eu precisava tirar o atraso e o bom é que foi do meu jeito. Não tenho do que reclamar. *Ele pediu para me possuir, não para gozar. Lembrem-se bem disso!* E no meio da rua! Como não rir? Os gritos do Adrian foram impagáveis. Gostaria de ter gravado para rir disso depois.

Antes de ir para o meu quarto, bato na porta de Lion. Aviso-o que o Adrian apareceu, que está um pouco machucado, mas que já foi levado ao

hospital mais próximo. Ao dizer isso, tenho que usar de todo o meu talento de atuação para não acabar rindo ao me recordar da expressão do Adrian. Lion ergue uma de suas sobrancelhas parecendo desconfiar que aprontei, no entanto, nada diz e foca apenas no alívio.

— Aquele garoto tem vinte e um anos, mas me dá trabalho feito um de dezessete — resmunga.

Como é que é? O cara tem vinte e um? Estou virando papa-anjo em meus plenos vinte e seis anos? Pensei que demoraria alguns anos para isso começar a acontecer.

— Ele está bem machucado, mas acho que sobreviverá. — Dou de ombros, totalmente recuperada da culpa que carregava. *Ou não... Nós podemos fingir demência, não é?* — Parecia estar com a costela quebrada ou trincada, não sei lhe dizer ao certo. Liguei para a ambulância, mas ser

jogado para fora de um carro não deve ter melhorado a situação.

— Irei resolver isso. Por hora, vou te levar de volta para o clube para pegar o seu carro e ir para a sua casa. — Não digo nada, apenas concordo com a cabeça.

Não posso dizer que ficar algumas horas abraçada em um cara como o Lion seja ruim. Então, para que iria bancar a difícil? A viagem de volta é mais rápida do que a de ida, então, quando menos espero, estamos na frente do clube. Antes de me despedir, peço o número de Lion para me manter informada do estado do Adrian. Sem qualquer demora, trocamos nossos números.

O dia está nascendo e por isso sou obrigada a deixar um recado na caixa de mensagem da empresa, informando-os que me atrasarei para o trabalho hoje por motivos pessoais. *Ir para casa,*

tomar banho, me arrumar e encher a cara de café são alguns deles.

Duas horas depois, estou entrando pela porta da frente da empresa, indo para minha sala como se fosse um oásis no deserto. Se não fosse pelo café, seria uma atuação muito mais real, pois estaria tendo vertigens enquanto me arrastava pelo chão. *O que seria bem impactante de diversas formas possíveis.*

Ao adentrar na minha sala, diminuo a claridade das lâmpadas. Talvez assim consiga cochilar um pouco. Mas como uma puta sacanagem do destino, meu chefe entra na sala assim que me sento na cadeira. Olho para ele, provavelmente semelhante a algum zumbi de *Resident Evil*, com muita fome. *No meu caso, com muito sono.*

— Cansada, senhorita Mancini? — pergunta ele. Embora minha vontade seja responder “não,

estou treinando para a próxima *comics*, pois irei de zumbi”, respiro fundo e respondo.

— Sim, senhor. Um amigo foi hospitalizado ontem. Não tive a oportunidade de dormir. Desculpe o atraso.

— O que houve com o seu amigo? — indaga.

— Foi espancado — respondo sem demora enquanto bocejo.

— O mundo anda muito violento — ele pondera. — Estimo melhoras ao seu amigo. Bom trabalho, menina.

— Obrigada, velh... digo, senhor — digo, bocejando novamente.

Ele sai da sala e vejo se tem alguma entrevista para agora de manhã. Ao constatar que não, diminuo ainda mais a luz e coloco os pés na mesa, inclinando um pouco mais. Faço deste momento o meu descanso e durmo.

Um som irritante chega aos meus ouvidos e me desperta. Dou-me conta que é o meu celular. *O despertador para não me esquecer do horário do almoço.* Sempre coloco várias coisas para despertar, mas é realmente para não me perder nas horas, o que já me ajudou muitas vezes. Desligo o alarme e me lembro do Adrian. Sob o peso da culpa, ligo para o Lion em busca de alguma notícia.

No segundo toque, ele atende.

— *Sim?* — Sua voz é inconfundível.

— Olá, Lion. Estou ligando para saber como o Adrian está.

— *Oi, Diana. Ele está bem. Só com o nariz quebrado e uma das costelas quase quebrou.* — Ao fundo, escuto a voz do Adrian “*Diana? Diana!*”, mas acho que Lion está afastando-se, pois a voz vai ficando mais longe. Não sei se dou risada ou se começo a ficar com medo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que ele não quer me ver... —
comento, sarcástica.

— Não, pelo contrário. Por algum motivo, ele quer tanto te ver que os médicos mandaram amarrá-lo algumas vezes — diz e ainda completa: — Ele tentou quatro fugas daqui do hospital já, dizendo que tinha que encontrar uma pessoa.

— Deus, ele quer me matar! — digo, agora já não sorrindo tanto assim.

É, acho que agora é o momento de começar a me preocupar.

— *Ele não sabe lá grandes coisas sobre você... Só o seu primeiro nome. Mas o que houve? Por que ele está tão ligado a você?* — indaga, curioso.

— Não sei. Ele é meio doido às vezes, né? Bom, vou almoçar, depois nos falamos... — digo, mudando de assunto.

PERIGOSAS ACHERON

— *OK, Diana* — responde.

Antes de ele desligar, escuto o barulho de uma porta abrindo e os gritos do Adrian retornam. *Isso é algum tipo de terror psicológico?*

Ligo para o restaurante mais próximo para entregarem aqui no escritório. Suspiro e, enquanto o almoço não chega, decido organizar o trabalho. Mas como se lesse meus pensamentos, o auxiliar entra novamente sem bater na porta do escritório. Um dia desses, vou aprontar com ele também, quem sabe aprenda a nunca entrar na sala alheia sem bater antes. Ainda por cima vem só para me entregar uma pilha de papéis.

Sigo-o com o olhar, em silêncio. Na mesma cara de paisagem que ele entra, deixa os papéis e sai como se nada tivesse acontecido. *OK, acho que ele está acostumado com esta situação. Bom, então vamos trabalhar.* Quando começo a revisar os

papéis, me deparo com um em particular “Lion Walker, aprovado”.

Disso não tinha dúvida. Continuo lendo e vejo que foi selecionado para ser modelo não apenas de corpo, mas de rosto também. *Ah! Eu avisei*, penso rindo. Meu almoço chega e começo a comer trocando mensagens no celular com a Nina. A gente se atualiza da vida da outra, apesar de que não conto tudo. Quando falamos quase tudo, ficamos sem assunto e só começa a sair coisas aleatórias e inúteis. Além do mais, gosto da cara de surpresa dela quando descobre algo a mais sobre mim, parece que descobriu que o mundo é redondo.

Passa um tempo e não consigo me conter. Pego o celular e ligo para o Lion.

— *Diga, Diana* — diz assim que atende, desta vez no primeiro toque.

— Você foi aprovado! Parabéns!

— *Sério?* — pergunta, animado.

— Sim, mas não é só seu corpo *sexy* que eles querem... — digo, já rindo.

— *Mas é o quê?* — indaga, incrédulo.

— Eu avisei! — *Ah! Adoro falar isso!* — Calma que vai dar tudo certo. Você tem que estar aqui às nove horas da manhã, amanhã. OK? Agora tenho que voltar a trabalhar. Até mais. — Desligo, sem mais.

O dia de hoje ocorre mais tranquilo do que poderia prever. O final do expediente chega sem que eu perceba e sem maiores transtornos. O que é ótimo! Pego a minha bolsa, junto as minhas coisas e ando até a saída, mas quando vou fechar a porta, vejo um papel preso nela. Nele está escrito que haverá uma palestra sobre as relevâncias dos prós e contras da empresa, a suma importância deste setor e do tipo de *marketing* que usam e ainda sobre

como lidar de maneira profissional na seleção dos modelos. Já que estou como uma das encarregadas, serei uma das palestrantes. Também vem dizendo que será no auditório da empresa.

— Claro, como estou nesta carreira há muitos anos. Só que não... Serei a melhor palestrante que eles já viram! — continuo lendo e diz que será amanhã. Deixo minha cólera transbordar através do meu sarcasmo. — Deus! Este seria um momento esplêndido para morrer. Não é querendo forçar, nem cobrar nada, mas acho que já passou da hora de ir para o outro mundo.

Pego o papel, jogo dentro da bolsa, fecho a sala e vou para casa. *Pensei que iria chegar em casa e dormir, mas não. Que merda!*

Cheguei em casa há algumas horas e estou com papéis espalhados para todos os lados, até mesmo transbordando na lixeira. Enquanto estudo e

tento fazer o material da palestra, meu celular toca e vejo que é Lion quando pego o aparelho, então rapidamente atendo.

— *Alô, Diana?*

— Sim, Lion? Se for sobre o contrato, não posso fazer nada. Eles gostaram de você. Isso é bom! Mostrando seu rosto vai ganhar ainda mais dinheiro. A não ser que não queira assinar e desista.

— *Não, Diana. Não é sobre isso. O Adrian...*

— Alguém o interrompe e ele fala algo que não compreendo. — *Oi, voltei. Então, o Adrian conseguiu fugir daqui do hospital. Ninguém está o encontrando. Ele estava atrás de você... Cuidado.*

— Deus, eu repito, não é por nada não, mas acho que agora é uma boa hora — digo, como se olhasse para *Ele* no céu.

— *Diana? Enlouqueceu de vez?*

— Hã? Não, é impressão sua. Só pensei alto

PERIGOSAS ACHERON

— falo, indo fechar as minhas janelas e passar o trinco nas portas enquanto isso. — Tenho muito trabalho a fazer. Amanhã será um dia cheio. Se ele aparecer por aqui, te ligo avisando.

— *OK. Até.* — Ele desliga e eu vou procurar o meu *spray* de pimenta e o meu *taser*, colocando-os na gaveta entreaberta no criado-mudo.

Trabalho mais algumas horas no material, e, quando finalmente termino, vejo que já são duas e meia da manhã. Eu preciso dormir e é isso que vou fazer. Sem barulho algum, ou coisa do tipo, acordo no dia seguinte como se fosse um dia normal. Não com um delinquente louco por vingança porque o deixei sem gozar.

Após tomar banho e me arrumar, saio para o trabalho e encontro Nina e Luke dando uns amassos no carro. Não consigo evitar ir lá para provocá-los um pouco. Até por que quando olho ao

PERIGOSAS NACIONAIS

redor, as vizinhas parecem estar bem animadas. Aproximo-me e os provoco, brincando um pouco com o casal.

Disfarço, mas estou satisfeita em ver a Nina bem, sem carregar aquele olhar fúnebre apesar de sorrir sempre. Toda vez tinha algo no seu olhar. *Eles crescem tão rápido! Sinto-me uma mãe orgulhosa.* Acentuo um pouco mais a minha provocação e saio, deixando-a para trás com o rosto mais vermelho do que um pimentão. Infelizmente para Nina, amo provocar as pessoas que me importo. Quanto mais acerto o alvo, mais me instiga a continuar; infelizmente, ela é muito suscetível a isso. Em compensação de quem não gosto, não implico, eu infernizo mesmo.

Vou para o trabalho logo em seguida e, quando chego, vejo a moto do Lion no estacionamento. Encontro-o ao lado do elevador,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o pé servindo de apoio na parede enquanto mexe no celular distraidamente. Suas coxas marcam sob o jeans e a camisa branca destaca ainda mais seus músculos e as tatuagens. Seus óculos escuros e o moicano caindo para o lado completam o seu ar *bad boy*. *Como sempre, gostoso para caralh...*

Assim que ergue a cabeça e me vê, caminha em minha direção, cumprimenta-me antes de retornar comigo para o elevador.

— Vamos, preciso que assine o seu contrato... — digo, enquanto aperto o botão do meu andar. Como quem não quer nada, pergunto: — E aí, o acharam?

— Infelizmente, não. Ele não apareceu pela sua vizinhança?

— Não. Acho difícil ele saber onde moro. Isso seria muito ruim para mim...

PERIGOSAS ACHERON

— Não tenho certeza. Ele estava muito animado para te encontrar, pode ser algo bom — diz, rindo debochado, e dá de ombros.

O elevador chega ao meu andar e saio, indo direto para a minha sala. Assim que entramos, vou para trás da minha mesa e pego de dentro da gaveta o contrato de Lion. Ofereço junto uma caneta que coloco na sua frente, mostrando-o o local que terá que assinar.

— Vá em frente... Se tiver certeza.

— Tenho certeza, sim. Preciso da grana — fala, assinando rapidamente após uma rápida leitura do contrato.

Percebo que Lion está suando, provavelmente de nervoso. Ele é solteiro, aparentemente, o que o faria se preocupar tanto? Ah, Lion não deveria instigar a minha curiosidade. Aproximo-me dele e passo o indicador na sua testa, esfregando os meus

PERIGOSAS NACIONAIS

dedos em seguida com o seu suor.

— Seu nervosismo é palpável, Lion — falo, sorrindo travessa. — Parece até que está fazendo um pacto com o diabo. Fique tranquilo, isso não te matará.

— Estou preocupado com o pessoal do clube — admite, jogando a caneta sobre o contrato assinado.

— Hum... Senhor mistério, agora é tarde demais — digo, sorrindo perversa. Uso o mesmo tom que a própria Lilith usaria ao dizer “*sua alma agora é minha!*”. Pego o papel e me abano com ele. — Sem drama, Lion. As garotas vão adorar. Cuecas, caras e poses sem camisa... — falo, olhando-o descaradamente em apreciação enquanto mordo o lábio.

Ele apenas ri como se dissesse “*você não vale um tostão furado*”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem sabe alguns rapazes do moto clube não tentem também? Essa *vibe* de hoje em dia é muito sobre estilo e presença, todos vocês têm os dois.

— Bom... Já está assinado — diz em tom de “seja o que Deus quiser!”.

— Sim, é verdade. Bem, tenho que ir palestrar. Quer vir? Acho que você pode assistir — convido. — Mas somente se não tiver nada mais importante para fazer, claro.

Ele resolve me acompanhar e só. Sem dizer mais nenhuma palavra. Nós vamos até o auditório e mostro onde ele pode se sentar. Caminho até onde estão os demais palestrantes e descubro ser a última. *Droga! Queria acabar isso e ir logo embora!* Naquele velho sentimento da época da escola, em que algo mal começou, mas já estou louca para voltar para a rua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Procuro um lugar para sentar, porque vai demorar uma vida! Suspiro, aguardando a minha vez. Fico em redes sociais, vendo matérias e coisas aleatórias para me distrair no celular. Uma hora depois, a minha vez chega e vou para o palco. Vejo uma mesa bem fechada na frente e dos lados e me sinto um pouco mais tranquila. Sem riscos de virar o assunto da empresa devido ao meu vestido. Quando piso nos degraus, por um rápido momento, as luzes se apagam e paro para não cair. Sinto um arrepio que sobe pelas costas.

Estou com um mau pressentimento.

As luzes voltam e vou para a minha cadeira, vendo que é daquelas desconfortáveis que só pega parte da bunda. Já começo a amaldiçoar o infeliz que escolheu essa porcaria. Eles colocam os *slides* e vejo as fotos da empresa, modelos e do meu setor.

PERIGOSAS ACHERON

Começo a falar logo após me apresentar formalmente enquanto disfarçadamente me ajeito no banco. Assusto-me quando sou surpreendida por mãos subindo pelas minhas pernas em uma carícia libidinosa. Meu sangue parece parar de correr completamente, congelado nas veias. Sob o efeito da pouca luz, não consigo ver muita coisa e nem tenho ideia de quem seja.

— Falei que você ia me pagar, Diana.

Putá que me pariu. Adrian!

Desligo o microfone, movendo rapidamente o polegar. Gesticulo como se não entendesse o porquê de ele ter parado de funcionar ao mesmo tempo em que falo baixo e entredentes.

— Adrian, seu louco! O que você está fazendo? Vou ser mandada embora, seu porr... Idiota.

— Então é hora de usar todo o seu talento de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atuação, linda — responde, abusado e ousado, enquanto sua mão sobe mais para dentro do vestido. Ela vai em direção à minha bunda e, infelizmente, para a minha sanidade, este banco só pega parte dela, o que dá a ele certa facilidade.

Adrian aperta meu traseiro e me puxa um pouco mais para frente enquanto sinto seus lábios tocando as minhas coxas, em um beijo molhado e provocante. Isso me faz arrepiar e, como se não estivesse satisfeito, passa suave e lentamente os dentes, dando uma leve mordida em minha perna logo em seguida, provocando um arrepio mais forte por todo o meu corpo. Esse gesto faz com que eu abra as pernas involuntariamente em resposta à excitação que ele me provoca.

Noto o rapaz da equipe de som vindo apressado em nossa direção, tomo o controle e ligo de novo o microfone, como se por acaso tivesse

PERIGOSAS ACHERON

conseguido arrumar o problema. Bato na minha testa.

— Ops. Estou de volta... Acho que foram apenas alguns problemas técnicos — digo com humor para disfarçar.

Isso não vai prestar! Mas não quero pensar nisso. Agora tenho que fazer esta palestra! Foco na palestra, Diana!

Volto a falar sobre os pontos que cabem a mim. Agradeço que tenho os papéis com tudo anotado sobre o que irei falar. Porque, neste instante, Adrian tira uma de suas mãos da minha bunda, levando-a até as minhas coxas, e abre mais as minhas pernas. Isso está deixando-me mais excitada sob a expectativa que ele incita. *Controle, Diana. Controle. O perigo é excitante, mas o seu salário no fim do mês é também. Se não quer ser demitida e manchar sua carreira, tenha foco.*

Controlo-me e tento fechar as pernas, mas ele não deixa. Adrian leva a mão que abriu minhas pernas até a minha calcinha, rindo de um jeito baixo e maldoso ao perceber o estado em que ela se encontra. Puxa-a para o lado e logo sua língua rapidamente toma o lugar da sua mão em uma sutil carícia tortuosa. Neste momento, quase que um gemido me escapa enquanto apresento o material. Nem sequer tenho mais certeza se estou falando alguma coisa coerente. Estou inebriada pelo prazer e puxo o ar com força. Sorrio bem-humorada, com um ar de constrangimento, fingindo estar um pouco nervosa ao falar em público.

Mal sabem eles que estou nervosa — *muito excitada* — de estar sendo chupada em público e ainda fingir que não estou. Tento disfarçadamente fechar as pernas com mais força, e, como resposta, Adrian brinca com o meu clitóris com o polegar. *Ele é um ordinário!* Esse pensamento surge

PERIGOSAS ACHERON

enquanto mordo a parte interna da minha bochecha, provocando alguma dor para mudar um pouco o foco das minhas sensações.

Respiro fundo e solto o ar lentamente. Continuo lendo os papéis e apresentando o assunto em questão. Tento ao máximo dissimular tudo que estou sentindo, no entanto, Adrian não facilita e brinca com sua língua em um entra e sai maravilhoso. *Mas que NÃO POSSO me entregar! Porra.* Seguro as folhas com mais força que o necessário, tendo a certeza de que devo estar suando.

Estou envolvida pelas sensações. O suor está escorrendo pela minha testa e pelo vale entre meus seios. Sinto a aproximação do ápice do prazer. Adrian brinca um pouco mais com o meu clitóris e minhas pernas perdem a força. Neste momento, sinto-o sorrir contra a minha pele, mordendo minha

coxa e afastando-se de mim.

Filho da... Claro que ia parar na melhor parte. Ele não vale nada!

No instante seguinte, sinto-o lentamente enfiando algo gelado em mim. Quase me sinto desfalecer enquanto ele coloca a calcinha no lugar, mas ao mesmo tempo a palestra chega ao seu fim. *Deus! Obrigada. Eu te amo!*

A luz do ambiente volta a sumir e sinto a sua movimentação pelo tecido da mesa. Imagino que se esconde nos bastidores, pois logo a luz retorna ao normal. *Alguém está ajudando-o. Se eu descobrir quem é, vou lhe arrancar as bolas! Sinto-me frustrada? Sim. Mas também aliviada. Ou não. A porra do negócio começa a vibrar e, quando penso em alguma maneira de tirar isso aqui disfarçadamente, todas as luzes aumentam, deixando-me sem possibilidade nenhuma. Um*

vibrador com controle remoto? Sério?

O velhote, digo, meu chefe, junto com alguns sócios, sobem ao palco para me cumprimentar e engulo em seco. Levanto-me e dou alguns passos em sua direção, dando um sorriso amarelo enquanto estendo a minha mão.

A vibração aumenta ainda mais e prendo a minha respiração enquanto trinco os dentes em um sorriso. Abaixo um pouco minha cabeça, colocando a mão livre sobre os meus olhos, sentindo a onda de prazer me dominar e o meu corpo tremer. *Porra. Não geme, Diana! Porra! Jura que gozei na frente do meu chefe?*

— Está tudo bem, menina Mancini? — pergunta o chefe, prontamente vindo para o meu lado. Ele segura o meu braço com uma mão e apoia a outra em minhas costas.

— Eu... estou bem. Ótima! Só estava muito

nervosa ontem e não dormi direito. Agora quando levantei senti uma forte tontura — digo, tentando justificar, genuinamente constrangida.

Adrian, você vai me pagar.

— Precisa de ajuda? Quer ir até a enfermaria?

— Não é necessário. — Sinto que algo está começando a escorrer nas minhas coxas, pois a vibração não chegou ao fim e isso não permite que a onda de excitação me deixe. — Vou só descansar na minha sala e molhar o rosto um pouco. Com licença.

CAPÍTULO 06



ELES NÃO ESTÃO QUENTES, ESTÃO FERVENDO

Apressada, desço as escadas e passo pelo Lion, que vem em minha direção. Com medo de ser pega, nem sequer olho para trás e corro para o banheiro mais próximo. Sinto-me aliviada ao lembrar que neste andar tem um daqueles banheiros unitários, assim não corro o risco de ser pega por ninguém.

Quando já estou no corredor, vejo a porta entreaberta. Provavelmente não há ninguém. Quase na entrada, levanto um pouco o vestido e coloco disfarçadamente a calcinha para o lado, querendo

tirar o vibrador o mais rápido possível. Porém, assim que abro o restante da porta e piso para dentro do banheiro, uma mão me puxa violentamente, jogando-me contra a parede enquanto fecha o trinco.

— Ai, porra! — Assim que olho o ser humano que me puxou, vejo que é o Adrian. — Está louco?

— Sim... — diz rouco, abrindo um sorriso matreiro.

Segura as minhas mãos, colocando-as sobre a minha cabeça, e aproxima sua face da minha como se fosse me beijar, mas não o faz. Morde o meu lábio para então passar a ponta da língua. Ao mesmo tempo, encaixa sua perna entre as minhas, pressionando sua coxa contra mim, que junto da vibração me faz gemer sonoramente. Adrian segura meus pulsos com mais força apenas com a mão

PERIGOSAS NACIONAIS

direita e com a esquerda pega no bolso de sua calça um pequeno controle e me mostra, sorrindo. *Cretino!* Estreito os olhos e como resposta ele aperta o botão e a vibração aumenta mais.

Sob o seu olhar felino, sedutor, envolvente e carregado de intenções, que em conjunto com toda a situação, emoção e nervosismo me fazem gozar novamente logo depois de um curto período da vibração. Ele tira a perna entre as minhas e por estar molhada demais, o vibrador acaba caindo no chão. Seus olhos descem para onde o objeto foi parar e sigo o seu olhar.

— Acabou com a sua vingança, Adrian? — pergunto, ofegante.

— Não... — diz, voltando o seu olhar para mim. Não sei se me perco nos seus olhos ou se me entrego ao desejo de morder os seus lábios, que me parecem tão atraentes agora.

PERIGOSAS ACHERON

— Adrian, aqui é o meu local de trabalho! — falo, mais para colocar juízo em minha cabeça do que na dele. — E se alguém entrar?

Adrian não me responde, apenas cola o seu corpo no meu e toma a minha boca em um beijo envolvente, quente e delicioso enquanto brinca com a língua e intercala com mordidas nos lábios. Retribuo da mesma forma sedenta, que já não tenho condições de esconder. Com nossos corpos tão colados, sinto a sua ereção contra o meu quadril em uma tortura inebriante. Ele para o beijo e murmura ainda contra a minha boca:

— Tem certeza? — Adrian sorri, mordendo o próprio lábio, e em seguida tira da calça uma camisinha.

Perco todo o bom senso, *que já não tenho*, e tomo a camisinha de sua mão, abrindo-a no dente enquanto espero-o abrir a calça. Escuto o seu riso e

o seu olhar encontra o meu. Quase posso ouvir seus pensamentos “*E o lance de sermos pegos?*”. Reviro os olhos, impaciente, em um olhar claro de “*Cala boca, Adrian*”.

Ele apenas ri e abre o zíper da calça. Como imaginava, está sem cueca, facilitando o acesso a sua ereção tão pronta para mim. Coloco o preservativo nele, aproveitando para provocá-lo um pouco enquanto isso, apertando e acariciando-o a medida que desenrolo a camisinha. Entrei nesse jogo e nunca me senti tão excitada desta maneira. Acho que não fará mal perder o jogo dessa vez. Ainda acho que seremos pegos, contudo, não quero parar e nem vou.

Adrian me ajuda a sentar na beira da pia do banheiro, abrindo bem minha perna para, sem aviso prévio, se colocar entre elas, invadindo-me de uma única vez e com força. Isso me faz gemer mais alto

do que seria recomendado para a nossa situação. Para conter nossos gemidos, nós nos beijamos ao mesmo tempo em que o sinto se movimentar em mim, cada vez indo mais fundo e mais duro. Quando estamos embriagados em nossas sensações, alguém tenta abrir a porta. Ele para o beijo apenas o suficiente para falar:

— Está em manutenção, porra!

Ele disse com uma ignorância que me faz querer rir. Ao contrário da pessoa do outro lado, que provavelmente até se assustou com a hostilidade do rapaz. Mas na realidade, não me importo com a hostilidade. É tão bom que meu único pensamento é: não é o suficiente e quero mais. Para fazê-lo voltar o seu foco para mim, passo minha perna pelo seu quadril, prendendo-o contra mim. O seu gemido vem rouco, excitando-me e seduzindo-me a provocá-lo mais. Minhas

mãos descem, passando pela sua barriga definida, pela sua cintura e vai para as suas costas. Sem piedade, eu o arranho, extravasando um pouco da minha necessidade e excitação. Como Adrian mesmo disse, ele funciona melhor sob efeito da dor. Agora tenho como prova as suas investidas mais fortes e rápidas conforme o provoco. Uma de suas mãos deixa a minha bunda, que segurava firme com volúpia até então, e vai para os meus cabelos, segurando-os com força enquanto os puxa. Isso faz com que minha cabeça incline para trás, dando total acesso ao meu pescoço e seios.

Não demora para que sinta sua respiração contra a pele sensível do meu pescoço, enquanto sua barba provoca arrepios no percurso até onde quer chegar. Ele dá uma mordida na curva do meu pescoço e ombro. Junta com os movimentos de vai e vem que não pararam por um segundo sequer, até porque eu o auxilio e não permito que pare, acabo

PERIGOSAS ACHERON

gozando novamente. Entretanto, desta vez, ele chegou ao ápice do prazer comigo. Nós nos perdemos em um gemido longo de satisfação juntos.

Ele afasta seu rosto do meu pescoço e vejo seu nariz sangrando. Dou uma baixa risada.

— Adrian, você ainda vai morrer.

Sem soltar a mão dos meus cabelos, ele ri, puxando-me para outro beijo, mas um que desta vez é longo e carregado de desejo que me deixa desnorteada e até um pouco tonta, chega fico com a visão nublada. Ele para o beijo e segura os meus cabelos com força, puxando-me para mais perto dele.

— Você vai ser minha — murmura contra a minha boca. Sem me deixar assimilar o impacto das suas ações e palavras, ele me solta, tira a camisinha e a joga fora, guardando o *brinquedo* de volta

dentro da calça. — Segui o Lion e te encontrei, mas agora tenho que ir. Até mais, Diaba.

Ele sai do banheiro sem dizer uma palavra a mais. Pouco tempo depois, ouço uma correria, provavelmente os seguranças devem tê-lo visto. Muito me admira que tenha conseguido entrar.

Desço da pia e me limpo, tentando me arrumar um pouco. Pego o vibrador do chão, rindo. Espero que não esteja com tanta cara de pós-foda. Abro a porta do banheiro e, ao pisar para fora, dou de cara com o Lion de braços cruzados, um pé na parede, olhando-me com um sorriso significativo. Estou sim com muita cara de pós-foda pelo jeito.

— Hum... É por isso que ele está tão viciado em você. — Ele leva a mão até a própria boca. — O batom está borrado, Diana.

Os seguranças vêm em nossa direção e fico perto do Lion, fazendo a maior cara de paisagem,

PERIGOSAS NACIONAIS

como se fôssemos adolescentes tentando disfarçar. Eles olham para nós e nada dizem, só vão até o banheiro, mas não tem mais nada lá, afinal eu peguei a única prova do crime. Assim que os seguranças se afastam, Lion ri.

— Por isso que ele está louco. Qual homem resiste? — diz, mostrando a ponta da língua.

— Lion, agora não é hora... — falo, deixando-o para trás ainda rindo, enquanto me apresso para ir até minha sala tentar me recompor e perder a cara de safada e de satisfeita.

Já na minha sala, limpo e refaço a maquiagem que o Adrian borrou. Aliás, borrou da melhor forma possível! Arrumo meus cabelos e alinho a minha roupa. Também acalmo os meus nervos, não acreditando no que aconteceu. *Já fiz muitas coisas loucas, mas essa superou. E simplesmente... Nossa!*

PERIGOSAS ACHERON

Respiro fundo, agora mais tranquila. Abro a porta da minha sala para ir atrás do Lion. *Não acho que ele tenha ido embora.* No final das contas, não poderia estar mais certa, pois sou surpreendida ao dar de cara com o homem no corredor.

— Está bem? — pergunta.

— Estou sempre bem, que pergunta — falo sorrindo, demonstrando que não poderia me importar menos em ter sido pega no flagrante por ele. — Mas ainda me pergunto o porquê da cisma em não mostrar o seu rosto.

— É por causa do meu... — Ele vê o relógio na parede atrás de mim. — Ih! Diana, eu estou atrasado para um compromisso.

O homem, apesar de grande, é bem ágil. Lion corre daqui como o diabo fugindo da cruz. *Que estranho!* Ele não costuma ter esse tipo de comportamento, a não ser quando está preocupado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Retorno para a minha sala e pego a minha bolsa. Quando estou checando se não estou esquecendo nada, batem na minha porta. *Quem será?*

— Sim? Pode entrar.

Os seguranças da empresa entram na minha sala, entretanto só um se aproxima de mim.

— Boa tarde, senhorita — diz com formalidade.

— Boa tarde, senhores. Em que posso ajudá-los? — indago, curiosa.

— Um rapaz conseguiu entrar na empresa sem ser notado. Foi visto na área dos palestrantes. Como não temos câmeras naquela área e nem nesta, nós queríamos saber se o viu. Esse meliante ainda pode estar aqui dentro.

— Nossa! Mas que perigo! — digo, horrorizada. — E onde ele foi visto pela última vez?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma garota disse que o viu no banheiro unitário feminino — responde, mantendo a sua postura com aquela mistura de “mau” e “segurança confiável”.

— Nossa! Bom, não vi um rapaz com cara de marginal e pervertido — digo. Subitamente meu celular começa a tocar. É apenas o despertador, *mas eles não sabem...* — Me perdoem, senhores, mas tenho que ir.

— Sim, senhorita. Obrigado pela ajuda e pelo seu tempo — diz muito formal e educado. Olho-o bem e até que é bonito. Homens de uniforme também são atraentes. Deve ser divertido fazer suas máscaras profissionais caírem.

— De nada, rapazes — falo, dissimulando os meus pensamentos presenteando-os com um sorriso. — Bom trabalho e tenham um bom descanso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eles saem da sala, então termino rapidamente de arrumar a minha bolsa e trancar os contratos na gaveta. Tranquila, saio e tranco a porta. Olho para os lados e não vejo ninguém. *É, acho que ele conseguiu fugir.* Automaticamente levo uma das mãos à boca, que ainda parece ter o gosto de Adrian, para então os morder, recordando dos momentos mais quentes. Ao chegar ao estacionamento, caminho até o carro e meu celular toca, ecoando por todo o lugar. Tenho um leve sobressalto, pensando ser ele, mas vejo na tela “Lion”.

— Alô? Lion?

— *Não é o Lion.* — Reconheço imediatamente a voz do Adrian e sorrio. — *Sou eu.*

— Percebi que é você. Fala, mau caráter — digo, enquanto abro a porta do carro e jogo minha bolsa dentro. — Está me ligando do além?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Não, o Lion me fez voltar ao hospital.*

— E o que eu tenho com isso? — pergunto, cortando-o embora sorria. Eu adoro provocar.

— *Que hostilidade! Nem parece que eu...*

— OK. Diga logo o que quer. — Corto-o novamente.

— *Você quer sair comigo?* — pergunta e eu estranho. Meu sorriso some e faço um breve silêncio, tentando computar as informações.

— Adrian, você sabe que aqui não é circo! Não é porque experimentou que tem passe livre aqui, jovem.

— *Calma, Diana. É só um rolê, curtição. Sabe? Tranquilo. De boa* — diz com aquela voz tranquila, mas eu sei que é um cafajeste. Só o vi sério uma vez e estava com aquele jeito suicida.

— Amanhã eu te respondo.

PERIGOSAS ACHERON

Desligo e entro no carro, indo para casa.
*Lição, meninas: o cara pode ser bom de cama, mas
jamais seja fácil. Se ele desistir na primeira, só
queria transar. Se você só queria dar, bom, esse é o
seu tipo ideal.*

A noite passa tranquila. No dia seguinte, o
percurso para o trabalho acontece sem maiores
problemas. Os seguranças ainda parecem em alerta
por causa do “meliante”. Vou para minha sala e,
pouco depois, recebo uma mensagem da Nina.

*Após o trabalho, me encontre em frente de
casa.*

*Nós vamos para o salão. Depois explico.
Beijos.*

Estou sentindo cheiro de treta ou de drama. O
que será que houve? Apresso-me em respondê-la.

*Eita. Estou sentindo uma falta de alegria.
Cheiro de treta... Mas OK*

Hoje tenho que sair também. Será uma boa.

Assim que envio a mensagem, ligo para o Lion.

— Lion...

— *Oi, Diana* — fala. — *Aconteceu algo?*

— Não, só passa o telefone para o bastardo.

— *OK...* — diz em um tom de riso.

— *Fala, Diaba! Digo, Diana.* — Seu tom é debochado, mas alguém já está batendo na minha porta. Provavelmente são os outros aprovados para assinar o contrato. — *Que horas vamos sair?*

— Tenho um compromisso após o trabalho, então depois disso nos encontramos — informo.

— *OK, Diana.*

Desligo e volto para o trabalho. Mais pessoas do que eu esperava foram aprovadas. *Realmente eu não sei por que me fazem ver modelos se eles já*

têm alguém na cabeça. O dia é psicologicamente cansativo. Algumas das garotas que contaram vantagem e quiseram opinar sobre minha roupa, maquiagem e cabelo passaram na seleção.

Como vou sair com o Adrian, do trabalho vou para casa. Deixo o carro lá e saio para encontrar a Nina no salão, mas sou bloqueada pelo Luke no meio do caminho.

— Ei, bonitão. Está confundindo a garota? — pergunto, bem-humorada.

— Não. É com você mesmo que quero falar — diz, sério, e começo a me preocupar.

— Então diga! Sem suspense, cara — falo, já impaciente.

Ele me explica que está com um plano que talvez deixe a Nina nervosa, curiosa, ou algo assim. Está planejando um casamento surpresa dos sonhos para ela e, por um tempo, terá que se focar e

PERIGOSAS ACHERON

trabalhar como um louco para arrumar coisas que demoram meses. Tudo isso em conjunto com o emprego, mas só depois de voltar a trabalhar. O que ele queria me pedir é para que se a Nina viesse falar que está suspeitando de algo, eu mudar o foco ou dizer algo que não a leve para verdade. *Nina, insegura como é, vai pirar. Estou até vendo. Só que é tapada demais para pensar em casamento.*

Ele ainda veio pedir isso para mim? Como se eu não fizesse algo semelhante todos esses anos. Afinal, sei a vida toda dela, mas nunca achei necessário falar muito da minha. Não mais do que o necessário. *Ela precisa ser cuidada, não eu.* No fim, concordo e saio apressada chamando um táxi. Chego ao salão e a vejo inquieta esperando por mim. Ando em passos rápidos, chegando até ela e passando o braço em seu pescoço.

— Ah! — comento, animada. — Nina, eu te

amo, mas é sério... As paredes são finas para a sua potente voz. Hoje, cheguei atrasada no trabalho porque só consegui dormir depois que vocês resolveram parar de...

Constrangida, ela tampa a minha boca. Nina olha ao redor, vermelha. Sempre tão preocupada com que os outros irão pensar. *Quando vai aprender a viver?*

— Bom, é coisa da vida, faz parte. Nada demais para que você me olhe com essa cara — diz levemente mal-humorada e ainda corada. Em seguida, foge do meu olhar.

Uma adolescente...

— OK, querida — murmuro, parando a minha brincadeira quando a atendente se aproxima.

— Venham as duas. Nós vamos lavar o cabelo de vocês.

Nós a seguimos e falo no ouvido de Nina,
PERIGOSAS ACHERON

preocupada:

— O que foi que aconteceu? Você só vem para o salão quando está realmente preocupada com a sua aparência porque acha que vai passar vergonha.

Olho-a e vejo uma lágrima solitária descendo pela sua face, fazendo-me sentir aquele velho instinto zeloso de protegê-la. Mas logo que Nina me conta tudo, lembro que, no fundo, ela não teve adolescência e o Luke está fazendo-a ter essas dúvidas somente agora. *Infelizmente, não sou a mais carinhosa das pessoas e esse tipo de coisa me irrita.*

Fora que ela não sabe, mas, quando menos perceber, estará casada, cuidada e protegida. Nina acertou na sorte quando encontrou Luke, o típico herói americano. Em um mundo de mulheres, ele só a vê.

— Garota de biquíni? Na rede social dele? Nina, você sabe que o Luke é popular — digo, tentando não lhe dar bronca enquanto esperamos sentadas na cadeira da cabeleireira.

— Mas que droga! Para onde olho tem uma mulher mais bonita, mais gostosa, mais jovem, mais... compatível com aquele filho da puta! — fala ela, quase chorando de raiva, medo e frustração.

Ela é limpa e clara como cristal. Em seu desespero, queima a mão na chapinha, quase me fazendo rir.

— Te acalma, apavorada! Primeiro, ele é popular fora da rede social, por que nela seria diferente? Além disso, você não estava enrolando o cara? — falo, seca, tentando colocar juízo na cabeça da louca. *Tem algo muito errado aqui. Sinto isso. Não sei o que.* — Francamente! Você deu

sorte que ele é um cara legal. Eu não teria perdido tempo com você. Os adultos gostam de quem sabe o que quer. Época de ter saco para isso é na adolescência. Às vezes, nem nela temos, porque fora você, muitos de nós trocamos de namorados por isso.

— Mas você acha que não devo ter ciúmes? Que estava tão errada assim? — pergunta em um fio de voz.

Reviro os olhos como se dissesse “óbvio!”.

— Claro que você vai ter ciúmes. Normal. Você o ama! O Luke é bonito, extrovertido, animado e de família com dinheiro. Lógico que vai ter esse tipo de mulher lá! — Olho para ela, que se encolhe. Respiro com mais calma para não lhe dar um tapa só para ver se acorda. — Mas ele não é do tipo que precisa adicionar mulher. Elas que vão atrás dele, nunca o contrário. Provavelmente

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre foi assim. Ele nem deve achar mais tudo isso. Talvez na adolescência, sim. Agora é um homem e, dentre as “gostosonas”, escolheu você. Tenha confiança. Nem falo nada sobre o amigo do Luke, porque talvez não seja tão amigo assim ou o Luke sabe que tipo de cara ele é. Assim achou que seria um incômodo ou inconveniente talvez.

— Mas e sobre estar estranho, não querendo ir ao bar? — pergunta ela, esperançosa para não estar sendo uma completa idiota.

— Nisso você teve razão. É uma atitude irregular no Luke, porque, além disso, ele queimou o pão. Ele é azarado, a desastrada nessa relação é você. Ele é o típico cara que sempre teve tudo em mãos, então está frequentemente confiante, pois tudo sempre acabou bem para ele.

Ela me olha com aquele olhar de “só que não, amiga”.

PERIGOSAS ACHERON

— Tá. Quase tudo. O processo é tortuoso, mas o resultado sempre é mais tranquilo.

— Pois é, desde que tudo isso aconteceu, ele está esquisito. Eu o vi com o celular guardado na cueca, mas nem quis procurar mais motivo para estresse.

Quando ela admite, o meu único pensamento é “*porra, Luke! Você não se ajuda também!*”.

— Mas não se preocupe... Vergonha de você não é — digo, refletindo como ajudar o cara que não se ajuda. — E outra... É impossível algo estar errado, o cara vive agarrado feito chiclete em você. Ele é homem. Talvez tenha pornô em algum canto do celular ou alguma página que dá para coisas indecentes. Bom, nada para você se preocupar — conluo, dando de ombro.

— Nós estamos no início de relacionamento, no início do amor. Se ele está procurando pornô, é

PERIGOSAS NACIONAIS

porque sou ruim para cacete nisso! — Viro o rosto, tentando não rir. Uso uma máscara de irmã mais velha brava.

— Nina, na real? Vá te catar! Mulher, estou implicando com você! Pelo amor de Deus! E outra... É normal. Mulher tem fogo? Tem. Mas homem? É quase setenta e duas horas por dia de fogo a mais. Melhor ele ir atrás disso do que de outra mulher, então senta e relaxa. Sobre o bar, seja o que for, vá bonita, vá confiante e com um largo sorriso. Se der merda? Bom, manda se foder e vida que segue.

— Está bem. Vou arrumada e confiante. Esse lance de mandar se foder deixo para você. É melhor que eu nisso — diz e permito que um sorriso travesso escape. *Amo ser malvada. Não nego.*

Produzidas, saímos do salão chamando a atenção de alguns homens. Bom, se vamos para o

PERIGOSAS ACHERON

salão é para ficarmos mais bonitas do que o normal. Isso é confirmado quando recebemos assobios. Se eu disser que isso não infla meu ego estarei contando uma mentira. Brinco um pouquinho com os homens, olhando apenas de relance para eles. Os caras parecem ter levado um tiro e se jogam para trás, provocando-me uma gostosa risada. *Homens às vezes são uns...*

— Idiotas.

— Você não se incomoda? — pergunta Nina como se os olhares e assobios não fossem para ela também.

— Não. Deveria? Eles assoviaram para nós, mas não me ofenderam. Nem tão pouco fizeram com que eu me sentisse um pedaço de carne. Fizeram porque estou bonita e eu fui ao salão para isso. E você também. Eles apenas levantaram minha autoestima. Não que seja baixa, mas é bom

PERIGOSAS NACIONAIS

de vez em quando. Às vezes, melhora até nosso humor — digo e continuamos andando até encontrarmos um táxi.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 07



HÁ DIVERSOS TIPOS DE AMOR, MAS ESTE É UM DOS MAIS BONITOS

Ao chegar em casa, tomo um rápido banho. Após isso, começo a separar qual roupa vestir. Pego uma calça jeans, uma camisa lisa com a gola em V e a minha mais nova e favorita jaqueta. *Tenho que ligar para o Adrian.* Penso, enquanto jogo a minha roupa sobre a cama. Em passos largos, caminho até a minha bolsa para pegar o celular e disco o número rapidamente.

— *Alô?*

— Adrian, venha me pegar em casa. Irei passar o endereço por mensagem. — Desligo e mando o endereço em seguida. Sua resposta chega logo.

Estarei aí em 15 minutos.

Respondo com um “OK” e vou me vestir, maquiar e colocar minha bota. Arrumo-me sem me preocupar em parecer uma boa moça, já que minha nova jaqueta favorita me delata. Coloco meu *taser* na bolsa e o *spray* de pimenta também. *Uma mulher prevenida vale por duas.*

Assim que termino de passar o meu batom, escuto a buzina da moto. Pego a minha bolsa e vou ao seu encontro. Ao passar pela porta da frente, ele só me estende o capacete e o coloco rapidamente, subindo na moto e segurando na cintura nele. Posso sentir os seus músculos da barriga se contraírem sob o meu toque. Ele não é um monstro de

músculos, mas se eu dissesse que não é gostoso estaria mentindo.

Não é que, para um louco, ele realmente pilota bem? O caminho é tranquilo. Adrian não pilota de acordo com a personalidade insana, não aqui e agora pelo menos. Poderia ser um passeio romântico, já que Pisa inspira as pessoas de muitas maneiras, mas deixo o romantismo para Nina ou para você que está lendo.

Quando chegamos ao bar, posso ver motos a se perder de vista. Parece ser um lugar bem popular e conhecido pelo pessoal. Entramos no local e vejo todos se divertindo, bebendo e vadiando. Se alguém pensar que não, as mulheres não estão atrás. Estão dançando, curtindo o que podem, ou não, com suas canecas de cerveja em mãos. Vou em direção a elas, que estão sentadas nos bancos em frente ao bar para facilitar o serviço creio eu, e deixo Adrian

PERIGOSAS NACIONAIS

para trás. Não que ele fosse ficar preocupado, ou importar, porque ele faz o mesmo que eu, só que no sentido oposto.

— Te fizeram a jaqueta ideal! — comenta a mais nova das mulheres ao ver que me aproximo, referindo-se ao *Diabolic* escrito.

— Olá, meninas! — digo, sorrindo e concordando com a cabeça.

— Olá, garota má! — fala uma delas. Ela, aliás, foi a primeira a dizer que eu deveria entrar no clube, é a mulher do Joshua. — Como está? Quer cerveja?

— Estou ótima! E vocês? Quero sim — murmuro, pedindo a cerveja no balcão.

— Estamos bem, obviamente! — falam em coro, levantando as canecas cheias de cerveja, e, provavelmente, não é a primeira. Seus rostos estão um pouco corados e animação está a toda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olho ao redor e percebo que o Lion não está presente, o que acho estranho. Afinal, ele é o presidente.

— Que estranho... Cadê o Lion? Que milagre não estar por aqui.

— Ah! Às vezes, ele some mesmo. Lion não diz muito sobre sua vida. O bonitão é bem reservado. Apesar de presente nas nossas vidas, é como se não fossemos presentes na dele — diz a mais velha. — Mas não estamos aqui para tomar conta dele, então fica por isso mesmo. Amigo de verdade respeita a vontade do outro e não deixa de ser amigo por isso.

— Bom lema! — concordo, movimentando a cabeça. Pego a minha caneca que o *barman* acaba de entregar, sento-me no banco e olho ao redor. Enquanto bebo, percebo algo estranho. *Cadê o Adrian?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, de súbito, algo atrai o meu olhar. Vejo-o em meio a um grupo de pessoas que assistem alguma coisa parecendo animadas. Ele está trocando ofensas com alguém. Como sempre, arrumando encrenca. Entretanto, neste momento, estreito os olhos e percebo que ele está brigando com alguém familiar.

É o desgraçado.

Aquele abusado que tinha roubado o meu colar e que se juntou aos amigos para espancar o Adrian da outra vez. Só que desta vez o imbecil está sozinho. Aproximo-me para ver melhor, curiosa, e, por incrível que pareça, Adrian começa a sair na mão com o cara e está bem. As pessoas ao redor não se envolvem, dando a Adrian a possibilidade de uma briga justa dessa vez. *Mesmo seu peso sendo bem menor, o Adrian é bom de briga. Tenho que admitir.*

PERIGOSAS ACHERON

Ele consegue derrubar o cara no chão após dar um soco certeiro, deixando o homem zozinho. Vejo-o subir sobre ele e continuar distribuindo socos sem parar. Penso em aproveitar a oportunidade e dar um chute no infeliz. Não posso deixar passar. Eu coloco o meu pensamento em prática.

Mas... Sabem como é, erros acontecem.

Quando chuto, na intenção de acertar o grandão, erro e acerto a “cauda” do Adrian. *Se é que me entendem...* O Adrian dá um urro de dor e cai para o lado com a mão no saco. O maldito imbecil consegue se levantar e pegar o Adrian pelo colarinho, batendo sequencialmente nele.

Ops...

O jeito é ajudar o Adrian, que agora, depois do golpe do azar, está perdendo a luta.

Pego em minha bolsa o *taser* e me aproximo

PERIGOSAS NACIONAIS

rapidamente pelas costas do grande imbecil, dando-lhe um choque na altura do pescoço. Afasto-me ao vê-lo ficando mole. Assisto-o cair como um saco de batatas no chão, ainda tremendo.

— Adrian, quantas vezes vou ter que te salvar? — pergunto, olhando-o séria e ao mesmo tempo debochada.

Vejo Adrian massageando o pescoço, surpreso.

— Diana? De onde você veio? Eu estava ganhando, mas tomei um chute no saco e o jogo virou. Comecei a apanhar! — diz, confuso. — Se eu pegar o responsável!

Atrás do Adrian aparece o maior homem que já vi, negro, bravo e muito forte, usando um terno. Ele pega o Adrian e a mim como dois brinquedos e nos coloca para fora do bar. Nem terminei de beber... Mal comecei, aliás! É carma isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De novo, Adrian! Você não cansa de fazer a gente ser expulso?

— Hã? Como assim? Eu? — fala, incrédulo.
— Você que deu um choque no cara com o...

— Eu não fiz nada — Interrompo-o com a maior cara lavada. — Estava lá, bem na minha. Só olhando. De repente, vi você apanhando... — Ele estreita os olhos para mim e finjo que não é comigo.

— Hum... Sério?

— Sim, estou dizendo! Não minto! — afirmo.

— Mas omitir...

— É... — Pego o meu celular e olho as horas. — O jeito é ir ver como Nina está.

Olho para ele e sorrio. Ele me encara e, após uns três segundos de silêncio, estreita o olhar e

PERIGOSAS ACHERON

fecha a boca, forçando o maxilar. Em um claro significado de “Diana, você é uma filha da puta, sabia?”.

— É... Vamos — fala, olhando-me meio de lado. — Já que não tem mais como voltarmos para dentro, vamos lá ver essa sua amiga.

Adrian vai até o local que estacionou a moto e vem com ela para mais perto de mim, oferecendo-me o capacete de novo com a maior tranquilidade do mundo. Ele parecia bem bravo, mas superou com facilidade e... Quando isso ficou tão natural? Adrian dando o capacete para mim assim? Não gosto disso. Para mim, isso não é normal. Mesmo assim coloco e subo na garupa.

— Me dê o seu celular, Adrian — ordeno, pondo de lado meus pensamentos.

— Para quê? — pergunta, curioso.

— Para ver as *nudes* que manda para suas

vadi... amigas é que não é.

Isso é um abuso e desaforo, eu sei. Mas, por incrível que pareça, ele começa a rir.

— Abusada dos infernos! — diz, entregando-me o celular.

— Isso também. Só relaxa, bonitinho. Vou apenas colocar o endereço de onde vamos para você saber onde é.

— Tudo bem, se quiser procurar os *nudes* também, fique à vontade. Aliás, se quiser colocar uns seus aí, também não reclamo — fala, estalando a língua e assobiando em seguida.

Sem-vergonha. Reviro os olhos. *Claro que ele não perderia a chance!* Coloco o endereço no GPS do celular. O bar onde Nina está não é perto, mas não é do outro lado da cidade. Então, chegamos rapidamente nele. Desço da moto enquanto Adrian procura um lugar para estacioná-

PERIGOSAS ACHERON

la. Entro, deixando avisado do Adrian, dizendo que tem cara de marginal, mas não é. Vou em direção ao bar e escuto garotas falando de um bonitão loiro que estava declarando-se. Acho que é só o Luke sendo Luke. Procuro a Nina com o olhar, mas não a vejo. Pego o meu celular e mando uma mensagem.

Cadê você neste bar, mulher?

Segundos depois, chega a resposta.

No banheiro. Com Flávia.

Com a Flávia? Mas que porra!

Estou indo.

Respondo.

— Diana, aqui está você! — diz Adrian, aproximando-se.

— Agora não, Adrian. Sai do caminho — respondo, séria, colocando a mão no braço dele e empurrando-o para o lado para passar apressada.

Paro apenas para localizar o banheiro, que facilmente encontro devido à placa de neon. Rapidamente vejo Nina saindo pela porta. Apresso meus passos e Adrian vem atrás de mim, preocupado e sem entender. Estou chegando quando vejo a Flávia, uma loira de arrasar quarteirão, segurando o braço da Nina. *Fisicamente falando, não posso dizer que o Luke tenha um mau gosto. A filha da puta é bonita para caralho!*

Nina puxa o braço com força e se solta. Ela fala algo que, devido às vozes ao redor, não consigo entender. A vaca loira também responde, mas só consigo ouvir quando chego mais perto.

— E quem te perguntou? — indaga Nina, fazendo uma expressão de desdém que me surpreende. — O que você quis ou não realmente não tem a menor importância. Não nesta história. Isso é uma página virada. Quem está com ele sou

eu e não você! Ele é completamente meu! Sem dúvida. Não importa o que você resolva latir. Só não me teste, porque mesmo eu tenho limites...

Nina mostra o punho cerrado para Flávia. Adrian passa por mim com um sorriso travesso. Acho que ele viu tudo também. *Isso vai dar merda.* Vejo tudo em câmera lenta. Adrian fingindo cair e empurrando o cotovelo da Nina com força, fazendo-a socar o nariz da Flávia, que parece que quebra. Minha vontade de rir é enorme. Surpresa, Nina balança a mão, virando-se para nós. Ela vê o Adrian bem atrás dela e quase leva um susto com o choque.

Surpreende-se ainda mais ao me ver atrás dele com uma satisfação clara no rosto ao olhar para a expressão de dor de Flávia, sem falar no sangue que desce pelo seu rosto. Nina não entende e segue o meu olhar, abrindo muito os olhos,

descrente e chocada.

— Filhos da puta! — reclama a vagabunda em meio à dor.

— Opa! Foi mal! Eu tropecei no ta-tapete... — Adrian olha para o chão e percebe que não tem tapete. — Disse tapete? Hã? Não... — Encara novamente o chão. — Hum... Foi no piso! É! Isso! Foi no piso! Perigoso!

Luke, que estava a poucos passos de nós, engasga em uma risada, fazendo nossos olhares caírem sobre ele. Isso faz com que o homem tampe a boca para tentar conter a risada, mas não consegue.

— Hum... Desculpe? Ou não... — diz, levantando uma sobrancelha e dando de ombros. É como se dissesse “tanto faz, agora já era mesmo”. Nina se junta ao Luke e dá uma risada. Tudo isso desencadeia um olhar furioso da Flávia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está achando graça, é? — diz entredentes.

— Eu? — pergunta Nina, ainda rindo. —
Jamais! Isso é ilusão sua.

Nina sendo sarcástica? Droga! Não trouxe guarda-chuva!

— Oi? Rindo? Não tem ninguém rindo aqui
— intervém Adrian. — Cara, estou desacreditado!
Preciso procurar o dono do bar! Não pode ser
assim. É super perigoso isso!

*OK, o cara quer ajudar, mas não dá mais
para mim! Foda-se!*

Começo a rir de toda a situação. A Nina
sendo debochada, Luke com sua cara de que nem
está divertindo-se. *Sim, isso é uma ironia.* Adrian
dando uma de louco, tentando suavizar ou piorar a
situação. Eu não sei mais. A Flávia puta da vida,
com o rosto fumegante de puro ódio e com sangue.

— Vou processar você! Meu nariz está
PERIGOSAS ACHERON

quebrado! — diz Flávia, voltando sua raiva e humilhação para Nina.

Minha risada morre na garganta e escuto ao longe a voz da Nina, mas estou cega pela raiva e a ignoro, passando direto por ela. Paro em frente à Flávia com um sorriso, e, antes que ela reaja, chuto o seu salto alto, fazendo a loira quase cair.

— Vaca, digo... Flávia. — Sorrio com a minha pequena alfinetada. — Você é bem bonitinha mesmo, mas é surda também? O chão está escorregando. Não escutou o rapaz? A agressão da Nina foi uma fatalidade maravilhosa, mas posso fazer dessa agressão acidental uma realidade não acidental. Sabe, faz anos desde que bati em alguém. Quer ser o teste para ver se ainda sirvo para a coisa? — Olho-a diretamente nos olhos, aproximando-me até fazer com que ela sinta minha respiração quente em sua face. — Aí sim

você poderá me processar com todo o prazer.

A vagabunda fica azul, depois pálida, e sai apressada de perto de nós. Nina aproveita o momento para se aproximar de mim, curiosa.

— Diana, você ia mesmo bater nela?

— Balela... — *Ou não... Mas você não precisa saber.* Mostro a língua para dar uma disfarçada e dou de ombros em seguida. — Acha que ia sujar minha ficha com pouca coisa? Atitude em excesso assusta mais as pessoas do que as ações em si.

Adrian me olha de longe e vira o rosto, claramente rindo enquanto Nina acredita no que eu falo. Volto o meu olhar para minha amiga e ela me olha fixamente pouco depois de parar aqueles clássicos cinco segundos de pensamento.

— Sabe que eu te amo, né? Você é linda e maravilhosa — comenta Nina, tentando esconder

PERIGOSAS NACIONAIS

de mim o medo que sente ocasionalmente da minha personalidade.

— Não me bajule! Claro que sei. Tem mais é que me amar mesmo! — respondo e me viro para o Luke. — Que bom que seu gosto por mulher melhorou.

— Sim, é verdade — fala, rindo.

— Diana, não vai apresentar o seu amigo? — pergunta Nina, vendo Adrian encostado na parede ainda observando nós três.

— Ah! Sim. Esse é o Adrian. O meu mais novo amigo mulherengo. Te falei dele. Ele é o marginal que quebrou a máquina de bichos de pelúcia — digo, apontando para Adrian.

— Que absurdo! É assim que me apresenta para os seus amigos? — indaga Adrian, desacreditado. Ele desencosta da parede e se aproxima mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cara, falei alguma mentira? — retruco.

— Não, mas faltou coisa aí! Marginal, lindo, gostoso, sedutor, maravilhoso...

— Convencido... — interrompo.

Não interessa o que mais ele iria dizer, pois tenho certeza de que isso me complicaria.

— Também. Bom... Não muda o fato que te dei o que mais queria — provoca.

Sei que não está falando do gato de Cheshire.

— Adrian, não faça suas palavras mudar o sentido das coisas — digo, olhando-o ameaçadoramente.

O Luke intervém, colocando a mão no ombro do Adrian.

— Desculpa atrapalhar o casal, mas tenho que dizer... Cara! Que soco sensacional!

PERIGOSAS ACHERON

Adrian o olha e começa a rir, concordando com o Luke. Assim começa uma amizade masculina. Os dois falam animados e olho para Nina e depois de volta para eles. *Fui excluída? Mas é o quê?* Começo a rir também. Sem dizer nenhuma palavra mais, eles param de rir e me olham.

— É, deu ruim... — diz Nina.

— Deixa esse clubinho masculino. Nunca precisei deles para nada mesmo — resmungo. — Mas e aí? Fiquei sabendo que o Luke cantou se declarando. Muito lindo isso. E você, quando vai se declarar?

— Oi? Quer que eu cante? — pergunta em um sussurro.

— Claro, por que não? Ou vai deixar o Luke ser o único fazendo declarações e tomando a frente? Aproveita que está gostosa hoje!

— Oi? — pergunta de novo, dessa vez

estreitando os olhos para mim. — Estou gostosa *hoje?*

— É. Só hoje. Então vai e arrasa. Não deixe de abusar da sorte — digo, empurrando-a para o palco, e grito em seguida. — Atenção! A moça aqui vai cantar!

— É... Oi — fala quando chega ao microfone. Nervosa em público é apelido para Nina.

— Vai e arrasa! — grita alguém.

— Eu... não vou cantar. Deixo isso para o meu noivo. — Algumas risadas vêm à tona. — Mas vou me declarar, eu acho... Nunca fiz isso. Reprimia, na verdade, ainda reprimo, muitos dos medos infantis. Se pensar em me deixar um dia, Luke, o amor permanecerá em mim e isso não vai me deixar em paz — fala, abrindo um sorriso triste. — Te amo de uma forma que me faz pensar que há

PERIGOSAS NACIONAIS

simplesmente tantas coisas que o tempo não pode apagar, você é uma delas. Então, não me deixe jamais, OK?

Uma lágrima solitária escapa pelos seus olhos. *Ah! Ela cresceu tanto em pouco tempo. Boa, Luke! Bom garoto!*

— Quando você chorou por dentro, eu apareci e te ofereci uma bebida. Você fingiu roubar meu sabão em pó no dia seguinte e ainda ficou seminu na sala da minha casa. Abusado. Quando eu chorei, você estava lá e gritou, respondeu, brigou, me defendeu, sem se importar quem seria do outro lado. Diante dos meus medos, segurou a minha mão, sempre sorrindo, e afastou todos os males. Você tomou tudo de mim, me cativou desde o início com sua presença, se tornou uma luz ressonante na minha vida. Seu rosto, sua presença, seu calor e sua existência assombram meu coração,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mente e sonhos de forma tão agradável e confortável. Jogou no lixo meus medos, meus traumas, minhas inseguranças e fez uma nova eu, mas é você quem tem tudo de mim. Eu te amo, Luke. Um dia, seremos velhos, eu já com meus noventa anos, você ainda nos oitenta e pouco, mas direi aos nossos netos que aprendi a viver somente com você. Só passei a existir quando você surgiu. Obrigada.

Ela se empenhou e colocou o coração em cada palavra. Essa é uma diferença entre nós que é bastante nítida e admirável. Adoro a capacidade de se empenhar e a sua absoluta sinceridade doce. Nina é tudo que eu não sou, e ela não vê. Mas mesmo já sendo bonita, a sua maior beleza está onde os olhos não veem, na sua perseverança. Como se fosse uma mãe orgulhosa, não posso evitar admirar o quanto ela cresceu. Com satisfação, sou a primeira a ir falar com ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que declaração linda! Parece até final de romance! Arrasou!

— Não, ainda falta muito para o final. Alguns anos, alguns acontecimentos e, provavelmente, muitas emoções e risadas — diz Luke, surpreendendo-nos. Ele a afasta de mim e a abraça. — Minha Nina. Sou homem, mas também sou capaz de chorar. Estava tentando provar a teoria?

— Bom, isso significa que mandei bem na declaração? — pergunta, rindo.

Bom, acho que já passou da hora de me retirar.

A noite é divertida. Quando menos percebemos, já é hora de ir embora.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 08



NÃO JULGUE O LIVRO PELA CAPA

ADRIAN

Desde que conheci a Diana, ela nunca pareceu se importar com as pessoas de um modo geral. Sempre aparentou ter um instinto de se proteger, de cuidar apenas de si mesma e dos seus interesses. Ela vive para si. Se formos realistas, embora estivesse mudando de assunto quando disse que queria vir ver a amiga, admito ter ficado curioso. *Que tipo de garota seria*

a amiga da Diana? Tão louca quanto ela? Ou o seu total oposto? Ou a pergunta seria: quem seria capaz de ter uma real importância para Diana?

Quando chegamos ao tal bar onde a sua amiga disse estar, sua atitude mudou drasticamente de um momento para o outro. Foi como se ela se transformasse de uma Diaba para uma leoa protegendo o seu filhote. Seu olhar mudou e ela já não me via mais, estava com um único foco: salvar ou ajudar a tal amiga. Isso instigou ainda mais a minha curiosidade. Ao que parecia, estava com problemas.

Diana não olhou para trás nem mesmo quando achou que eu pretendia me matar. Bom, na verdade, ela não parecia se importar tanto assim. Só não queria a péssima recordação de uma morte, só queria ter a consciência limpa de que fez algo para mudar aquilo. Tudo só atiçou a minha curiosidade

mais ainda sobre essa sua amiga.

Ao nos aproximarmos, vi uma situação realmente ruim. A amiga em questão era bonita e não precisava observar muito para saber que não era tão forte. Mais velha um pouco, sim, mas de uma natureza frágil. Era mais emocional, como suas palavras comprovaram. Mesmo mediante a raiva. *O filhote de leão era o total oposto da Diaba.*

Após algumas poucas palavras, até mesmo eu tive vontade de bater na mulher que estava maltratando-a. A amiga de Diana inspirava em nós um tipo de instinto de proteção. Por esse motivo, resolvi dar uma ajudinha à mulher bonita. A reação dela ao quebrar o nariz da loira não poderia ter sido mais cômica.

Vi a Diaba satisfeita com o mal provocado e foi essa mulher que me instigou desde o princípio. O resto dos fatos foi de puro deboche e ironia, até a

Diana virar a leoa protegendo a cria. Isso me faz admirá-la. *Não são muitas garotas assim.* Então, finalmente entendo que não é sobre o que a amiga fez de especial para cativar a mulher diabo, é outra coisa. É uma genuína amizade, daquela que eu pensei não existir mais.

Diana não é uma mulher tão fria quanto eu supus. Ela só é completa e não gosta de meios termos. Não consegue conter o seu instinto de proteger e ajudar, mesmo que ela se divirta sendo má. Como eu não lhe apresentei nada além de diversão, retribui da forma dela. *Não posso dizer que eu mereça valor vindo dela por esse ponto de vista. Diana se torna mais interessante a cada momento que a observo mais.*

A noite passou e o olhar da Diana era de orgulho, mas sei ler as pessoas muito bem. Não era só orgulho, apesar de que nem em morte ela

admitiria. Ela estava sentindo na pele a dor. Já não era mais o foco da garota frágil que estava no palco. Isso mexeu com algo, até então, morto em mim. *Algo que eu não queria cutucar.*

Uma ótima atriz é aquela que mente até para si mesma. Diana não é frágil, contudo, não é porque as pessoas são donas de si que são incapazes de sentir solidão, não é?

É visível o quão apegada ela é àquela garota. Não ser mais o foco de Nina mexe com ela. Tanto que Diana fala, mas não tanto. Faz piadas, mas mais leves. Contudo, nesta noite, o que ela faz muito, embora disfarce, é beber.

Existe muito mais sanidade em mim do que deixo transparecer. Muitos julgam o meu sorriso sem ter visto minhas lágrimas, me condenam sem saber nada de mim. Mas na real? Prefiro assim! Ela não é tão diferente de mim, embora não deva ser

diferente em pensamento do que faz. Ao contrário de mim. Mas talvez eu deva mudar um pouco com ela. Hoje não é um dia de brincar.

A noite termina e é hora de cada um ir para a sua casa. Enquanto a Nina a olha, Diana está forte e natural, mas assim que ela vira as costas, a Diaba não consegue mais fingir que a bebida subiu a cabeça. Passo o braço pela sua cintura e ela sorri, doce como nunca vi. Normalmente recusaria o meu abraço, mas no momento não se importa. Ao invés de colocá-la sentada na garupa, eu a coloco na minha frente. Será mais difícil controlar a moto, mas como a louca está bêbada, não quero e não vou ser o responsável pela sua morte se me soltar ou resolver aprontar.

No caminho para a casa dela, a filha da puta rebola. *Claro, já acaba comigo sóbria, por que bêbada seria diferente?* Mas por quê? Por que

PERIGOSAS NACIONAIS

agora? Ela rebola, aqui... Assim! Dentre todos os momentos! *OK, seria fantástico transar enquanto piloto. Entretanto, agora não né!*

Pode não parecer, mas eu tenho uma índole!
A garota está bêbada!

Piloto até a casa da diaba, controlando-me o máximo para manter o foco. Inclusive, foi o caminho mais tortuoso que já fiz na minha vida, porque além de rebolar, ela tinha que gemer. Claro, a deliciosa diaba come meu juízo e sanidade. *Mas tudo tem volta nesta vida!*

Respiro fundo quando paro na porta da casa dela. *Consegui! Finalmente!* Vejo-a sair de cima da moto, não sem antes verificar com a mão o quão excitado me deixou. Ela sorri perversa e se afasta, andando de costas. Abusada e convencida, Diana me dá as costas e caminha até a porta, mas com dificuldade ao tentar abrir a fechadura.

PERIGOSAS ACHERON

Desligo a moto e vou até ela em completo silêncio. Tomo a chave das suas mãos.

— Ei! — reclama.

— Sem drama, Diana — digo, tentando manter minha mente limpa, porque meu pau ainda está pulsando e a causadora está bêbada.

Abro a porta e a ajudo a entrar. Mas no fim, me segura pela camisa, levando-me com ela, me empurra contra a parede e me beija. É difícil pensar, ainda mais quando está sedenta desta maneira. Deixo-me envolver, beijando-a de volta com o mesmo ímpeto. Passo a mão pela sua cintura e vou para a sua bunda, apertando-a com força, trazendo-a mais para mim. Mordo seus lábios quase na mesma medida que aperto a sua bunda. Isso faz com que um gemido rouco escape pelos seus lábios contra a minha boca, incitando-me ainda mais. No entanto, assim que ela mexe em minha calça, volto

a minha atual realidade. Frustrado, afasto-a de mim.

— O que foi, Adrian? — pergunta com a voz carregada de desejo.

— Você está precisando de cama, mas sem mim nela. Não agora.

Ela me olha de cima a baixo, fecha a cara e me dá as costas, subindo os degraus. *Hoje é dia de ser um bom garoto, né?* Suspiro. Espero que ela não seja do tipo que vomita. Pode se afogar no vômito... OK. Subo alguns degraus para chegar até Diana e a pego no colo, carregando-a até encontrar o seu quarto. Assim que eu o faço, coloco-a na cama deitada de lado. Ela fica parada, olhando para além de mim em silêncio por alguns segundos.

— Você não quis transar. Não somos amigos, no máximo conhecidos que transaram umas duas vezes — fala num fio de voz. — No entanto, está

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui cuidando de mim. O que você quer, Adrian?

— No momento, nada. Apenas que se mantenha dormindo de lado, ou com a barriga para baixo de preferência — digo, tranquilo, tirando a sua bota.

— Bancando o cara legal e confiável? — indaga, bocejando de sono.

— Sempre fui legal, confiável, bom de cama, lindo e gostoso... — Sorrio. — Você só nunca admitiu.

— Convencido...

Ela cai no sono de repente, o que me faz sorrir mais. Diana é serena dormindo e parece mais bonita que já é. Desperto dos devaneios e engulo em seco. *Fazia tempo que eu não cuidava de ninguém. É hora de ir embora...*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 09



PARA CADA DIABA, O SEU DIABO

O som irritante do meu despertador chega aos meus ouvidos e me acorda, fazendo a minha cabeça doer. A cada vez que o som se repete, penso seriamente em pegar um martelo e fazer meu celular se dividir em dez pedaços. A luz entra pela minha janela, fazendo os meus olhos doerem. *Mas espera... Como foi que cheguei aqui?*

Vamos recordar...

Bar com o Adrian. Grandão idiota. O chute no saco. Briga. Choque e sermos expulsos. OK. O bar com a Nina, declaração, meu orgulho da mulher

forte que se tornou e satisfação dolorosa que ela não precisa mais de mim. Fora isso... Risos, bebidas, conversas e mais bebidas. OK. Era um bar. Que outra coisa se pode fazer em um bar? Mas o que eu quero saber é: *em que maldito momento saí de lá e cheguei em casa?* Nem lembro a hora que saí do bar ou com quem. Adrian é a única resposta, certo? Certo... Paro todos os meus pensamentos quando um específico paira sobre minha mente. *A não ser que...*

Sento-me em um sobressalto, puxando as cobertas rapidamente. Contudo, suspiro de alívio, pois não trouxe o Adrian comigo! Ufa! Ainda estou com a mesma roupa de ontem, se algo tivesse acontecido, provavelmente estaria pelada. Dos males, o menor. Levanto-me, mais aliviada e tranquila, já arrancando a camisa enquanto caminho para o banheiro. Jogo-a na cesta de roupa suja e o vejo transbordando de roupas.

Passou da hora de lavar roupa, Diana. Tome vergonha na sua cara!

É, cérebro, você está certo, mas não estou acordada o suficiente ainda. Me dá um tempo!

Tiro o que falta da roupa e me enfio debaixo do chuveiro, enfim despertando por completo. Após toda a minha higiene, saio, me seco e me visto na maior tranquilidade. A cesta de roupa suja continua chamando a minha atenção. “Olha, estou cheia, vai ficar enrolando?”. Estou enlouquecendo. Tá! Tá! Vou lavar! Pego o objeto, caminho para fora do quarto e paro na beira da escada.

Já tiveram a vontade de jogar o cesto longe? Eu tenho. Mas só de pensar em recolher a roupa, comprar outra cesta, pois esta ia quebrar toda, uma preguiça violenta fala mais alto e só vou descendo com o objeto mesmo. Já era. Vamos, Diana. É dia de ser dona de casa! Se bem que seria ótimo se

PERIGOSAS NACIONAIS

estivéssemos no mundo de *Harry Potter* com magia que fizesse todo o trabalho.

Passo pela cozinha, deixo a cesta encostada no chão e coloco o leite para esquentar. Ou é isso que eu planejava, pois quando abro a geladeira, não vejo nada. Vou ao armário e só tem uma caixinha de chá, pão e geleia de amora. Bom, esse será um bom café da manhã também. Lá vem mais trabalho para a lista: fazer compras.

Pego o pão e a geleia e coloco a água no fogo. Dou uma mordida no pão e o coloco em um prato. Retorno ao meu caminho para a lavanderia. *Nunca fiz melhor investimento do que quando comprei duas máquinas de lavar roupa.* Coloco as coloridas em uma e as brancas em outra, deixando apenas algumas peças ainda na cesta, e volto para o meu café.

O dia é de dona de casa, mas ter paz uma vez

PERIGOSAS ACHERON

e outra é a melhor coisa que existe. Termino de fazer o meu chá e comer o meu pão. Rapidamente me ponho de pé e vou me trocar para ir ao mercado próximo. Se vou de carro? Sim, carregar peso é uma ova! Quando, enfim, chego ao mercadinho, entro no local e sinto um perfume familiar. Será? Não. Deve ser alguém com o mesmo perfume.

Sigo com as minhas compras, tranquila, até que chego ao caixa para passar o que comprei e vejo um homem alto, de terno sob medida, corpo na medida certa e cabelos castanhos debruçando-se sobre o pequeno balcão para flertar com a moça do caixa. *É ele! Meu Deus... Minha paz. Ah! Minha querida paz.* Lamento.

— Olá, eu sou o Benjamin — diz todo sedutor.

Não, você não...

— Hum? Benjamin? — Ela o olha sem

entender.

Sério que vai cair nessa?

— Claro! — responde com um sorriso e se aproxima, levando a mão ao seu queixo. Ele a encara e beija o dorso, arrancando um suspiro apaixonado da mulher, coitada.

A garota o olha com surpresa e eu reviro os olhos, perguntando-me como todas caem nessa? “*Benjamin*” e “*Beija-me*” nem são tão parecidos assim, mas segundo ele é a “cantada profissional”. OK, ele é um homem lindo, atraente, de estilo e sedutor. Não é um cara para se amar, mas perfeito para brincar durante as noites. Sua lista de mulheres é quase tão grande quanto à do *Charlie Harper* de *Dois homens e meio*.

— Como sempre, me traindo com tudo que é garota — digo, interrompendo bem no momento em que a menina resolve corresponder. Minha fala

faz com que os dois se virem para me olhar com surpresa.

— Diana? — exclama ele. *Pior que essa reação dele só me ajuda.* Estou dando várias risadas mentalmente.

— Traidor. — Ele sorri e vem até mim, deixando a moça do caixa preocupada, com medo de fazer parte de um adultério.

— Minha linda! Que saudades! — fala, envolvendo-me em um abraço. Empurro-o e então me afasto.

— Tratante! Seu miserável! O que faz aqui? — pergunto, desconfiada.

— Vim comprar umas coisas. Da última vez que apareci na sua casa, não tinha comida, bebê. — Olho-o séria.

— Benjamin... — digo, respirando fundo. — Da última vez que você apareceu, eu tinha acabado

PERIGOSAS ACHERON

de me mudar.

— Como sempre, mudando de assunto — fala, chamando a minha atenção. — Sempre arrumando desculpas...

Quem vê pensa que está realmente magoado! Se soubessem que toda filha da putagem que sei e faço, foi ele quem me ensinou, veriam o deboche na sua atuação descarada. Estreito os olhos para ele, enquanto cruzo os braços.

— Você veio porque estava com saudade de implicar, né? — Escuto uma risada baixa escapar. Filho da mãe. — Quanto tempo vai ficar desta vez?

— Por quê? Por que está tão má comigo? — *Cínico*. — Já não me ama mais? Achei que tínhamos algo especial todos esses anos — diz, fingindo que está sentido. Vejo até algumas lágrimas falsas rolando pela sua face. Eu o amo, mas quero bater nele. — Por quê? Você arrumou

PERIGOSAS NACIONAIS

outro, não é? Não é? O que será de mim agora?

Benjamin é tão dramático que os outros clientes me olham feio e a moça do caixa coloca a mão no peito, com pena dele, enquanto ele toma a minha mão entre a sua, descruzando os meus braços.

— Benjamin, pode parar — falo, realmente impaciente e com cara de poucos amigos. Não fico constrangida. Não estou passando vergonha, só estou com raiva. Não irei mais poder vir neste mercado. Se o fizer, é bem capaz de me venderem comida vencida agora.

— Está bem, amor. E aí? Já pegou tudo que precisava? — diz ele, sereno, como se não tivesse feito todo o drama.

— Talvez. Quanto tempo vai ficar?

— Não sei. Já está me expulsando? — pergunta, sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Menina, não deveria tratar mal o seu namorado — comenta uma senhora, tomando a frente em defesa do salafrário.

— Namorado? — indago, rindo. — Minha senhora, eu não tenho namorado. — Gesticulo acusadora. — Ele é meu irmão.

— Seu irmão, mas... — diz ela, agora completamente surpresa e confusa.

— Não parece, eu sei. Tadinho. Ele é um mentiroso, safado, compulsivo e ninfomaniaco — falo em um tom de lamento falsamente entristecido.

— Como? — Ela me olha sem entender, claramente confusa.

— Não... Nada. — Viro-me para ir ao caixa, totalmente recuperada da “tristeza”, para pagar logo as minhas compras. Observo o que Benjamin estava passando no caixa e vejo só doces. — Benjamin...

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, amor? — indaga, pagando a moça do caixa.

— Você pensa que sou uma formiga?

— É que você sempre fica meio azeda... —
Em silêncio, eu o encaro. *Cara de pau!*

— Hum... Claro, faz todo o sentido —
murmuro, cruzando os braços para ele e fazendo
uma cara de poucos amigos. — Você veio aqui
para que eu mande você tomar no c... copo?

Ele dá uma sonora gargalhada. Meu irmão,
infelizmente, é lindo e eu tenho que admitir.
Também é uma das poucas pessoas que me permito
amar, mas isso não muda o fato de que é um grande
filho da puta. Vejo-o guardando a carteira.

— Espera aí! — Ele me olha sem entender.
— Já que você veio de tão bom coração... Vai
pagar minhas compras. Não é, meu amor?

Benjamin me encara e balança a cabeça,
PERIGOSAS ACHERON

ainda sorrindo.

— O que eu não faço pelo amor da minha vida? Só me pergunto o que você faz com seu dinheiro...

— Isso aí. O que faço? Compro as calcinhas mais *sexys* que você já viu e um conversível vermelho — respondo, dando de ombros.

— É. Bem a sua cara — concorda após um breve silêncio antes de começar a rir. — Adorável abusada.

— Vamos que tenho roupa na máquina — falo, deixando as sacolas mais pesadas para ele.

— Ter um homem ao seu lado é ótimo, né? — resmunga, sarcástico.

— Claro! Vocês são biologicamente mais fortes. Tenho que me aproveitar disso! — digo, dando um beijo na sua bochecha. — Mas relaxa que vim de carro.

— Ah sim! Ficarei lindo no seu conversível VERMELHO!

Reviro os olhos e o escuto rir enquanto caminhamos para o carro. Abro o porta-malas e coloco as sacolas que tinha em mãos, aguardando-o colocar as que ele carrega também. Encaminho-me para dentro do veículo e espero-o fazer o mesmo. Quando está pronto para entrar, buzino e isso faz com que Benjamin leve um susto e bata a cabeça.

— Diana! — grita, colocando a mão no machucado.

— Isso é pela vergonha e por não poder mais comprar neste mercado — murmuro entre risos. — E anda, senão te deixo aí.

— E eu pensando que ficaria feliz em me ver! — resmunga.

— Estou feliz em te ver.

— Mas a implicância é sem limites... —
PERIGOSAS ACHERON

reclama, querendo sorrir, mas segurando a risada.

— Você quer mesmo falar de mim, Benjamin? — pergunto, virando-me para ele, e apoio o braço no volante.

— Não. Vamos para a sua casa — fala. — Aliás, para que um conversível se mantém a capota fechada?

— Você vê esta pele de pêssago? — Passo a mão no meu rosto enquanto ele revira os olhos. — Ela não fica recebendo raios envelhecedores. Vê este cabelo? Eu não quero parecer uma louca descabelada — digo, sarcástica.

Rimos e conversamos. Fazia tempo que não o via. Apesar da implicância e provocações deliberadas, sempre fomos bons juntos. Sim, nos damos bem. Mais que isso, nós nos entendemos de verdade. Embora seja um problema às vezes, ou quase sempre, pois não conhecemos limites. Não

que tivesse alguém que eu lamentaria perder por causa das suas brincadeiras. Nina o conhece e me conhece, então todas as vezes em que estávamos juntos, ela no máximo ficou vermelha. *Em parte, óbvio, porque eu dei milhares de motivos para não se apaixonar por ele.*

Chegamos rapidamente na porta de casa. Aperto o botão para abrir o porta- malas e saio do carro, indo abrir as portas de casa.

— Pode trazer as compras, querido! — digo para Benjamin.

— Agora sou o querido? Só agora? Irmã ingrata! — ele resmunga, mas faz exatamente o que eu disse. Eu dou risada com isso.

— Claro! É assim que se joga, lembra? — indago.

— Óbvio! Fui eu que te ensinei! — reclama, passando por mim. — Onde coloco as coisas? Criei

um monstrinho.

— Em cima da mesa, por favor — completo em deboche. — E se quiser pode comer algo. Tem pão e geleia.

— Pão e geleia? Eu não disse que nesta casa nunca tem comida... — fala lá de dentro.

Reviro os meus olhos e o meu celular começa a tocar de dentro da bolsa. *Ótimo! Logo agora? Quem será?* Apresso-me para atender sem mesmo ver quem era.

— Alô?

— *Oi!* — Reconheço a voz de imediato. *Adrian.* Claro, pois não tinha melhor momento.

— O que você quer? — Vou direto ao assunto.

— *Nossa. Que grossa!* — reclama. — *Só queria te avisar da reunião do clube...*

Benjamin me vê ao telefone e se aproxima de mim, colocando a mão na minha cintura e abraçando-me enquanto apoia o queixo em meu ombro.

— O que está fazendo, amor? — diz todo meigo. — E sua roupa na máquina? Está no telefone? Hum... Com quem? Está me traindo de novo?

Se o Adrian escutou? É bem provável que sim. Se o Benjamin é um filho da puta? Acho que eu já disse isso. No final das contas, só importa que eu estou fodida. É isso.

Desligo rapidamente o telefone na cara do Adrian antes que o meu irmão me “ajude” de mais alguma forma. Guardo o celular dentro do sutiã, recebendo uma revirada de olhos do Benjamin como se dissesse “esses adolescentes quando chegam na época rebelde”. Ignoro-o e reflito um

pouco. Acho que o Adrian ia me dizer algo. Será? Bom, agora é tarde demais.

Sinto o meu irmão observando-me atento enquanto penso. Surpreendo-me quando ele começa a rir, claramente se divertindo as minhas custas. Olho torto para ele, mas Ben não poderia se importar menos.

— Nossa, irmãzinha! Que rude você! Desligando na cara da pessoa! — Ele me solta do abraço, afastando-se um pouco e dando-me a chance de me virar de frente para ele.

— Tudo sua culpa. Está se fazendo de bobo agora? — reclamo.

— Minha? Bobo? Jamais! Boba é você se esperava algo diferente de mim — afirma entre um riso de puro deboche. — Esqueceu como é ser alvo de implicância? Quem implica, também merece ser alvo. E você merece sofrer um pouco.

Convenhamos. — Estreito os olhos e ele sorri. —
Vamos comer, nervosinha. Tenho que sair.

— E ainda acha que tenho cara de cozinheira? Olha, Benjamin, você praticamente já me chamou de formiga mais cedo! Quer comida? Vá fazer!

— Isso é mentira! Eu não disse nada! Você que presumiu — diz. — Eu só afirmei que apronta tanto com as pessoas que, às vezes, precisa se lembrar que as coisas podem voltar para você.

— Tanto faz, Ben — digo, irritada.

— Meu amor, não seja assim... — fala, abraçando-me pela cintura de novo. — Tenho um encontro hoje. Isso pode me render uns euros aí.

Olho para ele com ceticismo, ergo uma sobrancelha e coloco a mão em seu peito para usar de base para me afastar.

— Já está se prostituindo de novo, Benjamin?

— Claro! Tenho que trabalhar no que nasci para ser! — murmura, orgulhoso. — Não! Melhor! Fui fabricado para essa função.

Reviro os olhos com a sua declaração. Esse convencido me lembra o robô “prostituto” do filme *AI: Inteligência Artificial*. Não sei se lembram. O Benjamin só não é tão gostosão quanto o robô, mas está valendo. É bonitinho.

— Olha, acho que o seu ego já está em Marte! Você já não tem correção — digo, negando com a cabeça. — Repito. Quer comer? Vai lá fazer!

Deixo-o falando sozinho e vou até o meu carro para trancá-lo. Assim que me certifico que está bem fechado, volto para dentro de casa e fecho a porta atrás de mim com o pé. Som de motos chega aos meus ouvidos e aperto os olhos com força. *Merda...*

Viro-me para dar uma espiada pelo olho

PERIGOSAS NACIONAIS

mágico, torcendo para que passem direto, mas não. Claro que estacionam na porta de casa. Eles tinham que fazer a frente da minha casa o estacionamento de um Moto Clube inteiro! E bem quando o Benjamin vem me visitar! Meu irmão, em passos felinos, se aproxima e me empurra com a bunda, espiando no olho mágico.

— Uou! Diana, agora anda com os caras maus? Quem é o cara do telefone? — pergunta, animado. — Aposto que é o loiro! O tipo de cara que você sempre teve uma queda. Na verdade, queda é pouco. Você sempre teve um precipício mesmo. Forte, grande, cara de mau apesar de ter boa aparência... Jeito de líder.

Lion realmente sempre foi o meu tipo. Nunca escondi. Realmente, ele é o nórdico de arrancar suspiros. Mas com meu irmão tão animado com a minha vida, isso me instiga... *Será que é hora de*

PERIGOSAS ACHERON

ser malvada? Se bem que isso nunca tem hora. Dou uma risada mentalmente ao pensar e respiro fundo.

Hora de atuar.

— Mano, corre! Ele... Digo... Você... Não. Calma! — Puxo o ar, organizando os pensamentos. — Ele vai te matar! Ele vai te bater! — falo, desesperada.

— Está louca? Não é só você dizer que sou seu irmão? — pergunta, afastando-se da porta e virando para mim. Vejo que Benjamin começa a ficar preocupado.

— À primeira vista, quem já acreditou que somos irmãos? Na real — digo, séria.

Ele espia na porta e dá mais uma analisada no Lion, parecendo ainda mais preocupado. *Tenho que segurar o riso. Foco, Diana!* Não sorrio, mas meus olhos se enchem de lágrimas para dar mais veracidade na minha atuação.

— Vou pular a janela e fugir pelos fundos. —
O rosto dele fica pálido. *Sou melhor atriz do que imaginava. Se tudo der errado na minha carreira, já sei o que fazer.* — Onde você se meteu dessa vez, louca? Prefiro ferir minhas pernas do que deixá-lo estragar o meu lindo rosto.

Narcisista até com medo...

Seguro-o pela gola da roupa e o puxo de qualquer jeito, quase o derrubando no processo. Arrasto-o pelo corredor e subo correndo as escadas, levando-o até o meu quarto. Aproveito para escondê-lo no meu guarda-roupa.

— Benjamin, pelo amor de Deus! Não saia daí por nada.

— OK... — responde, ficando todo torto no meio das minhas roupas enquanto derruba algumas para fora.

Pego as peças, jogo para dentro e em seguida
PERIGOSAS ACHERON

fecho a porta com dificuldade, empurrando-a com força. Escuto um “ai!” vindo de lá de dentro. Minha barriga começa a doer, enquanto contenho o riso. O som da campainha chega aos meus ouvidos e me apresso, saindo do quarto e bagunçando os cabelos e a roupa enquanto desço as escadas correndo. Caminho pelo corredor e finjo surpresa quando abro a porta.

— Oh!

Adrian percorre seu olhar sobre mim de forma lenta e significativa, mas logo volta o seu foco para o meu rosto. *Não dê risada, Diana!*

— Você desligou na minha cara, mas queria te chamar para vir no evento com o clube...

— Ah! Claro! Vou só me trocar! — digo, dando-lhe as costas. Ele, como eu imaginava, entra sem ser convidado. *Não sei o que me diverte mais, se é implicar com o meu irmão ou com o Adrian.*

Só agora, sem tanta pressa, que vejo que o Benjamin deixou seus sapatos no corredor e o blazer na sala junto com suas meias e gravatas. Meu irmão, como sempre, é muito corajoso de chegar aqui bagunçando a casa. Não preciso olhar para trás para saber que esses detalhes não passaram despercebidos pelo Adrian. Provavelmente agora está anotando tudo no caderninho mental da vingança do demônio. *Quero nem pensar no que ele vai aprontar...* Porém, suspeito de algo como aparecer com uma loira e uma morena aos amassos. Claro que isso vai me abalar demais, principalmente quando não tenho nada com ele. Não consigo evitar pensar, irônica.

Sinto-me como uma adolescente. É como quando Benjamin e eu estudávamos na mesma escola. *Claro, nossos namoros não duravam muito tempo, graças aos nossos jogos.* Subo para o meu quarto com o Adrian ao meu encalço. Tiro a camisa

PERIGOSAS ACHERON

enquanto pego outra limpa e uma calça na minha cômoda. Sem olhar para trás, vou para o banheiro que é ligado ao meu quarto.

— Adrian, pega minha jaqueta da *Diabolic* no meu guarda-roupa ao seu lado esquerdo, por favor — digo do banheiro.

Troco-me o mais rápido que posso e, assim como uma novela mexicana, abro a porta do banheiro quando escuto o som de algo pesado caindo no chão. Vejo meu irmão fora do guarda-roupa, caído no chão. Ele está totalmente perdido com roupas espalhadas ao seu redor. Olho para Adrian e o vejo incrédulo, olhando Benjamin, que se levanta do chão e se alinha como se nada tivesse acontecido. Contenho o riso e sento na beira da cama para colocar minha bota.

— É ele? — indaga Benjamin, recuperado do susto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, é ele.

— Menos mal... — Benjamin o olha de cima a baixo.

— Não faça pouco caso, porque ele briga muito bem... — falo enquanto termino de fechar a bota e me levanto, arrumando a calça justa.

— Você defendendo alguém? Está bem, meu amor?

Benjamim vem até mim novamente e me abraça pela cintura. Esse é o motivo de ninguém acreditar que somos irmãos. Somos próximos demais. Não temos e nunca tivemos um caso, mas é um hábito antigo essa aproximação deliberada. Somos iguais, mas ao mesmo tempo nem tanto. Penso que algum dia já fui normal. Até que esse cara louco um dia me fez admirá-lo.

— Ocasionalmente acontece — respondo, dando de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

Após observar tudo, Adrian me entrega a jaqueta e me afasto do Benjamin.

— Isso tudo é para me fazer ciúme, Diana?
— indaga. — Não precisava tanto...

Começo a rir e enfio a mão no bolso da calça do Benjamin. Escuto seus resmungos no processo, mas o ignoro completamente, pegando a sua carteira e jogando para o Adrian.

— Adrian, se quisesse aprontar com você, ou te fazer ciúmes, pode ter certeza de que você saberia. — Meu sorriso se amplia, revelando que, pelo menos um pouco, estava aprontando com ele.
— Mas relaxa, o alvo da vez foi o meu *irmão*. Duvida? Olhe o nome na carteira.

Ele estreita seus lindos olhos marcantes para mim, fazendo-me rir. Não posso e nem estou aqui para mentir. Não tem uma parte do Adrian que não marque sua presença, mas os seus olhos

significativos e fortes se destacam, embora às vezes sejam melancólicos.

Visto a jaqueta e sem abrir a carteira, Adrian a joga para o meu irmão, que, com uma expressão de divertimento, se joga na minha cama. Folgado.

— Já sabe onde estão as cópias das chaves. Não faça da minha casa um antro de baderna sexual! — advirto.

— Claro que não. Não queremos que você se torne a cafetina delas quando você voltar — responde, provocativo.

— Engraçado! E pode parando de se esparramar na minha cama! Vá para o quarto de visitas. — Ele me olha como se estivesse ofendido. — Para deixar mais claro... Na minha cama, eu sou a única que transa. Entendeu, Benjamin?

— Ih! Está ficando igual à mamãe! — reclama, levantando-se.

PERIGOSAS NACIONAIS

Viro-me para o Adrian, que ainda parece estar digerindo as informações jogadas na cara dele. O delinquente me observa, parecendo gostar do que vê, enquanto passo próximo a ele e pego a minha bolsa que estava pendurada atrás da porta.

— Adrian, ainda não comi nada decente. Pode me levar para tomar café da manhã antes de irmos para esse evento? — Ele concorda com a cabeça e passa a mão na minha cintura, levando-a até a base das minhas costas. — Tchau, Benjamin!

Quando estamos terminando de descer as escadas, deixo Adrian esperando e vou pegar a minha carteira com os documentos. Volto em sua direção e saímos juntos de casa. A primeira pessoa que vejo, porque facilmente se destaca, é o Lion. Recordo da última vez que saí com o Adrian e o Lion não estava. Sorrio com o sorriso mais bonito que tenho e me aproximo dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E aí, senhor misterioso!

— Eu? — indaga de um jeito divertido.

— É o que dizem por aí...

Não falo mais nada e vou cumprimentando as pessoas que eu conheço até chegar à moto do Adrian. Subo nela e espero, como uma boa menina que sou, o dono da moto vir até mim. Ele que, por sua vez, fala algo com o Lion, explicando o lance do café da manhã. O nosso Deus nórdico favorito passa a informação para o pessoal e todos concordam. Só então Adrian vem até mim, sobe na moto e a liga.

— Vocês não parecem irmãos... — comenta Adrian antes de começar a andar.

— Todos falam isso, mas talvez seja porque não temos qualquer ligação sanguínea — digo com humor, mas deixando claro que não continuarei a conversar sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele respeita o meu silêncio e vamos todos para a cafeteria mais próxima. Chegando nela, posso imaginar o espanto dos funcionários ao ver um grande grupo de motoqueiros fechando a frente do seu estabelecimento. Motoqueiros que se destacam no cenário da Itália como um todo.

Desço da moto e entro na cafeteria. Não demora para que todos os outros façam a mesma coisa, enchendo todo o local. Alguns pedem o café e vão tomar sentados em suas motos. Acho que arrumei, sem querer, uma grande família.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 10



UMA ARMA INESQUECÍVEL & O PASSADO

Observo a cafeteria, ela tem um estilo retrô bem legal, ainda que tenha todas as coisas da atualidade. A garçonete se aproxima, com seus cabelos bem presos em um rabo de cavalo, claramente preocupada com a multidão que ela irá atender junto com a outra mocinha. Ao contrário da que me atende desanimada, a outra corre de um lado para o outro, bastante animada.

Olho sua plaquinha de identificação e vejo o seu nome “Carla”. Bom, a Carla diante de mim está olhando tanto para os outros clientes, segurando o

caderninho silenciosamente, que imagino que tenha esquecido que veio para pegar o meu pedido. Claro! Porque só atraio pessoas com a mesma boa vontade de trabalhar com o público que eu, contudo, mesmo contra a minha vontade, sou educada e faço meu trabalho. *Ah! Vai fazer o seu trabalho, mocinha. Tenho que fazer o meu sorrindo, você também tem!*

— Bom dia! — falo um pouco mais alto, chamando a sua atenção.

A tal Carla vira o seu olhar para mim e, quando nossos olhares se encontram e ela me vê sorrindo, fica constrangida e me devolve o sorriso.

— Bom dia, senhorita. O que vai querer? — *Sou dessas.* Implicante? Não. Mas é porque ser mal atendida ou ignorada, não é comigo.

— Hum... — Finjo pensar. — Um *cappuccino e waffles.* Obrigada.

— OK. — Sai para fazer o meu pedido.

O pessoal do clube conversa bastante e todos acabam fazendo um enorme barulho na cafeteria. Os clientes regulares não parecem gostar muito, óbvio. Para quem gosta de paz, a bagunça é como veneno. Mas o que me irrita é a forma como os olhares julgam e condenam essas pessoas. Nunca me importei muito, mas agora vejo sob outra perspectiva e os encaro, desafiando-os a falarem que não gostam de nós na minha cara. Contudo, subitamente a minha atenção é desviada pelo cheiro do *waffles* na chapa, que me faz salivar.

Meu estômago reclama em um ronco alto quando o cheiro do café perfuma todo o lugar. Assim que terminam o meu pedido, meu olhar segue a bandeja até chegar em mim. O *cappuccino* chega antes do *waffles*, mas eles vêm logo depois, trazidos pela menina animada. Para a minha

felicidade, vem com uma dose caprichada de *chantilly* e dois morangos. Não faço cerimônia para começar a comer. *Das outras vezes em que resolvi saborear algo, deu ruim e não pude comer.* Adrian se senta à minha frente e não pede mais que um café.

Ele me olha como se estivesse assistindo televisão. É muito incômodo comer sendo observada com atenção, então paro o que estou fazendo.

— O que foi, Adrian? — indago enquanto pego o meu *cappuccino* e dou um gole.

— Nada. Apenas estou me perguntando como você e o seu irmão podem ser tão parecidos, apesar de fisicamente diferentes — responde calmo e sereno, com uma sinceridade que eu não esperava.

Dou de ombros e termino o meu primeiro

waffles.

— Talvez a personalidade seja igual por crescermos juntos. Mas devo parecer com minha mãe, acho...

Adrian se silencia, ainda me olhando, e termino de comer e beber, limpando a minha boca com o guardanapo. *Acho que ele não ouviu quando disse que não tinha ligações sanguíneas com o Benjamin.* Tiro da bolsa o dinheiro e o coloco na cestinha. Adrian faz o mesmo e eu me levanto.

— Vamos esperar lá fora? — pergunto a ele.

— Claro — concorda, bonzinho demais.

Encaminho-me para a saída, passando pelo pessoal, parando na porta apenas procurar com os olhos a moto do Adrian. Assim que a encontro, vou para ela e me sento. No entanto, reparo que o Adrian não me seguiu. Nossos olhares se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontram. Ele está parado na calçada, com as mãos no bolso a uma distância considerável de mim.

— O que foi? — pergunto, dando um sorriso de canto. — Parece desanimado. Não parece que queria estar aqui.

— Não, imagina. Até fui te buscar para vir também, exatamente porque não te quero aqui — diz, irônico, e abre um sorriso que me silencia. *OK, bom ponto.*

Fico analisando seu sorriso. Não é um dissimulado, com outras intenções, safado ou coisa assim. É só um que eu desconhecia até então. Um sincero, que me instiga e que atraí, acaba escapando um sorriso sincero meu também. Seu olhar me cativa, não é cristalino, é nublado, carregado de segredos e mistérios escondidos nos azuis acinzentados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Parece que as coisas mudaram desde que nos conhecemos — comenta, mordendo os lábios.

— Sim, você não quebrou nenhuma máquina de pelúcias a mais — provoco, abrindo mais o meu sorriso, e o escuto rir.

Vejo-o olhar para o chão e dar alguns passos distraídos em minha direção. Adrian me olha de forma suspeita, um pouco de lado, com ar de cuidado ou de alguém que está esperando para atacar. Ele parece ter algo em mente, pois não costuma ser tão manso assim ou cuidadoso para vir para perto de mim.

— Sim, tivemos momentos bons e momentos quentes... — Finalmente vejo o seu sorriso que tão bem conheço, o de cafajeste nato. Minha risada é alta ao escutá-lo.

— Adrian, achei que fosse “momentos bons e ruins”.

PERIGOSAS ACHERON

— Com você? Não tem isso — fala, sincero, direto, e ao mesmo tempo sedutor.

Para, ficando a poucos passos de mim. *Fazendo charme, rapaz? Ou só tem problema de memória?*

— Sim, claro! — respondo, rindo ironicamente.

Ele é completamente louco. Como não tem momentos ruins? Esqueceu do chute no saco? A frustração? E tudo mais? Masoquista, talvez? O que isso faz de mim? Uma sádica por um acaso? *OK, admito, tenho uma veia levemente sádica.*

— Mas me diga, Diana. — Continua caminhando lentamente até mim. — Quando vamos repetir a dose?

Eis então que o inesperado acontece, encerrando a nossa conversa. Alguém passa o braço pelo pescoço do Adrian, inclinando-o para trás, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

então torce o seu braço para trás também. Olho sem entender muito bem o que está acontecendo, mas sem tempo para pensar, pois em seguida sou puxada da mesma forma que ele. Somos os dois imobilizados. Tento ver quem está fazendo isso conosco e então percebo que são policiais. *Mas que caralho está acontecendo aqui?*

— O que houve? Por que estão fazendo isso? — pergunto, completamente perdida.

— Recebemos uma denúncia anônima — responde irônico o jovem policial. — Alguns arruaceiros estão perturbando a paz, tomando a rua e invadindo uma cafeteria. Parece familiar para você, senhorita?

— Eu? Arruaceira? Não. Ele? Talvez. Mas eu com certeza não! E não me parece familiar, não! Ninguém está... — Sou interrompida quando Adrian começa a discutir com outro policial.

PERIGOSAS ACHERON

Ele leva uns cascudos e piora ainda mais a situação. Como bom exemplo, fico quieta, pois vamos ser presos. Desta vez, é certeza! Começo a procurar soluções mentalmente enquanto com seu incrível talento, Adrian deixa as coisas ainda piores. Irritado, o policial o faz levantar as mãos com certa brutalidade e as colocar atrás da cabeça para ser revistado. Ele obedece, embora fique reclamando.

A porta da cafeteria se abre, chamando a atenção de todos, e Lion sai porta afora, olhando para nós dois de um jeito confuso.

— O que vocês fizeram desta vez? — indaga, curioso. *Ele pareceu uma mãe. Uma grande, máscula e bonitona... MAS COMO ASSIM VOCÊS FIZERAM?*

— Nada! — respondemos em uníssono.

Os policiais demoram apenas alguns

PERIGOSAS NACIONAIS

segundos para tomar Lion como um perigo maior que nós dois. Mais três policiais aparecem e o atacam, derrubando-o no chão. Logo é imobilizado pelos três.

— Mas que porra? — grita Lion de cara contra o chão.

Mais policiais aparecem e me dou conta que, pelo fato de os membros do clube serem realmente muitos, veio um bom reforço da polícia. Como eles chegaram tão silenciosos, é a questão que fica no ar. Quando tentamos explicar que só viemos tomar café, eles não nos dão ouvidos.

O guarda que revista do Adrian fica agitado, puxando a arma, surpreendendo-nos. Ele parece assustado e nos assusta também.

— Esse aqui tem um volume suspeito! — grita, chamando a atenção, pedindo cautela de todos os outros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um segundo policial mais velho se aproxima do Adrian com cautela para revistá-lo.

— Cara, isso aí é meu... — reclama Adrian.
— Tira essa mão daí!

— Calado, meliante! — fala o senhor policial.

Adrian tem arma? Em que momento enquanto andávamos de moto eu não percebi?

— Cara, não tem como te dar isto! E mesmo se tivesse, não ia querer te dar! — Mas o senhor não escuta e puxa o cinto do Adrian, buscando fazer com que a arma caia junto com suas calças.

Um pensamento me passa pela mente... E se não tiver uma arma?

E se...

Porra! Não!

PERIGOSAS ACHERON

Sério?

Não posso crer.

Uma gargalhada me trava na garganta em forma de engasgo. Ele não usa cueca, isso todas nós sabemos. No momento em que a calça dele cai, revela a sua “grande cauda” para todo mundo ver, deixando um pesado silêncio em todos os presentes. Os policiais responsáveis pelo ocorrido ficam constrangidos. Bom, ver a cauda ao vivo e a cores deve ser difícil.

Mordo os lábios, tentando não rir. As garotas do clube exclamam espantadas e cochicham antes de abrirem sorrisos divertidos. Os caras engasgam e minha risada quase escapa devido à reação dos outros que não ajuda. Abaixo a cabeça, quase não me aguentando. Estou quase com lágrimas rolando pela minha face.

— Não sabia que nesse baú tinha tesouro,

Adrian! — diz uma das garotas do clube, animada.

— E olha que estou com frio! — rebate, debochado.

Todos estão segurando suas risadas em meio a toda esta situação constrangedora. Nós olhamos para os policiais. Risadinhas baixas escapam e eu estou firmemente decidida a não rir. Os policiais não sabem o que fazer e ficam apenas se entreolhando, isso não me ajuda a não rir. O silêncio reina até que uma risada alta surge atrás de mim, assustando-me. Assim que vejo quem está rindo, o susto é ainda maior. É uma velha, digo... Uma senhora que estava passando pela rua. Ela parou e está com a mão no quadril.

— E isso aí levanta, menino? — Todos os olhares presentes recaem para a senhora, chocados. *Mas é o que, minha senhora?* Ela não parece se importar com os olhares que recebe e continua: —

Parece bem pesado.

— Levanta sim, senhora — Adrian diz, sem vergonha alguma. *Adrian não perdoa nem as velhinhas! Se bem que... A velhinha não tem muito juízo também.* Minha risada começa baixa, mas não consigo me conter mais. Para mim, já deu. Quando menos esperam, estou rindo tão alto que chego a gargalhar. Não consigo parar de rir, chego a lacrimejar! Minha barriga começa a doer e tento me recuperar da risada, mas reparo na senhora secando a baba do canto da boca, como se estivesse com água na boca ao olhar para o Adrian. *Nossa! Quero chegar nessa idade com esse fogo!*

O policial parece também ter reparado, pois tosse e se vira para as pessoas que assistiam de fora.

— OK, pessoal! Circulando, circulando, não tem nada para ver aqui.

A senhora vai indo embora, mas sem tirar o seu olhar do Adrian. *Socorro! Se essa senhora não for embora logo, vou morrer de tanto rir! Não dá para NÃO rir.*

— OK, posso guardar a minha arma ou tenho que mostrar o registro dela também? — indaga Adrian.

Os policiais olham feio para ele e o mais velho lhe dá um cascudo. Mesmo à distância, escuto o Adrian xingar e o policial mandar subir as calças logo. Os outros policiais começam a liberar os que estavam dentro da cafeteria e por último nós, checando as nossas identidades. As garotas do clube vêm animadas e rindo em minha direção.

— Diana, deixou o seu tridente com o Adrian? — *Meu tridente?* Nunca vi um pau receber tantos nomes. Talvez hoje não pare de rir, olha que estamos nas primeiras horas do dia!

— Deve ser... — rebato, bem-humorada.
— Mas veja só, já vejo um monte de gente querendo ser furada com esse tridente.

— Mas é claro! — exclamam juntas, entreolhando-se. Em seguida, elas começam a rir mais ainda. Os homens do clube não sabem se sorriem ou se ficam meio abismados com as mulheres revelando-se tão safadas para cima do Adrian. Quanto a nós, só sabemos rir.

O Adrian ou “o assunto” vem caminhando e guarda os documentos da moto, carregando o olhar de todo mundo do grupo consigo.

— O que foi? — pergunta, dissimulado.

— Viu, Adrian? Você ficou bem popular depois dos *nudes* ao vivo — digo, provocativa.

— Como sempre. Só você não se deu conta da sorte que tem — fala, convencido, e eu apenas lhe mostro o dedo. — Bom, vamos, eles já
PERIGOSAS ACHERON

liberaram a minha moto. Lion mandou acabar com a graça de todo mundo, pois temos hora.

— Está bem. — Dou de ombros e as meninas também. Elas se espalham e vão para as suas próprias motos, jogando piadinhas “Diana, cuidado com essa arma aí!” ou “Se não der conta, é só me chamar!”. Apenas rio e dou de ombros sem me importar.

Caminho até a moto do Adrian, pego o capacete, mas antes de colocá-lo, ele segura o meu cotovelo, chamando-me atenção. Está próximo demais e me permite sentir o seu calor e o seu perfume, fazendo-me encarar seus olhos, que como sempre, carregam uma malícia nata.

— Gostou do que viu? — pergunta em um tom baixo e íntimo.

— Eu... — digo no mesmo tom, aproximando-me dele sem afastar nossos olhares.

No último segundo, alterno entre sua boca e novamente para os seus olhos, quase o beijando. — Já tinha visto e não tenho nada para declarar. Temos hora.

Viro-me e o deixo na vontade. Coloco o capacete e subo na moto, jogando o seu para ele. Adrian sorri e coloca o capacete, sentando na minha frente e ligando a moto. Eu o abraço e as outras motos começam a sair conosco logo atrás. A viagem é curta, mas fora da cidade. Fora do centro, na verdade.

— Para onde vamos? — pergunto, curiosa

— Vamos fazer um almoço de caridade no orfanato que contribuímos.

Isso me surpreende. Por isso ele está mais sério hoje?

— Sério? Legal! — exclamo.

— Sim, fazemos essa viagem todos os anos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Alguns fazem visitas ao longo do ano, aos poucos. Só que assim, todos de uma vez, fazemos apenas uma vez ao ano — explica.

— Que bons samaritanos! — digo enquanto isso me traz lembranças.

— Isso é ironia? — pergunta, surpreso.

— Por mais que possa parecer isso. Desta vez, não...



Ao ouvir o som das motos, vejo ao longe várias crianças saírem animadas de dentro de uma grande construção, no estilo greco-romano. Julgo ser o orfanato. É meio rústico, mas com uma beleza que afasta a sensação de abandono que geralmente esses lugares trazem. É acompanhado de um grande jardim, verde e bem-cuidado.

Assim que as motos se aproximam, os rapazes diminuem a velocidade, tomando o

PERIGOSAS ACHERON

máximo de cuidado com as crianças, que os cercam como se fossem celebridades. Entre gritos do nome de cada um dos membros do clube, muitas crianças gritam o nome do Lion e do Adrian. Todos com muitos sorrisos tentam dar atenção a todos eles, embora sejam muitos. As moças que cuidam das crianças se aproximam, dizendo “bem-vindos!”, para em seguida mandar os pequenos se afastarem.

Após todos irem parando, Adrian estaciona a moto e desço da garupa, tirando o capacete, colocando-o onde estava sentada. Assim que estico as pernas, sinto-as doer e minha bunda formigar.

— Meu Deus, fiquei tanto tempo sentada que não sinto a minha bunda!

Adrian, ainda sentado na moto, me observa pensativo e sorri. Desce e tira o capacete, só para se apoiar nela. Senta-se de lado e me chama. Assim que me viro, passa as mãos pela minha cintura e me

puxa contra ele, fazendo com que fique entre as suas pernas.

— Se quiser, faço uma massagem...

Tenho que admitir, ele pode ser bem charmoso quando quer.

Sua aproximação é sempre súbita, drástica, inesperada e carregada de desejo. Isso faz eu me lembrar do episódio do banheiro. *É uma loucura, eu sei, mas isso me deixa excitada.* Passo as mãos pelos seus ombros e sorrio apenas com o canto dos lábios, envolta no clima de tesão.

— Quem sabe mais tarde... Agora, imagino que deve ter crianças de esquina nos espiando. — Ele me olha, se inclina para o lado, olhando para trás de mim para verificar, e ri. Não menciono o resto do grupo, pois eles fingem que não nos veem flertando. Não que não tenham piadas de “Cuidado com essa arma”. Porém, nunca fui de me preocupar

com isso. Pelo menos eu sou vacinada.

— OK, vou pegar algumas coisas e montar outras. Se puder, ajude as garotas na cozinha. Mas se não se sentir à vontade, pergunte as irmãs se pode ajudar com outra coisa — diz e se levanta, dando um tapa na minha bunda. *Abusado*. — Nos vemos mais tarde.

— Ajudo sim. Mas me faça o favor e larga de ser abusado — resmungo.

— Se deixar de ser, perco a graça. — O sem-vergonha pisca para mim e balanço a cabeça em negação.

Tadinho, pelo menos aceita a verdade.

Cada um vai para um sentido diferente. Ele vai fazer sei lá o que e eu vou tentar descobrir onde fica a cozinha deste lugar. Entro pela porta que as crianças saíram e sigo o primeiro corredor que vejo. É um longo, iluminado pela luz do sol. A calmaria

PERIGOSAS ACHERON

daqui é plena e bela.

Vejo uma das portas entreaberta e paro para espiar. É um quarto cheio de camas, com pequenos baús aos pés delas, com bonecas de pano e carrinhos de plástico. Camas de metal, pintadas de branco. O cheiro daqui é agradável, de lavanda suponho. Mas a nostalgia de estar em um lugar assim faz o meu cérebro assimilar o cheiro de limpeza e a organização à indiferença e abandono.

Aproximo-me da primeira cama, tocando-a com a ponta dos dedos. O metal frio mexe comigo por dentro. Quantos lugares com camas assim passei até conhecer o Benjamin e sermos adotados? Aliás, ainda bem que encontrei o Ben. Depois de encontrá-lo, as coisas pareceram mais fáceis. *Na realidade, ele mudou a minha vida. Sou grata demais, apesar de claramente não parecer.*

Uma senhora subitamente aparece atrás de

mim, surpreendendo-me. Quase me faz ter um pequeno enfarte. Ela vem até mim e para na minha frente, sendo iluminada pela luz que vem da porta ainda entreaberta.

— Já vi muito esse olhar. Está perdida? — pergunta, simpática.

— Sim, estou procurando a cozinha. — Sorrio para ela, recuperando-me do pequeno lapso temporal.

Não se enganem, não tenho trauma, insegurança, medo, receios. Embora os primeiros anos não tenham sido fáceis, não foi nada. *As pessoas sobrevivem o tempo todo. Além do mais, eu tive um forte garotinho para me inspirar e admirar.* No tempo certo, uma boa família apareceu e cresci sem maiores danos. Na realidade, quem causa danos hoje em dia sou eu.

Do nada, sinto mãos por trás de mim. Elas

passavam lentamente pela minha cintura e pousam sobre a minha barriga, enquanto a pessoa encosta o corpo no meu. Pelas tatuagens que tem na mão, logo reconheço o Adrian. Ele apoia o queixo no meu ombro e fico escutando a sua respiração. Ela me mantém presa contra ele. Não que fosse fugir. Já aceitei que existe um lance entre nós. Nada que envolva futuro, romance ou promessas, claro. Isso, definitivamente, não combina conosco.

— Agora você está bem, mocinha — diz a senhora com um sorriso cálido e compreensivo. Ela se afasta e me deixa sozinha com o Adrian.

— Esqueci que você não conhece este lugar — fala e reviro os olhos. *Como ele demorou para se tocar disso!* Adrian não me dá chance de responder, pois continua a falar. — Parece que algo mexeu com você.

Sorrio com o maior sorriso de deboche que

tenho.

— SÉrio? Não aconteceu nada. Só me mandaram para uma cozinha que não faço a menor ideia de onde fica.

— Mentirosa...

— Nunca neguei, mas acho que o nome correto é dissimulada... — digo, rindo. Ele parece que vai falar mais alguma coisa, mas é interrompido por um garotinho, que vem correndo pela porta e grita:

— Tio Adrian! Tio Adrian!

Adrian me solta e se abaixa da altura do garotinho, sorrindo e dando-lhe toda a atenção. Lembro-me imediatamente de um garotinho chamado Benjamin gritando ferozmente “Vocês são mentirosos! Ninguém se importa!”. *É, Ben, acho que dessa vez você errou. Existem algumas pessoas que parecem se importar. Ou só crescemos*

e vemos sob outra perspectiva. Reflito.

— Oi, amigão!

— Vamos, tio! Tem bola para jogar! Vamos! — exclama, animado.

— Claro, amigo. Só um minuto, está bem?
— O menino faz que sim com a cabeça, meio a contragosto, então Adrian se levanta e se vira para mim, gentilmente segurando a minha mão. — Por mais que possa ter lembranças ruins, agora elas não têm espaço. Estou aqui, propondo boas e loucas. Porém, ainda que sejam loucas, são boas lembranças novas — fala, puxando-me contra ele.

Dou risada, pois não posso acreditar. Adrian sendo fofo! *Espera, mostrei tanta vulnerabilidade assim?* Tem algo ficando esquisito nesse abraço do Adrian. Na realidade, tem algo ficando duro contra minha barriga.

— Hey, abusado! Tem algo ficando duro ou
PERIGOSAS ACHERON

é impressão a minha? — indago, erguendo uma sobancelha.

Estou desacreditada com a capacidade desse homem de me dizer algo fofo e ser tão sem-vergonha logo em seguida.

— Sim, é tudo culpa sua. Seu *poison* me deixa assim — diz, rindo.

— Como é que é? Meu veneno te deixa assim? Adrian, você perdeu quantos parafusos?

— Talvez todos... — responde, dando de ombros.

Eu imaginava.

— Se contenha porque tem uma criança aqui. Onde fica a cozinha? — pergunto e ele me solta, guiando-me até o corredor e apontando para a porta certa.

— É aquela ali, Diana. Te vejo mais tarde.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele me deixa aqui, dá a mão para o garotinho e vai jogar bola. *Adrian muda de humor e situação mais fácil que as mulheres mudam de gosto. Que cara louco! É bipolar essa porra!* Bufo e caminho em direção à porta. Ao passar por ela, vejo as mulheres do clube trabalhando a todo o vapor. Elas param por uma fração de segundo para me olhar e dou risada.

— Olá, garotas! O que posso fazer para ajudar?

— Diana, a sobrevivente! — diz uma delas divertida. Entendi a piadinha libidinosa e acabo rindo de novo. — Deixarei aquele molho por sua conta!

Vou até a pia e lavo minhas mãos para começar a preparar o molho. Elas provavelmente já iam fazer, pois encontro todos os ingredientes já picados. Com o molho já preparado, poucos

PERIGOSAS ACHERON

minutos depois, vejo pela janela os rapazes brincando com as crianças. Agora já estão todos sujos.

Não vejo o Adrian, mas como estivesse sido invocado, o diabo aparece. Vejo-o passando com o garotinho pela porta da cozinha, o menino chora devido ao joelho ralado. Mas algo me deixa curiosa, pela primeira vez me dou o trabalho de ler o nome escrito na jaqueta de Adrian. *NSFW... Mas que porra é isso?*

Uma das garotas se aproxima de mim, sem entender a minha expressão de incógnita.

— O que foi, garota? Por que está olhando para ele assim?

— O que significa aquilo na jaqueta do Adrian?

— Ah! O significado é “Não é seguro para trabalho”. Ele é pornográfico e essa frase tem uma

PERIGOSAS ACHERON

segunda tradução. — Ela ri. — É uma gíria para “conteúdo impróprio”.

— É bem a cara dele!

Outra mulher me traz uma grande panela e me pede para levar para a mesa, que já está quase arrumada no jardim. Quando chego, me dou conta que tem muitos brinquedos montados aqui. Entre eles, uma grande piscina de bolinhas, onde vejo Lion dentro brincando com as crianças, fazendo uma farra que nunca pensei que o veria envolvido.

Acho que ele deveria se casar, formar uma família. Ele seria um ótimo pai.

Aproximo-me da mesa e coloco a panela no apoio de madeira. Sinto-me bem ao fazer o papel de mocinha, pelo fato de fazer parte de algo assim, por ver os olhos das crianças curiosas com o que eu estava carregando. Ajudo as demais garotas que vêm vindo com mais uma e outra coisa. Finjo que

vou deixar cair e vejo algumas crianças tendo um mini infarto. Dou risada e elas me olham feio. Quando dou por mim, vejo os rapazes reunindo-se e saindo.

Que estranho! Fico olhando curiosa. Uma das garotas mais jovens segue o meu olhar e parece também pensar sobre, então sorri. *Aí tem coisa...*

— Eles devem ter ido ver algumas garotas, eu acho. Porque veja, só os casados continuam aqui.

Embora exista a possibilidade de ser uma provocação, isso instiga a minha curiosidade. *Para não admitir outra coisa...* Para onde esse homem foi? Mas que merda é essa? *Diana, não está sendo você. Você não está no seu normal. Talvez vir aqui não tenha sido uma boa ideia.* Foco no meu almoço, tranquila e em paz. Ou quase isso... Após o almoço, a mesma garota de antes se aproxima,

PERIGOSAS NACIONAIS

reparando o quão inquieta estou.

— Quer ir ver onde eles foram? Posso te levar se você quiser — diz ela.

Não deveria ir, pois não é da minha conta. Não é um problema meu. Mas quer saber? Eu vou! Se ele estiver pegando alguém, já vou atrás de outra pessoa do outro lado. Não sou do tipo que fica quieta, fazendo mil suposições sofrendo. *Não! Vai ser na mesma moeda!* Levanto-me e arrumo minha roupa.

— Vamos!

Ela me guia até a moto dela e me entrega um dos capacetes. *Não gosto disso, de ficar de carona toda hora.* A viagem de moto é curta e logo a mulher para do outro lado da rua. Em frente a uma loja de brinquedos. Os rapazes se destacam através da vitrine, animados, comprando vários brinquedos. OK, oficialmente fui feita de boba.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto-me uma Nina 2.0. Não que eu vá querer morrer se o Adrian for embora ou ficar com outra mulher, mas como uma mulherzinha insegura, vim aqui. *Francamente...*

— Quer ir lá? — pergunta a garota.

— Você sabia, engraçadinha. Não, não quero ir lá, vamos embora. Saciou a minha curiosidade — respondo e, embora tenha sido alvo de uma brincadeira, não me sinto irritada. Realmente, algo não está no seu normal hoje. *TPM?*

Ela me leva de volta e, logo após chegarmos, eles chegam também. Os adultos estão mais animados do que as crianças. Não que assim que os rapazes chegam as crianças não fiquem com os olhos brilhantes de animação diante dos brinquedos.

Um a um eles entregam o que compraram,

combinando com cada pequeno dono. É uma atenção que não é para qualquer um. Isso me faz sorrir, pois nunca vi tantos sorrisos sinceros assim. *Sem a sensação de que é uma compensação.* Adrian vem caminhando até mim, animado, e o observo com atenção. Pelo olhar dele vai aprontar algo.

— Não me esqueci de você... — *O que ele trouxe para mim de uma loja de brinquedos?* Ele me entrega um chiclete. Não entendo a referência, mas aceito. É um presente, não é?

— Oh! Claro, é perfeito — Agradeço, mas ainda sem entender.

— Sim, porque não é o presente que conta, sabia, Diana? — diz mais sério, talvez desiludido ou magoado. Provavelmente não gostou da minha reação. — É o tempo que gastei pensando em você.

Mas que porrada de mão servida foi essa?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se chatear com minha reação é uma coisa, mas essas palavras ditas com tanta seriedade me deixam preocupada.

— Aconteceu algo, Adrian? — indago.

— Não sei, mas irei descobrir. Você será a primeira a saber quando isso acontecer.

Ele me deixa aqui, boquiaberta e com uma expressão de incógnita.

— OK... Eu acho. Acho que um bicho mordeu ele, não sei. Está estranho — murmuro sozinha enquanto abro o chiclete.

Repasso o louco dia de hoje na cabeça.

Benjamin apareceu, eu o provoquei. Adrian me surpreendeu com a boa ação dos membros do clube. A intimidade declarada dele, mais que o habitual. O fato de eu estar mais sensível após ter chegado aqui, devido à nostalgia. Agora essa daquele doido.

PERIGOSAS ACHERON

O que me falta acontecer neste dia irregular?

Ao terminar de abrir o chiclete, vejo que junto com ele vem um anel de plástico. Eu o reconheço agora. Adorava este chiclete, pois deixava a língua azul. Eu fazia coleção desses anéis. Acho que foi a primeira coisa que me inspirou vaidade, além do Benjamin falando que eu tinha que manipular os outros e aproveitar que era linda, claro.

CAPÍTULO 11



INFÂNCIA DE DIANA & BENJAMIN

No passado...

Existe um mundo todo cheio de cores, sabores e sorrisos, enquanto me sinto presa, largada e abandonada. Estou com frio. Não importa quantas roupas eu coloque, o frio nunca me deixa. A tia Sophie disse que isso se chama solidão, mas não sei o que é isso. Estou indo para o meu novo lar e me pergunto quanto tempo ficarei dessa vez.

— Diana, esse orfanato será bom.

Provavelmente ficará aqui até a sua maior idade. Não é bom, lindinha? — diz a tia Sabrina.

Dizem que ela é assistente social, só a vejo quando me mandam para outro orfanato. Não gosto quando ela aparece. Só concordo com a cabeça, mas me mantenho em silêncio. Olho através da janela do carro. Ou tento, pois sou muito pequena e só vejo o céu e as árvores. Não vejo a hora de crescer e ver através da janela direito.

Será que o caminho que fazemos é bonito?

No antigo orfanato, aprendi que é bom não falar, pois os adultos não gostam de crianças que falam muito. Também disseram que eu tenho que ser inteligente e estudar bastante. Não sei o que a tia quer falando tanto comigo dessa vez, ela vai embora já. Sei disso. Fica dizendo para mim que é um bom lugar, que será legal. Eu não ligo mais. Daqui algum tempo, vão me mudar de lugar

mesmo. Aí a tia Sabrina vai voltar, falando tudo isso de novo.

Sobra para mim só mexer os pés e ficar assistindo o brilho do novo sapatinho. *Para te adotarem, tem que estar bonita.* Foi o que a tia disse. Não funcionou ainda.

Quando chegamos ao novo orfanato, não parece nem um pouco diferente do antigo. É bonito, de paredes brancas, árvores, plantinhas subindo pelas paredes. *Deve ter fantasmas, a antiga tinha. Não gosto de fantasmas.*

— Esse é o seu novo lar. Não é bonito? — fala a tia, me segurando pela mão. Apenas olho para ela, ainda silenciosa. — Acho que não está feliz, né? Mas vai ser legal. Agora sorria, pois vamos conhecer a diretora. Está bem?

Confirmo e caminhamos pelo corredor.

As luzes entram pela janela e acho tão bonito

que realmente sorrio por todo o caminho até chegarmos em um corredor sem luz, com alguns bancos ao lado de uma porta. Mas a tia me manda ficar em pé perto da porta que logo entraremos. A tia entra primeiro, deixando a porta entreaberta, e fico aqui, esperando pacientemente. Adultos são engraçados, não sabem fechar as portas. A tia Sophie brigava comigo quando não fechava a porta. *Elas podem, eu não. Que injusto!*

— O orfanato faliu, não é? Muito triste todas as crianças serem separadas — diz lá dentro uma mulher, que imagino ser a tal diretora.

— Para ela nem tanto, sempre foi muito quieta. Fácil de lidar — fala a tia Sabrina.

— Ela é o caso que a mãe abandonou por ser uma adolescente, não é? Acho que comentou comigo. Por que já mudou tantas vezes?

— Tadinha, não consegue se habituar em

lugar algum. Sempre parece estar sobrando. Não se envolve. No último, até se dava bem com a cuidadora, mas só.

— Coitada. Já está velha para ser adotada.

Escuto a conversa sem querer e me sinto triste ao ouvir que estou velha para ser adotada.

O que eu tenho de errado? Sou uma boa menina. Quieta, comportada, educada, não sujo a roupinha, não incomodo as tias. Disseram que era bom ser uma boa menina, senão nunca seria adotada. Mordo a minha boca enquanto sinto o meu queixo tremendo em um início de choro. Porém, a minha atenção é roubada por um homem. Um velho, barbudo e meio barrigudo que vem trazendo a força um garoto, puxando as suas orelhas. Ele entra na sala sem pedir permissão enquanto o menino se debate. Curiosa, me inclino para espiar pela porta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Reitor! Benjamin? — diz uma mulher loira, que está em pé atrás de uma mesa. Ela suspira pesadamente. — O que houve dessa vez?

— Essa peste em forma de menino! Novamente estava na grade próxima ao portão da frente, chamando as mulheres que passavam pela rua — diz e puxa a orelha ainda mais, isso faz com que o menino reclame de novo, irritado.

— Isso é inveja! — fala o garoto e pisa no pé do velho, que o solta devido à dor, mas em seguida, segura o menino pelos cabelos, ainda mais furioso. — Elas nem olham para você! Ai! Estava conversando com elas! Um menino tem que sobreviver, senhor! Ai! Como vou juntar meu dinheiro para quando sair daqui? Ai!

— E por isso você pede para mulheres mais velhas? Isso é ridículo! Elas não querem você! — responde o tio, sem acreditar.

PERIGOSAS ACHERON

Do que eles estão falando? As tias dão dinheiro?

— Elas me sustentariam e não me jogariam na rua com dezoito anos, ao contrário de vocês! Isso eu sei! — retruca o menino. Ele parece ser mais velho que eu.

Vejo que ele cala os adultos e fico surpresa. Reparo que o menino é grande e não vejo a hora de ficar grande também! Mais ou menos uns dois degraus! Aí vou ficar grande que nem ele. Espera, o garoto tem olhos iguais os meus! Que legal!

— Você é um menino inteligente, Benjamin. Não precisa se preocupar com isso... — A tia loira tentar acalmar o menino. *Ai, não! Menino bobo! Elas vão te colocar de castigo! Não faz isso! Não, não.*

— Vocês falam isso, mas quando dou as costas dizem “tadinho, filho de uma puta”. — Se

fosse comigo, eu ia chorar agorinha. É triste, não é? Mas o que será que é puta? — Vão a merda! Odeio todos vocês! — diz, revoltado, e novamente os adultos ficam quietinhos.

Ele é mágico?

— Vou ficar rico! Vocês verão. Tenho dez anos agora, mas vou crescer! Vocês nunca mais vão me ver, nem que eu me torne o mesmo que minha mãe foi. Não ligo para nada do que dizem! Ela pelo menos não me enganou!

Ele soca entre as pernas do velho e sai correndo porta afora. Sem querer, me empurra e caio, machucando o meu bumbum. Normalmente eu não caio, pois não faço nada perigoso e agora sei o motivo que todos dizem isso, porque dói. O menino para de correr e vem preocupado ao meu auxílio, me ajudando a levantar.

— Desculpa, menina. Está bem? — Ele

segura a minha mão. Quando olho para ele mais de perto, sinto um negócio estranho, mas gosto dele. Não sei por que, mas não sinto mais frio. Como é o nome? Solidão.

— Benjamin! — Vem o velho atrás do menino em fúria. O garoto segura o meu braço e sai correndo, cortando os meus pensamentos.

— Droga! Como ele é chato! Até parece que se importa!

Reclama o garoto, puxando-me ao mesmo tempo em que corre, e eu tento não cair. Nesta fuga desenfreada, eu o vejo como um herói, como daqueles das revistinhas. Cheio de confiança, coragem e força. Admiro o menino. Quero ser como ele quando crescer!

Vamos até uma igreja que tem ao lado do orfanato. Corremos e corremos até chegarmos exaustos e ofegantes dentro da igreja. A gente se

esconde entre os bancos. Ele gesticula para que eu faça silêncio e obedeço enquanto me encara com atenção.

— Você é a garota nova, não é? Não fique triste. Quando cheguei aqui, também foi difícil. Eles não se importam conosco! Nenhum adulto é confiável! Eles nos largam na primeira oportunidade.

Meus olhos encontram os dele e as palavras da tia Sabrina e da tia loira ecoam em minha mente. Elas machucam o meu coração. Minhas lágrimas rolam enquanto choro como nunca chorei antes. Eu me pergunto o que fiz de errado... Fui uma boa menina, não é? Não sujei a roupinha ou gastei demais meus sapatinhos. Choro até sentir meu corpinho tremer. Tento secar meus olhos e meu nariz com as mãos, mas é em vão.

Quando me vê chorar, o menino parece que

fica desesperado. A tia Sophie dizia que meninos não sabiam o que fazer nestas horas, acho que é verdade. Tenho que ser forte. Tento puxar o meu choro para dentro e acabo fungando.

— Mas não se preocupe, vou ser o seu irmãozão! Oh, vou tirar a gente daqui, está bom? — Eu olho para ele, admirada. É meu herói? Ele não vai mentir para mim, eu sei. Não sei por que, mas sei. Confirmo com a cabeça e o abraço firme. Ele não vai me abandonar, né? O garoto demora um pouco para me abraçar também, parece meio sem jeito. Acho que ele também chorou, mas isso não sei... Meninos não choram, não é?

Daquele dia em diante, nunca mais nos separamos. Benjamin virou Ben. Eu virei maninha. Todos pareciam se surpreender com o jeito cuidadoso de Ben lidar comigo. Ele é meu herói, meu irmão, meu amigo. A tia loira disse que o

PERIGOSAS NACIONAIS

nome desse sentimento é amor.

Criamos uma irmandade, uma amizade verdadeira e sincera, que duraria por toda uma vida. O tempo passou mais rápido que antes. Brincamos e eu aprendi a cair mais vezes. Sujei minha roupinha, fiquei de castigo algumas vezes. Mas, mesmo assim, nos encontrávamos à noite quando ninguém via.

Ele me conta as coisas e me explica muitas outras; um mundo todo que eu não conhecia. Eu escuto com atenção cada uma das suas palavras. Ben me ensinou a falar tudo que quero, que tenho que me cuidar, pois que têm muitas pessoas malvadas. A cada vez que fico com medo, meu irmão fala que vai vir para me salvar, sempre. Mesmo que os adultos tentem nos separar, diz que sempre fugiria e viria me procurar.

Meses se passaram até que um dia fugimos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para brincar no parque na rua de baixo. Um carro caro para do nada na rua e um menino um pouco mais velho que o Ben sai do veículo, apressado, e se aproxima. O motorista sai reclamando, mas depois entra e estaciona.

— Oi, sou o Alex! Posso brincar com vocês?

Claro que ficamos inseguros e nos entreolhamos, mas Ben concorda. Benjamin sussurra em meu ouvido *“brincar com alguém diferente, seria legal. Ele não ficará tempo suficiente para fazer diferença na nossa vida. Pessoas também vêm e vão. Gastar seu tempo com elas não é ruim, maninha!”*. Estranho um pouco, mas mesmo assim concordo.

No final, brincamos à tarde inteira. O Alex acabou gostando de nós e nos contando sua vida. Ele está triste e fiquei triste por ele também.

— Meu irmão é dez anos mais velho que eu.

PERIGOSAS ACHERON

Vive estudando, mas às vezes jogamos bola. É legal, mas passo o tempo todo sozinho, já que meus pais também não ficam em casa.

Mesmo sendo rico, o menino é tão sozinho quanto nós e o Benjamin tomou a frente, chamando o garoto para vir brincar sempre que quisesse. Desta vez, eu sorri para ele. O menino ficou surpreso e agradeceu. Desde então, um ano se passou e começamos a receber visitas dos pais de Alex também. Como não confiamos nos adultos, não fazemos questão de sequer sorrir. Até que um dia o pai de Alex vem sozinho.

— Gosto da vivacidade de vocês! Essa garra, essa personalidade. É o que é preciso para saber viver neste mundo! Acredito que se quiserem algo, vão conseguir.

Está mentindo. Está esquisito.

— Se não querem confiar em mim, não

confiem.

Óbvio que não! Eu penso, revoltada.

— Cresçam e se tornem fortes o suficiente para nunca depender de mim ou de qualquer outra pessoa. Se quiserem ser, não sei... Padeiros. Sejam os melhores que podem ser. Meu papel será dar o suporte que precisarem desde que não percam essa vontade de viver e de provar o valor de cada um. O que acham?

Não, ele é mentiroso! Ele vai nos separar! Vai brigar, não é? Olho para o Ben e ele parece pensativo. Ben está confiando nele? Não!

— Você vai nos abandonar. — Entro na frente e me estico enquanto olho para ele, furiosa. — O que quer conosco? Ninguém quer a gente! Adultos mentem. Vocês não gostam de nós! — digo, batendo o meu pé.

Ele me olha surpreso e sorri.

— O que quero de vocês? Primeiro, nunca vi Alex tão feliz. Talvez se crescerem ao lado dele, podem inspirar meu filho a ter a força e coragem que vocês têm. Além do mais, vocês ganham uma família e tudo que quiserem.

Neste instante, Benjamin segura a minha mão e me olha como se me dissesse para confiar nele, dizendo em seguida:

— Nós vamos, mas quando formos adultos, você não pode nos jogar na rua! — fala, bravo. — Se fizer isso, queremos uma boa quantidade de dinheiro em troca. Muito, muito dinheiro! Se não for assim, voltamos para trás agora.

— Uma excelente proposta e com vista no futuro! — diz o homem. — Quanto potencial em uma criança! Feito, garoto. Faremos até um contrato, o que acha?

— Feito — diz, estendendo a mão para o

homem.

Assim nós ganhamos um sobrenome: Mancini.

Viramos irmãos de verdade, os anos passaram e mesmo a família sendo calorosa, amorosa, nós dois nos mantivemos juntos, crescemos para ser o que somos hoje. Tivemos a possibilidade de virar empresários, mas preferimos bolsas de estudo para trabalharmos por nossa conta. A sensação de não depender de ninguém se manteve, embora tenhamos um grande coração e a mania de proteger os outros.

CAPÍTULO 12



COLOCANDO FOGO NO PARQUINHO

De volta ao presente...

Sinto-me ficando levemente corada e um tanto agradecida após ficar mascando o chiclete e observando o anel de plástico. Levanto o olhar e vejo que Adrian ainda não se afastou tanto assim. *Rapaz dramático*. Ele está ao alcance, basta dar apenas alguns passos. Meu corpo parece se mover sozinho em sua direção. Seguro a sua jaqueta para chamar a sua atenção de volta para mim.

— Obrigada, Adrian... — digo, relutante,

mas retomo à minha postura e volto a falar. — Obrigada por perder o seu tempo ao pensar em mim e também por notar que eu não estava bem — concludo, com uma sinceridade que me assusta.

— Diana... — fala, virando-se totalmente para mim, e leva a mão ao meu queixo. — Pensar em você nunca é uma perda de tempo. Depois, gostaria de ir tomar um *cappuccino* comigo?

— Claro, por que não?

Vejo-o sorrir satisfeito e voltar ao seu caminho para desmontar alguns dos brinquedos das crianças e recolher as bolinhas espalhadas pelo jardim. Observo algumas mulheres guardando as comidas, outras limpando as mesas enquanto os rapazes as desmontam para guardar. Viro-me e vou ajudar as garotas para limpar toda a bagunça, enquanto os homens ficam com os trabalhos pesados. As mulheres que cuidam das crianças as

guiam para dentro, cada uma entra com seu brinquedo.

Todo o processo não demora muito. São muitas mãos e o trabalho só demora mais devido às conversas e risadas. Quando já estou recolhendo as últimas coisas que restaram para trás, vejo o Lion com uma sacola, saindo de fininho, na ponta dos pés.

É surpreendente a capacidade desse homem de ser tão silencioso mesmo sendo enorme. Paro no batente da porta e me encosto, cruzando os braços enquanto o observo. Espero-o colocar a mão na maçaneta para falar:

— Hey, Deus nórdico, está fugindo?

Ele se assusta e dá um pequeno pulo. Vira-se rapidamente em minha direção e, assim que me vê, parece relaxar um pouco, suspirando.

— Diana! Hum, não! É que... tenho alguém

me esperando.

— Então realmente tem alguém? — indago, abrindo um sorriso como se dissesse “te peguei!”, o que o deixa ainda mais agitado.

— Sim, quer dizer, não! Não é o que está pensando! Tenho um assunto importante... — diz, levando a mão disfarçadamente até a maçaneta.

Tentando fugir de mim? Sério que acha que não dá para ver a sua mão?

— Entendo, esse assunto importante gosta muito de brinquedos.

— É... Você notou? É para um... — Ele não termina a frase, só abre a porta e dá no pé. Não demora a chegar aos meus ouvidos o som do ronco de sua moto, o que me faz rir. *Homem é um bicho bobo às vezes.* Poderia só ter falado que não era da minha conta e eu me daria por vencida. *Ou não.*

Volto para o lado das meninas e vejo pela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

janela os casais recolhendo-se para ir embora. O Adrian está sentado em sua moto e, como sempre, parece estar pensando. Sua mente às vezes não parece estar aqui, mas viajando para muito longe. Isso faz com que ele tenha sempre um ar de mistério, quando não abre a boca, claro.

O que será que o louco tanto pensa? Ou ele não é louco e premedita cada arte que fará? Às vezes, acho que é loucura, não só dele, mas de quem — no caso eu — vai no embalo da suas ideias mirabolantes.

— Diana... — Uma voz me chama, vinda de trás de mim, e me tira das minhas divagações. Surpreendo-me ao ver a mais velha das garotas do grupo de solteiras. Ela ri do meu susto e, desta vez, sou eu que recebo o olhar de “te peguei”. Com isso, acabo rindo também. *Tenho que admitir, estava realmente encarando o Adrian.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que susto, mulher!

— Deixa o resto conosco, nós terminamos aqui. Vá lá com ele. — Ela sorri de um jeito cúmplice. *Quer saber? Vou sim.*

Não precisa ser um gênio para saber que essa saída com o Adrian não ficará só no café. Não com a forma que ele tem se comportado hoje. Apenas me sinto curiosa, já que Adrian tem a mania de me surpreender.

— OK. Obrigada. — Caminho até a pia e lavo as minhas mãos. Em seguida, vou até o banheiro mais próximo e rapidamente retoco a maquiagem. Quando estou satisfeita, me encaminho para o jardim, onde o vejo facilmente. Ao sentir a minha presença, vira o seu olhar em minha direção e pega o capacete, estendendo-o para mim.

— Está pronta?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim — respondo. Pego o capacete, coloco, subo na moto e o abraço.

— *Cappuccino*, então? — indaga, ligando a moto.

— Vamos logo, Adrian. Não foi para isso que me chamou? — pergunto, rindo.

— OK. Como a madame desejar. Só queria ter certeza — fala em tom de deboche e belisco a sua barriga.

O caminho até a cafeteira é curto, mas posso aproveitar a vista de um bonito pôr do sol que ilumina algumas fazendas ao redor, dando um bonito efeito visual que me lembra *mangás*. *Ficaria bem para um quadro essa imagem*. No entanto, outra coisa me toma a mente. Se o sol está se pondo, imagino que a cafeteria irá fechar.

— Hey, Adrian... — chamo quando ele está estacionando a moto. — Acho que vai estar

PERIGOSAS ACHERON

fechado.

— Vai estar aberto, sim. Só que com poucas pessoas.

Ele desliga a moto e aproveito para descer, tirando o capacete. Logo Adrian faz o mesmo. *Devo admitir, estava certo. Tem poucas pessoas, mas ainda está aberto.* Observo o lugar e caminho na frente, entrando na cafeteria. Noto que na verdade é um *cyber* café, por isso ainda está aberto.

Na frente, tem uma cafeteria bonita e charmosa. Atrás, no entanto, é mais escuro. É uma *lan house* e ponto de encontro de alguns jovens, imagino. Não parece ser um local movimentado a esta hora, provavelmente porque não têm muitos jovens na cidade.

— Vou ao banheiro, já volto — diz Adrian atrás de mim.

— OK, vai lá. — Eu me encaminho para o

PERIGOSAS ACHERON

balcão, onde recebo o cardápio de prontidão de um rapaz. Sorrio como agradecimento e me espanto com a quantidade de opções. Até que vejo um que me deixa curiosa. — Por favor, quero esse aqui chamado *sonho de cappuccino*.

— Um instante, senhorita — responde o balconista, indo preparar o meu pedido.

Sou surpreendida com o som alto e irritante de algo sendo arrastado, então olho para trás. Vejo um caminhão e alguns rapazes do reabastecimento de ingredientes da loja. O barulho parece incomodar alguns clientes, fazendo alguns irem embora. No entanto, não demora muito para que o som cesse e o veículo parta. O Adrian então aparece. Eu o olho de cima a baixo todo suado, secando-se com um paninho e respirando fundo. Encaro seu rosto com estranheza.

— O que foi, Adrian? Você... O que fez no

banheiro, homem? Ou suou de ver os outros trabalharem? — pergunto com humor.

— Os rapazes da entrega me pediram ajuda quando saí do banheiro... — diz, estreitando seus olhos para mim.

— Hum... OK, bom samaritano — falo, levantando a mão em sinal de rendimento. — Beba um pouco de *cappuccino* e descansa.

Ele se senta ao meu lado e, assim que o atendente coloca meu pedido no balcão, Adrian o pega e bebe tranquilamente a minha bebida.

— Ow, esse é meu! — reclamo.

— Opa! Pensei que tinha pedido para mim também — fala, defendendo-se e acusando-me ao mesmo tempo.

— Tinha várias opções. Como ia adivinhar qual gosta mais? — retruco e ele me olha como se realmente fizesse sentido.

Lógico que faz sentido, abusado.

Ele pede outro igual para mim e continua a beber o que era meu. *Francamente, ele é muito...* No momento, nem consigo imaginar um adjetivo suficiente para Adrian. Esse pensamento me faz rir, pois nunca pensei que encontraria alguém que me divertisse tanto quando deveria estar irritada. Não fazemos mesmo a linha de um casal romântico, que flerta, tem momentos bons, riem, se entendem. OK! Fizemos tudo isso, mas não somos um casal. Não namoramos e duvido que isso aconteça. Eu não o amo.

Meu *cappuccino* chega e o bebo em silêncio, refletindo sobre meus pensamentos. Está bem! Eu sei, embora não sinta nada profundo, não façamos juras de amor eterno, parecemos, sim, um casal. *Que puta casal doido da porra!* Adrian me olha como se fosse louca enquanto me divirto com meus

próprios pensamentos.

— O que se passa nessa oficina do... digo, pela sua cabeça? Parece divertido. — Estreito os olhos para ele e ergo uma das sobrancelhas.

Está roubando minhas manias?

— Nada. — Volto a beber, terminando o *cappuccino*, e me viro para ele, apoiando o cotovelo no balcão. Encaro-o fixamente nos olhos. — Terminei, é realmente gostoso. Bom, Adrian, a pergunta é: por que me trouxe aqui exatamente?

— Quando fui comprar os brinquedos com os rapazes, vi este lugar e notei que tem uma máquina de bichos de pelúcia — explica.

— Está brincando com o meu vício? — digo, divertida, lembrando-me do meu *Gato de Cheshire* que ele me deu, que está bem guardado em casa.

— Eu? Não! Mas imaginei que gostaria...

Dissimulado.

— OK. Admito que você tem uma boa carta na manga. Vamos lá, quero ver! — falo, já me levantando.

Ele se levanta, tira a carteira do bolso de trás e paga pelas nossas bebidas. Em seguida, segura a minha mão e me leva para a parte mais escura do café, passando pelos computadores, levando-nos quase para trás da loja.

Viu quando veio comprar brinquedos? Conte outra, Adrian! Como você viu aqui atrás? Penso, irônica.

— Quer jogar? — pergunta, parando de andar na minha frente, e vejo que realmente não é mentira. Existe uma máquina aqui!

— Sim! No entanto, só tenho notas. Acho que é melhor voltarmos para que eu troque o dinheiro. — Faço-me de desentendida. Tudo isso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parece suspeito demais e quase quero começar a rir da trama muito louca do Adrian só para me trazer aqui.

— Não precisa, tenho algumas aqui.

Claro que tem, senão não me traria aqui.

— Então, o que está esperando para me entregar? — pergunto e ele apenas ri, tirando uma moeda do bolso da sua calça e entregando-me.

Pego-a de sua mão, me viro em seguida e me abaixo para pôr a moeda na máquina quando o sinto encostando em mim. *A intenção se revela...*

— Está gostando do que está vendo? — indago, levantando-me após colocar a moeda.

Sua mão segura o meu quadril, encaixando nossos corpos. Sinto-o começando a ficar excitado contra a minha bunda. Leva os seus lábios ao pé do meu ouvido e morde o lóbulo de leve.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, do que estou sentindo também — sussurra com rouquidão, fazendo-me arrepiar. — Jogue. Você ama esses bonecos, não é?

Dou uma risada baixa e começo a jogar, tentando pegar um tigrão, da animação *Ursinho Pooh*, que está entre os bonecos. Só que começo a perder o foco, pois sinto as mãos do Adrian deslizando pelo meu corpo, começando pela minha cintura e barriga. A mão direita vai para baixo, passando quase por cima da minha intimidade até a coxa na parte interna, apertando-a em uma carícia. Em seguida, sobe até o limite da calça, abrindo o botão e enfiando-se dentro dela em sentido à minha calcinha. A esquerda por sua vez, vai da minha cintura até o meu seio, envolvendo-o com toda a mão, apertando-o, fazendo-me gemer baixo.

— Adrian, assim não vou conseguir... — digo com um tom mais baixo, enquanto sua mão

direita desliza ainda sobre a minha calcinha, acariciando o meu clitóris.

— Não tem problema. Tenho muitas moedas.
— Desta vez, é ele quem ri baixo e divertido, enquanto espalha beijos e leves mordidas em meu pescoço.

— Hum... Você pensou mesmo em tudo — falo, ficando cada vez mais excitada com o seu toque. Ainda assim, não desisto de tentar pegar o tal tigre de pelúcia.

— Sim, foi bem difícil arrastar essa máquina lá da frente, passar pela viela e entrar nesta sala aqui — conclui ele e, finalmente, entendo.

O barulho que escutei mais cedo, logo após chegarmos aqui, era esse doido varrido com seus planos mirabolantes. *Mas ele foi muito rápido, acho que teve ajuda.*

Logo Adrian me tira dos pensamentos. Sinto-

PERIGOSAS ACHERON

o afastar a minha calcinha com delicadeza, abrir os meus lábios vaginais e começar a brincar com o meu clitóris com a ponta do dedo. Meu corpo estremece de prazer, causando um arrepio que vai de uma ponta a outra do meu corpo, e um gemido escapa da minha boca.

Sem querer, aperto o botão e acabo pegando o tigrão. Sinto-me surpresa e ofegante, pois os seus movimentos não param ou diminuem. Adrian me belisca suavemente e então desce sua mão até a minha entrada. Brinca completamente com a minha sanidade. Acaricia meus seios e enfia lentamente apenas um dedo em mim, numa tortura deliciosa, enquanto percorre meu clitóris com o polegar.

— Se soubesse que para ganhar dessas máquinas era necessário isso, eu tinha feito antes!
— falo, dando uma baixa risada, que ele me acompanha enquanto esfrega o rosto contra o meu

cabelo.

Adrian continua e estou quase no auge quando ele tira a mão do meu seio e a leva ao bolso de sua jaqueta, tirando de lá uma camisinha e entregando-me. Pego-a e sua mão desce para a minha bunda, apertando-a com desejo. Abro a camisinha, mas sem tirar o látex da embalagem, seguro a ponta dela com a boca e me viro de frente para ele. Levo a mão até sua calça, abro o cinto e desabotoo, abrindo o zíper rapidamente. Permito que sua ereção se destaque entre nós, isso só me instiga a tocá-lo. Não me contenho e o envolvo com a mão, retribuindo a tortura no qual me submeteu. Acaricio toda sua extensão, da ponta até a base, para então repetir o processo, pressionando um pouco mais. O homem estremece e seu pau lateja contra a minha mão.

— Você lavou? — indago entre dentes, pois

ainda seguro a embalagem da camisinha com a boca.

— Isso que fui fazer no banheiro... — diz entre um gemido e sorriso cafajeste, pois não parei os movimentos.

Abaixo-me, tiro a embalagem da boca e o chupo, passando a ponta da língua em toda a sua extensão para então dar atenção à sua glândula. Ele se apoia na máquina enquanto arfa e parece suar frio. Sorrio pelo controle que tenho sobre Adrian, e pelo que ele está tentando ter neste momento. Tiro a camisinha da embalagem, posiciono-a em sua glândula e então termino de colocá-la com a boca. Finalizo o trabalho com auxílio das mãos e volto a chupá-lo lentamente enquanto mantenho a camisinha no lugar com a mão.

Adrian dá um longo e profundo gemido. Indo contra o que eu imaginava ser possível, sinto seu

pau enrijecer ainda mais, tornando-se impossível o tomar todo com a boca. Só que não preciso me preocupar com isso, pois logo Adrian se abaixa e leva as mãos até os meus braços, fazendo-me levantar com certa pressa. Leva a mão às minhas calças e as abaixa com certo desespero. *Eles sempre enlouquecem depois de uma bela chupada, o que é bom, pois gosto de uma pegada com força e desejo a mil. Exatamente nesse ponto.*

Adrian me vira de costas para ele após conseguir abaixar a minha calça até a coxa, fazendo com que apoie ambas as mãos na máquina. Empino a minha bunda e, sem piedade, ele me penetra completamente e com força. Arfo com a sua ação um tanto bruta. Mantém os seus movimentos, levando-me facilmente à beira de um orgasmo em pouco tempo. Meu corpo estremece a cada estocada e mordo os lábios para conter meus gemidos. Para também o deixar no seu limite, rebolo e, ao

PERIGOSAS ACHERON

contrário de mim, Adrian geme rouco ao pé do meu ouvido. Neste momento, chego ao meu limite e gozo.

— Você gosta assim, com força, não é? — diz ao pé do meu ouvido.

Sem me deixar recuperar do gozo, ele me segura pelos cabelos e repete a dose dos seus movimentos. Tira-me gemidos roucos, que já não controlo, mas também o escuto rosnar. *O delinquente é quase uma besta fera.* Penso, divertida, em um lampejo de sanidade quando ele diminui a velocidade.

Neste jogo que Adrian mesmo começou, ele parece começar a perder o controle, entregando-se às sensações e permitindo que eu tenha o orgasmo mais forte que já tive. Sinto ainda pulsar dentro e estremecer em sua entrega ao próprio gozo, quase se deixando deitar sobre mim. *Sinto-me satisfeita.*

Não sou lá muito romântica e se possível evito, isso não me excita.

Assim que se recupera, sai de dentro de mim e me vira de frente para ele, segurando em minha cintura e fazendo-me encarar seus olhos. Eles estão nublados pelo desejo tanto quanto os meus. Adrian aproxima a sua face da minha e vem de encontro à boca em um beijo intenso, que me faz perder o ar. A língua brinca com a minha e o sabor de chocolate, café e leite parece brincar em meio a este beijo. Ele me provoca, dando uma leve mordida em meu lábio inferior, e encerra o beijo. Aproveito a mordida para puxar o ar e poder respirar. Estava tão entretida que não notei que estava prendendo a respiração.

Adrian ainda não soltou o meu lábio e, ao invés de fazer isso, a mordida fica um pouco mais forte, carregada pela necessidade de me provocar

mesmo que por intermédio dessa leve dor. Com isso, ele me rouba um gemido baixo e ri baixo, divertindo-se com a minha reação e entrega.

A nossa respiração parece mais pesada. Ao mesmo tempo em que me provoca, ele também se abala. As minhas pernas estão fracas diante da ferocidade e desejo que foi empregado neste beijo e na transa antes dele. Encostamos uma testa na outra enquanto nos recuperamos e nos contemos.

Sinto que um passo irreversível foi dado e não sei se deveríamos tê-lo dado.

O som ao redor chega aos nossos ouvidos, tirando-nos do nosso mundo particular. Adrian me solta e se afasta, virando-se de costas para mim. O silêncio é pesado e talvez ele também sinta que algo está estranho. O som da camisinha sendo retirada me faz voltar à minha realidade e desencosto da máquina, subindo a minha calcinha e

a calça. Assim que tudo está no lugar, me encosto na máquina de pelúcia novamente. Larguei os outros caras com quem me envolvi antes de ficar nesse clima pesado. Deveria fazer o mesmo com ele, eu sei. *Mas por que não consigo cogitar fazer isso agora?*

Esse cara tem algo, mas não é nada de extraordinário. Ele me diverte, é louco, mas me vê, entende como sou sem muitas palavras. *Merda.*

— Diana... — diz com a voz ainda rouca e carregada, cortando o silêncio que tomou todo o lugar.

— Oi, Adrian... — respondo, olhando para o nada, mas com toda a minha atenção voltada para ele.

— Vou viajar. Irei para casa ver um amigo. Preciso ficar longe algum tempo — fala, virando-se para mim e estendendo a sua mão. — Pode me

esperar?

Qual é? Você vai para sei lá onde, com esse jeito de quem irá para guerra e sabe que não vai voltar, e ainda quer que espere? Quem você acha que sou? Queria dizer isso, mas o que digo no final é:

— É, tenho que dar atenção para a Nina. Ela tem andado estranha — comento, mudando de assunto e abaixando-me para pegar o tigrão.

Passo por ele, ignorando a sua mão, e caminho de volta na frente dele para sair do *cyber* café. Em silêncio, Adrian vem atrás de mim, ou é isso que imagino até sair da loja e vê-lo já sentado na moto. Estreito os olhos para ele, que apenas dá de ombros e sorri, fazendo-me parar de respirar por um milésimo de segundo. Como sempre com o seu ar de cafajeste... Até mesmo quando me surpreende com as coisas mais banais. Olho para o

chão e sorrio, enquanto nego com a cabeça. *Sempre fomos assim desde o primeiro dia; loucos, desapegados e livres. Não sei por que estou assim.*

Levanto a cabeça e Adrian me estende o capacete. Dou os passos que faltavam para chegar até ele, pego o capacete e subo na moto.

— Vai se esquecer de mim enquanto eu estiver nessa viagem? — pergunta em um tom baixo, enquanto o abraço após colocar o capacete.

— Não sei... Acho que sim — respondo com uma ponta de humor na voz.

— Ah, é? — fala no mesmo tom que eu. — Diana, você também é do tipo que se esquece de respirar?

Automaticamente, me lembro de quando o beijo terminou e puxei o ar. Como há muito tempo não acontecia, eu me sinto corar. Sinto-me grata por estar nas costas dele, impossibilitando-o de ver

PERIGOSAS ACHERON

essa situação em que me encontro. Meu coração acelera e começo a me dar conta. Caramba, começo mesmo a me dar conta do por que estou assim. Posso dissimular, atuar, mas mentir? Não! Isso é prelúdio de paixão. Ou posso ser positiva! Isso é um infarto!

Isso! Um infarto!

Sério?

Essa é a melhor desculpa esfarrapada que eu pude inventar? Abraço para que dê partida logo na moto, mas, ao invés disso, Adrian coloca a mão sobre a minha, notando que coloquei o anel de brinquedo na ponta do meu dedo mindinho. Ele faz um carinho ali, alisando o anel, e encosto a minha testa em suas costas.

Cara, você não me ajuda! Não me atrapalhe você também, coração. Aliás! Coração, não mandei você gostar de ninguém! Pensei que tínhamos um

PERIGOSAS NACIONAIS

acordo. Qual é a dessa agora? Parece bobo, não sei. O primeiro cara que te dá um anel de PLÁSTICO, já fica aí todo animadinho, dando cambalhotas. Fica aí na sua que ganha mais!

Não vi quando Adrian ligou a moto, muito menos o caminho de volta para casa. Estava mais preocupada tendo uma DR com meu coração. Percebo que já está bem tarde. *Talvez Adrian tenha feito o caminho mais longo.* Mas não importa, já estamos quase na porta de casa. Amanhã, Adrian vai embora e não sei se gosto ou se quero gostar tanto assim dele para esperá-lo.

Meu lado racional toma a frente assim que ele estaciona a moto, então tiro o capacete e desço.

— Valeu, Adrian. Foi divertido e obrigada pela carona — digo, olhando para ele, que ainda está com o capacete, e me viro, dando-lhe as costas e indo em sentido à porta de casa.

PERIGOSAS ACHERON

Escuto o som do seu capacete caindo no chão e logo depois Adrian vem atrás de mim, segurando o meu braço, fazendo meu coração bater forte e ao mesmo tempo errar a batida.

Golpe baixo, cara!

Viro-me para ele, sabendo o que me espera, e ele não me decepçiona, beijando-me. Desta vez com gosto de saudade por antecedência. Assim foi como nos despedimos. O mais louco *bad boy* que já conheci se vai e fico assistindo sua moto ir embora até sumir de vista. Ele diz que voltará, mas tenho lá minhas dúvidas. Sinto uma físgada incômoda em meu peito.

Contudo, nada na minha vida pode ser normal. Como boa Diaba que sou, sempre atraio a droga de um Diabo. Não que não ame esse diabo em questão, codinome Benjamin. Vejo-o vindo pela rua, com o blazer pendurado no ombro, camisa

PERIGOSAS NACIONAIS

amassada e marcas de beijo vermelho na camisa. *Só sei de uma coisa: eu que não vou tirar essas manchas.*

— Olá, Benjamin — digo quando se aproxima o suficiente, cruzando os meus braços.

Embora eu o tenha visto, parece que ele está em outro mundo e não me viu. Assusta-se ao me ouvir, mas logo repara que estou parcialmente ou tão mal arrumada quanto ele. Não retoquei minha maquiagem, a calça está um pouco torta, o sutiã aparece parcialmente pelo decote da blusa. *Estou torcendo para que ele esteja tão bêbado que não consiga ver por detrás de mim, que não note o que está abalando-me.*

— Olá, amor! Bem-vinda de volta para casa!
— fala meio cansado, mesmo se esforçando para parecer animado.

— Bom, você pelo menos voltou para casa.

PERIGOSAS ACHERON

Vamos para dentro, Ben — digo, pegando as minhas chaves.

— Sim...

Assim entramos em casa, ele parece bêbado como um gambá e o deixo no sofá da sala mesmo, onde cai em um sono profundo assim que entra em casa. Jogo uma coberta sobre ele e só. *Meu irmão, eu achei que somente você fosse capaz de me deixar com o gosto de solidão na boca, mas parece que me enganei. Boa noite.* Não sei definir que emoção eu estou sentindo agora, mas não estou tecnicamente feliz com ela.

O dia seguinte chega mais rápido do que esperado e não me sinto nem um pouco feliz com isso. Como um zumbi, banho, tomo o meu café e me encaminho para o trabalho logo depois. Benjamin ainda estava apagado quando saí. Minha adorada melhor amiga trabalha em um setor bem

diferente do meu, então nesta segunda feira não a encontro, muito menos no segundo dia. Quando ligo para ela, o celular está sempre fora de área, o que me preocupa.

Já estamos no meio da semana quando recebo a ligação de Nina. *Pronto, a notícia ruim chegou. O que está acontecendo com o casal fofura?* Sua voz está trêmula, como se estivesse chorando.

— *Diana, acho que o Luke arrumou outra.*
— Em poucos minutos ela me explica a falta de atenção, o fato de ele estar ignorando-a, suas chamadas secretas e saídas misteriosas.

Até sei o motivo de tudo isso, é o tal casamento, mas às vezes o Luke é idiota, né?

— Onde ele está? — digo pausadamente, sem conter a minha irritação. *Qual é o problema desses homens? Não sabem fazer nada direito!* — Pegue o seu celular! Do jeito que vocês dois são tapados, o

GPS dele deve estar ligado.

Não tenho paciência para esperar a resposta dela, pego a minha bolsa, aproveitando que é a hora de almoço e não tenho muito trabalho. Como a Nina e o Luke voltaram ao trabalho, eu irei retornar para o setor de vendas, mas só depois que a moça que estava no lugar da Nina repassar tudo para ela esta semana. Vou ao seu encontro, direto para o escritório dos dois. Acabo assustando-a, mas ignoro, e digo de forma bem objetiva:

— Sabe o endereço? Vamos. Agora!

Ela vem até mim, obediente, como a boa menina que ainda é, para me mostrar o endereço. Suspiro impaciente e tomo o celular da sua mão. Vejo o endereço e lhe dou as costas, caminhando apressada pelo corredor na frente. *Uma rua conhecida pelos restaurantes excepcionalmente românticos? Porra, Luke! Não fode!* Em pouco

tempo, estamos saindo do prédio. Vejo um táxi estacionado de bobeira e nós nos apressamos para entrar nele.

O endereço indicado é realmente perto daqui. Ao descermos do táxi, facilmente os vemos em um bonito restaurante na área livre, bem entre bonitas flores. Ele está com uma linda mulher de salto quinze, pernas bem feitas, saia social e uma blusa de seda sem sutiã. E claro, cabelos ruivos, que ela joga para trás enquanto ri.

Qual é o problema do Luke? Não podia arrumar alguém para ajudar no casamento, ou até se for o caso de traição, o que duvido, menos bonita? Suspiro e olho para o lado, vendo Nina desfazendo-se em lágrimas. Sinto-me um tanto fria sobre isso pela primeira vez.

Nina, minha amiga, você tem que crescer e encarar as coisas. Chorar não resolve problemas,

você é madura e deveria saber disso. Casar significa confiar ou estar preparada para tomar à frente para esclarecer mal-entendidos, resolver os problemas encontrando a solução. *Tenho que fazer essa mulher tomar uma atitude, mas como?* Entretanto, sou surpreendida ao vê-la cair pálida ao meu lado. Vou ao seu socorro, ajudando-a a levantar, e a levo até uma padaria próxima, onde compro para ela uma água mineral.

— Está melhor? — indago, preocupada, mas me calo, reparando nessa pessoa que chamo de melhor amiga. Está mais magra, com leves olheiras e pálida. *Não! Será? Só pode ser isso...* — Nina, quando foi a última vez que menstruou?

Ela fica pálida e arregala os olhos. Isso já é uma resposta. Não sei se revelo tudo sobre o casamento ou não, embora ainda ache que, principalmente agora, a Nina tem que começar a ter

mais coragem e tomar a frente das coisas. Saímos da padaria e ainda podemos ver o azarado fazendo merda. *Porra!* Luke se levanta e sorri para a ruiva, guiando-a gentilmente pelo braço até a porta de um carro vermelho. Ele abre para ela e a auxilia a entrar.

Sério, Luke? Se foder...

— Filho da puta, não se ajuda... — resmungo baixo. *Bom, não temos tempo para xingamentos.* Seguro a mão da Nina e a arrasto para uma clínica mais próxima. — Vamos fazer o exame de sangue para saber logo se você está grávida ou não.

Tudo na clínica à base do dinheiro vai mais rápido. Ela tira o sangue e já é notificada que pelo celular mesmo, amanhã, já saberá o resultado. Tudo que me importa é isso, que logo sairá o resultado.

Se o Luke fizer mais alguma coisa, vou

arrancar a bolas dele antes até mesmo que a Nina resolva tomar atitude. Em contrapartida, interrompendo os meus pensamentos, quando já estamos fora da clínica, Nina para de andar e se vira para mim.

— Não posso ser precipitada, Diana. Aquilo que vimos não condiz com o que nós dois vivemos. Por todo esse tempo, ele sempre foi digno. — *Hum, finalmente está começando a pensar, mas não é o suficiente, amiga.* Penso. — Ele poderia estar em um almoço de negócios. Pode ser outra advogada da empresa. Um parente, até mesmo compradora do apartamento antigo dele! Não posso julgá-lo assim...

— Ela pode ser amante dele — comento, colocando lenha na fogueira de propósito. *Anda, Nina, tome a frente! É seu noivo.* Torço por ela em pensamento, enquanto por fora estou indiferente.

— Não me olhe chocada! Embora Luke seja tudo o que você falou, isso tudo é muito atípico.

— Diana! Estou tentando ser positiva! — reclama. — Indo contra as estatísticas! Oh, caramba! De que lado está?

— Bom, pode ser verdade o que você disse ou o que eu disse, mas só vai saber se o seguir mais vezes. — Alfineto só para por fim dar a ideia coerente. — Mas você pode só deixar estar e resolver confiar nele. Mentira costuma ter perna curta, ou pode tomar à frente e ir falar com ele.

— Diana, você é o meu cérebro? Está brigando com meu coração? — diz, querendo rir.

— Sei lá, você costuma ser minha consciência. Não tem muita ligação, mas é isso — falo, dando de ombros.

Voltamos para o trabalho e o dia termina normalmente. Nina não me procurou mais, nem

PERIGOSAS ACHERON

sequer tive oportunidade de encontrar o Luke e ter uma boa conversa com ele sobre tudo que está acontecendo. Posso ser uma amiga louca, com métodos mais diferentes de ajudar minha amiga, mas alguém tem que jogar a lenha. Alguém tem que impulsioná-la. Se Nina não criar coragem de andar com os próprios pés, sempre será dependente da amiga que diz “você não está sendo precipitada? Isso condiz com a índole que conhecemos dele?”. Ela convive com Luke, mais que qualquer um tem o dever de conhecê-lo.

No dia seguinte, estou conversando com o chefe e ele diz que gostou muito do meu trabalho no setor de moda na parte orgânica e me oferece um cargo definitivo como funcionária orgânica na empresa, recebendo assim um posto melhor e um salário maior. Sua proposta é me tornar supervisora do setor. Concordo, obviamente animada. Sabendo da minha amizade com a Nina, o velho me permite

PERIGOSAS ACHERON

ir falar com ela, já que logo será o almoço mesmo.

Estou a caminho da sala dela quando Nina passa furiosa por mim. *Putá merda! O que foi agora?* Paz... Pergunto-me quando foi meu último dia tranquilo. Antes de seguir Nina, vou atrás do chefe e falo rapidamente que tenho um assunto emergencial familiar, que preciso sair. Mal dou chance para ele responder e saio apressada.

Vou até o elevador, que para minha desgraça e nervosismo, parece demorar uma vida para chegar neste andar. Finalmente chego ao térreo e corro para pegar o meu carro na garagem. Depois de longos dez minutos, entro no veículo e uso o GPS para encontrar a Nina. *Sim, mesmo eu tendo chamado Luke e ela de tapados por não desligarem em situações assim, sou realmente grata.* Ao tentar ligar o carro, ele parece não querer funcionar.

— Ah! Maldito! Como assim em uma hora

dessas, com uma louca provavelmente grávida andando por aí furiosa, você me resolve parar! FILHO DA PUTA! — reclamo, batendo no volante. Respiro fundo e tento ligar mais uma vez. — Vamos, carrinho, não seja temperamental.

O carro finalmente liga e a Nina parece estar indo para casa. Vou o mais rápido que posso, dirigindo pela cidade. Logo após chegar, guardo o veículo e vou para a casa da Nina quando a vejo saindo irritada pela rua. Sigo-a, mas o Luke passa por mim apressado, indo em sua direção.

Até que enfim, bonitão! Para me certificar, seguirei os dois para saber o que isso vai dar. Caminho a uma distância segura atrás deles até que começa a chover e o Luke a alcança, segurando-a pelo braço, fazendo-a parar. Procuro me esconder para poder pelo menos observá-los. Eles conversam, conversam... De repente, me sinto

PERIGOSAS NACIONAIS

assistindo a um filme romântico. Nunca fui muito fã, mas seria mentira se dissesse que não me sinto aliviada e feliz que eles estejam resolvendo-se. Acho que Luke revelou tudo. Menos mal. A chuva parece apertar e ele a protege da chuva com o blazer, dificultando a minha visão.

Vejo-os virando-se para virem embora e corro para o antigo teatro abandonado. Bom que ele sempre está com as portas abertas, então eu facilmente entro e fecho a porta atrás de mim. Vou dar um tempo por aqui, esperar que eles passem. Estou tremendo de frio. *Obrigada, Deus, por fazer o filme romântico deles mais dramático na chuva e me fazer morrer de pneumonia!*

Escuto o som de passos aproximando-se e em seguida o rangido da madeira. Sinto-me tentada a espiar e, em passos lentos, me aproximo da porta. Então, quase me fazendo sofrer um ataque do

PERIGOSAS ACHERON

coração, alguém bate na porta e diz:

— Já não está grandinha para brincar de esconde-esconde, Diana?

— Como? — indago, abrindo as portas de uma vez só, fazendo pó ir para todos os lados. Encaro-a, desacreditada. Ela ainda tem a coragem de rir da minha cara! Que absurdo! — Como demônios você sabia que era eu?

— O divino Espírito Santo que não seria, com certeza — responde, sarcástica. — Mulher, só têm duas pessoas no mundo que se importam comigo de maneira tão protetora a ponto de me seguir. Você e aquele cara ali atrás.

— Desconfio... Virou bruxa, só pode! — digo, rindo, embora ainda esteja surpresa que tenha me encontrado.

Nós damos risada com essa cena que é cara de final de filme da tarde e andamos de volta para PERIGOSAS ACHERON

casa. Eu vou direto para a cama, mas não sem antes me entupir de antigripal.

CAPÍTULO 13



NÃO ESTOU PREPARADA PSICOLÓGICAMENTE

O dia ainda está nascendo. Na solidão do meu quarto, olho para o teto branco, mas meus pensamentos na verdade estão longes e se perdem. Minha mente dá voltas ou eu a faço dar voltas, pensando em qualquer outra coisa. Só que, infelizmente, meu pensamento sempre acaba retornando para ele. *Droga!*

Adrian não é, e nunca foi, o tipo de cara para se apaixonar. É do tipo para se viver uma louca paixão. Viver momentos incríveis, surpreendentes e divertidos. Ele não é um amor para a vida toda.

Mas por que inferno não consigo fazer o meu coração entender isso? É tão simples! Se tivesse outra Diana, ela estaria batendo em mim.

Infelizmente, o seu sorriso e as suas provocações são lembranças frequentes, Assim como o humor quase inabalável, a pegada forte, a presença sempre marcante, que me instiga a descobrir o que ele aprontará a seguir. *Estou tornando-me uma idiota!* Estou enganando-me com sua forma de me ler, com o jeito fácil de me levar, sem lutar. É divertido e nunca é entediante.

Poderia ser só divertido, mas NÃO. NÃO poderia ser tão fácil!

O despertador toca, estridente e irritante, tirando-me de maneira forçada do meu devaneio. Levanto, jogo as cobertas para longe e desligo esse treco, batendo a mão no botão que fica sobre ele.

Sento-me na cama para criar a coragem

necessária para sair daqui. Respiro fundo e me impulsiono, levantando de uma vez. Vou até o guarda-roupa e, no ímpeto de abrir a sua porta, acabo pegando junto a minha jaqueta que deixei pendurada. Eu a observo e me lembro do clube, dos rapazes, do Adrian... Como se não fosse o suficiente, ainda sinto o cheiro dele vindo da jaqueta. *Uma clara filha putagem do destino. Tudo me faz lembrar daquele cara.* Tiro-a da porta e acabo segurando-a com uma das mãos, enquanto não consigo deixar de pensar no que ele foi fazer sei lá onde.

Será que ele está divertindo-se agora? Provavelmente... Ah, quer saber? Tanto faz! Em um desejo de fugir desse pensamento, jogo a jaqueta de lado. Faço parte do clube, embora não esteja com vontade de ir lá. Bom, de qualquer forma, vou ter que mandar lavar a seco para não estragar o material. Porém, por hora, vai ficar ali

PERIGOSAS ACHERON

mesmo.

Volto a minha atenção para o guarda-roupa, abrindo de vez para pegar a minha roupa do dia. Não estou com paciência para muita coisa. Escolho uma camisa fina, blusa de lã cinza, calça preta e um salto.

Está bom. E se não estiver, vai ter que estar assim mesmo.

Minutos depois, de banho tomado, vestida e maquiada, desço as escadas e vejo Benjamin ainda de olhos fechados, deitado no sofá, todo esparramado. Seus cabelos estão uma zona e parece que um trator passou sobre o homem. Será que o dia de ontem foi tão ruim ou isso é só por limpar minha casa? *Ah, nem estava tão ruim assim, cara!* Tenho meus pensamentos interrompidos, pois o ser humano, que por um acaso do destino chamo de irmão, me assusta, levantando o braço subitamente

ainda de olhos fechados. Dou quase um pulo de meio metro. *Brincadeira*. Mas meu coração dá um salto.

Volte para onde veio, assombração!

— Bom trabalho, mana! — diz com a voz rouca.

— Está bem. Obrigada — falo, ainda o estranhando devido ao susto. Caminho até a porta e, assim que a abro, Benjamin resolve me chamar novamente.

— Mais uma coisa, Diana. Não se esquece do pão! — fala, alto o suficiente para que não tenha que sair da sala.

— Pão? — indago.

— Sim!

Suspiro e subitamente uma vontade de rir se faz presente. Só tenho que rir mesmo do abuso do

Benjamin.

— Claro, mais alguma coisinha? Sei lá, creme de barbear? — provoco. — Um chinelo, quem sabe cuecas? Sabe, daquelas de bolinhas que sei que você adora...

Escuto o som dele levantando-se do sofá e em seguida o barulho do chão de madeira rangendo sob os seus pés. Benjamin coloca a cara no corredor, como aquelas crianças curiosas, estampando um sorriso traquina de quem vai aprontar.

— Sim, meu amor. Mas não se meta com minhas cuecas — diz, divertido. — Mas o que quero falar não é isso.

— É o que então, Ben? — indago.

— Se ele é tão importante, não o espere voltar — diz, olhando-me com serenidade. Pisco repetidas vezes e o encaro em seguida. Como é que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

é? Ele andou entrando na minha cabeça? Só pode! Ou andei falando dormindo? — Pensei que tinha te ensinado isso.

Olha o abuso! *MEU DEUS, EU ESTOU PERDENDO O JEITO!* OK, vamos ponderar... É o Benjamin. Ninguém me conhece tão bem quanto ele. Respiro fundo, umedeço os lábios e uso minha defesa.

— Ben... — começo a falar, a fim de explicar que ele anda pensando demais e está ficando louco. *Estou fazendo-me de doida? Claramente.* Porém, ele me silencia levantando a mão.

— Xiu! Estou falando! — repreende. — Vai atrás dele, Diana. Nunca vi um cara ser capaz de tirar o seu sorriso simplesmente por não estar no seu dia a dia. Fica a dica, maninha — completa sorrindo e me manda um beijo.

PERIGOSAS ACHERON

Fica a dica? Sério?

Fico estática, apenas o olhando, e então começo a rir. Balanço a cabeça e coloco a minha mão no quadril.

— E como você sai fazendo suposições? Não tivemos nada para início de conversa. Podemos ter desistido antes que...

— Diana, te vi crescer e ensinei boa parte do que sabe. Se fosse só isso, teria ido arrumar outro. Se ele tivesse te irritado, estaria o amaldiçoando. Se fosse qualquer outra coisa que não a falta dele, você conseguiria superar. — Ele boceja e me dá um leve tchauzinho com a mão. — Agora vá trabalhar senão vai chegar tarde. Não esquece do pão. Te amo.

Por segundos, fico olhando para onde ele está. Respiro fundo, falo um mudo “OK” e saio porta afora com um sorriso brotando em meus

lábios. *O cara me conhece mais do que eu queria, mas está bom.* Eu acho. O sorriso segue em meu rosto até chegar ao carro, no entanto, morre logo que penso que, pela primeira vez na vida, eu levei um fora.

OK, não foi um fora, fora. Adrian só me pediu para esperar, mas daquele jeito de quem vai embora para nunca mais voltar.

— Se ele quer ir, que vá — resmungo, teimosa e mal-humorada.

Abro a porta do carro com força, entro nele e deixo o meu corpo cair pesado no banco. Fecho a porta como se não houvesse amanhã. Dou a partida, ligo o rádio e deixo tocando. A batida suave de músicas aleatórias me acalma, mas a calma acaba ao começar a tocar a música do *Shawn Mendes*, para ser mais específica *Bad Reputation*. Bem no momento em que estou passando pela ponte. *Filho*

PERIGOSAS NACIONAIS

da... Claro, essa seria apenas mais uma ponte se eu não tivesse, certa vez, salvado certo suicida safado e sem-vergonha.

Deus, para de brincar! Que palhaçada ficar tripudiando da minha cara! Bato no volante, irritada, e respiro pesadamente. Então, começa a tocar *Crazy* da banda *Aerosmith*.

— Ah, cara! Isso está meloso demais para mim! Poderia escutar a qualquer hora essas músicas, mas não hoje. — Mudo a estação do rádio e acelero o carro, indo para o trabalho o mais rápido que posso.

Preciso pensar em algo útil, é isso. Quando enfim chego ao prédio, estaciono no subterrâneo. O estacionamento está cheio, mas agora tenho minha vaga garantida. *Plena*. Hoje é dia de ocupar a minha mente com qualquer outra coisa... Qualquer coisa que não seja ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bom, ainda estou na sala no setor de *marketing* visual, então não terei muito trabalho no momento, o que não é tecnicamente bom. Na verdade, no momento é terrível! Que droga! Quando não quero trabalhar, tem trabalho até a minha próxima vida! Subo o elevador, repassando os contratos mentalmente, e pondero em repassar algumas outras coisas também. Nisso, passo pelos corredores e entro rapidamente para a sala em que trabalho, sem nem encarar ninguém.

Organizo todas as pastas, documentos e adianto trabalhos. Deixo a porta aberta, esperando o auxiliar trazer mais trabalho. Após fazer todo o serviço, vejo o Lion passando algumas vezes, indo de um lado para o outro... *Modelos ficam mesmo zanzando por aí?* Olho para o relógio e vejo que só passou uma hora.

O dia parece que será lento...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A Nina está grávida, tudo está acertando-se e eu estou aqui na neura. Talvez, deva sair hoje e procurar outra pessoa para me divertir...

O auxiliar entra na minha sala com alguns papéis. O trabalho me chama! Nunca fiquei tão feliz em fazê-lo. Pessoas tentam a sorte a todo momento, só uma vaga, uma chance. A empresa precisando ou não de pessoal, as agências sempre vão indicar pessoas para passar pela pré-seleção e ficar na espera. Claro, isso porque alguns se destacam e vão direto para o teste de cenário.

A naturalidade, charme e habilidade de cativar são itens levados muito a sério por aqui pelo que vi. Isso me fez abrir os olhos para coisas que antes não via. O histórico e algumas coisas, como a forma que se comportam fora das câmeras, são tão importantes quanto, pois tudo pode ir para o ralo. A mídia ainda vai jogar o nome da empresa na lama.

PERIGOSAS ACHERON

Claro, isso é mais problemático enquanto você está construindo sua carreira. Depois de feita, os danos não serão tão severos. Dependendo do que a pessoa fez, óbvio.

Essa busca de trabalhar mais para focar a minha mente me fez contestar. Claro, têm coisas simplesmente erradas de um modo geral, mas têm outras que me fazem pensar. Não só os modelos, mas os famosos em geral, são tratados como se não fossem seres humanos imperfeitos e cheios de problemas. Embora eu mantenha firme a ideia de que têm certas coisas que realmente sujam a imagem da empresa e da pessoa em si.

Nunca faria ideia de todos os trâmites se não trabalhasse aqui, tudo tem algo de produtivo no final das contas. Segundo notei, os chefes da *Infinity* dão uma boa recomendação para cada um dos modelos. *No fim, foi uma boa ideia vir*

PERIGOSAS NACIONAIS

trabalhar nesta empresa com a Nina.

Normalmente, as empresas não possuem muita consideração pelos funcionários. Embora não seja apenas isso, pois também não existem muitas empresas em que o chefe fique tomando a frente de tudo. Seja falando diretamente com os funcionários, envolvendo-se ou tornando-se amigo como se não tivesse nada melhor do que fazer.

No horário de almoço, decido ir à cafeteria de sempre mesmo para comer. Por algum motivo, não estou com muita fome. Por falar em cafeteria... Não vi o Luke e a Nina em lugar algum, nem ouvi falar deles hoje. Normalmente, todo mundo só sabe fofocar que a funcionária vai casar com o gerente Salvatori. Pensei em me distrair, dando atenção a eles, mas parece que nem isso.

Estou saindo da empresa, indo para a cafeteria. Depois que as pir... pessoas distintas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

foram presas, o pessoal está meio estranho. Está tudo calmo demais, estão quase receosos. Claro, elas não seriam tão confiantes se não tivessem pessoas que as apoiassem, ou estivesse envolvidas com elas. Bom, pelo menos eles sabem que as coisas não ficam impunes e aprenderam com o erro delas. Espero.

Vou direto à mesa que sempre sento, no fundo, ao lado da janela. Estou pensando no que irei pedir quando sou surpreendida pela garota que eu estava substituindo no setor de visual. Ela se senta na minha frente, com seu sorriso e cordialidade enquanto me estende a mão. A garota tem cabelos bem-cuidados e olhos brilhantes. É bem vaidosa e meticulosa com a aparência, mas não parece ser uma vag... Tomo por não a tratar de maneira ríspida sem conhecer, então suavizo o meu olhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá, não cheguei a me apresentar corretamente. Meu nome é Marceline. Venho te avisar que já terminei de instruir a sua amiga Nina, assim logo voltarei para a minha função. Imagino que o chefe já tenha te passado tudo isso, mas venho agradecer pelo bom trabalho, não deixou pendências ou desordem. Na realidade, fiquei admirada que praticamente acabou com todo o trabalho, só ficou aguardando os novos.

— Ah, fico satisfeita que tenha gostado, mas fiz apenas o que me foi mandado — falo, correspondendo ao ar cordial, e estendo a minha mão para finalmente cumprimentá-la. — De qualquer forma, obrigada por disponibilizar seu tempo e vir me avisar. E ainda me elogiar.

— Não há de que! — diz, animada. — Fiquei sabendo que conseguiu uma promoção devido ao bom desempenho, meus mais sinceros parabéns.

PERIGOSAS ACHERON

Bom, eu vim rapidinho só para dizer isso mesmo. Desculpa incomodar. Não costumo ser tão invasiva. Estou indo. Tenha um ótimo dia!

— Obrigada. Você também... — Foi somente isso que consegui dizer, pois ela rapidamente se levanta e sai. *Talvez não esteja com cara de bons amigos hoje. Por isso a fiz sair correndo.*

Não demora para que a garçonete se aproxime para anotar o meu pedido. Acabo pedindo apenas um café com leite, um lanche e uma garrafinha de água mineral. Enquanto espero, olho algumas coisas no celular, notícias de filmes, séries, *animes* e *mangás*, atualizando-me, já que fazia algum tempo que não procurava sobre. Quando menos espero, o pedido chega e o aproveito. Sem qualquer interrupção. Ao terminar, bebo um pouco de água e encaro o meu prato

refletindo. *Sem interrupções.* Penso, com saudade.

Balanço a cabeça, afastando os meus pensamentos, me levanto e vou pagar o meu pedido. Tomo o meu caminho de volta para a empresa. Irei pegar apenas as minhas coisas, já que a sala voltará para a verdadeira dona. O dia acaba e não encontro novamente o Lion, ou qualquer pessoa.

Pego a caixa com minhas coisas, entrego os trabalhos finalizados ao auxiliar e a chave da sala ao segurança. Vejo alguns modelos novos com os seus corpos cheios de tatuagens e volto a pensar no Adrian. Embora ele pareça um jornal de rock, nunca parei para analisar mais do que sua tatuagem no rosto com o número 21 abaixo dos olhos. Antes de ir embora, procuro no celular o que poderia significar essa tatuagem. Aparece que é número transformador, algo relacionado ao espiritual.

PERIGOSAS NACIONAIS

Número da sorte, isso parece ser a cara dele. Ainda aparece coisas sobre amor.

Até que a busca me mostra algo sobre um estudioso. *Peso da alma*. Curiosa, clico para entender melhor. Leio que isso começou no Egito antigo, com o deus da morte, Osíris. Ele colocava o seu coração em uma bandeja de uma balança e do outro lado uma pena. Se a alma fosse livre de qualquer pecado, seria mais leve que a pena. *Algo bem doido para se acreditar, convenhamos, mas continuo*. Segundo a matéria, na crença é assim que Osíris saberia que a pessoa estaria apta a entrar no paraíso. Caso a alma fosse cheia de atos ruins, seria mais pesada que a pena. Assim a pessoa de alma ruim, podre e/ou pecaminosa seria ofertada para um deus monstruoso que a devoraria.

Na matéria, encontro também falando sobre o filme *21 Gramas*, de 2003. Ele foi baseado nessa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ideia de que a alma tem peso. Vinte e uma gramas é o número exato e muitos concordam que esse número é usado como uma licença poética para falar sobre a ideia de que a alma possui um peso. Já que a origem dessa história aconteceu um século antes, tornando-se fonte de inspiração para diversos artistas e pessoas que se interessam.

Duncan MacDougall foi o médico que surgiu com essa ideia. Ele colocou pacientes em estado terminal em uma cama enganchada em uma balança e, quando os pacientes morriam, ele relatava uma perda de peso de 21 gramas.

Logo depois no texto, falava algo sobre cachorros não possuírem alma, mas foco na teoria das gramas. Isso me deixou intrigada. Adrian sempre sorri, é um completo louco, mas também carrega um ar triste, assim como na ponte. *Será que perdeu alguém muito importante e ficou louco?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No caminho de casa, passo na padaria para comprar pão, por fim acabo comprando queijo e presunto também. Ninguém merece comer pão puro ou sempre comer pão com geleia. Ainda aérea com os meus pensamentos, chego em casa. Após estacionar o carro, entro carregando a caixa das coisas do trabalho e a sacola da padaria. Algo me deixa instigada, acho que é porque esta casa não parece minha. O cheiro de limpeza me surpreende. Coloco a caixa sobre a mesa que fica perto da porta. Minha casa não é suja, mas também não é um exemplo de limpeza, admito.

Sem nada em mãos, vejo que por incrível que pareça está mais limpa do que quando eu limpo. O chão está encerado e brilhante, os móveis estão sem pó, teto sem nenhuma teia de aranha e flores em alguns vasos. Até mesmo aquele cheiro do dono da casa, sempre tão único e próprio de cada lar, se perdeu.

PERIGOSAS ACHERON

— Hum... — digo enquanto ando pela casa, reparando que parece que entrei em um lugar novo. Vou direto para a cozinha e encontro Benjamin fazendo café. — Ben, aqui está o pão. Trouxe queijo e presunto também. O que houve aqui? Que bruxaria foi essa?

— Resolvi arrumar para você — fala, dando de ombros, e abre a sacola, pegando as coisas de dentro e arrumando-as na mesa.

— E eu pensando que trabalhava com outra coisa... — comento, roubando uma fatia de queijo.

— Só aceita, Diana — diz Ben, rindo.

— OK. Valeu, mano — falo em um tom de tanto faz, mas me preocupo se não tem algo errado.



Passou uma semana e estou exausta de pensar no Adrian, cansada de tentar adivinhar o que ele está fazendo. Estou sentindo-me solitária. Não

PERIGOSAS ACHERON

sabia nem o que era sentir isso por causa de homem! Sempre estive muito bem em estar sozinha. Até chego a sentir um tanto de inveja da Nina e do Luke devido à felicidade e sorrisos deles enquanto curtem a gravidez.

É sexta-feira. Mal me reconheço. Nunca fui dessas pessoas! Mesmo que o Adrian não seja o tipo de cara para se amar, eu também não sou desse tipo de pessoa! Nunca sequer fiz questão disso. Não sou o tipo de ficar em casa lamentando-se, sentindo saudades, negando-se, enrolando. É, é isso! Por isso que não estou reconhecendo-me! Não sei o que está acontecendo, mas isso acaba agora. Se o Adrian não vem até mim, irei até ele.

Procuro o chefe e o notifico que estou com um problema familiar, que terei que me ausentar segunda. Ele me olha de rabo de olho, mas apenas concorda com a cabeça. Saio da sala dele, vou até o

meu carro e dirijo em direção ao aeroporto.

Ainda no trânsito, ligo para o Lion e no primeiro toque ele atende.

— *Oh! Quem é viva sempre aparece! Estava esperando a sua ligação, Diana.* — Escuto a voz de divertimento dele e reviro os olhos.

— Muito engraçado, Lion. Fala logo onde encontro aquele filho da... mãe — falo, impaciente.

CAPÍTULO 14



FOI BOM TE VER, MEU AMIGO

ADRIAN

Uma semana atrás, no beijo de despedida...

Por toda a viagem, Diana ficou em silêncio. A cada vez que chegávamos mais perto da sua casa, meu corpo parecia pesar mais. É difícil e não deveria ser. Sempre fui ótimo em sair da vida das garotas, por que com ela seria diferente? Não sei por que me incomoda tanto, pois vou voltar.

— Valeu, Adrian. Foi divertido e obrigada

pela carona — diz ela com o seu olhar frio, virando-se em fortes e determinadas passadas.

Não!

Algo dentro de mim se revira e o meu corpo age mais rápido que os meus pensamentos. Seguro a sua mão e ela para, como se pensasse em algo. A única coisa que eu quero é que ela não me deixe. Sinto o que há muito tempo não sentia. Não sei explicar. É como se uma parte de mim estivesse sendo arrancada, rasgando a carne e o meu coração a cada passo dado.

Olho-a ainda de costas para mim, seus cabelos curtos estão bagunçados. Não posso ver o seu rosto agora, mas ele sempre tem uma expressão de quem está tramando algo. A vida me ensinou que o mundo e os amores não são flores delicadas. Na verdade, são na maioria das vezes banhados em sangue. Diana não se abre e imagino que tenha

aprendido suas próprias lições com a vida.

Em todo caso, estou acostumado a perder coisas que são importantes para mim. Por essas e outras que me tornei o tipo certo de cara errado, por isso é difícil vê-la se afastar. Ela não briga, não luta, claramente veio o caminho todo destinada a me deixar ir como se eu nunca mais fosse voltar. Ela não sabe, não faz ideia, mas algo em mim grita o quanto não quero perdê-la.

Não estou sentindo-me eu mesmo. Preciso resolver isso. *Diaba, olha para mim. Vira para cá.* Não posso te forçar, você tem que querer desta vez. Não siga o mar, não sobreviva e siga em frente.

Venha para mim. Por favor...

Sem me decepcionar, ela se vira e vou feroz ao seu encontro. Envolvero-a em meus braços e a beijo, invadindo a sua boca, sentindo desejo e saudades antecipadas. Nunca senti algo assim

antes, mas espero que Diana consiga entender pelo menos um pouco através deste beijo.

Afasto-me. Dói, mas vou embora sem olhar para trás. Vou porque realmente preciso. *Eu volto, Diana. Mas tenho coisas para resolver.* É o que queria dizer, mas não consigo. Minha voz não sai e não sei se olhar para trás conseguirei ir. Vou invadir a casa dessa mulher e agarrá-la como ela merece.

Piloto direto para o ateliê do meu avô. Ligo o rádio do celular e uma música que já estava tocando parece boa o suficiente para me manter animado. Só que ao entender a sua tradução, paro, sento no chão mesmo e rio como um completo idiota. A princípio, achei o embalo realmente popular, agradável, mas a letra entrou pelos meus ouvidos e simplesmente alguma coisa fez sentido. *Say You Won't Let Go*, do James Arthur. Uma

música que tem tocado para todos os lados foi capaz de explicar o que eu senti.

A que pontos chegamos? Levanto-me e vou trabalhar. Tenho muito trabalho a fazer e coisas para resolver. E, principalmente, tenho que encontrar alguém.



Passa uma semana e eu ainda estou sem conseguir deixar de pensar no dia em que deixei Diana. Embora ela tenha feito pouco caso quando disse que iria viajar. *Sei que fui mal interpretado.* Porém, não importa, está tudo bem. Eu vou arrumar um jeito. Só tenho que descobrir como conquistar aquela mulher diabo.

Onde ela estiver, pode ser no trabalho, com os amigos ou até com outro cara. Quando voltar, e eu vou, ela será minha. Vou marcá-la a ferro quente, se preciso. Assim como Diana marcou o

PERIGOSAS NACIONAIS

meu coração. Na verdade, a diaba luta contra, mas já é minha. O desafio é este: preciso que ela entenda, que não negue usando como sempre um das suas artimanhas, com aquele sorriso endiabrado ou tom de tanto faz. Vou persistir, afinal, ela é daquelas pessoas... Daquelas que não podemos deixar para trás, simplesmente não dá. Diana vale a pena.

Porém, antes de qualquer coisa, tenho que encontrar alguém que também não conseguia — e não consigo — deixar para trás, mas a vida nos colocou de lados opostos.

Já estou arrumando a minha bolsa enquanto todos estão fora, menos o meu avô. Ele para na porta do meu quarto bem no instante que estou colocando a minha mochila nas costas. O velho olha para mim e estreita os olhos, só para em seguida sorrir e sair do caminho, dando-me

PERIGOSAS ACHERON

passagem. No momento que passo por ele, coloca a mão no meu ombro e sou eu que sorrio com um silencioso “estou bem”. Meu avô ri e responde da mesma forma “eu sei”.

Quando já estou em Milão, onde nasci e cresci, acabo divagando, afinal aqui a moda reina. Tornar-me alfaiate como meu avô foi natural, embora nunca tenha sido o plano inicial, começou como brincadeira... Mentira. Foi um jeito de conseguir dinheiro, mas no fim virou profissão. Aqui a rotina é louca e caótica, fora a responsabilidade e cobranças que me irritam.

Arte é se entregar à inspiração. Trabalhar por obrigação é a morte da arte! Milão é um mundo voltado para o que se pode ver e expressar. A Itália em geral tem muitos artistas que viveram e vivem os delírios mais lúcidos enquanto criam sua arte contemporânea. Gosto da arte, das emoções que

PERIGOSAS NACIONAIS

transbordam em mim. No entanto, não consigo mais viver aqui. Mesmo que o cheiro familiar, tão característico, o sol se pondo, fazendo as luzes e sombras brincarem entre si, sejam nostálgicos. A minha mente retorna para ela, dando-me mais motivos para me perder em pensamentos. Engraçado eu estar aqui por causa dela.

Quem é ela? Aquela que pensei que não existisse... Diana. Intensa e contrastante. Se eu fizesse uma tatuagem inspirada nela, seria algo como uma obra de arte. Dramática, sádica, alucinante e inebriante. Afinal, tudo poderia ser divertido, fácil, mas a diaba faz drama. Eu faço as minhas tramas para envolvê-la, para vê-la cedendo, entregando-se e, claro, tinha que me apaixonar.

O cenário pode ser caloroso ou frio, tudo depende da perspectiva. Há cada segundo podemos ter uma diferente. Isso é uma forma de tentar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expressar tudo que este lugar causa em mim e as emoções que me trouxeram aqui. Um contraste. Tudo que já vivi aqui me fere por simplesmente recordar dos momentos bons e ruins. Enquanto olho para trás e recordo dela, sigo com um sorriso tentando brotar em minha face ao me lembrar do dela enquanto deliberadamente me provoca.

O dia escurece, dando lugar à noite. Estou a cada quilômetro mais próximo do meu destino, o motivo de estar aqui. *Nicola*. Sinto-me um maldito filho da puta por não ter vindo antes, nem sequer para visitar. É que me lembrar dói demais. Mas é isso, já que estou aqui. Não serei forte, até porque tudo que sinto é justificado, me negar o direito de ser fraco é uma hipocrisia. Tudo aqui neste lugar faz com que eu me lembre de coisas que deveriam ficar apenas como recordações de um passado distante. É o que disse a mim mesmo tantas vezes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ver Diana com sua amiga, a forma como reagiu ao orfanato, a nossa entrega no *cyber* café, me serviu como um soco certo na boca do estômago e um chute no saco. Eu estava fugindo do meu melhor amigo, negando-o. O propósito que escolhi para minha vida de alguma forma se voltou para mim. Tive um amigo como a Diana e a sua amiga Nina.

Risos, brigas, loucuras, broncas, travessuras, paixões sem futuro por pessoas que não valiam. A maior desilusão da minha vida foi naquele dia. VOCÊ ERA IMORTAL, PORRA! TINHA QUE SER! Mas não foi...

Mantenho a expressão de louco, pois assim é mais divertido e eu sei que todas as mulheres preferem assim. Só que o palhaço chora quando ninguém vê, ele sangra e morre também. Assim como todos vocês. No entanto, admito ser chamado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de delinquente, safado, marginal, cachorro e todo errado. É o resultado de não me arrepender de nada. Acho justo.

Após as horas de viagem, paro no mercado e como alguma coisa, já que é próximo ao meu destino. Logo depois, compro uma garrafa de *whisky* e alguns maços de cigarro e os coloco em uma mochila, voltando a colocá-la em minhas costas. Meus olhos procuram alguma luz e acabo olhando para o céu, que já está escuro. *Essa hora já deve estar fechado, mas isso nunca importou. Não é, Nicola?*

Retomo o meu caminho em minha moto. Quando chego mais perto, deixo a moto a um quarteirão do cemitério. Tudo para o velho coveiro Adam não se dar conta da minha presença. Sigo todo o resto do caminho a pé e paro diante do portão do cemitério. Reparo que ele está maior do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que da última vez que vi, mais bonito e vistoso. *Frescura. Todos aqui estão mortos; e os vivos estão tristes demais para reparar.*

— Um portão fechado, algumas correntes e cadeados nunca nos parou — digo com um sorriso no rosto. Olho adiante e vejo que só a frente e os lados foram refeitos. Suponho que seja onde estavam as árvores, provavelmente deve estar com as mesmas de antigamente.

Aperto a mochila em minhas costas e dou a volta, escutando o som das corujas em meio a escuridão, provavelmente me observam atentas. Também ouço o barulho dos ratos e mais ao longe, de carros. Como se estivessem em outro mundo, ou também eu esteja. No fim, quando estou dando a volta, descubro que não preciso sequer ir para trás do cemitério, pois encontro um portão pequeno na lateral.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Faz uns anos desde a última vez. Vamos ver se ainda consigo — murmuro para mim mesmo, pegando dois alfinetes que enfeitam a minha jaqueta e abrindo-os. Abaixo-me para abrir o portão e, para a minha surpresa, ele já se encontra aberto.

O velho está aqui? Bom, é melhor eu me apressar. Entro e encosto o portão assim que passo por ele. Ando apressado, passando pelos túmulos, estátuas de anjos tristes e mausoléus. Em pensar que nós vínhamos aqui à noite só para beber, porque achávamos que isso nos deixaria com um ar legal de garotos perigosos. *Babacas*, penso com amargura.

Escuto o som de grama sendo pisada. Ficaria preocupado se não soubesse que o velho está por aí. Sem falar que todos os outros aqui não estão vivos para pisar em grama alguma. Está muito cedo para os mortos-vivos saírem de seus túmulos. Bom, em

PERIGOSAS ACHERON

todo caso, me escondo atrás do mausoléu da família Vincenzo, dificilmente Adam vem para esse lado. Ele não gosta de chegar nem perto do túmulo das pessoas da máfia, mas não custa nada evitar ouvir merda do velho coveiro.

O túmulo de Nicola está a poucos metros de mim, apenas mais uma curva e chegarei nele. A constatação me faz engolir em seco, mas continuo, sem parar de andar. Caminho em sua direção e coloco a mão no bolso, relaxado, como se realmente fosse encontrá-lo aqui, fumando e bebendo com seu ar de deboche de sempre.

Fecho os meus olhos para evitar suspirar e que alguma lágrima escape. Paro diante da lápide, vendo-a limpa e com flores ainda vivas em um vaso à esquerda. Puxo o ar com força e coloco a mão sobre a lápide, sorrindo.

— Hey, cara! Quanto tempo! — falo, dando

tapinhas na lápide. — Estava me esperando? Vim te ver! Trouxe bebida e cigarros!

Sento-me na grama ao seu lado e puxo a mochila para o meu colo. Tiro dois copos e o *whisky*. Coloco diante da lápide e nos sirvo em seguida. Pego o meu e bato de leve no dele, brindando. Viro a bebida em seguida, deixando o líquido âmbar me esquentar e queimar por dentro.

— Sabe, Nicola, um dia desses estava em uma ponte aí, vendo o nascer do sol após uma noite muito louca e pensei em você. Lembro-me quando nos conhecemos. Cara, aquela porrada que você me deu, doeu! Não sabia que era tua namorada, nem que daquela outra vez era a sua irmã. Bom, não nos demos muito bem à primeira vista. Na verdade, nem na segunda, mas viramos melhores amigos.

Acabo rindo sozinho dessa recordação.

— Aprontávamos na escola, não é? Sabe,

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre dou muita risada ao lembrar e isso também não me deixa te esquecer — digo com pesar, levando a mão à tatuagem no meu rosto.

Pego de dentro da mochila o maço de cigarros e o abro, pegando um e acendendo-o. Faço isso duas vezes e coloco um deles em pé no túmulo próximo ao copo e o outro eu mesmo fumo. Após tragar o cigarro, me inclino um pouco para trás, sentando-me mais confortável.

— Hey, amigo. Lembra da nossa aposta? É, parece que perdi. — Dou uma risada sem graça. Olho para o céu, que está bem iluminado, mas sem ver nada na realidade. — Encontrei alguém. É, ela me faz muito bem. Também me deixa louco. Às vezes, me lembra de você. Várias vezes quero mandá-la para o inferno devido à sua personalidade. Acho que se sentiria em casa, vê alguma semelhança? Falávamos algo parecido, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sério... Queria falar cara a cara para você que eu perdi, amigo. Perdi. Porém, estou feliz em perder. Porra, nunca pensei que falaria isso!

De dentro da bolsa, tiro algumas flores meio murchas e as coloco dentro do vaso junto com as novas. Sinto uma onda de dor dilacerar o meu peito ao ver nossa foto juntos em seu túmulo.

— Acho que não nos encontraremos tão cedo, mas se você estivesse vivo, eu ia querer que conhecesse ela, então me entenderia. Só não valeria se tentasse roubá-la de mim, eu seria obrigado a te dar alguns socos. — Dou mais um trago no cigarro e solto uma risada seca. Apago o cigarro dentro do meu copo vazio. — É hora de ir. Estar longe dela me faz pensar mais ainda naquela diaba. Vou passar a noite nos meus velhos e voltar para ela amanhã.

Levanto-me e me despeço, colocando a mão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre o túmulo.

— Fique bem. Saudades, meu amigo. Espero que tenha encontrado a paz.

Abaixo-me e pego a minha mochila, afastando-me para ir embora. Quando estou a poucos passos do portão, dou de cara com o velho coveiro e tomo um susto. Ele está ainda mais velho do que me lembrava, de braços cruzados, encarando-me feio com a sua cara pálida.

— Sabia que só poderia ser você — acusa.

— Claro que não. Muita gente vem a um cemitério de noite para beber e fumar — respondo, sarcástico.

— Você não mudou nada, garoto. Muito bem, pode ir embora. Não vou brigar. Há muito tempo não brigo mais, nem tenho mais energia para correr atrás de crianças — diz, dando-me passagem.

PERIGOSAS ACHERON

Os anos passam e ele cada vez mais parece uma alma penada.

Volto para a minha moto e agora me resta ir para a casa dos meus pais. Espero que estejam em casa. Desta vez, sem pressa, piloto até lá. No caminho, percebo que nada mudou de fato. Nem a quadra de esportes que frequentava. Somente os rostos da molecada que fica na rua de noite mudaram, nada mais além disso.

Sinto-me nostálgico, ainda que cabisbaixo. A casa dos meus pais fica mais afastada, longe dos prédios. Assim que chego perto, vejo a sombra de pessoas na frente da casa. *O que está acontecendo aqui?* Intrigado e curioso, acelero. Vejo o meu pai, minha mãe e... Diana? Estranho e o meu rosto se contrai em surpresa. Um alívio e felicidade me tomam de assalto quando vejo um sorriso nascer em sua face ao me ver. O sorriso esperto e com ar

de deboche, tão característico da minha diaba.

Acho que ganhei uma nova e viva lembrança deste lugar.

Estaciono a moto na frente da casa e desço, tirando a chave da ignição e o capacete. Caminho pela trilha de tijolos vermelhos. A casa deles não mudou nada, o caminho de tijolos, as paredes de pedras em um estilo elegante/tradicional, que gerou muitas brigas entre meus pais com gostos opostos. Não parece que estou longe faz tanto tempo após ver a casa. O que me mantém no tempo atual é alguém que só apareceu no meu presente, e espero que apareça no futuro.

Aproximo-me, mas antes de falar algo a eles, é a minha mãe a primeira a falar.

— Você fez mais tatuagens? Você está mais magrinho! — Ela se aproxima de mim e me aperta, puxando minha roupa para verificar o quão tatuado

e magro estou.

Olho para o meu pai em uma súplica silenciosa, enquanto respondo a minha mãe:

— Mãe, sempre fui assim...

— Está me dizendo que sempre foi desnutrido? Eu sou uma péssima mãe?

Oh, merda! Por que mulher sempre inverte as coisas e faz tudo ficar tão dramático?

— Não, mãe. Você é uma mãe maravilhosa — falo, buscando apaziguar a situação.

Meu pai toma a frente e a puxa para um abraço, afastando-a e levando-a para dentro.

— É, querida, você sempre foi uma ótima mãe! Não coloque caraminholas na cabeça.

Antes de ele sumir de vista, meu pai olha para mim de um jeito significativo. Em seguida, diz sem emitir nenhum som “cuida bem da menina”.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ergo uma das sobrancelhas e a olho. Este é o momento em que um silêncio recai sobre nós. Ela está linda como sempre. Sua boca esperta está quieta, o que me preocupa. Só que não me importo, eu a quero. Só não sabia que a veria tão cedo. Meu corpo se move por vontade própria, dando um passo a mais em sua direção, e a puxo para os meus braços, passando a mão pela curva da sua cintura e pousando na bunda.

— Sentiu minha falta tanto assim? — Sorrio, divertido, provocando-a. Essa é a melhor forma de comunicação que temos. — Eu falei que iria demorar.

— Não se ache tanto assim. Você nem é tudo isso... — alfineta, divertida.

— Que absurdo! Eu sou tudo isso e muito mais! Sei que não resiste a mim... — Sorrio, levando uma das mãos ao rosto dela. Sinto o calor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da sua pele macia contra a minha mão, que me faz sentir tão bem. Vê-la assim depois de uma semana me faz agradecer a Deus por fazer essa Diaba tão perfeita para mim.

— Faz um mês desde que estava naquela ponte. E agora... sumiu por uma semana. — Ui. Ela parece sincera. Terreno perigoso. Sorrio. — Fiquei preocupada que tivesse conseguido se matar! Sem falar que minha menstruação está atrasada, não quero ser mãe solteira.

Eu paro de sorrir, surpreso, e a olho estático. Meu coração perde seu compasso. COMO É QUE É? A menstruação atrasou? Como assim, atrasou? Calma, Adrian. Existe a possibilidade de ser uma piada de Deus comigo. Mas e se não for? Como é que vou cuidar de um bebê se eu não cuido nem de mim? E, para piorar, se não tenho controle nenhum sobre essa mulher?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 15



MATANDO A SAUDADE

Ainda estou no trânsito com o Lion na linha. Ele fica em silêncio e eu puxo o ar com força, soltando da mesma maneira em seguida. Estou impaciente e inquieta, fazendo com que o curto silêncio pareça uma eternidade. *Porra de homem cheio do mistério e drama.*

— *Interessante... Nunca te vi tão agitada.* —
Escuto a sua risada do outro lado da linha e reviro os olhos, impaciente com a provocação deliberada.

— Fico feliz que esteja se divertindo, ou não.
Anda, Lion, sei que você sabe onde ele está. Abre o

bico logo e me diga sem rodeios. Por enquanto estou parada no trânsito, daqui a pouco ele volta a andar. Não tenho tempo a perder.

— *Nossa, como é nervosa.* — Reviro os olhos novamente, bufo e nego com a cabeça. — *OK, Diana. Acho que ele finalmente criou vergonha na cara. Bom, provavelmente o encontrará em Milão, na casa dos pais dele. Te mandarei o endereço por SMS.*

— OK, obrigada. — Ameaço afastar o celular da orelha para desligar, mas escuto a voz do Lion chamando.

— *Diana?*

— Sim?

— *Que bom que se deu conta. Valorize isso, pois a vida não tem hora nem dia para dar adeus. Pense nisso.* — Sua voz está mais melancólica e me pergunto o que aquele cara já viveu, mas então

ele desliga.

O SMS de Lion chega pouco depois e o trânsito volta a fluir. A ida até o aeroporto internacional *Galileo Galilei* é tranquila. Sim, vou até o aeroporto. Não quero dirigir por quase cinco horas até Milão. Vou pegar um avião mesmo e chegar duas horas antes do que levaria de carro descendo em Milão-Linate. Por falar em carro, deixo-o no estacionamento e pago um “pequeno” valor para deixá-lo até segunda. *Espero que seja o suficiente.*

Caminho apressada para dentro do aeroporto e vou diretamente ao guichê para comprar a passagem para o próximo avião. A atendente me olha estranho, então fixo meu olhar no seu e ela se foca no trabalho, constrangida. Sinto-me preocupada se não tiver como ir nele, pois o avião seguinte pode demorar muito, mas fico mais

tranquila quando ela confirma o assento. Agora, só me resta ficar na espera do meu avião. Decido tomar um café ou comer alguma coisa na cafeteira, então me encaminho para a mais próxima. Inquieta, me sento em um banco. A garçonete me atende e não demora para meu café estar diante de mim.

Encaro-o e só agora me pergunto: o que vou dizer ao Adrian? Admitir que senti a falta dele está fora de questão. Mas não é só isso. Até onde o quero na minha vida? Se for para escolher, não saberei responder. Não gosto muito de pessoas na minha vida. Se me perguntarem sobre as que tenho, direi que não escolhi isso. Aconteceu. Ou pior, o quanto quero fazer parte da vida dele? Claro, se tivermos um relacionamento sério, irei fazer muita parte.

Mas também tem o principal.

Tenho que admitir para mim mesma o que

sinto. Tenho que admitir para ele com sinceridade. Se não admitir, vou me sabotar em algum momento. *Eu me apaixonei por aquele cara, enquanto não procurava nada sério.* Não procurei em momento algum a minha alma gêmea e Adrian está longe de ser isso.

Ele é o que tem que ser, assim como eu. Estamos bem assim. Isso é o suficiente para mim.

Bom, pensei isso até ele falar que tinha que viajar. E se Adrian decidir que não irá voltar? Sou eu que vou sofrer. Nada mais justo que estar aqui agora, indo evitar o meu sofrimento. Certo? Certo. Sem arrependimentos. Tudo em panos limpos, com meu cérebro e coração.

Se não der certo, não deu. Pronto e fim. Sem choro ou drama.

Na grande tela aparece que o meu voo acabou de chegar, então me levanto e vou pagar o café,

apressada. Encaminho-me em passos rápidos até a sala de espera. Quando enfim sou instruída para embarcar no avião, obedeço. Seria uma grande mentira se dissesse que não estou sentindo-me nervosa e ansiosa com o que virá a seguir.

Penso muito e geralmente falo pouco. O Adrian é como uma plateia, assistindo ao show de horrores e amores ao seu redor, com a maior naturalidade, aproveitando o caminho e divertindo-se. Ele não se contém e, vez ou outra, invade o show, fazendo o que acha certo. Vive a vida como acha melhor, mesmo que seus olhos carreguem uma dor que não consegue esconder, por mais que tente.

Francamente, Adrian parece ser mais emotivo que eu. Ao mesmo tempo, não faço ideia do que se passa pela sua cabeça. Ele é uma das pessoas mais caóticas que já conheci, não é uma pessoa que se

possa ler. Se for sincera, estou parecendo uma louca também, saindo para uma viagem para Milão a esta hora, ainda mais para ir atrás de um cara problemático de vinte e um anos. Além disso, chegarei tarde na casa de pessoas que nem fazem ideia de quem sou. Estou apenas com meus documentos, celular e só.

*Se perdi o pouco juízo que tinha?
Completamente.*

Esses pensamentos me ocupam a mente e, quando menos espero, o avião já está pousando. A aeromoça agradece pela viagem e todo aquele blá, blá, blá. Ao sair do avião, sinto aquela estranheza com o lugar, mas não dou muita vazão à sensação. Ando apressada para a saída do aeroporto e o vento fresco e úmido de Milão me recebe, bagunçando um pouco meus cabelos.

Tento controlá-los um pouco e acabo vendo

onde estão os táxis. Apresso-me e entro no mais próximo, dando o endereço do meu destino. O taxista liga o rádio e mantenho a minha atenção na música por todo o trajeto. Até que ele para diante de uma bonita casa, com paredes decoradas com pedras, um lindo quintal bem-cuidado de gramas, que possui uma varanda no estilo colonial.

Pago o taxista e me viro para a casa novamente, saindo do táxi. Respiro fundo quando dou os primeiros passos em direção à entrada. Um farol de um carro me ilumina e me viro para ele, surpresa, protegendo os meus olhos.

— Querido, temos uma moça na frente de casa. Será que houve algo com o nosso Adrian? — Escuto a voz de alguém falando de dentro do carro, pois estão próximos o suficiente. *Pelo menos tenho certeza de que aqui é o lugar.*

Escuto o som de uma porta sendo aberta e

alguém saindo do veículo.

— Desculpa, mas em que podemos ajudar, senhorita? — Embora a luz incomode a minha visão, vejo a silhueta de um homem.

— Olá, desculpem o incômodo. Sou amiga do Adrian. Fui informada de que o encontraria aqui, pois ele iria vir visitar vocês — explico.

— O ADRIAN ESTÁ VINDO? — indaga a mulher, surpresa. — Você tem certeza? Ele não voltou para casa desde que foi trabalhar para o avô.

— Bom, isso foi o que me foi informado — digo.

— Querido, vá guardar o carro!

— Sim, querida... — O suspiro do homem é tão alto que, mesmo a essa distância, posso ouvir, isso só me faz querer rir.

— Desculpe a nossa bagunça. Hoje foi dia de

folga do meu marido e o tempo estava agradável, então aproveitamos para passear. — Ela parece uma mulher jovem, embora tenha mais idade. O seu ânimo parece de uma moça de quinze anos. Ela se aproxima de mim, mas parece se dar conta de que esqueceu algo. — Oh, nossa! Esqueci a chave de casa dentro do carro. Como sou distraída. Querido!

O senhor de uns cinquenta anos, no máximo, vem andando com as chaves em mãos.

— Está procurando isso? Sinceramente, mulher.

— Não comece com as suas chatices.

A divertida relação dos dois é atrapalhada pelo som do ronco de uma moto. Eu sei exatamente quem está nela, pois meu coração acelera e revira em meu peito. No entanto, espero que o Adrian não pense que vou facilitar para ele. Quando está

PERIGOSAS NACIONAIS

próximo o suficiente, noto que parece surpreso ao me ver aqui. O que me provoca um sorriso travesso nos lábios quando uma ideia brota em minha mente.

Após falar com a sua mãe, praticamente sendo revistado por ela para saber de suas novas tatuagens e quantos quilos perdeu, Adrian, com o talento de piorar as coisas, deixa uma frase mal colocada escapar, fazendo com que sua mãe pense que é uma péssima mãe. O pai do Adrian a leva para dentro de casa enquanto tenta amenizar a situação.

Um silêncio recai sobre nós assim que ficamos sozinhos. Ele me olha e me analisa enquanto apenas o observo. Esse é homem que me vejo apaixonada é tudo aquilo que não imaginei, mas muito mais do que poderia supor. Adrian vem até mim e passa a sua mão pela minha cintura,

PERIGOSAS ACHERON

deslizando-a em uma carícia até a minha bunda, como se fosse algo natural.

Na verdade, até é quando se trata dele. Algo diferente disso seria estranho.

— Sentiu minha falta tanto assim? — Sorri, divertido e provocativo. — Eu falei que iria demorar.

— Não se ache tanto assim. Você nem é tudo isso... — alfineto. Sinto-me feliz em implicar com ele depois desse tempo. Nunca me senti tão infantil e ao mesmo tempo feliz.

Isso tudo é louco demais para mim. Até meloso demais, porra.

Encaro seus olhos bem de perto e sinto o seu perfume. Observo o seu sorriso sem-vergonha e meu coração me trai. Bate rápido como louco, desejando beijá-lo, demonstrando toda a falta que esse infeliz me fez passar. Além de desejoso, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coração traidor chega a ser sincero demais perto do Adrian, como nunca vi.

Só espero que esse cara jamais desconfie disso. *Que merda! Esse negócio de estar apaixonada é um saco! Tome pertinência, Diana!*

— Que absurdo! Eu sou tudo isso e muito mais! Sei que não resiste a mim... — Sorrio. *Obrigada por ser quem é Adrian.* Convencido, ordinário, safado, sem-vergonha, salafrário e cretino. Agora é hora de ser quem sou. Obrigada, pois você me inspira a ser mais eu. Sem tantos pensamentos melosos.

— Faz um mês desde que estava naquela ponte. E agora... sumiu por uma semana. Fiquei preocupada que tivesse conseguido se matar! Sem falar que minha menstruação está atrasada, não quero ser mãe solteira — digo, fazendo drama.

Vejo-o parar de sorrir, surpreso e estático.

PERIGOSAS ACHERON

— Diana, isso é verdade? — indaga com a voz séria.

— O que você acha, Adrian? — Olho para ele e o vejo tremer. — Eu brincaria com uma coisa dessas?

Adrian me solta do abraço, parece pensativo e desestabilizado. Anda até os degraus da varanda, se senta lentamente e tenta absorver a informação. Leva as mãos a cabeça, abaixando-a e parecendo estar desesperado. Mordo os meus lábios para não rir.

— Pensou o quê? Vim atrás de você porque achei que iria querer saber que será pai. — Vou em passos calmos até os degraus e me sento ao seu lado. Porém, deixo minhas pernas esticadas e apoio o meu peso em meus braços, inclinando-me para trás para olhar para o céu.

Dou um drama para a situação, como se

PERIGOSAS ACHERON

Adrian já não estivesse sendo dramático. Ele levanta a cabeça e se vira para mim. Está sério e preocupado, provavelmente com a mente a mil. Sincero e livre de todos nossos jogos, ele responde:

— Claro que iria querer saber. Só que pensei que tinha vindo me ver. Nunca imaginaria um bebê — Olho-o significativamente e não me contendo mais, talvez esteja ficando mole ou talvez não seja uma atriz tão boa assim, pois começo a rir alto.

Ele parece frear todos seus milhões de pensamentos e me olha, estreitando os olhos como se dissesse “não acredito”.

— Ah, Adrian, você é tão bobo! É tão ruim assim ser pai? — pergunto, olhando para ele com o sorriso ainda em meus lábios.

— Não é exatamente isso, Diana. Achei que você não gostasse de mim. Seria difícil ter um filho com uma pessoa assim, mas no final tentaria ser um

bom pai. — Não tenho dúvidas que seria, penso, lembrando-me do orfanato. — Bom, na verdade, já estava até me vendo ir buscando meu filho e encontrando um cara qualquer com você.

Interessante. Seus pensamentos foram bem longe mesmo.

— Ciúmes, Adrian? — indago, divertindo-me com a imaginação dele.

— Claro! — afirma de imediato, sentando-se corretamente enquanto diz. *Sendo fofo? Ah! Estava com saudades, Adrian, mas não quero você sendo fofo hoje.* Entretanto, um pensamento se fixou em minha mente.

— Adrian, seria tão ruim assim ter um filho comigo? — Agora sou eu quem o olha séria, livre de todas segundas intenções.

— Claro que não — responde com a mesma sinceridade e certa tristeza ameaça me invadir. *Eu?*

Fazendo uma família? Uma mamãe? Não. Mudo o meu foco para a ideia principal que me trouxe aqui.

— Vamos ver o seu quarto?

— Vamos, conhecendo a minha mãe está do mesmo jeito que deixei, só que limpo. — O seu último comentário me faz rir e lembrar que é um menino de apenas vinte e um anos.

Ele se levanta, estende a mão para que eu me levante e aceito sua ajuda. Assim que já estou em pé, ele entrelaça os dedos nos meus e me guia para dentro de casa. Ao passarmos pela porta, não vemos nem um sinal de seus pais. Enquanto Adrian me leva escada acima, sou eu que me sinto novamente uma adolescente.

Por falar em adolescente, por que não me sinto surpresa quando chego em frente à porta do quarto e vejo uma placa de “*stop*” e umas faixas coladas dizendo “*crime scene, do not cross*”? Olho

para ele, significativa, e dou uma risada baixa.

Esses garotos rebeldes...

Ele repara minha reação e dá de ombros. A porta é aberta e escuto o som de algum tipo de dispositivo, então *Green Day* começa a tocar e ainda é *American Idiot*. Um sorriso me toma os lábios, pois o quarto era exatamente o que esperava de um Adrian adolescente. Uma cama de casal no canto do quarto, com travesseiros e uma guitarra sobre ela. Um guarda-roupa cheio de adesivos de rock e alguns obscenos.

Adrian se joga na cama e, sem que ele perceba, fecho a porta atrás de mim.

— Seu quarto é exatamente o que esperava.
— Caminho até ele e me sento na cama ao seu lado. — Me surpreenderia se fosse um *nerd* quando adolescente, não que você ainda não seja um.

Mostro-lhe a língua e ele levanta a mão,
PERIGOSAS ACHERON

fingindo que iria pegá-la.

— Você acha isso? Pode não acreditar, mas era um bom garoto! — Levanto uma sobrancelha para ele. — OK, nem tão bom assim. Mas quer ver? Tenho até um terno.

Ele se levanta, vai até o seu guarda-roupa e o abre, pegando um terno que está cuidadosamente guardado dentro de um saco plástico.

— Aposto que esse é o terno que sua mãe te forçava a usar para ir à igreja aos domingos — alfineto e ele dá uma risada baixa.

— Você quase acertou. Este terno é o que eu iria usar na minha formatura — revela enquanto tira o plástico de proteção. — Mesmo que tenha me formado, algumas coisas aconteceram e não pude comparecer ao baile. Foi o primeiro terno que eu fiz sem as instruções do meu avô.

Opa! Campo minado emocional! Hora de
PERIGOSAS ACHERON

mudar o rumo das coisas. Faço charme, jogo a minha cabeça ligeiramente para o lado e mordo os lábios.

— Hum... Você de terno? Quem diria! Nunca pensaria em um delinquente juvenil como um alfaiate.

Levanto-me e caminho até ele, pegando o cabide de sua mão e tirando de lá a gravata. Jogo o terno em uma parte não usada da cama para voltar a atenção ao Adrian, passo a gravata pela sua cabeça, mas não completamente, deixando-a como uma venda em seus olhos.

Vejo-o sorrir sem-vergonha e não consigo evitar fazer o mesmo. Dou a volta pelo seu corpo, indo para as suas costas. Sinto a textura do couro de sua jaqueta e o frio dos detalhes metálicos. Passo a unha por ela para fazer som e mexer com os seus sentidos. Tiro a sua jaqueta e a jogo de canto

também. Deslizo a mão pela sua cintura, abraçando-o por trás e levando minhas mãos até a fivela do cinto de sua calça. Abro-a e enfio minha mão dentro da sua cueca. *Sim, por um milagre ele resolveu usar hoje.* Começo a masturbá-lo, acariciando lentamente, intercalando com certa pressão vez e outra. Ele tenta conter o gemido e isso me excita, mas não tanto quanto escutar o seu gemido.

Fico na ponta dos pés e falo baixo ao pé do seu ouvido.

— Não precisa se conter. Na verdade, não se contenha. Quero ouvi-lo gemer.

Com uma de minhas mãos, seguro a sua, levando-a para trás para permitir que ele alcance minha bunda, que sei que adora apertar, e Adrian faz exatamente o que achei que faria. Na medida do possível, afaga a minha bunda. Não é apenas isso

que acontece, devido às minhas palavras e ações, o efeito é imediato em seu pau, que lateja contra a palma da minha mão.

— Geme para mim, Adrian.

Ele não geme, embora a sua voz saia rouca ao me responder:

— Diaba, meus pais estão em casa.

Dou risada e falo no mesmo tom, ainda ao pé do seu ouvido.

— E você se importa mesmo com isso? Assim não fica ainda mais excitante?

Solto-o e o viro de frente para mim, beijando sua boca apenas o suficiente para provocá-lo. Acaricio seus lábios com a ponta da minha língua enquanto ameaço apenas aprofundar o beijo. Afasto-me subitamente, deixando-o na vontade. Sorrio e começo a me abaixar, mas, assim que me preparo para colocá-lo na boca, lembro-me que ele

PERIGOSAS ACHERON

estava esse tempo todo na rua. *Não sei por onde esse cachorro vadio andou.*

Levanto-me novamente assim que o pensamento toma forma em minha mente.

— Antes disso, vamos tomar banho.

— Você vem comigo? — pergunta, tirando a gravata de um dos olhos. Ele parece terrivelmente charmoso com seus olhos azul gelo nublados pelo tédio. *Que hora para ser lindo! Cachorro, sem-vergonha.* Solto uma risada e dou de ombros.

— Eu disse “vamos”, não disse? Tem toalha?

Ele termina de tirar a gravata e sobe a calça de qualquer maneira. Vai procurar a toalha, no entanto, não a encontra. Vai até a porta e abre, deixando-me curiosa do que fará a seguir.

— Mãe! Cadê a toalha? — grita, apenas colocando a cabeça no corredor. Quase engasgo para não rir. Na realidade, mordo a minha própria

PERIGOSAS ACHERON

boca para não gargalhar. A mãe dele também parece que apareceu no corredor, pois ouço sua voz respondendo.

— Na cômoda ao lado da cama! — Ela também grita e não me aguento, caindo na risada.

Ele fecha a porta e se vira, olhando-me de um jeito confuso. Isso me faz rir ainda mais.

— O que foi, mulher? — indaga.

— Você, hein! Estou vendo como se preocupa com seus pais sabendo que vai transar. — Olho-o de cima a baixo. — Conversa fiada!

Desta vez, é ele que ri, negando com a cabeça, e passa por mim. Pega as toalhas na cômoda indicada e me joga uma delas. Sem mais, entra no banheiro primeiro, deixando a porta aberta. Jogo a toalha na cama e vou trancar a porta do quarto. *Homem sem juízo.* Encaminho-me até o guarda-roupa do Adrian para procurar algo para

PERIGOSAS ACHERON

vestir após sair do banho.

Acho em uma gaveta cuecas *boxers*, ainda fechadas nos pacotes. *Se sou abusada? Sou sim.* Pego uma delas. Em outras gavetas, encontro uma camisa de manga longa e uma calça preta de moletom que me servirá. *A não ser pela minha “falta de pernas”. Terei que dobrar a barra.*

Retiro a minha roupa, fico completamente nua e caminho até o banheiro. Encosto no batente da porta, chamo a atenção do Adrian, que já está dentro do *box* de vidro, e falo:

— Eu não estou grávida. — Ele se vira e abre o *box* com o corpo molhado, chamando a minha atenção para cada gotinha de água que desliza pelo seu corpo. Rapidamente meu olhar é atraído para onde o meu tesão mais se importa, descendo pela sua barriga até chegar no membro excitado, evidenciando-se por si só. O pau não só me atrai,

como também exige a minha atenção.

Ele sorri, olhando para baixo, seguindo o meu olhar. Divertido, ele me responde:

— Percebi quando começou a rir de mim.

— Garoto esperto — digo, bem-humorada. Caminho até ele e levo a minha mão até o seu peito. Sinto-o se contrair sob meu toque, mordo os meus lábios com desejo e percebo que ele faz o mesmo. Adrian já tomou o banho, posso sentir o cheiro adocicado do sabonete em seu corpo. — Então, onde paramos?

Espertamente, o delinquente apenas aponta para baixo. Vejo-o bem excitado e deixo o meu tesão falar mais alto. Ainda que dê risada da sua cara de pau. Só tem um pau que me interessa agora e não é o da sua cara.

Adrian dá alguns passos para trás e entro debaixo da água junto com ele. Minha mão vai até

PERIGOSAS ACHERON

a sua ereção, deslizando por ela sem dificuldade. Acaricio-o assistindo as expressões do seu rosto devido ao tesão. Continuo mordendo o meu próprio lábio ao sentir meu corpo ardendo de necessidade. O seu olhar segue até a minha boca, engolindo em seco, evidenciando a ânsia e desejo que se refletem em seu olhar.

Abaixo-me e, sem mais delongas, seguro-o com certa pressão e o coloco parcialmente na boca, sentindo-o pulsar com a minha ação. Ele lateja de necessidade e minha boca saliva de desejo. Tomo-o ainda mais fundo e escuto o seu gemido, rouco e profundo, ecoando pelo banheiro.

Sua mão vem até os meus cabelos, segurando-os com força, ditando os movimentos. Ocasionalmente, Adrian me puxa mais para ele, entrando ainda mais fundo em minha boca. Ele me afasta e repete o processo algumas vezes enquanto

sinto toda sua extensão. Entrega-se ao seu prazer e geme a todo momento enquanto me delicio em sentir e ouvir a entrega. Estou ficando cada vez mais excitada.

Após algum tempo, sinto-o pulsar ainda mais em minha boca. A mão que segura meus cabelos aperta com mais força. Ele goza e o espero se acalmar para tirá-lo e cuspir. Levanto-me e Adrian me puxa e me vira, prendendo-me contra a parede fria. Abaixa-se e, antes que eu pudesse ter qualquer reação, segura uma de minhas pernas e a levanta, colocando sobre o seu ombro. Leva a mão ao meu quadril e se posiciona da melhor forma que pode, passando a língua entre os lábios em busca do meu clitóris. Estremeço e um breve gemido escapa pela minha boca. Satisfeito, repete o mesmo caminho, lambendo a minha entrada e lentamente enfiando a sua língua. Gemo e levo a mão até a sua cabeça, trazendo-o mais para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Adrian brinca com meu juízo, usando suas lambidas que findam a minha sanidade. Quando estou quase gozando em sua boca, sinto minhas pernas moles e ele penetra um dedo no meu traseiro, o que faz o meu corpo contrair de dor pela invasão súbita. Contudo, me sinto em uma condição diferente de prazer neste momento, estou entre a dor e o prazer.

Solto a sua cabeça e ele a tira do meio das minhas pernas, soltando a que estava em seu ombro. Adrian se senta no chão e me puxa para o seu colo. Sou invadida de uma vez e preenchida por completo pelo seu pau. Arfo e sinto certo incômodo, mas é o mais delicioso de todos.

Guia os movimentos em estocadas frenéticas enquanto cavalgo em seu colo com força e cada vez mais fundo. Adrian é bem dotado, como já foi mencionado, e cada vez mais me perco entre as

PERIGOSAS ACHERON

sensações de dor e prazer. Meu corpo parece demorar a se adaptar a ele e isso se torna ainda mais prazeroso, pois me sinto a beira de um orgasmo, então diminuo a velocidade para adiar.

Seus olhos recaem em meus seios, que balançam devido aos movimentos. Quando diminuo os movimentos, ele segura meu seio com fúria e desejo com uma de suas mãos, mordendo os próprios lábios ao mesmo tempo. Adrian leva a outra mão ao meu rosto e o acaricia, olhando em meus olhos de um jeito sincero e profundo. Ele segue com a sua mão para a minha nuca e me beija com determinação ao ponto de me tomar o ar.

Solta o meu seio e a minha nuca e ambas as mãos vão para a minhas pernas. Ajuda-me a passá-las pela sua cintura só para então segurar com firmeza a minha cintura e voltar a ditar as estocadas. Desta vez, não posso adiar, então não

PERIGOSAS NACIONAIS

demoro a gozar. Não consigo mais me conter. Adrian também parece estar no seu limite, acelerando ainda mais e com mais força. Mesmo assim tenho que lembrá-lo que...

— Adrian... Ain... Não pode... gozar aí. — Tento falar, embora a frase saia com certa dificuldade.

Ele pisca e sorri, soltando minha cintura e voltando a segurar o meu cabelo. Puxa-o com mais força e meu corpo se enverga devido à dor. Sai de dentro de mim para me invadir por trás, puxando-me e colando os nossos corpos. Como estava molhado e lubrificado com a minha excitação e gozo, Adrian me invade com certa facilidade, mas não com menos dor. *Filho da puta!*

— Aí dói, seu miserável — resmungo em um choramingo de dor e enfio a unha em seu braço, querendo extravasar a dor.

PERIGOSAS ACHERON

Ele aproxima o seu rosto do meu pescoço e geme ao pé do meu ouvido enquanto o sinto pulsando dentro de mim e finalmente gozando. *Quando eu disse que queria ouvi-lo, o desgraçado levou mesmo a sério. Totalmente!*

— Sinto muito, amor. — Só depois de se recuperar um pouco é que o descarado me responde.

— Eu sabia que homens têm um tesão nisso, mas ser instantâneo assim é novidade para mim — respondo, sendo o mais filha da puta possível. O impensável acontece e ele fica vermelho.

Uou! O Adrian também fica vermelho! Fico sem saber como reagir a essa novidade, mas ele apenas tosse e me olha, tentando parecer indiferente.

— Vamos terminar o banho e nos vestirmos antes que fiquemos doentes... — diz, mudando de

assunto. Olho para ele e começo a rir, deixando-o ainda mais constrangido. Levanto-me com cuidado e Adrian me imita. Tomamos um banho juntos, um ajudando eventualmente o outro. Quase parecemos um casal comum, se não fôssemos absolutamente doidos.

Mas no fim, acho que está bom assim...

Com o banho terminado, nós nos secamos e, quando vou vestir as roupas dele que separei, reparo o Adrian olhando para mim. Finjo demência e termino de me vestir, dobrando a barra da calça. Ao terminar de me vestir, vejo-o sentado na beira da cama ainda me olhando como se eu fosse uma coisa fofa de se ver. Estreito os olhos para ele num clássico “o que foi que você está olhando, cara?”.

Encaro-o, o descarado ri e me manda um beijo. Bufo e vou dobrar as minhas roupas que vim vestida, colocando-as arrumadas em um canto junto

com a minha bolsa e celular. Quando menos espero, minha barriga ronca. O Adrian se levanta, caminha em poucos passos em minha direção e passa a mão pela minha cintura, sussurrando em meu ouvido para irmos assaltar a geladeira dos seus pais. Concordo e, em passos leves, seguimos o corredor e logo depois as escadas. Quando já estamos nos últimos degraus, acabamos escutamos vozes de pessoas na sala. *Opa!* Para piorar, elas se silenciam quando aparecemos. Deparo-me com a mãe e pai de Adrian de pijama. Mas, desta vez, junto a eles está uma senhora de idade.

Sinto-me meio intrometida, mas isso não me deixa constrangida... Mentira, assim sem estar preparada, com roupa alheia, eu fico sem saber o que falar.

— Filho, precisamos comprar roupas novas para você — comenta a mãe dele, colocando a mão

no próprio rosto, preocupada.

— Eu acho que está precisando é de camisinhas — retruca a senhora.

— Vó! — exclama Adrian.

*Vó? Ai meu Deus! Não poderia ficar melhor.
O que eu vim fazer aqui mesmo?*

CAPÍTULO 16



AQUELA SENHORA QUE VOCÊ RESPEITA

Ergo as minhas sobrancelhas, olho para a avó do Adrian e logo depois viro o meu olhar para ele. Um sorriso nasce em meus lábios, que faz meu olhar ganhar outro sentido. Se ele pudesse ler meus pensamentos seria “ninguém pode falar que Adrian não tem a quem puxar.” Com esse pensamento, uma risada me escapa e levo a mão à boca, mas não é o suficiente para conseguir contê-la. *Droga.*

Só que Adrian não parece se importar, pois está animado demais com a presença da avó.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vó, a senhora é a melhor! — diz, animado, saudoso e divertido. — Melhor não tem! E aí? Tem umas para me arranjar?

Meu olhar para ele é de pura incredulidade. Os pais dele reviram os olhos. A cena subitamente se converte em algo que não sei nem como me sentir. Ela o olha de cima a baixo como se o que ouviu fosse o maior absurdo da vida.

— Como é que é?— indaga, colocando a mão no quadril. — As que tenho são para mim, fedelho! Cai fora!

Abro os olhos e a boca de surpresa. Estou completamente chocada. Mas reflito que está aí uma senhora que sabe viver. Quero ser assim quando crescer! *Não sei o que está acontecendo com essas senhoras que tenho visto/conhecido. Andam tão modernas!*

— Mãe, em todo caso, o que faz aqui? —

PERIGOSAS ACHERON

indaga a mãe de Adrian.

— Não posso vir na casa da minha filha?

Elas começam a conversar e tudo que sei fazer é me sentir um tanto intrusa. Viro-me para o Adrian, curiosa, e acabo encontrando-o tão sereno e ao mesmo tempo sério, em uma calma e plenitude que nunca vi. Quase parece outra pessoa sem carregar a expressão de malícia que me faz engolir em seco. Neste momento, não vejo o menino arteiro e despreocupado, e sim um homem.

Pisco algumas vezes, tentando assimilar melhor a situação. Talvez o que ele quer é mais do que deixa transparecer. Abaixo o meu olhar e logo depois sinto o toque sutil de sua mão na minha. Vejo a sua mão procurando a minha. Sorrio, permitindo que ele a segure e entrelace os nossos dedos. *Um relacionamento sério, né? Quando foi que qualquer um de nós dois tivemos isso?* Meu

coração palpita com mais força. Agora não posso voltar atrás, nem posso negar. A sua doçura me abala de alguma forma, mas nada é um conto de fadas para mim, certo? Respiro fundo e fico com a minha mente em alerta. Estou aguardando algo dar errado ou o que virá a seguir.

— Quero ir a um lugar. Vem? — Sua voz é branda, baixa, embora não pareça se incomodar enquanto os seus pais e avó nos olham curiosos. Não que me incomode, na verdade, o que tinha para me incomodar já foi feito com o desfecho da vovó moderna falando das camisinhas.

— Claro, mas agora? — indago, curiosa. Afinal, agora é tarde da noite.

— Sim, quero te apresentar a alguém — diz, fazendo-se de misterioso.

— Mas vestidos assim? — pergunto, olhando para as minhas roupas. Não me importo muito em

ser olhada, mas estando bem-arrumada pelo menos, não de moletom.

— Para mim você está ótima. — Ele me olha de cima a baixo, voltando a parecer com o Adrian que conheço, pois vejo desejo em seus olhos. Esse é o safado sem-vergonha que conheço.

— OK. Só vou buscar pelo menos o meu sapato — respondo, desconfiada.

O que está aprontando, cara?

Ele concorda, rindo da minha expressão de desconfiança, e me guia de volta para o quarto. Tenho tempo apenas de olhar para trás e dar um tchauzinho para a sua família.

Ao longe, escuto a conversa baixa deles, que provavelmente estão, assim como eu, desconfiados do Adrian. *O que será que ele está aprontando?* Chegamos ao seu quarto e ele vai direto pegar as chaves, celular e tênis. Vou até a minha bolsa e a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pego, colocando o meu sapato. Quando estamos “arrumados”, voltamos a descer e os familiares ainda estão na sala, curiosos, como se fossem espectadores de algo muito interessante. Todos sorriem e apenas sorrio educada de volta, com medo do motivo para estarem sorrindo.

Na realidade, estou totalmente sem saber como reagir, pois o Adrian só faz o que bem quer e como quer, levando-me consigo para cima e para baixo. Só para deixar claro, se eles vierem a não gostar de mim, já sabem de quem é a culpa!

Embora esteja escuro, posso ver outra moto. É bonita e limpa, está estacionada ali perto. *Será da vovó moderna?* Só pode ser. Não parece fazer o tipo dos pais do Adrian. Ele me guia até a sua moto e, ao se sentar, parece se dar conta que esqueceu algo importante. Vira-se para mim e entrega o próprio capacete.

PERIGOSAS ACHERON

— Não trouxe outro capacete, então fique com o meu.

A avó do Adrian aparece pouco depois, sem se importar de estar espiando, e sai pela frente, caminhando até nós e tomando a frente da situação. Ela antes para na frente de sua moto e pega o capacete, jogando-o para o Adrian e piscando para nós.

— Boa noite, crianças.

Ela parece ser meio doida como o Adrian. Ou o Adrian é como ela. Isso me faz sorrir enquanto a senhora nos olha, satisfeita. Então, se vira e volta para dentro de casa.

— Parece que gostou da minha avó — comenta. — Vou te mostrar algo.

Ele me mostra que dentro do capacete existe um bolso. Abre-o, tira de lá uma foto e me entrega. Vejo um homem forte, jovem e *sexy* de cueca,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deitado em uma cama grande de lençóis de seda vermelha enquanto toma café tranquilamente.

— O cara que ela está... Não sei exatamente o que.

— Nossa, está bem-acompanhada! Quero chegar na idade dela com um desses também! Que pecado de homem! — exclamo e ele apenas me olha com *aquele olhar*. Dou de ombros e rio. — Ui! Que olhar perigoso, Adrian. O que foi?

Ele guarda a foto e coloca o capacete, ranzinza. Liga a moto em seguida, esperando que eu suba nela. Assim o faço, divertindo-me ao vê-lo com ciúmes assim. *O que ele esperava de mim? Nem parece que me conhece.* O caminho está um tanto horripilante. Ruas vazias na área residencial, indo para a parte comercial da cidade. Ela parece quase esquecida e possui apenas uma ou outra pessoa, só grupos de jovens e algumas pessoas

PERIGOSAS ACHERON

infames.

Em determinado ponto, Adrian vira a moto e segue por um caminho mais afastado e silencioso. Percebo que está seguindo a linha do trem e, logo após passar por uma pequena casa, para diante de um cemitério. Olho-o mais desconfiada ainda.

Só quero saber o que está passando pela cabeça desse homem.

Uma luz acende na casa pela qual nós passamos, que por um acaso é ao lado do cemitério, e um senhor de meia-idade aparece de pijama na janela, sonolento.

— Quem está aí?

— Um fantasma que não é! — diz Adrian, debochado. Acho que é a forma de qualquer um reconhecê-lo.

— Menino, você sabe que o cemitério fica fechado à noite! Tem nada para fazer da sua vida,
PERIGOSAS ACHERON

não? Deixe os mortos descansarem e eu também! E se for visitar, que seja de dia! — resmunga o velho.

— Mas é importante! — insiste Adrian.

— Meu sono também! — resmunga o velho, saindo da janela. Pouco tempo depois, retorna e joga de lá mesmo o molho de chaves. — Não demore e devolva isso, pivete!

Adrian pega as chaves ainda no ar com toda a pinta de “eu sou foda”. O velho bufa e o observa como se dissesse “tadinho, tão jovem e tão idiota”. Não consigo deixar de rir e mordo a boca para tentar não gargalhar. O senhor vira de costas para nós, balançando a cabeça em negativa.

— Ainda leva meninas para o mau caminho. É um absurdo... — resmunga o velho homem. Então, tudo se silencia quando ele provavelmente volta para a cama.

— Que doce relação entre vocês dois.

Parecem se dar tão bem! Logo eu, que sou tão santa, estou sendo corrompida por esse doido. Tadinha de mim... — digo, sarcástica.

— Diana, pode abrir o portão? — diz, ignorando-me. Desço da moto apenas para fazer o que ele pede e o espero entrar para em seguida fechá-lo de novo.

Quase uma porteira profissional!

Estou terminando de fechar quando me viro e vejo o Adrian esperando-me. *Ele vai andar de moto no cemitério? Super comum e radical.* Suspiro e volto para a moto enquanto o maluco dá a partida, seguindo o caminho principal. O caminho entre os túmulos é rápido, virando algumas vezes aqui e ali. Rapidamente, Adrian diminui a velocidade até parar diante de um túmulo específico. Não preciso descer da moto para saber qual é. Nele tem flores novas e outras um pouco murchas. É bem limpo e

cuidado, mas há um detalhe que é o principal. Na foto não tem só uma pessoa e sim duas; um deles reconheço que é o Adrian mais jovem.

Minha desconfiança de alguma arte do Adrian para aprontar com a minha cara morre junto com o meu sorriso. Olho-o séria, sentindo que já não é hora de brincar, provocar ou qualquer coisa do tipo. Começo a entender melhor a situação em que me envolvi e o porquê do olhar dos pais dele. O que esse sorriso esconde? O que...

— Diana, queria te apresentar ao meu melhor amigo. — Ele sorri e o meu coração sofre um dano enorme enquanto engulo em seco. — Foi ele que mudou a minha vida e minha forma de vê-la e de como vivê-la. Sabe, não achei que algum dia encontraria alguém que quisesse trazer aqui. Alguém que mudaria o destino que escolhi para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que houve com ele? Morreu, sim, mas... — Tento ser delicada, mas o hábito de ser desbocada sem querer me escapa.

— Foi quando estávamos começando o último ano da escola. Nicola tinha planos de viajar o mundo quando terminasse, na verdade, tinha planos de viver ao máximo a sua vida. Em uma das nossas saídas, ele conheceu uma garota, uma que abalou tudo que acreditava e o seu destino. — Vejo o maxilar de Adrian destacando-se, é como se tentasse conter a sua raiva. — Ele estava apaixonado, parecia tão feliz. Estava perdendo o meu melhor amigo, contudo, me sentia feliz por ele. Marcamos um dia só de homens, para beber, mas Nicola não conseguia pensar em qualquer outra coisa se não nela. No dia seguinte, parece que eles fariam mais um mês de namoro...

Ele respira fundo e olha adiante com uma

PERIGOSAS ACHERON

expressão de raiva, rancor e dor. Engole em seco enquanto as lágrimas rolam pela sua face. *Ele não precisa dizer mais uma palavra sobre essa garota, pois já não gosto dela.*

— Nós decidimos ir ao trabalho dela, que era de garçoneiro. Ele ia só passar para vê-la, matar a saudade. Ele se tornou muito romântico, sabe? No entanto, ao chegarmos lá, ela estava aos beijos com outro, escondida na viela da cafeteria. Naquele dia, ele ficou muito mal. Brigou, acabou batendo no cara e, quando ela entrou na frente, sem querer acabou levando também. Neste momento, meu amigo parou e recuou transtornado. Os dias foram passando e ele não melhorava. Tentei segurar a onda dele, contudo, a cada dia estava mudando mais e mais, entregando-se à dor e a raiva.

A cada palavra dele, sinto o peso das suas emoções. Meu coração sabe que não é só isso, que

a história está para ficar pior. Adrian não choraria só por isso. Cada palavra embargada proferida parece uma facada e álcool na ferida. Até eu me sinto aflita junto, sofrendo em silêncio com ele e por eles.

Tenho Benjamin, que não é só meu melhor amigo e sim meu irmão. Tenho a Nina também. Se algo assim acontecesse, nem sei o que faria. Adrian limpa as lágrimas com as costas da mão em busca de se manter firme. Isso me faz olhá-lo com admiração. Ele não precisa que eu “lamba” as suas feridas e nem precisa “lamber” as minhas. Temos nossas bagagens, contudo, este momento é dele e ele já se prova diferente de mim, revelando-se.

Contando recordações de um fardo pesado demais.

— Um dia, fomos fazer os exames de sangue que a escola exigiu para participarmos de um

campeonato de basquete. Quando o resultado chegou, o professor ficou com uma expressão estranha e foi chamá-lo. Fiquei esperando do lado de fora da sala para vigiar e escutar a conversa. Escutei que em seu sangue deu um resultado alterado e com isso não poderia participar do campeonato. Neste momento, minha mente travou. Estávamos sempre juntos mesmo nos jogos. Quando ele saiu da sala do professor, perguntei “cara, você andou usando alguma coisa?”. Nicola só me respondeu, quase ofendido, “claro que não, cara! Amanhã vou ao hospital, vem?”. Minha resposta foi óbvia, só disse “claro, amigo”.

Diante de tudo isso, me sinto frustrada e não sei como ajudar, não sei nem se tem como. Sobre-me apenas o consolar. Aproximo-me e paro ao seu lado esquerdo, abraçando-o com força, meio sem jeito. *Não sei ser muito delicada nestas horas, desculpa.* Ele pousa a mão sobre a minha e

PERIGOSAS ACHERON

continua a história.

— No dia seguinte, fomos lá, na verdade, fomos algumas vezes. Acabei desistindo do campeonato, pois sem ele não teria graça. Sabe, quando fazíamos as nossas loucuras, as pessoas diziam que poderíamos morrer. Ele sempre dizia que era “imorrível”. No momento em que o laudo dos vários exames chegou, nada no mundo nos prepararia para o resultado. Lá estava escrito “câncer agressivo”. A realidade veio e foi como se o mundo tivesse acabado. Todos os risos e lembranças pareciam ter virado um castelo de cristal estilhaçado no chão. Ele não quis nem lutar, dizia que seria melhor assim, pois poderia enfim se esquecer dela, daquela que roubou todos seus sonhos.

Um ódio tão grande começa a crescer dentro de mim, uma frustração também. É tarde, muito

tarde. O tempo de fazer algo já se foi. Tarde demais. Isso martela na minha cabeça e me destrói. Imaginar um Adrian e o seu melhor amigo, tão jovens. Animados, almejando toda uma vida. Tudo acabado por conta de uma vadia! Ele já estava mal pela traição e pela perda dela. Como a cereja no bolo, um câncer... Paixões salvam vidas, mas também podem acabar com elas.

— Ele foi internado pouco tempo depois. Em uma das minhas visitas, quando já estava muito magro e debilitado, ele me pediu para nunca me prender a nada ou a ninguém, que daquele dia em diante eu vivesse e sonhasse por nós dois.

Sei que é amigo dele, mas acredito que ele foi bem egoísta. Se bem que os dois eram crianças, mas condenou o Adrian a uma vida de dor, assombrando-o. Penso.

— Após falar isso, Nicola nos deixou. Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

apareceu para visitá-lo e raivoso falei “por que você está aqui? A culpa é sua! Suma daqui! Você é a última porra que merece estar aqui. Some daqui antes que eu te mate, pois é isso que merece!”. Ela foi embora com medo e chorando. Após passar o resto do dia bêbado, arrumei alguns problemas. Arrumei briga com policiais, mas no fim eu realizei todos nossos sonhos. — Ele suspira como se finalmente tivesse terminado, mas não acabou. — No dia que realizei o último dos nossos sonhos, muito antes do esperado, conheci você, Diaba. Fui àquela ponte pensando no que faria depois... Aquele dia, pensei que seria o meu fim, mas fui salvo por uma calcinha.

Olho-o com uma expressão incrédula. Apesar da tristeza com tudo que me disse, como ele tem essa capacidade de me fazer rir? Não me controlo e começo a gargalhar.

PERIGOSAS ACHERON

— Foi salvo por uma calcinha? Se quiser te dou, filho da...

— Eu aceito!

Sua resposta imediata me faz rir ainda mais. Estou sentindo-me uma louca, principalmente rindo no meio da noite em um cemitério. Acho que nada na minha vida nunca mais vai ser normal, não com Adrian nela.

Durante todo o relato, ele não olhou para mim. Ficou olhando para o túmulo. Ele se vira em minha direção e me observa com um singelo sorriso de canto enquanto estou rindo, em uma clara expressão de “tão linda...”.

Devido ao clima que se forma, aos poucos o meu sorriso começa a se desfazer. A tensão do ar muda com facilidade de romance a sedução. Sobra apenas a retribuição de um sorriso, em nossas trocas de olhares naturalmente felinos. Os olhos

deles são sempre sedutores e tão carregados de significados, mesmo que sempre carreguem certa tristeza.

Bom, hoje sei qual é o motivo e não poderia julgá-lo.

Ainda estou do lado esquerdo do seu corpo, abraçando-o, perdida em pensamentos, quando ele se liberta do meu abraço. Ele me solta lentamente, tirando o foco dos meus pensamentos para dar atenção aos seus movimentos. Sem soltar a minha mão, Adrian me guia para sua frente, pondo-me entre suas pernas.

Passo a língua levemente pelos meus lábios e os mordo, enquanto passeio minhas mãos pelo seu ombro, pousando-as em sua nuca. Ele, por sua vez, me puxa ainda mais para si e encosta a sua testa na minha. O tesão é palpável, por mais louca que seja a situação, algo na nossa proximidade sempre me

deixa assim, tentada.

— Quer passar esta noite comigo? — sussurra, sua voz baixa me faz sentir um tremor.

— É, acredito que não tenho escolha. Afinal, é o que me resta, pois a esta hora talvez não encontre nenhum hotel — digo, dando de ombros.

Ele ri baixo, como se dissesse “ela não tem jeito”. Pergunto-me quando foi que comecei a entendê-lo assim, sem precisar usar as palavras.

Uma das suas mãos sobe até a minha face e a acaricia. Encara-me com os seus olhos semicerrados e morde o próprio lábio. Sedento e vidrado nos meus, Adrian passa o polegar sobre eles. Então, a sua mão desliza até a minha nuca e me puxa em um beijo que me parece uma lenta tortura. Um beijo lento enquanto saboreia o gosto e o toque dos nossos lábios. Adrian acaba entregando-se no próprio jogo e o aprofunda. Mas,

ao contrário de um bruto, carregado de paixão, recebo um beijo que me faz arrepiar e me entregar às sensações.

É doce, gentil e delicado. Adrian saboreia a minha boca sem pressa, de forma que me deixa inebriada, sedenta e ansiosa por mais. Quero a sua brutalidade convencional.

Ele se afasta, mas não antes de passar a ponta da língua nos meus lábios úmidos pelo beijo, deixando-me com aquele gosto de quero mais. Estreito os olhos, sabendo que ele está provocando-me. Pega o capacete e o coloca na minha cabeça, sorrindo.

— Vamos, está tarde. — Ele coloca o próprio capacete e sobe na moto, esperando-me.

Respiro fundo e penso onde fui me meter. Podia ser um engravatado com gostos meio estranhos, ainda seria mais fácil de lidar do que

PERIGOSAS NACIONAIS

esse moleque encrenca de sangue quente. Suspiro, frustrada, subo na moto e o abraço para me segurar. Ele dá um último olhar para o túmulo do amigo e partimos. Enquanto Adrian pilota até a saída do cemitério, olho para trás e tenho a impressão de ver silhueta de alguém no túmulo em que estávamos, segurando um cigarro e um copo de bebida. Um arrepio me sobe pela espinha em um misto de medo, horror e uma inesperada felicidade.

Uma amizade que perdura mesmo após a morte. Isso faz algumas lágrimas teimosas rolarem pela minha face, que por instinto me fazem segurar a roupa do Adrian com força, mas acabo fincando minhas unhas nele.

— Ai! O que foi? — pergunta.

— Nada, apenas queria enfiar as unhas em você — digo rindo, mas de nervoso.

— Eu hein. Doida.

PERIGOSAS ACHERON

Ao sairmos do cemitério, devolvemos as chaves ao velho coveiro. Na verdade, deixamos na sua janela. Quando chegamos à casa dos pais de Adrian, provavelmente todos já estarão dormindo. Então, abrimos a porta devagar e uma luz parece vir da sala.

Opa! Tem alguém acordado.

Prestando mais atenção enquanto seguimos o curto corredor, vemos que é a avô de Adrian, que está sentada no sofá. Mas isso não é o auge do momento, pois o choque vem quando o som da televisão chega aos ouvidos, chamando-nos a atenção. Isso faz com que nossa atenção recaia para o televisor.

Ela está assistindo pornô.

Penso em subir quietinha, deixá-la no momento dela. No entanto, enquanto estava indo na ponta do pé em direção à escada, não sinto que

estou sendo acompanhada. Sinto um leve frio na barriga e o meu olhar lentamente se volta para trás, vendo Adrian indo até a sua avó.

Mas que filho da puta, mano.

Ele se abaixa e fica na altura do ouvido dela para então falar em alto e bom tom:

— Bonito, vovó! — Vejo-a dando um pulo e virando-se para Adrian, assustada, colocando a mão no peito. — Vendo essas coisas aqui, na casa da sua filha.

Ela ameaça pegar o controle, mas o neto é mais rápido. O som de passos apressados vindos do segundo andar me faz ter que segurar o riso, apenas saio de mansinho do caminho. Os pais do Adrian descem desesperados. Ao dar de cara com a situação, seus olhares intercalam entre a TV, a senhora e Adrian. Como se não bastasse, o som dos gemidos do filme parecem mais altos devido ao

silêncio que recai no ambiente.

— O que está acontecendo aqui? — o pai do Adrian pergunta, confuso.

— A vovó estava assistindo conteúdo para adultos — Adrian responde, divertido.

Meu olhar se vira para o pai do Adrian, que está completamente pálido. Do nada, ele fica surpreendentemente vermelho. Olha para a sua mulher, que não está muito diferente.

— O que foi, meus filhos? Estou assistindo, sim! Estou viva! O que é que tem, pô? — exclama e eu mordo minha boca para não soltar uma sonora gargalhada.

— Sabe o que isso me lembra? — intervém o Adrian. — Pai, lembra daquela vez que você me acusou de ver esses filmes, pois tinham vindo na conta? A vovó estava aqui naquele dia. Ela ficou rindo de mim enquanto o senhor me dava sermão.

Hoje estou entendendo o motivo.

Não sei se o Adrian está reclamando, debochando ou só provocando, mas não está facilitando nada para mim. Fica cada vez mais difícil não rir descaradamente. O pai do Adrian fica encarando a sogra, incrédulo.

— Hã? Teve foi é sorte! Se tivesse chegado um pouco antes, teria visto é muito mais coisa.

Esse é o fim para mim. Começo a rir sem conseguir mais me conter enquanto lágrimas rolam pela minha face. Tento não rir muito alto, mas a minha barriga dói. Coloco uma das mãos sobre a boca e a outra na barriga. Sinto o olhar dos presentes caírem sobre mim, mas eu não me importo mais. Eu me segurei o máximo possível para não ser deselegante. O pai do Adrian se vira para a sogra e fala entredentes:

— Minha senhora, para com isso. Temos

visitas!

— Quem? A namorada do Adrian? Ela já é da família, filho. E que minha senhora o que! O dia que virou marido da minha filha virou meu filho.

Desta vez, quem ri é o Adrian, e ainda na maior cara de pau, esse sacana. Ele pisca para mim e balanço a cabeça, dando de ombros. Levanto as minhas mãos, como se dissesse “não tenho nada a declarar”. A avó do Adrian nos olha, apoia os braços no encosto do sofá e abre um sorriso.

— Estou feliz que o meu neto está feliz. Quem fez tudo isso, foi essa garota. — A expressão dela muda drasticamente e tão rápido que me pergunto se a vi sorrindo realmente. — Agora, bando de pivetes, saiam daqui porque quero terminar de assistir o meu filme. Ele foi caro e vocês estão atrapalhando.

— Adrian, deixe sua avó assistir o filme dela

— digo entre risos. — Deixe a senhora ser feliz, cara.

Ele olha para mim, dá de ombros e devolve o controle.

— Bom divertimento, vovó.

— Está bem... Só saiam — resmunga e se vira de frente para a televisão novamente.

Adrian vem até mim em passos tranquilos e me fala ao pé do ouvido para irmos para o quarto. Agora, sem me preocupar tanto em andar com passos leves, ando na frente, subindo a escada para os quartos, pois todas as luzes do corredor estão acesas. Já que o “santo” Adrian acordou a casa inteira. Ele vem logo atrás de mim, também subindo as escadas.

Ele fala algo tão baixo, que não consigo entender.

— O que foi, Adrian? O que está falando aí?

PERIGOSAS ACHERON

Fala para fora, homem.

— Eu disse que é assim que uma bunda fica nessas calças de moletom. Lógico que a sua fica muito mais gostosa. — Ao concluir a frase, dá um tapa em minha bunda, que me faz dar um leve pulinho.

— E você tem dúvidas de que a minha bunda é gostosa com qualquer roupa? Inocente! Fico gostosa até com a calcinha da vovó. Bom, de uma avó normal... — digo rindo, fazendo-o rir também.

Assim que chegamos na frente do seu quarto e estou abrindo a porta, ele dá outro tapa bem servido do outro lado da bunda, empurrando-me para dentro. Viro-me e o olho feio, pois ardeu desta vez.

— O outro lado ficou com inveja — fala, dando de ombros quando não desfaço a careta.

Está tarde. Por mais que queira revidar e

PERIGOSAS ACHERON

provocar, estou cansada demais para qualquer outra coisa. Caminho até a cama, subo nela, engatinho até chegar ao travesseiro e me deito virada para a parede. Acho que a viagem, transar, e tudo mais, acabaram comigo. Adrian faz o mesmo, parecendo estar um caco.

Ele deita de costas para mim. Acho que nunca dormi com alguém que tinha um relacionamento, pelo menos não que eu me lembre. Algo definitivamente parece errado.

— Diana, algo parece errado — comenta, pensando o mesmo que eu.

— Sim... — falo, soltando uma risada. Parece que ele também não tem o hábito de dormir com alguém.

Adrian se vira para mim e encaixa o seu corpo no meu, abraçando-me por trás, em uma conchinha. Sinto meu corpo se arrepiar com a sua

respiração em minha nuca. Ele aconchega o seu rosto e encosta a ponta do seu nariz em minha cabeça.

— Está confortável? — pergunta com a sua voz sonolenta.

— Sim, estou — sussurro. Sinto-me pequena em seus braços. Apesar de também me sentir segura e com uma felicidade que não sei definir.

Acabo, em algum momento, dormindo profundamente, sentindo o meu corpo realmente descansado em muito tempo.

Acordo ao escutar a mãe dele batendo na porta.

— Filho, acorda. Já está na hora do almoço.
— Sinto-o se mover com cuidado na cama, pensando que ainda estou dormindo. Que delicado, não querendo atrapalhar meu sono.

OK, cara. Ganhou meu respeito.

Finjo ainda estar dormindo e escuto o som da porta abrindo e, em seguida, a voz de Adrian respondendo baixo:

— Foi mal, mãe, eu não queria acordá-la.

Essa é a última coisa que escuto e então a porta se fecha. O silêncio toma todo o quarto e abro os olhos. Volto a analisar todo o cômodo e só agora percebo que em cima do guarda-roupa tem alguns troféus. Penso em espiar, mas posso escutar a madeira rangendo no corredor, sinal de que ele estava voltando.

Fecho os olhos novamente, acalmando a minha respiração. Escuto o som da porta abrindo-se e o tilintar de vidro batendo. Pouco depois disso, sinto o lado direito da cama afundar e então sua mão tocar gentilmente o meu braço.

— Diana, acorde. Trouxe café da manhã.

Nunca fiquei tanto tempo com alguém para

PERIGOSAS ACHERON

vivenciar algo assim. Não sei como reagir. Não, não sei lidar com isso. Ele parece bobo, todo cuidadoso. Talvez, se Adrian não estivesse sendo tão gentil, eu soubesse como reagir, nem que fosse brigando.

Abro os meus olhos e o vejo, com um sorriso lindo estampado. Despojado de maldade, sagacidade ou malícia. Meu coração involuntariamente treme e apenas me deixo levar, sorrindo para ele enquanto me espreguiço.

— Boa tarde. Quer café da manhã?

— Sim, obrigada — digo, passando a mão no meu cabelo, jogando-me para trás enquanto me levanto e sento na cama.

Ele coloca a bandeja em cima da cama e tomamos café da manhã juntos de maneira silenciosa. Em todos os meus casos, fazia o que tinha que fazer e logo depois ia embora para a paz

da minha casa. Por isso, nenhum deles chegou a sequer a conhecer a minha melhor amiga, Nina. Nunca foi pessoal, sempre foi só carnal. Pego um copo de suco que veio junto na bandeja e bebo, espiando disfarçadamente o Adrian. Percebo que ele também está encarando-me.

— O que foi? — indago, colocando o copo no lugar.

— Nada, você só estava aí, parada, viajando. Você tem feito isso bastante. — Acabo dando risada e volto a comer. Afasto os meus pensamentos e continuamos a comer. Estou quase terminando, falta apenas o meu pãozinho, quando alguém bate na porta e vai abrindo-a.

Não me sinto surpresa ao ver que é a mãe do Adrian. Ela nos olha e diz:

— Filho, seu pai está te chamando.

— Está bem. Já volto, Diana. — Ele se

PERIGOSAS NACIONAIS

levanta, pega a bandeja de café da manhã e me deixa com o pão que está em minha mão. No entanto, a mãe dele não sai junto. Ao invés se afastar, ela chega mais perto de mim, se senta na cama e coloca a mão em seu colo.

— Então, seu nome é Diana.

— Sim, é. Prazer em conhecê-la.

Alerta sogra! Estou começando a ficar nervosa!

— Não precisa ficar perturbada por eu ter vindo aqui falar contigo — diz, apaziguadora, mas não estou sentindo-me tranquila. Isso parece a calma antes da tempestade. — Venho te pedir algo... Não deixa o Adrian te perder.

Oi?

— Hum...

— Eu conheço o meu filho — murmura,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parecendo procurar palavras para se expressar, e faz uma pausa dramática. — Não o deixe estragar tudo. Como é que vocês dizem? Ele tem o dom de “vacilar”. Nunca vi o meu filho tão feliz. Falo como a mulher que o conhece literalmente a vida toda, que assistiu tudo o que ele já fez e viveu com tão pouca idade. Obrigada.

Vejo-a sendo tão sincera, sinto uma pressão/expectativa/esperança sobre meus ombros, mas não posso e não vou dar falsas esperanças nem para ela ou para mim.

— Minha senhora, não posso te prometer nada. Sei que o Adrian não é um cara fácil, ele é bom em ser todo errado. Sei disso, pois também sou toda errada. É tudo muito novo, desculpe. Não posso dizer que ele vá mudar, ou que vou perdoar qualquer mancada dele. Infelizmente, esse não é um traço da minha personalidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, não sou cega. Vocês são muito parecidos. Só quero que tente um pouco mais quando o Adrian pisar na bola. Sou a mãe dele, sei que em algum momento ele fará isso. Você desejará enforcá-lo com as suas próprias mãos. — Mordo o pão, tendo que concordar. *Não duvido nada aquele cafajeste pisar na bola comigo em algum momento e eu ser obrigada a arrancar as bolas dele.* No entanto, ela não terminou de falar, pois abaixa a voz e se aproxima de mim. — Sabe, eu também quero muito um neto. Bom, estou ficando velha, preciso de uma felicidade em minha vida.

Claro, por último a bomba! Acabo engasgando com o pão. Ele não desce e me sinto sufocando. Começo a tossir, mas nada parece aliviar e meus olhos se enchem de lágrimas. Tento forçar a engolir e parece rasgar a minha carne. Ela se levanta e vem bater nas minhas costas, PERIGOSAS ACHERON

desesperada. Vendo que não está adiantando, fica mais em pânico ainda e começa a gritar:

— EU MATEI A MINHA NORA! EU MATEI A MINHA NORA!

CAPÍTULO 17



HISTÓRIAS JAMAIS TERMINAM, APENAS RECOMEÇAM

O Adrian vem correndo, fazendo barulho pelo corredor, e aparece na porta com um copo de água na mão. Assim que me vê engasgada, me entrega o copo com o líquido e me faz beber. Sinto o pão descendo como se estivesse rasgando tudo por todo o caminho. Posso, enfim, respirar fundo. Puxo o ar, parecendo um pouco desesperada. Mentira, estou bem desesperada.

Enquanto me recupero e busco me acalmar, Adrian encara a mãe com um olhar fulminante.

— MÃE, O QUE VOCÊ FEZ?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu só disse que queria um netinho...

— MAS É O QUÊ? — Vejo que Adrian parece ficar pálido enquanto se senta na beira da cama.

— É só um netinho, filho. Não é tão difícil assim...

— Mãe... — Ele puxa o ar, respirando fundo, tentando se acalmar. Eu lhe ofereço o resto da água que sobrou no copo. Ele aceita, bebe um pouco e então continua: — Obrigado, Diana. Mas, mãe... Eu nem a pedi em namoro ainda. É tudo muito recente. E você já vem falar de neto.

— Ué! Eu quero sim! Um só ou dois, acho já será o suficiente — diz, quase revirando os olhos para em seguida estreitá-los. Quase posso ler em sua testa “não creio que não vai me dar nem um netinho!”.

— Mãe, assim você vai fazer com que ela me

PERIGOSAS ACHERON

largue — diz em um tom cansado.

— Como assim? Você, um rapaz bonito assim. É só você não fazer merda. — Fico apenas observando e ele me olha, pedindo desculpa silenciosamente. Apenas dou um sorriso para amenizar a situação, mas a mãe não para de falar. — Aliás, se ele parecer com ela, será tão lindo!

Se parecer comigo será lindo? Quer dizer que se parecer com ele não será? Começo gargalhar.

— Hum... Obrigada?

— De nada, querida. Aliás, lavei as suas roupas, estão limpas e cheirosas. Recolhi enquanto estavam dormindo. — Ela caminha em direção à porta como quem não quer nada, mas para no meio do quarto, diante do Adrian. — Ela será uma boa mãe. Tem humor, é bonita e gosta de você. Requisitos perfeitos.

Se eu tinha vergonha de rir, já não tenho

mais, pois a expressão do Adrian é impagável. Ela ainda passa a mão na cabeça do filho.

— Não faça burrada nem estrague tudo! — repreende antecipadamente e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

— Desculpa por tudo isso, Diana — diz ele, sem graça.

— Nada. Apesar do susto, é bem divertido.
— *Vamos ignorar o meu leve pânico com tudo isso.*
— Mas quero saber... Como você sabia que eu precisava de água?

— O pai disse que, quando começasse a escutar gritos em pânico e desespero, era para correr trazendo água.

Novamente dou uma alta risada e o Adrian me acompanha. *Que família!* Provavelmente o pai dele conhecia o teor da conversa e imaginou a minha reação... O que foi bem suposto, aliás! Eu

PERIGOSAS ACHERON

poderia ter outra reação, mas coincidentemente, acertou. Experiência própria, talvez?

Bocejo, ainda com o corpo um pouco ruim da viagem. Viro-me para olhar o relógio na cabeceira da cama e vejo que ainda são onze horas. Adrian segue o meu olhar e diz que irá tomar banho primeiro para que eu possa ficar mais algum tempo confortável na cama.

Que atencioso.

Quando ele entra no banheiro, me preparo para me acomodar melhor na cama para realmente aproveitá-la mais. Ele apenas encosta a porta. *Será que espera um segundo round?* Meu pensamento é cortado quando a porta do quarto começa a abrir lentamente “sozinha” e vejo novamente a mãe do Adrian colocando a cabeça antes do corpo, espiando. Assim que percebe que estou só, entra na ponta dos pés, fazendo-me sorrir.

Onde será mesmo que o Adrian aprendeu a ser assim e fazer as coisas erradas?

— Diana, querida, onde está o Adrian? — diz baixo, quase em um murmúrio.

— Está no banheiro, tomando banho — respondo no mesmo tom.

— Bom, tem algo que acho que somente você pode fazer — fala, sentando-se na beira da cama, próxima a mim.

— O quê? — indago com estranheza e medo.

— Convença-o a voltar para a faculdade. Faltava apenas o último ano de TI. Ele fez o primeiro ano, mas com as coisas loucas que fez... Às vezes, saía com a perna ou braço quebrado... — Até o imagino indo para faculdade e arrumando briga com alguém. Adrian parece ser popular, mas no meio de pessoas como ele. — Tinha que faltar a faculdade, então a trancamos. O avô, em busca de

PERIGOSAS ACHERON

lhe dar responsabilidade, o colocou oficialmente para trabalhar. Pelo menos para saber o quanto custava cada vez que ele fazia as coisas erradas e se machucava, já que obviamente a dor não era o suficiente.

— Como posso fazer isso? — pergunto, sentindo uma pesada expectativa sobre mim. Mas ao mesmo tempo quero rir, pois lembro dele dizer “*Funciono melhor ao sentir dor*”. Bom, a mãe dele não precisa saber disso.

— Mulheres sempre sabem como manipular seus homens, querida. — Escutamos o som de chuveiro sendo desligado. Ela pisca para mim e se retira do quarto, deixando-me com essa responsabilidade no meu colo, que não sei se eu quero. Bom, vamos ver no que dá.

Logo depois que a porta do quarto é fechada, Adrian sai do banheiro, gloriosamente nu, secando

a cabeça com a toalha. Ele para na porta e me encara. Em seguida, olha ao redor, estranhando, e então o seu olhar retorna para mim.

— Tinha alguém aqui?

— Aqui? Não, por que teria? — indago, curiosa.

— Hum... OK. Verdade... Se quiser, pode ir tomar banho — diz, nem um pouco preocupado. Ele vai até o seu guarda-roupa para pegar as suas roupas. Jogo a coberta para o lado e vou até ele rapidamente, dando um tapa em sua bunda. Adrian dá um leve pulinho, se surpreende e ri. Balança a cabeça em negativa, ainda rindo. — Abusada.

Dou de ombros e sigo em direção ao banheiro. Meu banho não demora, aliás, nunca demoro muito. *Não posso mais ficar aqui, pois o trabalho me espera.* Respiro fundo e saio do banheiro. Vou atrás da minha roupa e a encontro

dobrada e passada na pia. Visto-a rapidamente e vou atrás da minha bolsa no quarto do Adrian, vendo-o sentado na cama.

— Já vai embora? — indaga.

— Sim, tenho trabalho, Adrian — digo, pegando a minha bolsa para tirar minha maquiagem e celular. — Apesar de você ser um garoto delinquente de vinte e um anos, eu sou uma mulher de vinte seis que tem responsabilidade com o meu trabalho. Também tenho um irmão me esperando.

— A viagem dura, no máximo, quatro horas de moto, minha senhora... — retruca e apenas o olho, levantando uma de minhas sobrancelhas, desafiando-o a me chamar de senhora de novo. *Eu perco o batom, mas a porta dos fundos dele nunca mais será a mesma.* Ele levanta a mão, defendendo-se. — OK, OK. Só espera um pouco, eu te levo para casa.

Ele não espera a minha resposta e sai apressado. Pouco depois, escuto o som de moto sendo ligada, saindo em disparada. Bom, fazer o quê? Aproveito o momento para me maquiar com mais cuidado e cuidar dos meus cabelos enquanto penso no meu plano mirabolante de fazer aquele “ordinário” voltar para a escola. No caso, faculdade.

— Acho que isso não vai dar certo... —
Penso em voz alta.

Espera, por que estou pensando tanto? Já sei o que fazer para que ele se inspire e estude muito. OK, sem ficar parada. Vou arrumar este quarto enquanto o Adrian não volta. Posso bagunçar minha casa, pois sou eu que arrumo, mas a dos outros é sacanagem. Não vejo o tempo passar e, quando me dou conta, o Adrian já está de volta, abrindo a porta todo animado. Ele carrega um

capacete preto com algo vermelho que ainda não consegui ver. Todo orgulhoso, ele se aproxima e me mostra a parte de trás do capacete.

— Este aqui é seu, minha querida — diz, mordendo os lábios em meio a um sorriso.

A coisa vermelha é uma pequena demônia. Claro que Adrian não me viria com uma aliança, mas ganhar um capacete estilizado não é o que imaginava. Contudo, mesmo assim, eu adorei. É muito a minha cara.

— Adorei a temática. Assim como a jaqueta do clube. — Pego o capacete e mando um beijo para ele. Talvez Adrian esperasse mais, mas não sou fácil.

Ame-me loucamente ou me odeie com todas suas forças.

Vou educadamente me despedir dos familiares do Adrian, pois eles me receberam de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bom grado. Tudo parece surreal para mim, pois a agem com uma naturalidade absurda. Involuntariamente, isso me faz querer segurar o Adrian pelas orelhas, ir até uma cozinha, pegar uma faca e ameaçar a “dignidade” dele. O pensamento de ele aparecer com trocentas mulheres aqui me incomoda. Respiro fundo, sorrio e vou para a moto. Adrian vem logo atrás de mim, com um sorriso enorme no rosto. Sabe quando olhamos para alguém e só vem aquele desejo leve e totalmente delicado de acabar com a alegria alheia? Então... Apesar de que tenho que admitir que depois do clima tenso que estava no cemitério, ver esse sorriso cretino, sem-vergonha e cafajeste me causa um certo alívio.

— Vamos? — pergunta ele.

— Claro.

Ele sobe na moto e a liga. A viagem começa

PERIGOSAS ACHERON

e observo mais atentamente, a cidade é linda e adoraria morar por aqui. Mas o grande problema de ser “eu” é que a minha mente trabalha muito enquanto estou calada. Trabalha por quase metade do caminho, sabe? Estou bolando o meu plano divertido de acabar com a alegria do Adrian. Não que ele mereça, só não gosto de passar vontade. Claro que não é porque me vi apaixonada que vou mudar e parar de atormentá-lo.

Só que tenho que acabar com a alegria dele ganhando algo com isso. Óbvio. Hum... Talvez eu só lhe dê corda e o ensine que quem manda aqui sou eu... *Sim, é isso!*

— Hey! Você gosta de estudar? — pergunto alto, mas parece que não o suficiente, pois ele começa a desacelerar a moto.

— Oi? Não estou te escutando direito! Vou encostar a moto — responde e mal escuto, pois tem

muito barulho ao redor e o capacete abafa boa parte do som. Adrian desacelera e vai até o acostamento, colocando o pé no chão. Ele tira o capacete e se vira um pouco para mim. — Sim, Diana?

— Você gosta de estudar? — Minha voz sai abafada, já que não tirei o capacete. Abro a viseira quando me dou conta, mas pelo que parece, pelo brilho em seu olhar, ele me escutou.

— Claro, se você for a professora — fala com aquela voz de segunda intenção.

Ele parece animado com as ideias que provavelmente começaram a brotar em sua mente e isso me faz sorrir para ele. *Vai achando que está indo do seu jeito...*

— Isso me parece um sim... — digo, pensativa, para então concluir satisfeita: — Ótimo. Eu te ajudo nos estudos, você voltará para a faculdade. Podemos prosseguir com a viagem, por

favor. Tenho casa e trabalho me esperando.

— Como é que é? Como assim, Diana? Ei, Diaba. Isso foi um truque! — exclama, indignado.

— O importante são os resultados! Vamos! — exclamo em um tom de tanto faz e dou de ombros.

Ele volta a ligar a moto, resmungando, e coloca de volta o capacete. Belisco-o para parar de resmungar enquanto dou risada da sua cara. Não me responde, pois parece estar pensando. Quase posso ouvir suas engrenagens funcionando. O silêncio recai sobre nós por quase toda a viagem e chegamos na minha casa com o sol se pondo.

Desço da moto, já pegando as minhas chaves na bolsa, enquanto caminho para a porta. Não preciso de muito para imaginar que o Adrian virá atrás de mim, então sequer me dou o trabalho de olhar para trás. *Lembro-me que alguém me disse*

uma vez que confiança demais faz mal. Não sei se fará, mas as minhas constatações geralmente estão certas.

Abro a porta e vejo que assim como da última vez, a casa está limpa e bem-cuidada. Mas tudo está muito quieto, nada faz menção da presença do meu irmão. Isso me faz sentir certo baque no peito. Não porque eu ache que aconteceu algo, mas por saber que provavelmente vou demorar a revê-lo se por acaso resolveu ir embora. Ando por toda a casa, procurando as suas coisas, e, quando chego à cozinha, encontro um bilhete pregado na geladeira.

Escuto a voz do Adrian atrás de mim, parecendo preocupado.

— O que foi? — indaga. Antes de respondê-lo, pego o bilhete e leio.

Hey, mana! Já vim e é hora de partir.

Arrumei um trabalho. Não poderia mais ficar em sua casa para sempre, por isso arrumei um canto para mim. Obrigado por me receber aí. Espero que tenha dado tudo certo aí com esse seu coraçãozinho. Beijos, B.

Só o Ben para ir embora e achar que vou encontrar um bilhetezinho de despedida. Na verdade, eu o procurei pela casa toda antes de encontrar seu bilhete, mas encontrei.

— Aconteceu algo? — persiste Adrian. — Cadê o seu irmão?

Olho, surpresa. *Adivinhão*. Abaixo a minha cabeça e encaro minha mão, sorrindo fraco enquanto dobro o bilhete.

— Benjamin foi embora. Parece que arrumou um lugar para ficar.

Sinto o seu olhar sobre mim então levanto a cabeça para encará-lo, vendo-o se encostar no

PERIGOSAS ACHERON

batente da porta. Ele cruza os braços e coloca o pé como apoio, olhando-me fixamente.

— Que história é essa de professora, Diana?

Que habilidade é essa de mudar de assunto para um nada a ver? Reviro os olhos para ele enquanto um sorriso surge nos meus lábios. Espalmo minha mão contra a mesa e me inclino um pouco para frente, dando uma boa visão do meu decote de propósito, enquanto o desafio com o olhar ao mesmo tempo.

— Você quer mesmo saber, Adrian?

— Claro. Isso me interessa muito.

— OK. — Ergo o meu corpo e o endireito. Arrumo a minha roupa, como quem não quer nada, e dou a volta na mesa. Caminho em sua direção e sorrio. Pego a sua mão, descruzando os seus braços, e o guio até o sofá. Deixo-o parado de costas para o sofá, solto a sua mão e o empurro para que se sente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em seguida, subo em seu colo de maneira sensual. Ele, por sua vez, parece adorar tudo e fica bem quietinho, só com um enorme sorriso bobo no rosto. — A cada nota boa que tiver, você terá uma aula particular comigo.

— Hum...

Abaixo o meu olhar e desabotoo a camisa lentamente, revelando boa parte do meu decote e sutiã. Levanto o meu olhar e mordo o lábio inferior. Levo a mão até o seu rosto e aproximo minha face da dele, quase o beijando.

— No entanto, se tiver notas ruins, não brincará neste parque de diversões por um longo tempo. Fui clara?

— Como cristal — responde. Os seus olhos estão acinzentados nublados.

— Perfeito.

Levanto do seu colo e termino de tirar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

camisa. Em seguida, desabotoo a calça enquanto tiro os meus sapatos. O olhar do Adrian está atento a cada movimento meu e eu o provoço de propósito, tirando a calça devagar. Assim que termino, olho-o com malícia. Pelo volume em sua calça, sei que gosta muito do que vê. Dou-lhe as costas, subitamente indo para a cozinha, e pego a “preciosa e eficaz” na cozinha. Retorno rapidamente para a sala com as mãos para trás.

Ele me olha curioso e volto a me sentar em seu colo, propositalmente sobre sua ereção contida pela calça, sem tirar as mãos das costas.

— Gosta de tudo isso que vê, não é? Terá TUDO isso em troca de voltar para a faculdade e a terminar com LOUVOR. Só falta um ano... — digo, inclinando-me para frente, e o beijo, provocando-o com uma mordida no final. — Mas se você me trair... Ah, Adrian. — Tiro a mão das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

costas, revelando minha faca japonesa, e o vejo ficando pálido. — JURO que corto na hora a sua cauda e jogo no triturador. Entendido? — Completo com um sorriso “fofo”.

— Uhum... — responde, claramente me vendo com outros olhos a partir de hoje.



Alguns tempos se passam e estou focada no trabalho. Auxílio a Nina com os detalhes do seu casamento que a cada dia se aproxima mais. Com a coisa de gravidez, Luke está com trabalho até a próxima encarnação para poder não deixar nada para trás, então acabo fazendo companhia para a Nina nas idas e vindas ao médico. Só nesta semana, ela fez exames de sangue e tudo mais. Fora que não podia ver nada de bebê em uma cor “neutra”, já que estão de frescura para saber o sexo do bebê, que já queria comprar.

PERIGOSAS ACHERON

Recebi algumas mensagens do Adrian dizendo que os pais dele “deram um jeito” de ele voltar para a faculdade mês que vem. Como não tenho como encontrá-lo neste tempo, aviso por mensagem sobre o casamento da Nina. Explico que ela me disse para levá-lo comigo e ele concorda com um joinha. Qual o problema dos homens em responder direito? Quando falo de putaria, falta declamar *Shakespeare!* Bom, tanto faz, já que não tenho mais ninguém para me acompanhar mesmo. *Não que eu seja aquele tipo que se preocuparia se fosse sozinha, enfim... vocês entenderam.*

O casamento foi exatamente o que esperávamos e o que não esperávamos. Luke se superou em qualidade, mas surpreendeu com toda a situação para exaltar a Nina e seu amor, e para criar para ela o cenário perfeito de um conto de fadas. Foi um casamento como nunca vi e sei que minha amiga irá suspirar e sorrir “bobamente feliz” pelo

PERIGOSAS ACHERON

resto da vida.

No fim do casamento, não poderia faltar o humor dos dois problemáticos. Sobrou até para o Adrian, mas ele soube lidar com a situação.

Após nos despedirmos dos noivos, Adrian me leva para casa e me diz que vai começar as aulas em breve. Concordo com a cabeça apenas, fazendo pouco caso, e ele me olha pensativo. Rio e olho para ele, dizendo que nos encontramos no clube para irmos à faculdade. Provavelmente por não transarmos faz tempo, ele deve estar maquinando algum plano, pois facilmente concorda.

Não é que consiga tranquilamente ficar sem sexo, mas tenho metas e ideias fixas.

Essa promoção na empresa tem acabado comigo. Bom que com o dinheiro a mais, eu consegui dar entrada na moto. Ainda bem que tirei carteira de carro e moto, não só de carro. Todas

PERIGOSAS NACIONAIS

aquelas chatices e regras valeram de algo. Embora, até então, não tinha visto interesse em andar em uma. A minha não é muito cara, óbvio, mas o foco é: *odeio depender dos outros*.

Quando chega o dia de ir à faculdade do Adrian, dou meus pulos e adianto o trabalho para poder faltar. Adrian tira uma foto saindo para o clube e apenas respondo com um “joinha”. Pego o meu capacete e me dirijo para o clube. *Por que tudo isso, Diana? Bom, meninas, se tem algo que é meu, tenho que mostrar que sou dona*. Por isso, embora a minha moto não seja uma R1, me visto para matar. Assim que paro a moto ao lado de Adrian, ele sorri enquanto me encara.

— Você sabe que fica linda nessa moto, né?
— comenta.

Sorrio e abro a viseira.

— Vamos logo ver onde irá estudar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai comigo na minha moto? —
indaga, confuso.

— Claro que não! Comprei a minha para
andar nela. Vamos.

Com uma cara nada feliz, Adrian põe o capacete e liga a própria moto. Abaixo o visor do meu capacete e ele me guia em direção à faculdade. Não é muito longe, então, quando menos espero, estamos chegando.

Deixo-o ir um pouco mais a frente e vou atrás, tomando cuidado, pois têm muitas pessoas para todos os lados. Há muitos jovens, a maioria aparenta ser um pouco mais novos que o Adrian, que tem vinte e um. Ele estaciona próximo a um prédio, onde imagino ser a diretoria. Devido ao estilo *bad boy* do Adrian, muitos projetos de... pessoas decentes reparam nele. Paro em uma distância segura e fico observando. Ele

PERIGOSAS ACHERON

aparentemente ignora. Tira o capacete e fica procurando por mim, pensando provavelmente que eu estacionaria a moto ao seu lado logo em seguida.

Seguro a risada e aceno com a mão. Assim que me vê, desliga a moto e vem caminhando até mim. Ajuda-me a descer da moto após eu desligá-la.

— Vamos. Vou te mostrar a fraternidade.

— Está bem. — Adrian me guia até a porta da fraternidade, segurando a minha mão enquanto olho para ele de canto.

Mesmo com essa atitude dele, uma menina loira, que parece agitada, vem na direção do Adrian. Ela me empurra para o lado, tomando o meu lugar ao lado dele. Olho para ela e ergo a sobrancelha, fitando-a de cima a baixo.

— Com licença, senhora.

Senhora? Mas como é que é?

— Oi, garotão! Maneira as suas tatuagens! Quer ir a uma festa? — diz, segurando o braço dele entre os seios dela.

Que sedução fraca. Francamente, é isso que as crianças entendem como seduzir?

— Não, desculpa. Tenho algo mais importante... — Adrian tenta se desvencilhar e eu quero rir. *Medo, Adrian? Tenha mesmo.* A garota não desiste e o interrompe, colocando o dedo indicador nos lábios dele.

— Prazer em conhecê-lo. Sou Caren.

O Adrian parece impaciente, está com cara de poucos amigos. O homem continua tentando fazer com que ela o solte com a maior cara de “*não fode comigo, garota*”.

— Eu não posso, garota. Eu...

Desta vez, sou eu que o corto, recebendo o olhar surpreso dele e dela. Sorrio quando seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

encontram os meus.

— Ele irá, Carenzinha. Quando é?

— É hoje, senhora — fala, olhando-me com estranheza.

Meio que entendo agora a raiva que a Nina sentia ao ser chamada de velha. Puta projetinho mal feito de mulher. Adrian me olha incrédulo, com uma expressão de “que porra é essa, mulher?” ou de “você não ameaçou cortar meu pau?”.

— Está bem, ele irá. — Afirmo e a pessoa em questão ergue a sobrancelha. — Qual fraternidade?

— Alpha. Você pode ir também, senhora. — *Abusada e audaciosa? Pois não deveria brincar com as pessoas mais velhas.* — Quem sabe não encontra alguém da sua idade? É uma festa a fantasia.

— Obrigada pelo convite. Te encontrarei lá.
— Levo a mão ao ombro dela e a afasto dele com
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

calma, segurando-o pela roupa. — Vamos, Adrian.
Tenho uma festa para ir.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 18



A FESTA

Enquanto puxo a roupa do Adrian, algumas pessoas nos olham, curiosas. No entanto, outras parecem se animar. Levo-o até a moto dele para só então o soltar. Escuto-o começar a rir baixinho e me viro de frente para ele. Foco meu olhar em seu rosto e ergo apenas uma das sobrancelhas.

— O que foi? — indago, cruzando os braços.

— Só estou achando divertido — diz ao puxar do bolso da jaqueta um maço de cigarros enquanto se apoia em sua moto. Ele bate o maço contra mão, tira um cigarro de lá, leva-o a boca na maior paz do mundo e me encara com um brilho

PERIGOSAS NACIONAIS

felino e desafiador nos olhos. — O que foi, Diaba? Está com medo? Não parece você. Não confia em seu taco?

Acho que esse cachorro está muito abusado...

Olho-o de cima a baixo e lentamente abro um sorriso debochado. Deixo o meu olhar cair para o chão, vendo onde vou pisar, e dou um passo largo adiante, acabando com o espaço que nos separava. Levanto o meu olhar e fixo no seu. Pego o cigarro de sua boca, coloco-o na minha e o trago só para jogar a fumaça em sua cara. Observo o sorriso do Adrian aumentando enquanto fecha os olhos por instinto.

— Não precisa se fantasiar. Deixa isso comigo — digo e então levo a mão ao seu rosto. — Você verá quem não confia no próprio taco, *bad boy*.

PERIGOSAS ACHERON

— OK, Diaba. Mas desde quando você fuma? — indaga, curioso, o que me faz revirar os olhos.

— Se não se recorda, tenho uma amiga certinha. — Dou de ombros — Me fez tomar jeito. Não pense que você é o único tipo certo de pessoa errada, Adrian — completo, devolvendo o cigarro.

Viro-me e caminho até a minha moto. Coloco o capacete ao mesmo tempo em que subo nela, dando partida logo em seguida. Não o espero se despedir. Irritada, tomo o meu caminho para as compras. Passo no *sex shop* e em uma loja especial que completa o meu plano. Plano esse que me faz rir sozinha.

No momento em que piso dentro de casa, meu celular começa a tocar e suspiro, colocando as sacolas no chão antes de pegá-lo. Vejo a foto do Adrian e deixo tocar mais umas duas vezes antes de

atender. Coloco no viva-voz enquanto ponho o celular no bolso da jaqueta com o microfone para cima.

— Diga, Adrian — falo, abaixando-me um pouco para pegar as sacolas, e então fecho a porta com o pé.

— *Esqueci de perguntar, quer que eu passe aí para irmos juntos? Provavelmente vai começar no início da noite* — pergunta.

— Não, pode ir na frente, querido. Te encontro lá. — Subo as escadas com as sacolas.

— *Tem certeza? Diana, o que está tramando?* — questiona, suspeitando de mim.

— Eu? Tramar? Eu concretizo planos. Não seja afobado, logo nos encontramos — digo e desligo a chamada. Ao entrar no meu quarto, jogo as sacolas sobre a cama e tiro de uma delas uma roupa de látex e um talco. — Isso terá que servir. É

bom que seja verdade que isso ajuda a vestir.

Almoço e vou fazer algumas coisas, como, por exemplo, colocar roupa para lavar. Ligo para a empresa para saber como estão as coisas e mando um SMS para o Benjamin e para Nina. Aproveito o tempo vago e vou dormir, pois faz tempo que não “vagabundeio”. Acordo e estico a mão em busca do meu celular para ver as horas. Noto que já está na hora de me arrumar, então me levanto preguiçosa e vou tomar banho, mas não antes de fazer umas ligações. Afinal, como diz o Adrian, eu estou tramando.

Após o banho tomado, arrumo os meus cabelos e visto a roupa. Até que não foi tão difícil. Só incomoda um pouco não usar nada além dela. Ainda bem que não é transparente. Coloco meus saltos e deixo a maquiagem por último. Por fim, me olho no espelho, satisfeita com o efeito “de matar”

que vou causar.

Meu olhar recai no relógio e penso que está passando da hora. Vou até a minha bolsa e a pego junto com uma sacolinha com as coisas que comprei hoje. *Tadinha da Caren, ou de mim, quando tenho que admitir o quanto possessiva sou.*

Retorno com a minha moto para a faculdade. Por causa da festa, é muito fácil encontrar a fraternidade. Encaminho-me até ela, tomando cuidado para não atropelar os adolescentes que se espalham por todo o lugar. Estaciono a moto e a travo para então entrar. Observo o local e vejo que não está nada diferente de quando cursei aqui.

Um rapaz mais audacioso não se contém em ficar apenas me olhando e se aproxima. Ele passa a mão pela minha cintura e o miro de rabo de olho, mas finjo cair no seu papo furado apenas para conhecer mais o local. Pergunto sobre os quartos e

ele se anima muito. Não dá para evitar esse tipo de coisa quando ando como um fetiche ambulante.

Após me localizar, passo o polegar no rosto dele, flertando descaradamente. Digo que quero ir para o quarto mais afastado, no fim do corredor. Ele sorri e me leva lá, muito satisfeito. Espero-o abrir a porta e o “esperto” se vira para mim, mostrando-me de um jeito convencido que tem a chave.

— Tenho exatamente para isso, para ninguém incomodar. Que golpe de sorte encontrar uma garota como eu, sem enrolações.

Sorrio, pego a chave de sua mão e pisco.

— Vai tirando a roupa e se acomode na cama. Deixa que eu fecho a porta.

— Safada... — diz em apreciação. — Nunca pensei que fosse achar tão gostosa uma mulher com roupa de látex e capacete.

— Não sabe o quanto — respondo, piscando.
— Aposto que nunca verá uma mulher como eu.
Tenho certeza.

Animado, ele entra no quarto, tirando a roupa até meio desajeitado. De tão afobado, não percebe que não entrei no cômodo. Inclino para frente o suficiente para pegar a maçaneta e puxá-la, fechando a porta. Tranco logo em seguida e deixo a chave no chão. De relance, através de uma janela, algo me chama a atenção. *Embora o babaca dentro do quarto espanque a porta, ofendendo-me.* Vejo o Adrian no térreo em frente à piscina, conversando com alguns garotos do time de futebol e com algumas piranh... Marias chut... Não... Garotas. Elas parecem estar tentando pegar os outros caras e o que é meu. Desço e me encaminho diretamente até ele. Não tirei o capacete, pois é uma festa à fantasia e perderia o impacto que quero causar. Sim, tem um anime em que a personagem que

PERIGOSAS ACHERON

gosto, usa um capacete.

As minhas passadas até chegar ao Adrian ganham algumas pessoas como plateia. Não que desde o momento que saí andando pela festa não tenha pessoas observando-me. Não vou fingir que não percebo, não é como se me incomodasse, mas admito que amacia o meu ego.

Tiro o capacete e, assim que o olhar do Adrian cai sobre mim, ele me olha como um lobo faminto. Percebo que um dos projetos de mulher ali, claro, é a tal da Caren. Sorrio para ela e elimino a distância entre Adrian e eu. Beijo-o sem colocar minhas mãos nele, provocando e brincando com o seu juízo, mordendo os seus lábios vez e outra.

Carregado de tesão, Adrian retribui o beijo na mesma medida enquanto leva a mão até minha cintura. Sua mão não fica muito tempo no lugar e desce até a minha bunda, apertando-a,

descarregando o seu desejo. Entretanto, no meio do beijo, abro os olhos e olho diretamente para Caren, sem deixar de beijá-lo. Não é como se eu estivesse muito madura neste momento, mas nada melhor do que se vingar pelo “velha” e mostrar de quem é esse *bad boy*.

Olha que ainda estou começando.

Afasto-me dele e lhe entrego o meu capacete para ele segurá-lo, apenas para eu pegar a sacolinha que trouxe. Tiro de lá uma coleira e recebo um olhar de surpresa de Adrian. Ignoro-o e a coloco nele.

— Agora você é meu. Venha, Adrian. — Enfio o meu indicador entre a coleira e o seu pescoço e o puxo um pouco mais contra mim, fazendo-o se abaixar. Guio-o pela festa, entrando na fraternidade, deixando para trás os projetos de pi... e levo-o para o segundo andar.

Os rapazes que são amigos do Adrian ficam agitados e gritam.

— Aí, sim, Adrian!

Não o deixo responder, apenas sigo levando-o até o segundo andar. Levo-nos até um quarto específico, abro a porta e o puxo para dentro junto comigo. Solto-o apenas para fechar a porta atrás de nós. O quarto está bem arrumado e tem fotos da sua dona por todo ele.

Adrian observa lentamente para deixar seu olhar recair sobre mim.

— Nossa, você é muito má — comenta enquanto pega um dos retratos dela, virando-o para mim e balançando-o.

Viro-me para ele e vejo o retrato, mas apenas dou de ombros. Pego da mão dele e o coloco de volta no lugar. Deixo a minha bolsa e o capacete perto da porta e levo a minha mão até o seu peito

PERIGOSAS NACIONAIS

para guiá-lo até a cama. Empurro-o, fazendo-o cair sentado nela. Subo em seu colo e me sento, voltando a segurá-lo pela coleira.

— A festa começa agora — digo.

— Sim, a dona da festa está aqui — responde Adrian, mordendo o próprio lábio.

Ele leva a mão ao meu quadril e me puxa mais contra ele para que possa sentir a sua excitação. Ao mesmo tempo, se aproxima para me beijar, mas não permito.

Ainda sentada no colo dele, vou um pouco mais para trás para conseguir abrir o zíper de sua calça. Mas, antes de qualquer coisa, saio de cima dele.

— Adrian, vá lavar isso.

Ele abaixa a cabeça e ri. Levanta-se e vai para o banheiro ligado ao quarto.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sabia que ia mandar que eu lavasse, estava até estranhando — comenta lá de dentro e logo escuto o som de água caindo.

Enquanto ele está no banheiro, pego a cadeira da escrivaninha e a coloco escorada, prendendo na maçaneta para travar a porta. Adrian sai do banheiro já sem a calça, com ela dobrada. Coloca no chão ao lado da cama para então se deitar de frente para mim. Ele está a ponto de bala, dando-me uma visão pecaminosa de um *bad boy* nu com uma coleira. A visão, em conjunto com meus pensamentos, me excita, querendo tudo e mais.

Sorrio e vou até ele, subindo na cama engatinhando. Provoco-o, passando a ponta das unhas sobre suas coxas até chegar à sua ereção. Finjo que vou tocar o seu pau, mas levo a minha mão até a sua barriga, acariciando cada curvinha de seus músculos definidos sem exageros, fazendo-o

se arrepiar. O controle que tenho sobre a situação me deixa ainda mais molhada.

Passo a língua em meus lábios, umedecendo-os, e não resisto ao desejo de tê-lo em minha boca. Levo a mão até a sua “cauda”, que logo reage ao meu toque. Sento-me e aproximo o meu rosto do seu pau. Sinto-o se enrijecer ainda mais em minha mão devido à expectativa. Levo-o à minha boca, deixando-o tocar os meus lábios, e sinto o seu pulsar, latente, ansioso por mais. Quando passo, enfim, a ponta da língua sobre a sua glândula, escuto-o gemer e vejo novamente a sua pele arrepiar. Coloco o máximo possível dentro da boca e retiro. Umedeço e lubrifico, repetindo o processo, colocando pressão e fechando um pouco a boca. Eu me divirto ao vê-lo se contorcer e gemer com o que faço.

O seu desejo por mais de mim, o controle que

PERIGOSAS NACIONAIS

tenho, o perigo e o tesão que sempre nos envolve, assim como a expectativa de tê-lo logo dentro de mim, me deixam cada vez mais molhada, ansiando por mais. Provoco-o e o levo quase ao ápice, mas paro no último segundo, fazendo-o suspirar. Ele deixa o corpo ficar mais relaxado na cama devido à frustração de quase gozar em minha boca.

Afasto-me e abro o meu zíper, que até então aparentemente era apenas um decote no macacão, mas é um zíper que vai até o meio das minhas pernas, quase deixando à mostra a minha bunda. Deixo o “caminho livre” para que ele olhe. Seu olhar sobre meu corpo exposto é lento, apenas parte dos seios fica escondida pela roupa. Ele engole em seco.

— Eu não trouxe camisinhas, Diana — diz em tom de lamento. — Esqueci na moto.

— Calma. — Engatinho e fico sobre ele,

PERIGOSAS ACHERON

esticando-me para alcançar a cabeceira da cama. Os meus seios acabam saltando para fora devido à minha posição e batem em seu rosto. — Opa, foi mal — comento e volto a minha atenção para a cabeceira, puxando a gaveta e encontrando algumas camisinhas. — Ah! Eu ach...

Minha voz fica parada na garganta quando sinto o toque quente de sua língua em meu seio. Ele os prende entre os dentes e os puxa, provocando um pouco de dor.

— Ai, Adrian.

Sem querer, acabo saindo com uma voz feminina demais, é quase um gemido. Ele toma isso como um incentivo e puxa mais. Com a mão segura o outro seio e o aperta, fazendo-me gemer.

Se é para ser assim... Como vingança, eu me levanto e fico em pé na cama. Forço-o a me soltar e o surpreendo quando vou para frente e me sento

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre o seu rosto, ficando de joelhos na cama. No entanto, essa “vingança” se torna mais um jogo de prazer, pois logo ele faz com que eu abra mais as pernas sobre o seu rosto e começa a me lambar, enfiando a língua em minha entrada. Minhas pernas parecem fraquejar enquanto gemo e tento encontrar um jeito para me apoiar, mas ele ignora e segura firme as minhas pernas. Segura-me e me puxa ainda mais contra a sua boca. Uma onda de prazer começa a se formar e acabo arqueando o corpo em abandono, rebolando, ansiando por mais. Entregue ao prazer que aumenta, gemo e tento me levantar, mas ele me impede. Continua a me lambar, chupar e me penetrar com a sua língua, levando-me à loucura. Acabo gozando em sua boca e ele parece fazer questão de continuar me chupando até que os meus espasmos cessem.

Minhas pernas estão moles, mas ainda quero mais.

PERIGOSAS ACHERON

Saio de cima dele e mostro a camisinha. O sorriso do Adrian se abre, satisfeito. Um tanto ofegante, ele pega a camisinha da minha mão e a coloca. Rapidamente me puxa de volta para cima dele, fazendo-me sentar em seu colo, invadindo-me de uma única vez. Meu corpo se contrai pela forma abrupta com que o recebo e gemo. Ele não é diferente e também geme deliciosamente, segurando meu quadril com força, tentando se conter.

O som de motos aproximando-se, potentes e fortes, chega aos nossos ouvidos. Ele para de se mexer e estreita os olhos enquanto abro um largo sorriso.

— Diana, você chamou o clube?

— Quem, eu? — digo, levando a mão até o seu peito, usando-o como apoio. — Nunca! Mas talvez tenha comentado com as garotas do clube

que a “Carenzinha” tinha chamado os *bad boys* da cidade para a festa dela. Sei lá, Adrian, tenho outras coisas em mente agora...

Mordo o lábio e começo a rebolar sobre o seu pau. Devido ao seu tamanho, o gesto provoca um certo incômodo que só aumenta ainda mais o meu prazer. O seu pulsar e os gemidos roucos do Adrian ecoando pelo quarto me incentivam a continuar e querer que esse prazer não chegue ao fim. Alterno o movimento e me apoio na cama, colocando as mãos ao lado da cabeça do Adrian.

Quase o deixo sair por inteiro apenas para sentar novamente, fazendo-o entrar por completo em seguida. Sinto-me quase perder o juízo quando ele leva a mão ao meu quadril, guiando nas estocadas fortes e cada vez mais duras.

Ao longe, podemos escutar a música parando e um silêncio reinando sobre a fraternidade. Levo

uma das minhas mãos à boca, silenciando os meus gemidos para escutar melhor.

Escuto a voz da Caren ao longe:

— Quem convidou vocês?

— A Diana disse que ia a uma festa à fantasia maneira. — A resposta é simples. No momento, não estou em condições de discernir quem foi que falou com a Caren.

— E quem é Diana? — ela diz em um misto de raiva, medo e confusão.

É a velha, projeto de piranha.

Não consigo me conter e acabo dando uma risadinha baixa, mas não deixo de me movimentar. Mexo-me apenas um pouco mais devagar para conseguir foco o suficiente para entender o que eles dizem.

— É uma garota com a jaqueta escrito

“*Diabolic*”. — Essa é a última coisa que escuto, pois logo a música volta a tocar.

O olhar do Adrian está sobre mim e preciso de muito esforço para não rir. Somente sorrio e me sento, ficando parada com ele todo dentro de mim, fazendo-o gemer baixo novamente.

— O que foi, Adrian? Não gosta do que estou fazendo? — digo, cínica.

— Cara, eu amo o que você faz — diz, dando um leve tapa em minha bunda. — Mas não é isso, é só que adoro ainda mais esse seu lado mau.

— Hum... Bom saber.

Ele leva as mãos até minha cintura, segurando-a firme, fazendo com que eu volte a me movimentar. Cavalgo em seu colo e vou em seu embalo. Quando seguimos um ritmo, sua mão desliza sobre a roupa de látex até chegar ao meu seio novamente. Ele parece não conseguir tirar o

PERIGOSAS ACHERON

olhar conforme me movimentava. Adrian enche a sua mão com um deles e com o polegar brinca com o bico enquanto morde os próprios lábios.

Inclino-me para frente, deitando sobre ele para beijá-lo, mas Adrian leva a sua mão que estava na minha cintura aos meus cabelos, segurando-os com força. Ele os puxa, torcendo levemente a minha cabeça. Aproxima o seu rosto do meu ouvido e sussurra:

— Posso ser mau com você só um pouquinho? — pergunta, mordendo a minha orelha, puxando-a de leve.

Sua voz rouca e carregada de tesão, em conjunto com a mordida, fazem com que eu me arrepie e uma onda de prazer me tome. Gozo novamente devido a onda de prazer que estou sentindo e apenas concordo com a cabeça.

Desconfio que, neste momento, concordaria

com qualquer coisa, mas abafa.

Sinto-o tirar o membro de dentro de mim e, curiosa, me viro para ver o que ele está aprontando, mas sou impedida pela sua mão, que ainda me segura pelos cabelos. Ele me penetra por trás, mas desta vez sem força e sem pressa para que não doa como da outra vez. Rebolo buscando ajudá-lo. A dor persiste, mas desta vez está mais suportável. Quando finalmente está completamente dentro, consigo relaxar e sentir prazer.

Começo a me movimentar e parece uma tortura para o Adrian, pois enquanto descubro que pode não ser apenas dor, mas prazer também, quero ir mais rápido. Mas Adrian, ao contrário de todas as nossas transas, ele insiste em se movimentar com cuidado e lentamente. Sinto que estou quase gozando de novo, mesmo com a ardência e dor. Em uma entrega mútua, aceleramos os movimentos e

PERIGOSAS NACIONAIS

gozamos juntos, trazendo uma sensação diferente de todas que já senti.

— Você gosta de me fazer sentir dor — digo em um fio de voz, cansada.

— Em parte, mas só queria gozar dentro de você. Como não queremos um bebê... — justifica.

— E quem disse que não quero? — indago e o vejo ficar pálido. Chega a me soltar, mas mantenho o seu corpo junto ao meu, deixando mais do meu peso sobre ele, fazendo-o entrar mais um pouco. Sorrio, travessa, antes de rir da sua reação. — Sou má, eu sei.

Ele fica visivelmente mais relaxado e eu me levanto, indo me limpar no banheiro. Retorno pouco depois e me deito do lado dele, que me encara de forma apaixonada. Penso comigo que, de vez em quando, isso não faz mal. Viro-me e fico de frente para ele. Entrelaçamos as nossas pernas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto nos entregamos em um beijo lento. Acabamos dormindo assim, juntos.

Algum tempo depois, minutos talvez, escuto alguém batendo na porta e vejo Adrian de pé, vestindo a sua roupa. Apenas me ajeito na cama e puxo de volta o zíper da roupa, deixando apenas o decote realçado. Arrumo os meus seios enquanto Adrian caminha até a porta.

Enquanto ele tira a cadeira e pega o meu capacete, saio da cama e coloco o meu salto de volta. A Caren, assim que o vê, parece ficar toda animada, mas assim que o som dos meus passos ecoam pelo quarto, ela resolve olhar para atrás do Adrian. Dá de cara comigo com o cabelo bagunçado e com sua cama uma zona, devido à nossa diversão.

— Desculpa, Carenzinha, mas a festa já acabou. — Adrian passa por ela e vai para o

PERIGOSAS ACHERON

corredor. Abaixo-me e pego a minha bolsa. Levanto-me em seguida e paro diante dela, já séria. — Garotinha, aquilo ali é meu. Se eu a ver piranhando para o lado dele de novo...

Ela tem garra, pois ainda me olha feio e então sorri.

— E o que a senhora vai fa...

Interrompo-a e não a deixo terminar de falar. Seguro sua cabeça com as mãos e lhe dou uma cabeçada em seu nariz. Ela escapa das minhas mãos e cai no chão com a mão no nariz, que começa a sangrar.

— Você quebrou o meu nariz! — reclama.

Sem alterar a minha voz, até divertindo-me um pouco, abaixo-me um pouco e respondo com serenidade:

— Olha bem para a minha cara de preocupada. — Levanto-me e saio andando. —
PERIGOSAS ACHERON

Vamos, Adrian. Não tenho tempo para crianças, amanhã trabalho.

Adrian ri e vem atrás de mim.

— Ah, esse gingado *sexy*! Essa mulher ainda luta! Perfeita.

Dou uma risada baixa e, quando saímos porta afora, já está tarde. Pessoas bêbadas caídas pelo caminho me fazem desviar e vejo o pessoal do clube ao longe. Ainda estão bebendo, sentados em suas motos. Caminho em direção a eles, que estão perto das nossas motos. Longe o suficiente da tal Caren, levo a mão à testa.

— Ai minha testa... Droga — reclamo. Assim como a dor no corpo cobra toda a diversão que tive hoje. *Talvez esteja ficando velha mesmo.* Adrian ri e se aproxima de mim, passando a mão na minha cintura.

— Quer que eu cuide de você? Cuido a noite

inteira — diz, sugestivo, entregando meu capacete.

— Não dá, tenho trabalho. Você trabalha para seu avô e eu para uma empresa — digo, indo para a minha moto enquanto ele vai para a dele.

A certa distância, o pessoal do clube chama a nossa atenção. Olho para eles, que erguem as cervejas.

— Hey, Diana! A festa foi mesmo boa! Valeu!

O Adrian ri e não me resta nada além de rir também. Sento na minha moto e volto a sentir certa dor e ardência. *Droga.*

Vamos para casa. Adrian me acompanha por todo caminho, mesmo quando chego, ele me acompanha até a porta como um bom cavalheiro. Beija-me em despedida e me diz boa noite.

Depois disso não consigo pensar em quase nada de tão cansada que estou. Tiro o salto antes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo de subir as escadas, carregando-os na mão até o quarto. Apenas joga a bolsa, sapatos e tudo no chão. Arranco a roupa e só tomo um banho rápido. Quando caio na cama, apenas apago.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19



UM DELINQUENTE PARA CHAMAR DE MEU

A noite passa em uma velocidade tão grande que sequer sinto o meu corpo descansar. Para piorar, o despertador resolve dar sinal de vida justamente quando começo a relaxar. Este é o motivo porque gostava de andar com a Nina: eu dormia melhor. Hoje em dia fico andando com aquele moleque de vinte e um anos que faz tudo sair do eixo e agora estou quebrada. *Ah, quer saber? Estou velha! Que mané, Adrian, trabalho e o que mais tiver.* Hoje vou assumir um relacionamento sério com meu

travesseiro.

O que seria bom se eu pudesse!

Vida de adulta é uma merda.

A contragosto, jogo as cobertas longe para ver se crio ânimo, mas me arrependo quase imediatamente.

— Frio filho da puta! — resmungo, irritada, e jogo-as para fora da cama para então me levantar. Sinto meu corpo arrepiar por conta do chão frio e solto mais alguns palavrões pelo caminho. Ando até o banheiro para tomar um banho e acordar direito. Retiro a minha roupa e entro debaixo do chuveiro, ligando-o em uma temperatura maravilhosa, aquele quentinho que faz ter vontade de passar o resto do dia aqui, apenas sentindo a água cair.

Enquanto me lavo, as lembranças do motivo do meu corpo estar assim, ainda exausto,
PERIGOSAS ACHERON

preenchem minha mente. *O dia anterior foi divertido, só não sei se aguento repetir tão cedo.* É neste momento, perdida nas lembranças de ontem, que escuto ao longe o som de uma mensagem no meu celular. Sei que é do Adrian, pois mudei o seu toque, mas vou ver isso só depois do banho.

Quando termino de me lavar, saio do *box* e me seco. Visto o roupão rapidamente e olho para a minha bolsa de maquiagem aberta sobre a pia, que me faz sentir um desejo estranho de me olhar. Involuntariamente, dou poucos passos até chegar à pia e apenas me dou conta do que estou fazendo quando já estou passando a mão no vidro do espelho para me ver. *Sempre é estranho como o espelho tem a habilidade de nos hipnotizar. Bom, tanto faz. Vamos matar a vontade.*

Meus cabelos estão pingando e, como estou usando o roupão, não posso analisar mais do que

meu rosto. No caso, a minha cabeça com a marca roxa da cabeçada que dei na Carenzinha. Um sorriso maldoso e divertido aparece nos meus lábios, assim como uma felicidade por recordar do olhar de indignação da garota.

Volto ao quarto e reviro as coisas procurando o meu celular. Assim que o encontro, pego e desbloqueio a tela. Vejo a notificação do Adrian e ele me mandou uma foto. Sobre o que será? Vindo dele só imagino safadeza.

Clico para baixar a foto enquanto vou atrás das minhas roupas. Agora mais acordada, noto as minhas peças sujas espalhadas pelo chão. Sinto-me incomodada e aproveito que ainda tenho tempo sobrando e as recolho. Jogo-as no cesto de roupa suja do banheiro e o meu quarto fica parcialmente limpo. *OK, agora que o meu T.O.C. foi satisfeito.* Posso voltar a ir atrás das roupas que usarei para

trabalhar hoje.

Largo-as na cama depois de escolher e noto que a foto já carregou. Curiosa, vou ver o que ele enviou. Fico surpresa e uma risada baixa me escapa. Adrian tirou uma foto usando a coleira que dei. Sem a camisa me dá a sensação que está usando apenas ela, mas não é só isso. Não me importaria se fosse só isso. O motivo do meu riso é que ele está fazendo aquele olhar apelativo que só cachorros/gatos sabem fazer. Aquele clássico “*me adota*”, *sabe*? Parece que aquele sem-vergonha, descarado, que carrega o nome de Adrian, sabe fazer tal olhar com perfeição!

Acabo rindo sozinha, balançando a cabeça em negativa. Respondo-o apenas com *emojis* de risadas e jogo o celular sobre a cama para ir me vestir. Logo depois, seco os cabelos apenas com a toalha e passo pouca maquiagem, só o suficiente

PERIGOSAS NACIONAIS

para esconder a marca da cabeçada e não ficar parecendo uma assombração. Por fim, passo na cozinha e apenas pego um pacote de biscoitos. Quando já estou no carro, posso ficar mais tranquila. Abro o pacote para ir comendo pelo caminho. Neste momento, olho o painel e percebo que a gasolina está acabando.

Perfeito... Quando acho que não preciso mais correr.

Tenho pelo menos o suficiente para passar pelo trânsito e chegar no posto próximo ao trabalho. Aliviada, apenas vou mais rápido em direção à ponte. Ponte... Essa ponte nunca teve nada de especial para mim. Só que hoje, toda vez que passo por ela lembro dele. *Quem diria que salvaria um cara do suicídio? Na realidade, foi um dia bem fora do comum.*

Volto o meu foco no posto e no trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rapidamente passo pela ponte, chego ao posto de gasolina e de lá vou ao trabalho. Tenho muita coisa para fazer. Embora tenha adiantado trabalho, o cargo de supervisora tem muitas responsabilidades; como cobrir e resolver os erros da minha equipe. A semana foi agitada demais. Recebi mensagens do Adrian e só tivemos conversas paralelas vez e outra.

Ele está estudando sem parar e eu de volta a rotina de casa/trabalho e trabalho/casa. Mesmo tendo somente o trabalho como ocupação, sem a agitação do Adrian e sem ficar para cima e para baixo, pude ficar descansada, ainda que cansada. *A contradição mais louca, eu sei, mas é a realidade de quem trabalha.*

Sexta-feira finalmente chega e estou como? Morta e ansiosa! Embora negue se me perguntarem. Estou com saudades do Adrian e de

PERIGOSAS ACHERON

toda a bagunça que faz em minha vida, dele surpreendendo-me. Quero vê-lo. Quero muito, aliás. Mesmo que seja só ver aquele sorriso sem-vergonha, isso já seria bom.

Apesar de que tirar o atraso dessa semana inteira não seria ruim.

— Diana... — Uma voz ao longe me chama quando estou tamborilando a caneta na mesa. — Diana...

Irritada com a pessoa que me chama, levanto o olhar e dou de cara com o velh... Digo, com meu chefe. Levanto-me e estendo a mão para cumprimentá-lo com um sorriso amarelo. Ele me cumprimenta e indico para que se sente, mas me surpreende ao se negar.

— Vim lhe convidar para participar da reunião de equipe. É entre todos os representantes de cada setor da empresa. Teremos uma palestra e

algumas discussões importantes. Será amanhã, não esqueça — diz em um tom amigável, mas sua postura está impecável.

— Isso é um convite ou uma ordem? — indago.

— Eu sou seu amigo ou seu chefe? — rebate com a sombra de um sorriso no rosto.

— Vou ganhar horas extras? — pergunto, pois quem não chora, não mama.

— Vai estar trabalhando, então irá — fala.

— Certo. Com tantas opções acho que devo aceitar o seu *convite*, senhor. — Sorrio para ele.

— Excelente, te vejo lá. — O velho me corresponde o sorriso, satisfeito. Vira-se e sai da sala, deixando aqui chateada por ter que trabalhar quando pretendia encontrar o Adrian.

Droga, tive tantas opções! Para não dizer

outra coisa.

O dia de trabalho passa tranquilo. Tive que repassar algumas coisas, mas nada que pudesse me chatear. Na hora de sair, vou desanimada, pensando que amanhã terei que estar aqui de novo. Irritada, bato no volante, mas acabo machucando a minha mão. *Droga!*

Vou para casa sem pressa, aliás, passo em um restaurante porque não vou cozinhar nada hoje. Não quero saber de fazer nada, na real. Estou nem com ânimo. Trabalhar sábado? Acordar cedo para ficar ouvindo um bando de gente chata? *Aff.*

Depois de comer, vou para casa e tomo um banho para relaxar. Em seguida, apenas deito na cama e fico recordando-me do dia em que conheci o Adrian, no *Gato de Cheshire*, que está guardado entre os meus outros bichos de pelúcia. Esta casa, pela primeira vez, parece grande. Essa deprê está

PERIGOSAS NACIONAIS

matando-me. Não tenho o que fazer e sabia que este momento chegaria.

Nina segue seu caminho com o Luke e logo virá o bebê. Benjamin, não sei onde se meteu. Adrian está estudando. Gabriel e Alex, meus outros irmãos, são responsáveis, então devem estar trabalhando. Ou seja, não tenho ninguém para passar o meu tempo. Estou meio que saindo com o Adrian, então não vou atrás de outros caras para matar meu tempo.

Agora me pergunto: cadê aquela mulher que era tão autossuficiente? Que nunca se sentiu sozinha ou entediada por estar só? Isso que dá deixar um caso ir tão longe. Deveria ser só ocasional e nada complicado. Francamente, tenho que fazer umas aulas de reforço com a minha eu de um mês atrás. Devo estar de TPM, pois até ontem estava tranquila.

PERIGOSAS ACHERON

No dia seguinte, acordo cedo e vou para o trabalho no modo automático. Ao chegar, me informo sobre o local da reunião e, assim que me respondem, encaminho-me para lá. Chego ao auditório, procuro a mesa com o meu nome e me sento na cadeira. As demais pessoas chegam, mas isso não me importa. Fico olhando pela janela, pensando o que será que aquele sem-vergonha está fazendo.

Por algum motivo, três das garotas que supervisiono estão aqui, como sempre fofocando futilidades. Também as ignoro porque isso não tem nada a ver comigo. Olho o relógio, impaciente, e, neste momento, a reunião termina e todos se levantam para ir embora. *E eu sinceramente não sei uma palavra que foi dita.*

Estou levantando para sair da sala de reuniões quando o meu celular toca. Atendo

rapidamente. *Desta vez não deixo tocar várias vezes para fazer charme. Foda-se o charme.*

— Alô?

— *Diana, estou aqui na frente da sua casa. Onde você está?* — indaga Adrian.

— Estou no trabalho, tive que fazer parte de uma reunião.

Audacioso, ele tem a cara e a coragem de desligar na minha cara.

Será que ele ficou com raiva?

Pretendo ir à minha sala, mas antes de chegar lá, sou parada pelo chefe, que começa a conversar comigo sobre a reunião. Fala por alto de todo o conteúdo, inclusive sobre o *buffet* que terá a seguir. *Será que ele veio falar comigo porque me viu sem prestar atenção? Bom, valeu velhote.*

Quando finalmente chego à minha sala e

PERIGOSAS NACIONAIS

coloco o agasalho, batem na porta. *Mas que cacete!* Uma das garotas que estava fofocando vem me avisar que estão esperando por mim no auditório, onde será servido o *buffet*. Bom, pelo menos não terei que fazer comida ou parar em algum lugar. *Não sei... Ando preguiçosa. Ou talvez Benjamin estivesse sempre certo.*

Vou até a mesa do *buffet* e já estou pegando algo para comer quando vejo Adrian atravessar o salão. Ele anda em passos firmes, como alguém que já foi modelo. Olha diretamente para mim com um brilho sedutor e obstinado. Usa um terno e os seus cabelos estão bem arrumados, agora que estão um pouco maiores deu para fazer até um topete. O filho da puta está gostoso e bonito para caralho. Engraçado que mesmo de terno ainda usa a coleira.

Quem vê pensa que é gente. Penso enquanto um sorriso singelo nasce em meus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

Como nunca reparei? Será a carência ou foi porque em todo momento estive interessada no ser humano? É verdade que fora quando transamos na cama da Caren, nunca me dei o trabalho de ficar reparando na sua aparência ou no seu corpo. *Fora seu pau, pois não tem como não reparar.* Sempre foi carne, tesão e a pessoa. Tenho que admitir pelo menos para mim. Algo nele me cativou como ninguém mais nunca fez. Nada parece ter muita graça sem esse cara.

Assim que chega até mim, passa a sua mão pela minha cintura e me puxa contra si de uma maneira um tanto bruta, o que me faz rir. Seu perfume e o cheiro de cigarro tão familiares me fazem sentir somente agora que minha inquietação devido à solidão passou. *É ele, não é? Aquela pessoa. A tal que aparece uma vez na vida.*

— Como você conseguiu entrar tão fácil

aqui, Adrian? — indago, curiosa, enquanto disfarço minha felicidade crescente.

— Eu falei com aquele cara ali — diz, apontando para o meu chefe.

— Ah tá... O meu chefe — digo com humor e ele parece se surpreender. — Mas diga aí, onde você arrumou esse terno?

— Você está muito bem-humorada... — comenta sério, provavelmente estranhando. Adrian me olha nos olhos, buscando alguma resposta. — Aconteceu alguma coisa?

Movo a cabeça em negativa e ele, ainda sério, segura a minha mão direita e coloca uma aliança de prata em meu dedo anelar. Isso me surpreende e o olho com curiosidade, sem saber como proceder em uma situação dessa. Sinto-me feliz, mas é estranho do mesmo jeito.

— Não vou perguntar se você aceita namorar

PERIGOSAS ACHERON

comigo, pois você já é minha. — Sinto-me um pouco chocada com suas palavras confiantes e meu rosto começa a esquentar.

Como assim ele solta essa bomba e fica aí com essa cara de paisagem? Sim, devo estar vermelha. Sim, me deixou sem palavras e não consigo parar de sorrir.

As pessoas começam a aplaudir, então me dou conta que, por alguns segundos, eu esqueci onde estava. Sinto-me constrangida pela primeira vez em muito tempo. O velho do meu chefe se aproxima em passos leves.

— Pode ir, Diana — fala, olhando para mim visivelmente divertido em me ver fora do eixo. — Essas crianças da minha empresa estão crescendo. Vá, menina. Não sabia que hoje era um dia especial para vocês. O *buffet* era mais para a confraternização. O intuito é que todos consigam

viver em um bom ambiente de trabalho mesmo após uma reunião chata.

Não espero o meu chefe dizer mais nada. Seguro o Adrian pela mão e o arrasto para minha sala. Ao chegar ao meu escritório, pego a bolsa e procuro o celular, o que me faz lembrar que ele desligou na minha cara. Viro-me séria para Adrian, no entanto, sou surpreendida por ele, que vem até mim.

Segura a minha cintura e me coloca sentada sobre a mesa, posicionando-se entre as minhas pernas e apoiando as mãos na lateral da bunda.

— Sim, amor? — diz quase colando a sua boca na minha, fazendo meu coração vacilar por um segundo, mas também me deixando excitada.

— Você teve a coragem de desligar na minha cara? — pergunto falsamente brava enquanto passo as mãos pelo seu ombro e apoio-as em sua nuca.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mando para o quintos dos infernos o fato de estar no trabalho. — Você é muito corajoso.

— Eu não desliguei. Esperei sua ligação todo o dia de ontem. E hoje esqueci de colocar o celular para carregar — explica, dando de ombros. — Acabou a bateria enquanto estava falando.

— Uhum... Sei — falo, duvidosa.

— É sério, Diana — diz, sério, mas então parece se lembrar de algo e volta a ficar mais suave com as suas palavras. — Eu estava esperando sua ligação. Aliás, vamos jantar fora hoje?

Olho-o desconfiada. Adrian está esquisito e já posso me lembrar do último restaurante que nos encontramos. Fomos expulsos, mas agora não sei. Estou levando em consideração que ele está diferente hoje. Bonzinho demais até, quero só ver até onde ele vai.

— Tenho que passar em casa para me trocar.

PERIGOSAS ACHERON

— Está bem — diz, calmo e ponderado.

— E eu vou no meu carro — insisto, provocando-o enquanto pisco. Ele ri e morde os próprios lábios pouco antes de me beijar, fazendo-me arrepiar. O clima da nossa sala está envolto em tensão.

— Claro, achei que você diria isso — fala e me solta, desfazendo o clima. Ou só me deixando na vontade mesmo. *Filho da puta*. Ele se afasta e me estende a mão. — Vamos.

Abaixo o olhar e vejo só agora que, embora vista o terno, está usando *All Star*. É um menino-homem. Isso faz com que eu ria baixinho. *Onde fui me meter?* Apaixonada, mudando, sim, mas ainda independente. Apesar disso, estou ansiando por esse garoto cinco anos mais novo. O amor só serve para estragar a gente.

Afasto-me da mesa, pego minha bolsa e saio

da sala em sua companhia. Enquanto tranco a porta, vejo o Adrian olhando para o relógio de pulso, preocupado. Vou para o estacionamento e ele segue para onde estacionou a moto. *Onde será que Adrian vai me levar? Odeio suspense. E se for elegante e por isso está de terno? Vamos de preto, pois preto sempre dá certo.*

— Diana, não é por nada, mas temos um horário. Reserva, sabe? — Escuto a voz dele distante e me dou conta de que já está fora do estacionamento com a sua moto. *Que homem afobado...*

Entro no veículo e vou para casa com ele sempre perto do meu carro, seguindo-me com a moto. Quase uma escolta. Como é sábado e não é a hora que as pessoas costumam sair, chegamos após alguns poucos minutos. Estaciono o carro, saio e o tranco. Viro-me para caminhar para a porta, porém

no meio do caminho, paro e me viro para o Adrian.

— Adrian, você me espera aqui. Senão não chegaremos hoje lá. — *Já que quero realmente ter esse encontro, vamos evitar ficar sozinhos. Senão é certeza de que nos agarraremos.* Como se lesse os meus pensamentos, vejo-o sorrir malicioso e concordar com a cabeça, mantendo-se sentado na moto para esperar.

Entro em casa e corro para o meu quarto atrás do meu vestido preto favorito e do salto alto, um dos meus pares ainda novos que comprei a última vez que fui ao *sex shop*. Coloco tudo em cima da cama e vou jogar uma água no corpo. *Só para tirar o suor.* Ainda bem que estou depilada e não vou lavar os cabelos, então não terei esse trabalho agora, fazendo o banho ser mais rápido.

Aliso os meus cabelos um pouco na escova e retoco as sobrancelhas. Encaminho-me rapidamente

PERIGOSAS NACIONAIS

para o quarto e me visto sem esquecer a cinta-liga e a meia. *É hoje que saio montada no luxo. Só falta a maquiagem e o perfume.*

Quando pronta, saio porta afora de casa. Chamo a atenção do Adrian, que me olha dos pés à cabeça em um olhar lento e faminto. Sei que fui aprovada pela sua expressão que, sim, amacia o meu ego e me deixa satisfeita. Dou uma voltinha. Já que quer olhar, olhe bem. Vai ficar algumas horas só querendo. Revanche por me deixar na vontade no escritório.

— Minha Diaba. Estou com medo de pegar na sua mão — comenta o safado, mas não consigo entender o que quis dizer.

— Ué, por quê? — indago, curiosa, aproximando-me.

— Vai que eu pego fogo! — diz, bem-humorado.

PERIGOSAS ACHERON

Olho para Adrian por alguns segundos em silêncio e paro de andar. *Sério, cara?* É bobo, mas infelizmente não consigo parar de rir.

— Claro, Adrian. Vamos. Deve ser melhor irmos logo.

— Claro, meu amor — fala, entregando-me o capacete.

— Estou sem bolsos, leva para mim? — Aproveito a deixa e lhe entrego minhas chaves quando ele gesticula que sim.

Neste dia, tudo parece estar fluindo com uma naturalidade e suavidade surreal. Pelo menos para nós. Durante o caminho de moto, Adrian não corre e obedece rigorosamente todas as normas de trânsito. A noite está fresca, nada quente demais, e ainda me sinto curiosa com essa mudança repentina, seja em mim mesma ou no Adrian. A aliança em meu dedo parece pesar e incomodar um

pouco devido à falta de hábito.

*Eu usando uma aliança de compromisso...
Quem diria.*

Adrian nos leva para uma parte de Pisa mais calma e tradicional. A cultura aqui é tratada com zelo, toda essa riqueza visual que Nina não cansa de adorar. Quase uma romancista fazendo turismo aqui na Itália. Penso, rindo para mim mesma. Aliás, você aí! Entenda... Não é porque a história se passa em outro país diferente do seu que as pessoas se tornam diferentes.

Moro na Itália e não sigo tradições, embora respeite quem as segue. Não vivo de macarrão, nhoque, ravióli e pizza... OK, amo pizza e massas, mas entre elas e um balde de frango frito, fico com o frango frito! Não escuto Rossini, Puccini ou Verdi, já que aqui é o berço da ópera. Não sou romântica, então dificilmente a música *pop* vai me

PERIGOSAS NACIONAIS

atrair. Curto HQ, filmes de ação e aventura, ou anti-heróis, que é o que anda em alta, animes e várias coisas de culturas variadas. Então comédias fofas não me atraem mesmo, embora conheça filmes de Vittorio de Sica, Frederico Fellini, entre outros... Seja Calcio, muito popular aqui, embora seja conhecido como futebol, *football*, *soccer*... Enfim, este é o meu lar e vejo o mesmo cenário todos os dias. Claro, em alguns momentos pode parecer mais bonito e ganhar a minha atenção, contudo, é coisa de momento.

Após o meu protesto sobre fantasias literárias surreais, percebo que Adrian vira à esquerda e diminui a velocidade até parar em frente a um bonito bistrô. Pelo nome, percebo que é um dos mais conhecidos e procurados.

É, parece que hoje alguém está querendo me impressionar.

PERIGOSAS ACHERON

— Chegamos, Diana — diz, levantando a mão para que eu tenha um apoio para descer da moto. Olho-o meio de lado. Estou estranhando-o assim tão cavalheiro. Não sei o que esperar e isso está começando a realmente me preocupar, não é só uma observação mais.

Assim que desço da moto segurando a mão *desse alienígena que tomou a aparência do Adrian* como apoio, o manobrista se aproxima e, ao olhá-lo, ele me parece familiar, mas não me recordo de onde. Adrian diz para que eu o espere na porta e, obediente e sem entender muito, eu faço. Ele pega a chave da moto com o Adrian e conversa durante algum tempo. Amigo de longa data? Não parecem estar “fofocando” a última. Do clube? Talvez.

Fico encarando-os e Adrian se vira para mim. Após falar não sei o que com o cara, caminha em minha direção, olhando-me fixamente. Sorri e leva

a mão à minha cintura, mas meu olhar continua distante, olhando para o cara enquanto tento puxar na memória de onde o vi. O safado do Adrian se aproxima mais de mim e fala próximo ao meu ouvido:

— Vamos entrar? Ou vai ficar encarando outro homem bem na minha frente?

— Eu conheço aquele cara... — falo na dúvida. — Mas não sei onde o vi. Ele é do clube?

O Adrian me olha sério. Viro o meu olhar para ele, que começa a rir baixo.

— Sim, Diana. Relaxa que ainda não está maluca. Ele é do clube.

— Hum... Legal — comento, mas isso significa que a chance desse carinha tatuado do meu lado estar planejando algo é maior ainda.

Essa aflição de ficar tentando imaginar o que Adrian está aprontando está deixando-me muito
PERIGOSAS ACHERON

impaciente.

Sou guiada para dentro do restaurante e, assim que entramos, somos recebidos pelo maître. No entanto, apesar de sorrir e cumprimentar o homem que estava fazendo apropriadamente o seu trabalho, sinto meu sangue gelar e meu corpo enrijecer.

Atrás do maître passa alguém que não queria ver. Não até que estivesse só os ossos no caixão. Mantenho a minha expressão facial neutra sobre isso, pois o passado fica lá e eu não quero ter mais do que apenas recordações. Se o Adrian desconfiar, terei que explicar e isso é ter que reviver. E reviver me faz ter raiva.

O maître chama um garçom e pede que ele nos acompanhe. Caminhamos até a nossa mesa e Adrian até puxa a cadeira para que eu me sente.

— Hum... Obrigada — digo com um sorriso

de canto.

O garçom, que apenas nos observa, espera o Adrian se sentar para então nos perguntar primeiramente o que queremos beber. Adrian o responde de imediato e muito bem-educado o garçom diz que irá buscar o menu para nós.

— Se superando, hein? — comento, divertida, observando o belo restaurante.

Apesar do meu bom humor ao falar, recebo um olhar sério e profundo em minha direção, fazendo-o parecer quase outra pessoa, uma que não conheço, de olhos frios como gelo. Observo-o umedecer os lábios e se inclinar para frente, apoiando o antebraço na quina da mesa e cruzando os dedos enquanto apoia o queixo sobre os dedos. Adrian está claramente me analisando com toda a sua atenção, provocando um arrepio por todo o meu corpo.

— Tudo para te agradar, querida. Quem é o cara que te fez fazer essa cara feia? — Ele vai direto ao assunto e até mesmo sua voz parece diferente.

Será que temos realmente um J'onn J'onzz (Jon Jones) o Caçador de Marte aqui? *O ET que perdeu a família e escuta pensamentos da “Liga da justiça” para quem não sabe.*

— Cara feia? — Finjo ficar brava, mas sob o olhar dele vejo que não tem jeito de escapar. Suspiro e também apoio o antebraço na mesa. — Foi uma escolha ruim que fiz quando era mais jovem e burra.

— Quando quiser se abrir, me conta — diz, sereno. — Estou aqui.

— Ele foi só um cara idiota que eu namorei e que me deixou sozinha no baile da escola para me trair em frente a todo... — Dou de ombros. — Ela

parecia mais... atraente ou fácil, bom, isso não importa. Não importa a garota que estivesse com ele. Cheguei há muito tempo a conclusão de que ele era/é um idiota. Não tinha muitas amizades. Fui a última a saber, obviamente.

Parece que só foi falar no capeta que ele aparece. O imbecil surge do último buraco do cu da terra, puxa uma cadeira e se senta à nossa mesa, ao lado do Adrian.

Até hoje, além do fato de ele ser gostoso, me pergunto o que vi nesse idiota. Adolescentes e suas cabeças de vento... Beleza, tem um jeito de *bad boy* que sempre achei maneiro. Cabeludo, de olhos castanhos e um jeito um tanto opressivo. Aliás, provavelmente foi por causa desse mané que o Benjamin achou que eu me encantei pelo Lion. Claro, ele acertou em partes. O Lion é totalmente diferente, além de ter um impecável caráter, um

PERIGOSAS NACIONAIS

instinto protetivo e liderança nata, enquanto esse cara é só um idiota.

— Olá, Dianinha. Quanto tempo! Demorei um pouco para reconhecer. Você ficou muito linda! Espero que não guarde rancor do passado. — Ele sorri para mim, achando que está sendo charmoso, enquanto ignora o Adrian, o que me provoca mais um motivo para odiá-lo.

Olho-o cética e me pergunto por que justo hoje não trouxe meu gás de pimenta. Claro que ia dar ruim. Em que encontro tudo dá certo na minha vida? Principalmente nos últimos tempos? Suspiro e vou para responder, mas o meu namorado na versão 2.0 se levanta, segura a minha mão com delicadeza e me puxa para junto dele para então levantar a mão apenas para chamar o garçom. O homem, que observava de longe, vem já pálido, esperando uma briga.

PERIGOSAS ACHERON

Tadinho, mas ele tem razão, estava quase vendo o Adrian se virar e descer a mão no Derick.

Parece estar assustado, mas assim que vê que o Adrian não procura brigas, relaxa visivelmente. Vejo-o indo para frente do restaurante falar da situação com o maître, ou é o que acho mais provável. Ele retorna e vem caminhando em nossa direção.

— Sim, senhor? — diz o garçom.

— Outra mesa, por favor.

Esse controle do Adrian me surpreende. Eu teria virado a mão automaticamente se Derick estivesse ao meu lado e não na minha frente. No entanto, isso é bom. Ele está provando-me que pode ser, sim, um adulto confiável e controlado para momentos mais sérios.

— Está sendo providenciada. Logo teremos outra mesa livre — fala o garçom em tom de

PERIGOSAS ACHERON

desculpa.

Um silêncio toma o ambiente e logo sinto a mão do Adrian encostando na minha e entrelaçando os nossos dedos. Posso ver os outros clientes observando em expectativa, como se fôssemos os protagonistas de uma peça de teatro. O próprio maître se aproxima e diz que a segunda mesa foi providenciada. Agradecemos pela velocidade de atendimento e o seguimos em direção à nossa mesa, onde novamente Adrian puxa a cadeira para mim.

— Já pediram? — pergunta o maître, que nos guiou pessoalmente, mantendo-nos afastados do idiota do Derick.

— Ainda não — digo e o garçom nos traz o menu.

Embora tenha reclamado sobre coisas tradicionais da Itália, estamos em um restaurante tradicional. Nada mais justo que ver no menu

apenas pratos tradicionais. Vejo entre eles Capeletti de frango, algo que já não como faz alguns anos. Muitos, na verdade.

— Quero Capeletti de frango, por favor — digo.

— Dois, por favor. O vinho já foi pedido — completa Adrian.

Ambos, tanto o maître quanto o garçom, se afastam, deixando-nos sozinhos. Em um olhar sincero, mesmo que sem palavra alguma, tento pedir desculpa ao Adrian. Não é justo com ele, principalmente quando está tentando fazer tudo certo.

Totalmente fora do seu próprio padrão, a tentação cabeluda aparece, parecendo pedir algumas porradas. Derick novamente passa por nós e para de frente à nossa mesa.

— É, parece que arrumou um idiota para te

PERIGOSAS ACHERON

bancar.

Esse cara é demente? Tem olhos na cara, não? O Adrian não é um cara cheio de músculos, mas está literalmente na cara dele que pode estar com terno e cabelo arrumado, mas não significa que um idiota pode ficar cutucando achando que vai dar em nada.

Irritada com a atitude do demente em frente à nossa mesa, me preparo para levantar, mas Adrian me impede, segurando a minha mão com doçura e beijando-a. Ele me encara com aquele olhar de *Gato de Botas*, que me faz sentir boba por estar irritada, enquanto ele está sendo tão controlado.

Os garçons se aproximam e pedem educadamente para ele se sentar em sua própria mesa e não incomodar os demais clientes, ou então terá que se retirar. A contragosto, Derick volta para a sua própria mesa, resmungando o atendimento e

tratamento de péssima qualidade do restaurante, fazendo-me revirar os olhos.

Coisa que não dura muito tempo, pois o Adrian toma toda a minha atenção. Estamos permitindo-nos ser um casal romântico, que conversa, vez e outra flerta, sussurra bobagens. Com pernas e mãos bobas encontrando-se debaixo da mesa, mas ainda sim de uma maneira respeitosa, no máximo tem umas carícias em minha coxa. *As coisas andam bem normais nestas últimas horas ou tudo foi mudando através dos dias e só eu não vi.*

Um encontro perfeito é o que eu diria quando pagamos a conta e estamos para sair do restaurante. Um cavalheiro, educado, maduro, gentil e ponderado foi o Adrian de hoje. Não precisamos nos agarrar para nos darmos bem. Como uma prova que não é apenas o tesão que nos une. Não tivemos uma confusão provocada por nós, não fomos

expulsos...

— Isso tudo é para me impressionar? Você conseguiu — comento, sorrindo. — Eu desconfiava de um plano secreto, mas parece que me enganei. Parece que você mudou seriamente para este encontro. Obrigada.

— Nossa! Nunca fui tão bem elogiado por você! — diz como se isso fosse um absurdo, mas divertido e não tão sério. Mais parecido com ele mesmo, ao natural. Descubro só agora o quanto de saudades eu estava dele no seu normal.

A consciência disso me faz sorrir e tenho que admitir: aquele sorriso de bobamente feliz da Nina não é algo só dela. É um sorriso de quem foi bem tratada, valorizada por alguém que vale a pena, que se empenha tanto por você quanto você por ele.

Amor. Isso sim transforma as pessoas. Nunca pensei que me tornaria tão melosa. Acho que devo

fazer um pouco de café amargo quando chegar em casa... Brincadeira, mas vez e outra acho que faz bem ser assim. Ninguém é uma máquina, certo?

— Ih! Já acabou o efeito cavalheiro? —
alfinete para não perder a prática.

Desta vez, ele não diz nada, apenas abaixa levemente a cabeça e ri baixinho. Saímos do restaurante e estamos esperando o manobrista. Ele logo retorna com a moto do Adrian, deixando-a pouco mais à frente. Adrian dá uma gorda gorjeta para o amigo e pisca. O homem acena para mim, reconhecendo-me.

— Bom caminho para casa com o Adrian, Diaba.

— Obrigada, bom trabalho.

Nem lembro o nome dele. Abafa.

Caminhamos em sentido à moto e paramos abruptamente, pois Derick passa na nossa frente e

PERIGOSAS ACHERON

se senta na moto do Adrian, ignorando-o e olhando-me sedento, pois vim vestida para matar. Estou querendo realmente picar em pedaços esse cara. Na adolescência, não podia ter pisado na merda apenas, tinha que sambar.

— Oi, Dianinha... — diz com um sorriso “charmoso” e absolutamente irritante.

Sinto a mão do Adrian soltar a minha e subir até minha cintura, virando-me de frente para ele. Encaro seus olhos e vejo em seu olhar um pedido de desculpas silencioso. Sua mão livre vem de encontro ao meu queixo e o segura para então me beijar suavemente. Afasta-se logo em seguida, tirando o paletó e deixando-o cair no chão.

— Diana, tinha programado uma noite linda para nós para te provar que posso ser todo errado, mas ainda sim perfeito para você, só que você conhece o destino... — fala, tirando a gravata e

deixando-a cair no chão. Adrian se vira para o Derick. — Desta vez, não preciso de ajuda. A última vez foi o suficiente.

Lembro-me daquele dia em que fui ajudar o Adrian e chutei o saco dele por engano. Tenho dificuldade para controlar o riso, mas não me contenho em respondê-lo.

— Poxa, eu tinha tanta certeza de que desta vez não ia errar.

CAPÍTULO 20



UM ADVOGADO FORA DO ESQUADRO

Derick apenas nos observa, curioso e ao mesmo tempo desdenhoso, entretanto não é um idiota de tirar a sua atenção de Adrian, que está na sua frente, pronto para brigar. Só que é babaca o suficiente para rir, olhando-o de cima a baixo.

Alguém está querendo perder uma de suas bolas.

— Hum, valente. Vai me tirar daqui, *playboy*? — indaga Derick, zombeteiro.

À primeira vista, nunca consideraria Adrian

PERIGOSAS ACHERON

um *playboy*. Talvez o restaurante, roupa e o cabelo bem-arrumado enganem. Não. Não engana. Então chego a conclusão de que não sei se Derick é demente ou se faz.

— Sim, eu farei isso — diz Adrian.

Vejo-o ir até ele sem dar alarde, apenas caminhando. Adrian se aproxima e pisa no pé do imbecil, que urra de dor e olha para o próprio pé, mas meu delinquente parece ver neste instante uma abertura e a usa para seu proveito, encaixando um gancho — soco dado de baixo para cima, com velocidade e força — em Derick, deixando-o tonto. Mas mais que isso, vejo-o cambalear e cair para trás da moto, desmaiado.

Pensava que aquilo de “queixo de vidro” fosse apenas uma força de expressão.

Surpreendida com a forma que Adrian se moveu, assisto inevitavelmente a briga com

expectativa. Ou o que seria dela, se Derick fosse mais resistente. Mas não acabou, pois quando tenho a ideia de ir adiante para ver o que aconteceu, já que ninguém imaginaria que a briga acabaria desta maneira, um homem que não cheguei a ver de onde veio, agarra e imobiliza Adrian.

Em um ímpeto de ajudar o Adrian, pulo nas costas do cara, pois desta vez não estou com o meu *teaser* ou gás de pimenta. Mesmo comigo em suas costas, ele continua a torcer o braço do Adrian e me derruba de alguma forma de suas costas.

— Se afaste, garota. Sou policial e vocês estão presos! E delinquente, eu te avisei que ainda te pegaria no pulo!

— Meu Deus! Sandro? Já faz cinco anos desde que nos vimos a última vez! — responde Adrian, parecendo reconhecer a voz do homem. — Eu era um moleque! Você deve me amar!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cale-se, Adrian! — Vejo-o puxando um rádio e o levando próximo a boca. — Central, aqui é o Policial S. Vittorio, estou na rua 0036, em frente ao restaurante. Preciso de uma viatura e uma ambulância. Uma ocorrência de agressão. Agressores dominados e a vítima está desacordada. Peguei em flagrante o agressor em uma briga na rua. Já possui histórico de vandalismo.

Após alguns minutos, a viatura chega e um policial uniformizado nos guia para lá. A ambulância chega em seguida. O Adrian reclama da sua moto sendo deixada para trás, mas nenhum momento faz resistência. *Pelo visto, está mais que acostumado.* O tal Vittorio diz que levará a moto para a delegacia logo após ter a certeza de que a vítima está dentro da ambulância.

Em todos esses anos, nunca fui encaminhada para a delegacia em uma viatura. Fiz muitas coisas

PERIGOSAS ACHERON

na minha vida, mas nunca imaginei que iria parar na delegacia, pois meu namorado socou o meu ex! O cara provocou, pediu, duvidou e teve foi é pouco! Que absurdo! Assim que pisamos dentro da delegacia, somos recebidos ao que parece pelo delegado, que parece mais que satisfeito em ver o Adrian ali com um “flagrante de agressão”.

— Sabia que um dia seria pego, Adrian. Mas fazia tempo que não o via, imagino que tenha a sua versão da história. Vamos, entre. — Ele se vira para mim. — Senhorita, você escolheu um namorado bem problemático, deveria escolher melhor.

Ele conhece o Adrian. Fodeu. Para piorar, ele cutuca a minha língua e sou obrigada a morder a parte interna da boca para não o responder e piorar a nossa situação. Somos guiados pelo delegado até sua sala. Assim que a porta se fecha e o delegado se

senta na cadeira, Adrian explica o que houve e ele pensa, mas decide nos prender por algum tempo levando em conta que Adrian deve ser um delinquente e tanto. Se foi pelo amigo que ele perdeu, eles deveriam pelo menos contestar ou ponderar. Mas com histórico grande o suficiente para conseguir uma inimizade com esses policiais, todas as palavras dele, embora sejam a verdade, não são levadas em consideração.

O delegado nos informa que, como fomos pegos pelo policial em flagrante, iremos ser presos, mas algo está faltando. Vi muitas séries e nelas mostravam que o delegado não poderia condenar, no máximo deixar por uma noite de “castigo”. Mas antes disso... Já sei! Tive uma ideia!

— Senhor delegado, posso chamar meu advogado? — O olhar dele recai sobre mim e parece curioso. Enfim se deu ao trabalho de me

notar.

— A senhorita possui um? — indaga e a minha maior vontade é de mandá-lo tomar onde o sol não bate.

— Sim, obviamente, senhor.

— Sim, afinal você possui os seus direitos. Adrian, você também tem direito de ligar, mas você já sabe disso, não é? Assim que o policial que o pegou chegar, irei pegar o depoimento dele. Embora conheçamos muito bem o seu comportamento, não é, Adrian?

— Não sei. Diz com tanta convicção que me conhece, me condena e não sabe do que fala, então me diga você. — Vejo o delegado ficar vermelho de raiva. Talvez se o Adrian se rebelasse e o chamasse de filho da puta, ele não teria ficado tão puto.

O homem se levanta e dá a volta na mesa,
PERIGOSAS ACHERON

passando rapidamente por nós para chamar alguém para nos acompanhar. *Deixando claro que ele não tem mais tempo a perder conosco.* Sinto um misto de satisfação em vê-lo irritado e uma raiva cresce em mim em relação a esse delegado, mas não apenas por ele, como também do policial que nos fez vir para cá.

Sinto o olhar do Adrian recair sobre mim e o olho. Acabo sentindo-me mais calma, pois ele parece curioso com o que pode estar passando na minha cabeça. Talvez esteja esperando que eu o culpe, brigue, grite, qualquer coisa, mas sou do contra e fico na minha.

Enquanto isso, o delegado chama um policial para nos acompanhar até os telefones. Assim que chegamos, rapidamente ligo para o Benjamin.

— *Alô?* — diz com a voz distante e uma

música de fundo em conjunto com vozes diversas.

— Benjamin, venha à delegacia. Fui presa com o Adrian.

— *Atentado ao pudor, maninha?* — indaga provocativo e reviro os olhos. Coisa que ele deve supor pelo meu silêncio. — *OK, irei imediatamente para aí. Me fale o endereço.*

Assim que começo a falar o endereço, escuto-o dizendo algo para alguém e a música ficando mais alta, como se estivesse passando ao lado da caixa de som. Calo-me, pois nem se ele fosse o Charles Xavier me entenderia. Assim que a música se afasta novamente, eu pergunto:

— Benjamin, isso é uma festa? Sério que vai vir cheirando a piranh... Mulheres distintas de algum lugar desconhecido?

Ele começa a rir.

— Nada passa por você, não é, minha

PERIGOSAS ACHERON

querida? Me passe de novo o endereço, pois não consegui ouvir.

Falei!

Passo novamente o endereço, mas não deixo de cochichar, informando-o que falei que ele é o meu advogado ao delegado. Ele concorda e diz que virá apresentável. Eu me pergunto: o que significa isso aos olhos do Benjamin?

Após isso, somos encaminhados para trás das grades e colocados dentro de um ambiente com pessoas mal-encaradas. Mentira. Não sei o que está acontecendo, porque só tem a gente aqui. Mentira, tem um homem muito magro e sombrio no canto da cela do Adrian. Mas ele nem levantou o olhar quando o Adrian foi colocado lá dentro.

Ficamos um perto do outro mesmo que em celas diferentes. Estamos esperando o que é que iria dar nisso tudo. Poucos minutos depois, vemos o tal

policial Sandro passar por nós. Com um sorriso de satisfação, ele diz que a moto do Adrian foi entregue e que passou para nos dizer boa noite. *Mas é um filho da puta. Se desejo matá-lo? Claro! Mas que raiva desse homem!*

Não se passam nem trinta minutos e posso escutar uma agitação no corredor de pessoas falando que alguém não pode entrar assim ou algo do gênero. Não é preciso adivinhar quem foi que chegou. Como confirmação do meu pensamento, a voz do Benjamin chega aos meus ouvidos.

— Quero uma conversa diretamente com o delegado responsável pelo caso e saber a ocorrência que levou meus clientes para trás das grades. Principalmente pelo motivo que, conhecendo ambos, não resistiram ou demonstraram que não poderiam se portar civilizadamente até a minha chegada. — O policial faz silêncio.

— Seus clientes? Que clientes? Senhor, se seus “clientes” estão presos, não é porque são inocentes — fala o policial e meu maior pensamento é “faz sentido”, mas o segundo é “que babaca”. — Todos aqui somos profissionais e o senhor não pode sair entrando aqui.

— Primeiramente, vocês leram os direitos civis deles? Na ligação da minha cliente, Diana Mancini, notei uma provável quebra de decoro. Qualquer advogado estagiário saberia identificar. — *Como ele sabe disso?* — Escute, vim fazer o meu trabalho. Faça o seu e chame o delegado. Os meus honorários custam caro para eu gastar com você. — Sua voz é séria, embora beire ao escárnio.

— Senhor, pondere suas palavras, senão será preso por desacato. E repito que aqui temos profissionais, está na constituição que os direitos devem ser lidos no ato de voz prisão e obviamente

assim o fazemos. Respeitamos todos os direitos dos civis.

— Ele está certo — diz o delegado, que posso reconhecer a voz. Babaca...

— Primeiramente, senhor delegado, boa noite. Chamo-me Benjamin, sou o advogado de Diana Mancini e de seu namorado Adrian.

OK, boa tirada, irmão. Mas poderíamos ter ficado sem o “e seu namorado Adrian”. Só Adrian estava bom... Se bem que talvez Benjamin não saiba o sobrenome dele. Na verdade, nem eu sei. Um silêncio pesado recai por toda a sala ao dizer o nome do Adrian. Provavelmente peso e culpa. Já assisti séries o suficiente para saber que o procedimento deles foi totalmente errado desde o início.

Na verdade, se formos ponderar, tivemos grandes falhas de profissionalismo aqui. Nenhum

PERIGOSAS NACIONAIS

direito foi lido, o Adrian foi julgado e condenado sem dizer uma palavra. Sem direito de se defender. Na realidade até teve, embora tenha sido plenamente ignorado e jogado aqui. O delegado quem deveria ter dito para chamar nosso advogado, não eu usar os meus “vastos” conhecimentos de séries policiais e me lembrar de chamar um. A melhor atitude aqui foi a tranquilidade e o fato que não brigamos ou apresentamos resistência. Afinal, somos vítimas aqui. Embora, mal interpretadas.

— Boa noite, rapaz. Desculpe a falta de delicadeza, mas tem certeza de que é advogado? Tem cara de garoto de programa. Não me leve a mal, mas que prova tem que é advogado? — diz o delegado, tentando apresentar algum humor.

— Não, não desculpo. Já que minha vida pessoal não lhe diz respeito. Aqui está a prova, isso é o suficiente para você? — Sinto-me muito

PERIGOSAS ACHERON

curiosa. É horrível apenas escutar a conversa, que prova ele mostrou? — Se isso não basta, tenho o meu certificado e carteira da Ordem dos Advogados. Posso entrar em contato com a faculdade no qual me formei com louvor. Agora, me diga qual a ocorrência dos meus clientes, delegado.

Um silêncio reina. Estamos em uma delegacia e aqui as coisas são agitadas. Ouço vozes variadas, mas minha curiosidade é sanada quando os vejo vindo pelo corredor. Noto Benjamin com a roupa toda amassada, marcas de beijo na lapela e no pescoço, os cabelos com cara de “acabei de comer alguém”. Esse cara não parece de longe um advogado, imagina de perto.

Falo em voz baixa para o Adrian:

— Acho que estamos fodidos...

— Ou talvez não. Ele parece saber do que

fala... — Adrian responde no mesmo tom.

— Então, esse que já é um delinquente conhecido pelo nosso pessoal. Ele começou a beber e arrumar brigas na rua ainda muito novo, além dos problemas com garotas. Ele já teve alguns surtos e quebrou vidros de lojas, praticou vandalismos nos bens públicos também. Um garoto problema. Bom... Tentamos compreender ao saber que tinha perdido o amigo, mas lei é lei. Aliás, seu cliente faz parte de um clube de motoqueiros e já conseguiu algumas brigas. Desta vez, agrediu um rapaz em frente ao restaurante que um de nossos policiais frequenta.

— Senhor delegado, perguntei o que aconteceu, não uma biografia não autorizada da vida do rapaz — diz Benjamin e todos nós ficamos olhando para ele, estáticos, esperando a reação do delegado. Acho que hoje vou ter que dizer a

Benjamin que o amo. O delegado parece estar querendo cometer uma agressão também.

— Desculpa atrapalhar... — intervenho. — Senhor Benjamin, o rapaz que foi agredido é o Derick. Nós nos encontramos no restaurante. Embora tenhamos feito tudo para evitar o atrito, sentando em outra mesa, ignorando-o, quando saímos do restaurante, ele estava sentado na moto do Adrian, provocando e todo confiante.

— Vocês não me informaram isso! — alega o delegado.

— O Adrian informou, mas o senhor ignorou — alfineto, amargurada.

— O rapaz agredido é um ex-companheiro da minha cliente que a persegue sempre que a encontra. É simplesmente injustificável a falta de profissionalismo de vocês. Não escutaram devidamente os depoimentos, não pegaram de

PERIGOSAS NACIONAIS

ambas as partes. Os direitos foram completamente desrespeitados. Acredito que aqui ocorreu um abuso de autoridade e garanto que isso também dá cadeia, sendo vocês policiais deveriam saber.

— O policial que nos trouxe me persegue desde Milão. Inclusive, não posso acusar, mas acho estranho ter vindo para Pisa. Só uma observação.

— Independente de terem um passado, você bateu no rapaz! — Alega o delegado. — E não adianta chorar, pois foi pego em flagrante...

Um segundo policial se aproxima e diz que estão chamando-o.

— Já volto, só um momento — fala ele, parecendo contrariado, e vai ver quem é.

Aproveitando que o delegado se afastou, gesticulo para Benjamin se aproximar. Dou alguns passos até onde a grade me permite, deixando a minha curiosidade falar mais alto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ben, que prova você deu como advogado?
— sussurro e até mesmo o Adrian parece curioso e se aproxima. — E como você sabia que eles não tinham lido os nossos direitos?

Vejo-o sorrir e pegar a ponta do meu nariz, mostrando o seu anel de formado. Ah! Eu tinha esquecido que quando se formou tinha isso.

— Querida, a resposta é simples. Quando falou comigo, estava calma, mas um tanto preocupada, porém não chegaram a te dar muita atenção. Se você estivesse irritada, aí sim teríamos agressão física e verbal, desacato a todos os presentes e xingamento aos seus herdeiros.

— Está me chamando de selvagem, Benjamin? — indago, querendo pegar esse pescoço cheio de saliva e bactérias de vagabundas e esganá-lo. Mas sou uma dama e não farei isso. Até porque é meu irmão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jamais...

— Tenho algo para falar... — diz Adrian, mas é interrompido quando o delegado retorna com uma expressão de desagrado e gosto ruim na boca. Ele traz alguém com ele e noto que parece familiar. Continuo encarando-o até que me recordo de vê-lo no restaurante. É o rapaz que nos mudou de mesa e que nos atendeu.

— Esse rapaz alega ser funcionário do restaurante em que estavam. Diz que o rapaz agredido foi ao seu encontro, sentando à mesa de vocês e forçando a sua presença. Para evitar atritos, vocês o chamaram para que mudasse de mesa e pudessem aproveitar a noite, mas novamente, segundo ele, o rapaz não os deixou em paz. Após a saída dele do restaurante, dizendo que nunca mais voltaria, falou também que desfrutaram tranquilamente sem maiores problemas.

PERIGOSAS ACHERON

Confirmam?

— Sim — respondo enquanto o Adrian se mantém calado.

— OK, conseguimos o telefone do hospital em que o agredido está, já estão pedindo para os seguranças que estavam vigiando a porta...

— Como assim? — indago. Por que aquele babaca teria proteção?

— Com o histórico do Adrian e seus amigos, supomos que deveríamos deixar o hospital avisado e proteger a vítima de qualquer retaliação — diz, olhando-me fixamente.

Claro, pois todo mundo vingaria um cara que deu um soco em outro e foi pego pela polícia. Em que mundo eles vivem? Acham que o Adrian faz parte de uma máfia ou algo do tipo? Estamos falando de pessoas com sangue quente, sim, pessoas que lutam pelo que acreditam e que se

PERIGOSAS ACHERON

alguém chamar para briga, dificilmente irão fugir. Pessoas, na minha visão pessoal, de personalidade, mas não são criminosos. Só que parece que é apenas a minha opinião e a lei pensa diferente.

— Bom, a segurança do hospital disse que vai revistar o rapaz para ver se ele era mesmo uma real ameaça ou não. Mesmo tendo motivos, o seu cliente enfrentará um processo de agressão.

— É isso que eu... — Tenta se meter o Adrian de novo, embora o delegado o ignore. Benjamin fica irritado. Ele e o seu instinto de proteção. Penso, revirando os olhos. Mas para a salvação geral de não dar merda de vez, um policial vem correndo.

— Senhor! Com o rapaz do hospital foram encontradas drogas, parcialmente usadas, e um canivete.

Surpreso, o delegado o olha e o libera. Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

parece assimilar a informação. Já cansado, o Adrian bate na grade, assustando todos nós. Olha bem impaciente, provavelmente cansado de ser o bom menino.

— Consegui a atenção agora? Ou vão me ignorar ou me interromper de novo?

— Diga, Adrian...

— Estou querendo esclarecer que vi que o Derick estava segurando algo e que tinha um cabo de metal. Eu não tinha definido o que era. Embora agisse como um idiota, não sabia que estava drogado. Por isso, sim, pisei em seu pé para surpreendê-lo e lhe dei um soco. Não imaginava que ele cairia no primeiro, então aceito o processo caso tenha necessidade. Mas ele estava com um canivete! Minha garota e eu fomos incomodados a noite toda quando eu tinha programado uma noite legal e na paz. Se eu tivesse levado a facada, vocês

PERIGOSAS ACHERON

estariam tratando-o da mesma maneira?

— Adrian, entenda você tem um histórico...

— E as pessoas não mudam? Vocês sabem se agora tive um motivo? Vocês se importam? Claro, motivos não importam. Pessoas como eu sempre serão suspeitas, vocês me olham e me julgam. Me veem sorrindo, me veem aprontando. Mas nunca viram uma lágrima minha. Isso não importa. Eu sei os meus direitos, graças a vocês. O soco em legítima defesa, ou alterar os ânimos por causa do ex da minha garota que nos incomodou, não é razão plausível para me manter preso. Tenho direito a responder em liberdade.

O tal policial volta correndo e dessa vez não pede permissão para falar. O delegado já o olha como se dissesse “O que foi desta vez?”.

— Senhor, o rapaz do hospital conseguiu fugir! Os seguranças o perderam. Ele conseguiu

PERIGOSAS NACIONAIS

agredir um dos dois e o empurrar para cima do outro, fugindo em seguida.

— Ora ora, delegado. Bem que estranhei em não ver a outra parte. Embora precisasse de socorro, deveria ouvir as duas partes. Certo? Não se passou pela sua cabeça em mandar um policial para lá ou um acompanhá-lo?

Benjamin provavelmente é o novo alvo de raiva do delegado. E pelo olhar essa raiva não irá passar tão cedo. Ben não parece se importar. Ele sorri e se aproxima do delegado.

— Solte os meus clientes. Mas não esqueça: tome cuidado com julgamentos precipitados. Escute as duas partes, pois mais uma falha dessa pode custar sua carreira.

Com o rosto vermelho de raiva, o delegado vai pegar a chave pendurada na parede e abre as grades, a do Adrian e a minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês podem ir. Tudo será averiguado com atenção. Nós nos veremos em breve.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21



COMO AMOLECER O CORAÇÃO DE UMA DIABA

Caminhamos para a saída e, enquanto isso, somos encarados por muitas pessoas. A maioria é de curiosos, outros nem tão curiosos assim, estão mais para raivosos ou como se tivessem chupado um limão. Minha vontade é rir, debochar e, como uma adolescente, abraçar o Ben e dizer que é o melhor irmão do mundo. No entanto, me contenho. Na real? Estou cansada e não quero mais nem saber deste lugar.

Saímos rapidamente pela porta da frente, orgulhosos e parcialmente inocentes. O vento frio

da noite nos recebe e me provoca um estremecimento. Imagino quando for dormir hoje, sabe-se lá Deus a hora que acordarei amanhã, ou no caso mais tarde. Olho para o lado e vejo Adrian acendendo um cigarro, meio cabisbaixo.

Tadinho, tentou fazer tudo certinho. Jogou até aquela frase de efeito...

Quando estamos mais distantes da delegacia, alguns passos depois do fim da calçada, abraço Benjamin e depois me afasto, dando um soquinho em seu braço.

— Você é demais, Ben! Obrigada!

— Agora que descobriu isso? E depois de todos esses anos? Diana, vá procurar um médico, pois sua visão e senso estão com um probleminha — responde divertido, passando a mão nos meus cabelos, bagunçando-os. — Bom, foi um prazer livrar vocês. Embora Adrian provavelmente vá

responder a um pequeno processo devido à agressão. Aos poucos resolvemos isso, OK? A não ser que tenha seu próprio advogado. Estou indo, pois tem uma festa me esperando...

— E como vai nessa festa? Mas espera, você não veio de uma? Benjamin, que porra anda fazendo da sua vida? — indago, colocando a mão no quadril.

— Olha, poderia te fazer a mesma pergunta... Mas olha só! Não foi eu que fui preso. — Um sorriso nasce em seus lábios e estreito os meus olhos para ele.

— Certo... *Touché*, Benjamin — admito a contragosto. — Mas diga, irmãozinho, como vai para a tal festa?

Ele não me responde e atravessa para o outro lado da rua, entrando em um carro luxuoso preto. Despede-se de longe e vai embora. Adrian passa a

mão pela minha cintura e abaixa, ficando da minha altura.

— Está tarde, meu amor. Vou te levar para casa — sussurra em meu ouvido. Encosto-me, sentindo meu corpo relaxar ao seu lado. Não tenho como esconder o meu cansaço. Estou confiando no Adrian e isso faz com que, mesmo que eu não queira, sintam-me confortável o suficiente para demonstrar.

— Vamos, sim. — Escuto-o rir baixo enquanto caminhamos para o estacionamento para procurar a moto. — Por que está rindo?

— Quando vai me chamar carinhosamente, Diana? — *Hum? Verdade. Até agora não o chamei uma vez sequer de qualquer coisa carinhosa.* Mordo os lábios querendo rir e pensando em uma justificativa.

— Bom, te chamar de querido pode parecer

ironia. Te chamar de amor do nada, também. Acho que não encontrei o momento... — Adrian parece que ia falar algo, mas quando chegamos à portaria do estacionamento, o policial que é o culpado de estarmos aqui, está parado.

Adrian me coloca atrás de si, ficando um pouco a frente, e um parece encarar o outro. O policial entrega a chave da moto e os dois capacetes ao Adrian. A sua expressão está quase gritando de desgosto. Minha energia parece voltar e o olho de cima a baixo da mesma forma.

— Cuidado, menina, ele pode parecer legal e descolado, mas só irá magoar você. Sempre seduz as garotas e depois que tira tudo delas, perde a graça e sai fora. — avisa, olhando-me fixamente.

— Aprecio o seu aviso, mas não sou uma garotinha — digo, saindo de trás do Adrian e parando diante dele. Coloco a mão no quadril, com

uma clara expressão de frieza. — Não sou idiota e muito menos burra. Pode ter certeza de que se ele é meu namorado, eu o amo e o quero. Escute bem, só vou falar uma vez. Não-é-problema-seu! Sua opinião para mim não tem a mínima valia. E se de forma educada não compreender, posso traduzir para o seu total entendimento. Tome-conta-da-porra-da-sua-vida! Da minha, cuido eu! A hora que souber ser profissional, talvez escute seus conselhos discriminatórios e preconceituosos.

Tomo a iniciativa de passar por ele em passadas firmes e sem olhar para trás. Deixo o policial estático, olhando-me surpreso. Rebolo de propósito, mas também devido à raiva que ainda me queima por dentro. Percebo que o Adrian não me segue, então paro os meus passos e olho para trás.

— Que foi, Adrian? Vai ficar aí, amor?

Ele me olha, mordendo os lábios, e sorri enquanto o faz.

— Lembrou de mim... — Passa pelo policial enquanto carrega as coisas. — Já vou, já vou, minha Diaba defensora. Estava encantado com o seu rebolado e com seu charme irresistível.

— Como você diz, meu amor? “O que foi? Só agora se deu conta do quão irresistível sou?” — Seu sorriso se abre ainda mais enquanto me encara, seus olhos se iluminam e ele chega até mim, passando a caminhar ao meu lado.

Algo vibrou dentro de mim nesse pequeno ato bob. Eu me senti plenamente satisfeita.

Quando por fim chegamos à moto, coloco o capacete e, para a minha surpresa, vejo Adrian tirando o *blazer* e amarrando na minha cintura. Começo a perguntar o porquê disso, mas sou interrompida com ele pegando-me pela cintura e

colocando-me sentada na moto. Em seguida, sobe na garupa atrás de mim.

— Hoje, querida diaba, você vai pilotar até em casa — sussurra para mim em um tom mais sensual.

Eu não entendi direito o que ele quer dizer isso, nem estava pensando bobagens. *Pelo menos desta vez, não.* Assim que começo a pilotar a moto, agradeço por ter o seu blazer tampando o meio das minhas pernas e minhas coxas, pois o vestido subiu. Sinto o seu pau excitado encostado na minha bunda. A cada curva feita com a moto, ele se aproveita.

Em determinado ponto, Adrian já não está com suas mãos mais na minha cintura e sim em um jogo perigoso sobre a minha calcinha. Apenas alisa e tira o meu juízo, deixando-me molhada e completamente necessitada. Estaciono a moto dele

ao lado do meu carro e, quando olho as minhas janelas, acabo por ver algumas luzes acesas.

Como assim?

— Me dê as chaves — digo mais séria.

Minha excitação se vai com esse banho de água fria. Alguém invadiu a minha casa.

— OK — responde apenas olhando para mim, curioso com o que é que eu irei fazer.

Assim que me entrega, desço da moto e caminho lentamente até a porta. *Por segurança, tenho uma barra de ferro escondida no jardim.* Vou até ela e a pego. Volto em direção a porta lentamente. Olho para trás e vejo Adrian apenas me observando sentado na sua moto, tampando os lábios.

Assim que abro a porta, empurro-a com o pé, segurando a barra de ferro. Estou pronta para atacar o infeliz que invadiu a minha casa, mas me deparo

PERIGOSAS ACHERON

com o que menos imaginava.

Um caminho de pétalas de rosas, agora um pouco murchas; velas iluminando todo o caminho da porta, que segue subindo as escadas; um agradável perfume sedutor e músicas de baladas de rock românticas que fizeram sucesso tocando ao fundo. A música *Forever* da banda Kiss começa a tocar neste instante.

Sinto-me feita de boba, mas vou seguindo o caminho, curiosa. Chego ao meu quarto e fico da porta olhando chocada. Sobre minha cama têm eternas juras de amor, com promessas de um futuro maravilhoso.

“Você é minha.”

Escrito com as pétalas de rosas. *Sério?* Dou uma sonora gargalhada. *Ah, cara, isso é tão a cara do Adrian. Bom, talvez seja hora de fazer algo a minha cara também.*

PERIGOSAS NACIONAIS

Começo a tirar o salto alto e a abrir o vestido. Já que ele me fez uma surpresa, farei para ele também. Caminho apressada para o banheiro, me limpo o máximo possível, principalmente a parte mais interessante do momento, e me seco. É um banho de gato, o mais apressado possível. Passo um hidratante para ficar no mínimo cheirosa. Tudo porque acho que se tomar um banho não dará tempo.

Escuto a porta sendo fechada e o barulho das chaves sendo postas no pote. Retorno ao quarto, apressada, pego um conjunto novo de *lingerie* e visto. Como o chão é de madeira, escuto o ranger dos seus passos andando pela casa, deixando-me levemente ansiosa com a sua reação. Deito-me na cama e o espero subir. Seus passos não demoram a chegar às escadas e acabo mordendo os lábios quando o vejo entrando carregando uma bandeja.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é uma mulher perigosa... — comenta, mas suas palavras morrem quando me vê. Ele se encosta no batente da porta e seu olhar em mim é de fome. Retribuo da mesma forma, enquanto passo a ponta da língua nos lábios.

— E deliciosa... Como sempre, linda.

Sorrio com a sua reação e ergo a mão, chamando-o para vir para a cama. Ele põe a bandeja na estante e então começa a tirar a roupa, já revelando sua excitação e seu corpo sem pensar duas vezes. Penso que virá até mim, mas seu caminho é diretamente até o banheiro. Fico olhando para a sua bunda, com vontade de ir lá e dar um tapa por me tapear, mas terá volta. Tudo nesta vida tem volta. Mas começo a rir quando escuto o barulho do chuveiro.

Namorado esperto.

Arrumo os travesseiros debaixo da minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça, acomodando-me melhor, e espero o meu bonito vir todo cheiroso para a cama. Logo Adrian aparece com o corpo completamente pelado e parcialmente molhado. Observo em câmera lenta seus movimentos. Ele está pronto para o abate, pois sai apenas com a toalha em mãos secando os cabelos e o pescoço. O desejo se faz palpável quando finalmente seu olhar encontra o meu.

Ele caminha até mim e deixa a toalha na beira da cama. Para de pé diante de mim, se inclina e pega os meus pés, puxando-me de forma abrupta para a ponta. Arfo de surpresa, pois imaginava que viria para cima de mim. Sem me dar muita chance de reação, segura as minhas mãos e volta a me puxar, fazendo-me sentar.

Subitamente me sinto uma boneca em suas mãos e, pela primeira vez na vida, não me incomodo em ser “manuseada”. Sei onde isso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levará e umedeço os lábios, mordendo-os em seguida. Satisfeito com a minha reação, me olha fixamente e leva as suas mãos pela lateral dos meus braços, seguindo até o ombro e pescoço. Para ao segurar meus cabelos com firmeza e força e guia a minha cabeça até o seu pau. Permito que ele enfie na minha boca.

Chupo-o com vontade, seguindo os meus desejos, e o encaro em seus olhos. Ele parece tão entregue quanto eu aos desejos. Mantenho-o cativo sob meu olhar. Sinto o pulsar dentro da minha boca aumentando, assim como sua rigidez conforme a sua excitação também cresce. Adrian estreita os olhos com meus movimentos e não se contém, soltando um longo gemido rouco. Excito-me com sua expressão de deleite e acabo gemendo, mesmo com ele na boca. Deixo que tome as rédeas, ditando os movimentos para aumentar a velocidade.

PERIGOSAS ACHERON

Admito que adorei a versão fofa dele, mas claro que prefiro a versão “carvão, enxofre e salitre”.

Decido ser um pouco mais malvada e o impeço com os seus movimentos em minha cabeça. Tiro o seu membro pulsante da minha boca. Adrian, no embalo do prazer, não entende e força um pouco, mas ao ver que provavelmente tenho alguma ideia, não força mais. Apenas mantém o olhar fixo no meu e a mão em meu cabelo.

Ao mesmo tempo em que seguro sua ereção em sua base, faço pressão. Seu olhar parece inquieto, assim como o “meu brinquedo” particular, que pulsa contra a minha mão. Lentamente, passo a língua em sua glândula, brincando e tomando-a com a boca novamente, só para voltar a tirar e passar a língua da sua base até a ponta. Levo-o ao delírio e ele fecha brevemente os seus olhos. Repito o

processo, vez e outra o colocando completamente na boca. Ao longo da provocação, um desejo de fazê-lo chegar ao seu limite me toma. Aumento a sucção e a velocidade. Adrian parece um tanto desesperado e tenta tirar a minha boca de seu pau, mas não dá muito tempo e ele acaba gozando em meu rosto e colo do seio.

Ele não me dá tempo de sequer me limpar ou pensar, apenas se abaixa e me puxa mais, quase me fazendo cair da beira da cama. Ajoelha-se no chão, abre bem as minhas pernas e me surpreende, enfiando seu rosto entre elas. Leva rapidamente a sua boca até a minha calcinha, segurando-a com força entre os dentes para puxá-la de uma só vez. Rasga-a e ainda me machuca um pouco, o que me faz gemer de dor.

Mas é um namocachorro!

— Ai! Adrian, isso dói! E essa porra aí era

cara, tá legal? — Estico o meu braço e pego a toalha, limpando o meu rosto e peito, revoltada.

Sinto-o morder de leve o meu clitóris, fazendo-me arfar e arquear as costas.

— OK, compro outra depois. Agora, Diana, só cala a boca e curte. — E não consigo realmente falar mais nada, pois ele começa a lamber e chupar o meu clitóris. Ele retribui aquela conexão de olhares, que torna as coisas mais íntimas e sensuais.

Em um movimento com os braços, ele faz com que eu abra ainda mais minhas pernas para dar mais acesso e liberdade. Adrian enfia a ponta da língua na minha fenda e me inclino um pouco para trás, entregue às sensações, apoiando o meu peso em meus braços. Fico totalmente exposta, enquanto mordo os lábios, apenas observando-o. Levo uma das minhas mãos até a sua cabeça e o puxo mais para mim, deliciando-me com as sensações que

PERIGOSAS NACIONAIS

tomam todo o meu corpo quando ele chupa com ainda mais força.

Satisfeito pela minha entrega, começa a morder o clitóris, provocando ondas de excitação, mas não satisfeito, leva a mão até a minha entrada e penetra dois dedos. Seus movimentos de vai e vem são lentos e torturantes e peço por mais entre gemidos que escapam.

Empolgado, Adrian aumenta os movimentos ao mesmo tempo em que morde a parte interna da minha coxa com um olhar fascinado ao me assistir quase ir ao ápice do prazer em minutos. Ele para no meio do caminho só para me ver com um olhar perdido e frustrado, com ânsia por mais. Como se tivesse ouvido os meus pensamentos, sorri perverso e volta a me chupar com sede e fome. Desta vez, tão voraz que me desfaço em sua boca, jogando a minha cabeça para trás, entregue às sensações.

PERIGOSAS ACHERON

Mesmo após gozar, continua lambendo-me e chupando, mantendo por mais tempo a excitação pulsando por todo o meu corpo. Acabei de ter um orgasmo, mas anseio por mais. Muito mais. Ele também parece não estar plenamente satisfeito, pois fica de pé, caminha até as suas calças e pega do bolso um pacote de camisinhas.

Até aí tudo bem. Vamos de novo, pois o que é bom é para repetir.

Mas ele volta até mim e segura a minha mão, conduzindo-me até a sacada de minha casa. Só aí entendo a sua intenção e arregalo os meus olhos.

— Adrian, aqui não. Alguém pode nos ver — intervenho, desta vez preocupada.

Já o dia nasce e as pessoas acordam cedo por aqui...

— Hoje quem vai mandar e desmandar aqui, Diana, sou eu. Shiu, mulher! — fala, virando-me de

PERIGOSAS ACHERON

costas e dando um tapa servido na bunda. Coloca a sua mão sobre a minha e me faz apoiar na grade.

— Ninguém pode dizer que não me sobra um pingo de sanidade — digo, dando os ombros num meio riso. — Mas nós vamos acabar parando nesses sites de vídeos pornô. Você sabe, né? — comento, rindo e imaginando a comoção que isso provocaria.

O ruim seria explicar depois no trabalho.

— Não pareceu se incomodar quando transamos na rua e me deixou na vontade. — Faço aquela cara de “É, né?” e olho para o lado, rindo em seguida.

Adrian, por sua vez, apenas abre a embalagem das camisinhas, tira uma e joga o resto para longe. Rapidamente a veste e, pelo que posso ver sobre o ombro, não vou negar que ver o seu tesão me deixa ainda mais molhada em expectativa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sinto a sua mão deslizando pela minha coluna, lentamente, fazendo-me arrepiar e arquear as costas. Mordo os lábios e arrebito a minha bunda para ele, que com satisfação vem ao meu encontro e dá um tapa nela, apertando-a com força em seguida.

— Gostosa... — sussurra ao pé do meu ouvido enquanto me penetra de uma única vez. Gemo, mas meu gemido é cortado pela sua mão livre que tampa a minha boca. Seus movimentos não são calmos, são frenéticos. Adrian estoca com vigor e com fervor, fazendo-me sentir toda a sua extensão ao entrar e sair repetidas vezes. Devido à força, meu corpo todo vibra a cada estocada.

Meu gemido sai abafado pela sua mão que ainda tampa a minha boca. Tento segurar a respiração para controlar os gemidos, mas não consigo. Sua mão tampa com a mesma força que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estoca. A necessidade de ele ter que tapar a minha boca me deixa um pouco constrangida, mas Adrian não parece se importar menos, apenas curte o momento totalmente despreocupado. Além de parecer gostar muito da posição. Ele fica ainda mais duro dentro de mim, provocando uma leve dor, que só me serve para provocar ainda mais prazer. Solta a minha boca e, para conter os gemidos, prendo a minha respiração com mais empenho.

Encosta-me contra o parapeito e com ambas as mãos segura com força a minha bunda. Rebolo contra o seu pau, fazendo-o gemer. Agora é a vez dele de segurar os gemidos. Remexo ainda mais, brincando da melhor maneira possível com o seu juízo. Diante de mim, vejo os primeiros raios de sol nascendo, o que diz que não temos muito tempo mais para que possamos ser visto por todos com nitidez.

PERIGOSAS ACHERON

Ele segura com mais força e dita os movimentos, voltando a estocar. Quase perco completamente a razão ao gozar novamente em uma onda ainda mais forte que a anterior. Só que desta vez é diferente, pois Adrian me acompanha, urrando ao pé do meu ouvido. Fecho os olhos, me seguro no parapeito com as pernas bambas e viro lentamente minha cabeça para ele.

— Meu Deus, Adrian. O que foi isso? — pergunto num meio sorriso.

— Escapou...

— Sério? — digo rindo e ele ri também. — Meu namorado é completamente doido. Um namocachorro, sei lá. Que fica urrando ao pé do meu ouvido.

— E eu namoro uma namodiaba com gemidos incríveis.

Viro-me para ele e lhe dou um tapa, ainda

PERIGOSAS ACHERON

rindo.

— Babaca.

— Um que você ama.

Acaba com a conversa e subitamente me pega no colo, levando-me para dentro de casa. Acho que ele percebeu que eu estava enrolando porque minhas pernas estão bambas. Com cuidado, me põe na cama e volta para fechar a porta da sacada. Vejo-o voltando, puxo o lençol e entro debaixo dele, dando espaço para o Adrian. Ele deita ao meu lado e se aninha em mim. Com um sorriso, eu o cubro e o abraço de volta.

O sol está batendo em meu rosto e a luz que vem da janela incomoda os meus olhos, por isso acabo acordando. Estranhando, levo o meu olhar ao relógio e vejo que já são três da tarde. Ainda bem que hoje é domingo porque, se fosse segunda, não imagino como iria explicar isso ao meu chefe.

“Ah, chefe, sabe... Fui a um encontro com o meu namorado, fomos presos e fiquei transando até o sol nascer, por isso faltei ao trabalho.” Ou quem sabe “O meu namorado é um tipo de bebida alcoólica daquelas bem fortes que sofremos de amnésia depois”.

Está bem, nenhuma das duas justificativas seriam aceitáveis.

Rolo na cama e vejo o Adrian ainda dormindo, abraçado no travesseiro. Com cuidado, me levanto e caminho para o banheiro na ponta dos pés. Lavo o rosto e escovo os dentes. Assim que retorno, ele está sentado na cama com a maior cara de sono. Acho-o tão fofo que, como quem não quer nada, vou até o meu celular e abro a câmera para fotografá-lo.

Neste momento, estranhando que não volto para a cama de uma vez, Adrian se vira para mim e

PERIGOSAS NACIONAIS

me pega no flagra com o celular pronto para tirar uma foto dele. Sorrio perversa e digo “bom dia” enquanto o fotografo. Divertida, vou ver como ficou a foto e acabo gargalhando. Na foto o Adrian saiu mostrando o dedo do meio.

— Perfeito! Vou colocar na minha rede social. — Sento-me na cama, animada, falando em voz alta o que estou escrevendo. — “Para quem acordou de uma noite muito louca. Aquela carinha que, claro, não pode faltar. Meu namorado que é muito fofo e educado. Diga X, Adrian.” OK, agora mais uns *emojis* de bebidas, maior de dezoito e pronto.

— Que bela primeira impressão que vai deixar aos seus amigos de mim. Credo! Assim mancha a minha reputação! Fofo? — diz, incrédulo. — Corrija isso: “Meu namorado maravilhoso, *bad boy*, gostoso, bom de cama e

PERIGOSAS ACHERON

bem-dotado”.

— Claro, como eu pude errar isso? —
Escrevo mais algumas coisas em baixo como
“Convencido, narcisista, cachorro e sem-vergonha,
mas que é MEU”. — Prontinho. Mas, Adrian, só
para você saber... Não posteï na rede social que
tenho os meus amigos. Estou publicando na que
tenho a família.

Ele parece surpreso e endireita o corpo.
Engole em seco, olha para os lados, buscando
digerir a informação, e então volta o seu olhar para
mim.

— Na rede social que tem a família? —
indaga. Como se quisesse que eu estivesse
mentindo.

Tadinho dele... Eu teria pena se não tivesse
conhecido a família dele e a avó que assiste pornô,
por exemplo. Que, aliás, lhe serviu de influência.

PERIGOSAS NACIONAIS

Todo mundo soube o que aconteceu entre ele e eu naquela casa. A avó estava divertindo-se, os pais dele também. Sem contar que a mãe dele simplesmente me jogou a bomba e a responsabilidade de fazer esse moleque estudar.

— Sabe, fazia tempo que não dava notícias ou postava alguma foto. Dou sinal de vida e já deixo todo mundo sabendo que tenho um namorado com uma cara de marginal que é bem-dotado... — digo enquanto dou de ombros. Neste momento, o som de notificação começa a ecoar pelo quarto.

— Diana, qual é? Sei que somos loucos a maior parte do tempo, mas está querendo que o seu pai venha aqui e arranque o meu pau fora? Dou muito valor a ele, sabe? — diz incrédulo.

— Que foi? Medo? Mas relaxa, é brincadeira... — digo, divertida, e saio de fininho de cima da cama.

PERIGOSAS ACHERON

— Filha da puta! Me deixou preocupado! — exclama.

— Que bom que está aliviado, pois não tenho uma rede social para família e outra para os amigos. Tenho uma só com todo mundo junto. — Levanto da cama em um salto e saio do quarto, apressada, em direção ao corredor, dando risada. *Não acredito que ele caiu nessa.*

Pouco depois, ele levanta da cama e vem atrás de mim. Apenas o vejo vindo voando. Sim, o filho da puta bate a mão no corrimão e pula para onde estou, alcançando facilmente e pousando nos degraus pouco acima de mim. *Só o que me faltava, um delinquente que pratica parkour!*

Em um movimento rápido, me segura firme pela cintura e me puxa para trás. O movimento faz com que caíamos sentados no meio da escada. Adrian ri e eu fico sem saber como lidar com ele

cheio dos truques na manga. Viro-me um pouco para ter contato visual, ainda com seus braços ao redor de mim.

— Hey, moço do *parkour* — digo em um tom sarcástico e ele dá de ombros.

— Um homem tem que manter seus mistérios, senão se torna previsível. Você também não me contou sobre sua vida — diz, fazendo charme e graça. Estreito os olhos para ele, ergo uma das sobrancelhas e... quer saber? Mostro-lhe o dedo do meio, o que provoca nele uma gargalhada.

— Besta. Bom, em todo caso — digo como quem não quer nada. — Relaxa, minha família é... legal. Ninguém vai arrancar seu pau, acho.

— Como assim legal? E COMO ASSIM “ACHO”? — Sua risada morre e, neste momento, é a minha vez de rir dele. — Seu irmão é um advogado que não parece advogado. Você tem um

teaser, um gás de pimenta, uma barra de ferro reserva no seu quintal. Aliás, quem te ensinou essas coisas?

— Hum? Bom, ganhei o *teaser* e o gás de pimenta do Benjamin. Se não me engano, foi quando ele estava cursando a faculdade. Se fosse antes, provavelmente também teria sido ele a me dar a barra de ferro, mas ela foi meu pai.

— A barra de ferro seu pai que te deu? — pergunta, parecendo estar surpreso e preocupado.

— Sim, Gabriel deu a faca que está debaixo do travesseiro. Mentira, está debaixo do colchão. Alex me deu a faca japonesa quando me mudei para cá, a que está na cozinha. Minha mãe me deu a pistola que está escondida na sala — digo, dando de ombros. — Na verdade, ela me disse para carregar por aí, mas achei um exagero...

— Claro, pois nada disso é um exagero. —

PERIGOSAS NACIONAIS

comenta, mas logo continua: — Mas quem são Gabriel e Alex?

— Ciúmes, Adrian? — indago, divertida, mas logo paro, pois já aprontei com ele o suficiente hoje. — Relaxa, são meus irmãos.

— Ah... — Adrian parece aliviado e acho uma graça.

— Que lindinho com ciúmes — digo, levando a mão a sua bochecha. — Vamos, vou fazer café da manhã.

— Vai primeiro, engraçadinha. Vou lavar o rosto e pelo menos passar água na boca — fala, levantando-se e segurando a minha mão para me levantar junto.

— Tem escovas de dentes novas na gaveta, se quiser pode pegar uma para você — digo e ele concorda com a cabeça. Retornamos ao quarto para nos cobrir, pois ainda estamos completamente nus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele vai diretamente ao banheiro e eu procuro alguma roupa. Quando vejo a camisa social do Adrian, penso. Bom, roupas de homens sempre são mais confortáveis e hoje é domingo. Ninguém vai sair. Nina já não aparece aqui em casa normalmente mesmo. Pego a camisa caída no chão e a visto. Vou para a cozinha logo em seguida para arrumar o nosso café da “manhã”.

Que bom que não comi em casa essa semana praticamente, então temos comida, porque senão o nosso café da manhã ia ser alguma porcaria.

Abro o armário sobre o balcão, pego o saco de pão de fôrma e vou à geladeira para pegar a manteiga. Vou fazer torradas, pois se não fizer algo com esses pães, eles vão estragar. Bocejando e após levar a manteiga ao balcão, começo preguiçosa a arrumar os pães, passando-a em todos eles para facilitar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei o que o Adrian está fazendo lá em cima, mas já estou colocando os pães em pratos após passá-los na chapa quando sou surpreendida por suas mãos em meus quadris. Suas mãos estão frias assim como a sua boca que beija o meu pescoço. Imagino que tenha tomado banho. Elas continuam descendo apenas para subir novamente, mas desta vez por dentro da camisa que estou usando. Conforme sobem meu corpo, a camisa também sobe. Cola o seu corpo no meu e percebo, mesmo com o fino tecido de suas calças, a sua excitação. Fecho os olhos e me entrego.

Contudo, para minha total insatisfação e frustração, escuto a porta da frente sendo aberta. Abro os olhos e já olho em direção à porta da cozinha. Adrian parece fazer a mesma coisa, embora não saia de trás e mim nem mude suas mãos de lugar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Diana, não é você quem vivia me falando sobre deixar a porta aberta? Você deixou a sua destrancada... — É a Nina e a sua voz está longe. A cada passo rápido mais próximo, já quero começar a rir ao imaginar a cara que ela com certeza irá fazer ao nos ver. — Diana? Cadê você? Não me diga que saiu e deixou a porta aberta? Dia...

Neste momento, a gravadinha Nina, com a sua barriga já mais evidente, aparece na porta da minha cozinha. Parece ver tudo em câmera lenta e freia os seus passos rápidos de forma brusca. Fica pálida e então um tom vermelho quase brilhante invade todo o seu rosto. Ela tenta se virar para ficar de costas para nós, mas dá com o dedinho do pé no batente da porta.

— Ai! Porra! — grita, extravasando a sua dor. Mesmo sabendo o quanto dói, eu tenho que

PERIGOSAS ACHERON

morder os meus lábios para não rir.

— Estou vendo quem vai ensinar essas palavras bonitas ao meu sobrinho ou sobrinha. E por que toda essa timidez? Eu lembro de uma vez que alguém resolveu brincar durante a noite e eu não consegui dormir para ir ao trabalho. Ah! Teve aquela outra também...

Nina levanta a mão com o intuito de me silenciar. Obedeço, vendo-a constrangida. O tempo passa e, mesmo algum tempo sem vê-la, não consigo deixar de sentir a mesma satisfação que da primeira vez.

— Está bem, Diana! Estou vendo que está no modo Diaba — fala, virando-se, e seu olhar pousa sobre a minha bunda quase toda exposta, graças ao Adrian. Ela, que tinha quase acabado de retomar a compostura, perde novamente, jogando tudo diretamente no ralo. — PELO AMOR DE DEUS!

PERIGOSAS NACIONAIS

SE AGARREM QUANDO NÃO TIVER
PESSOAS PRESENTES.

— Mas, Nina, você que veio entrando em casa... — digo e, antes de falar qualquer coisa a mais, Luke entra todo preocupado devido à gritaria.

O olhar de Luke, assim como o da Nina, parece ver tudo em câmera lenta com surpresa e estranheza. Adrian e eu, o estado em que estamos, a cara da Nina, a cozinha também. É como se perguntasse a si mesmo se não tinha algo estranho antes de voltar o seu olhar para nós, mais especificamente para a minha bunda e para a mão do Adrian.

— Nina, sinto te informar, mas o seu homem está olhando para a minha bunda *sexy* — digo, provocativa. Sinto atrás de mim o Adrian escondendo o seu rosto em meio aos meus cabelos para rir baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Luke Salvatori, você está olhando a bunda da Diana? — indaga Nina, virando-se para o Luke.

— Mas, amor, a bunda dela está de fora! — diz como se isso servisse de justificção. *Tadinho do Luke. Continua não se ajudando.*

— Olha aqui, rapaz, não quero saber do que estava para fora ou não — fala, olhando-o severa.

Ele a olha e então suspira, erguendo as mãos em derrota.

— OK, OK... — diz, virando-se para voltar lá para fora, mas para no meio do caminho. — Não, espera, desde quando você é dessas que fica assistindo os outros se agarrando?

— Eu não gosto de ver os outros se agarrando! — defende-se. — Eles... eles já estavam assim quando eu cheguei!

— Mentira, Luke. Ela chegou e ficou encarando com a maior cara de safada. — falo e a
PERIGOSAS ACHERON

Nina me olha, indignada.

— Luke, ela é malvada. Você não vai acreditar na Diaba, né? — fala, quase desesperada.

— Não sei, não sei. Não estava aqui. Ela é sua melhor amiga ainda. Sabe das coisas que você não me diz... — diz o Luke, entrando na brincadeira.

— Gr... Vocês dois! Fazia tempo que não se viam, mas já estão mancomunando contra mim!

Essa é a última gota d'agua para o Adrian e para mim. Rindo, nós deixamos os dois pombinhos discutindo. Adrian me solta, arruma as calças e vai para a mesa, puxando uma cadeira e sentando-se. Sirvo os pães, que agora já não estão mais tão quentes, e ofereço também suco que encontrei na geladeira.

Os dois simplesmente não mudam, isso é bom. Eles parecem aqueles casais da TV, com uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

família meio louca, mas sempre feliz. Com o Adrian e trabalho sempre em mente, tinha esquecido como a vida pode ser mais leve e divertida sem carregar uma maldade explícita. Pego o meu prato e vou para a mesa. Adrian me puxa para sentar em sua coxa e assim faço, enquanto assistimos, ambos pensativos, o casal que não para de ser tão... Nina e Luke. Não tem outra definição, pois quando entram em sua dimensão paralela se esquecem do resto.

Neste momento, a Nina se recorda que têm pessoas assistindo-os e nos olha. Mas o problema é que ela faz isso bem no momento que estou abrindo a boca para comer. Ela para e me encara fixamente, fazendo com que eu lentamente feche a boca para morder o pão, como se isso fosse algo errado.

— Sim, Nina? — digo após terminar de mastigar e engolir.

PERIGOSAS ACHERON

— É que me lembrei o que vim fazer aqui...

— Pois diga então, mulher.

Estou começando a ficar curiosa e se ela não falar logo, vou lá dar uns sacodes no Luke. *No Luke? Sim, ela está grávida, não vou ser a pessoa com a cara e coragem de sacudir uma grávida.*

— Bom, são duas coisas. Uma, o Luke está com planos de abrir uma empresa. Gostaria de convidar vocês para trabalhar nela. Será de *marketing* mesmo, mas algo mais novo. Será online a grade das divulgações.

Trabalhar com um chefe como o Luke e a Nina? Não parece mal, principalmente eles conhecendo-me. Não terei que fingir ser a recatada do lar. Apesar de que eu não finjo isso em lugar nenhum. Mas antes que responda, ela continua desenfreada falando.

— E também... Gostaria que fosse a
PERIGOSAS ACHERON

madrinha do meu bebê. Se em algum dia eu fosse pensar em alguém para cuidar do meu filho e não fosse eu, preferia que fosse você. Apesar de ser meio maldosa e irônica, tem um lindo coração e se preocupa, defende e ama de verdade. Se o Adrian é a pessoa que, ao meu ver, conquistou sua confiança e seu coração, tenho certeza de que será um ótimo padrinho.

CAPÍTULO 22



AMIGOS E FAMÍLIA EMPATA- FODA

Olho-a e simplesmente me calo. Adrian também parece estático. Não tenho palavras e não consigo ter humor para brincar devido à declaração. Consigo nem provocar ninguém. Tento me recompor após alguns segundos, tossindo e puxando o ar.

— Eita, você me calou pela primeira vez na vida e não foi porque falou feito uma matraca — digo, rindo um tanto emocionada, o que faz todos ao redor fazerem o mesmo. Adrian me puxa mais para perto de si e me abraça. — Não sei, Nina, é

uma coisa importante. São coisas importantes. Claro que aceito, boba. Fico feliz que tenha me escolhido para essas funções na sua vida e na do bebê misterioso.

Luke também abraça a Nina, mostrando para ela que a apoia e para mim que está de acordo com tudo que ela disse. Seria um momento lindo e fofo de filme romântico se a Nina não voltasse a abrir a boca.

— Até o bebê nascer quem sabe não se casam? Aí serão oficialmente o casal de padrinhos mais estilosos que a igreja já viu — fala, animada, e todos ficam quietos, fazendo com que o ambiente todo caia em um profundo silêncio. Até que começo a rir.

Cara, a Nina se empolga demais! Acho que isso também nunca vai mudar.

— Nina, controle-se! Está parecendo aquelas

tias casamenteiras e ainda nem sequer teve o seu bebê. Mal comecei a namorar e olha aí... Está querendo me casar já!

Ela fecha a boca e fica vermelha, olhando-me.

— Nossa, eu nem me empolguei tanto assim.

— Empolgou, sim — diz Luke, tentando não rir.

— Não igual uma tia casamenteira! — exclama e, ao receber nossos olhares céticos, fica ainda mais sem graça e olha para o lado, arrebitando o nariz e fazendo beicinho. *Luke deixou alguém mimada.* — Eu acho...

— Meu amor, sinto te informar — diz Luke, colocando a mão sobre o ombro dela. — Foi igualzinho aquela sua vizinha que uma vez nos viu indo ao bar.

— Traidor... — resmunga Nina, virando-se

PERIGOSAS ACHERON

para segurar o braço do Luke para ir embora. — Ainda usa exemplo. Já fui muito alvo de *bullying* o suficiente por hoje. Vamos, Luke. E Diana... — diz pausadamente, ainda de costas, afastando-se lentamente. — Coloca uma calcinha, mulher!

— Cuidado, Nina! Posso me tornar adepta de nudismo até a próxima vez que invadir aqui! — digo rindo e ela responde da mesma forma. — Aliás, como sabia que estamos namorando?

Ela para, vira apenas um pouco para trás e sorri, plena e com um brilho de felicidade enorme no rosto.

— Você não permite ninguém na sua casa, mas permitiu o Adrian. Imagino que apenas dormir com alguém na mesma cama exige muita confiança e sabemos que você não confia em ninguém. Além de evitar qualquer coisa mais profunda, íntima e pessoal. — O sorriso dela se abre ainda mais, com

PERIGOSAS NACIONAIS

seu brilho no olhar de romântica incurável. — Claramente confia nele mesmo parecendo um “marginal”, como você o chamava no início... — fala rindo e percebo que realmente desde que conheci o Adrian vim quebrando as minhas normas de conduta. — Além disso, o principal, nunca permitiu que mais alguém fizesse parte da sua vida além do Ben e de mim.

Nina, ainda não satisfeita, se vira completamente e, desta vez, olha para o Adrian.

— Parabéns, Adrian, você conseguiu um grande feito. Embora a Diana seja safada, louca e completamente endiabrada, ela se negava veementemente a deixar alguém se aproximar o suficiente. Valorize minha amiga e nunca a traia, senão ela corta teu pau e eu jogo no incinerador.

Nina, depois de séculos, resolve mostrar o seu lado malvada e ainda dá o sorrisinho fofo de

PERIGOSAS ACHERON

psicopata que te mata enquanto te abraça.

— Desde quando você fala “pau”, Nina? — indaga Luke. — E quem disse que vai pegar no pau alheio?

Não me aguento e começo a rir do Luke com ciúmes de uma situação nada invejável. Enquanto a Nina tenta se explicar, ele a segura pela cintura e vai levando-a embora, dando apenas um olhar para nós enquanto sorri e dá uma piscadela.

Assim que eles saem, me viro para o Adrian.

— O que você acha sobre isso? — pergunto, séria, e movo sutilmente a cabeça em direção à porta por onde a Nina e o Luke acabaram de passar.

Nunca me imaginei sendo madrinha de alguém, mas me senti feliz e só concordei. Penso. Adrian me olha estranho e não consigo interpretar a sua expressão. Não até ele rir com sarcasmo. Balança a cabeça em negativa e me olha de canto.

— Diana, você já aceitou por nós dois — diz, tirando-me do seu colo, se levanta e então se afasta. — Tudo certo, então. Vamos arrumar as coisas.

Arrumar as coisas? Estreito os olhos para ele, sem compreender meia palavra. Vejo-o indo para o corredor e então para o quarto. *Ele está perdendo a gota de juízo que ainda tinha?*

— Adrian, você está falando da mesma coisa que eu? — pergunto enquanto o sigo, indo em seu encalço até o meu quarto.

Na porta, ele se vira para mim e me olha como se fosse louca.

— Claro que estamos falando da mesma coisa! Que estamos a caminho de ser casados e até ter filhos.

DE ONDE CARALHOS ELE TIROU ESSA IDEIA?

Adrian continua olhando para mim. A ideia
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de sermos pais é tão louca que não me aguento e começo a rir. Eu nunca quis sequer pensar na possibilidade de ser mãe, pois não acho que seria uma boa. O Adrian sendo pai, então? Minha gargalhada ecoa alta pela casa.

No entanto, ele não parece rir ou achar a mesma graça que eu. Adrian se aproxima em passos lentos, ainda sério e sedutor. Olha-me fixamente e, quando está próximo o suficiente, passa a mão pela minha cintura e me ergue do chão de um jeito rápido e até um pouco brusco. Abraço o seu quadril com as pernas, ainda com um sorriso, e ele encosta as minhas costas contra a parede.

O seu cheiro natural já não é mais qualquer cheiro. Tê-lo assim tão próximo faz com que fique excitada em expectativa do que virá a seguir. Adrian me beija de forma tão profunda e voraz que perco qualquer linha de raciocínio. No entanto, para

PERIGOSAS ACHERON

a minha surpresa, ele subitamente interrompe o beijo. Olho-o, surpresa e arfante. Ele se aproxima novamente, mas vem até o meu pescoço e sussurra:

— Quer ter um filho comigo? Podemos tentar.

Não sei dizer quem é essa pessoa. Tudo bem que ele mantém a postura de “Vou fazer tudo que me vier à cabeça para não me arrepender depois”, mas um filho? Ele acha mesmo que eu seria uma boa mãe? Sou toda errada. Não, acho que eu não seria uma boa mãe. Não quando quero e posso ser boa no que eu quiser, mas me assombra a ideia de... falhar. Contudo, tento o máximo possível não transparecer os meus pensamentos e apenas sorriso debochada.

— Isso é novo vindo de você. Quem está aí? É o meu Adrian mesmo? Já, já... — Melhor eu não falar nada, porque se eu pronunciar “casar em Las

Vegas” é capaz de o doido concordar. Se bem que fazer filho implica em transar sem camisinha e isso é bem excitante. Podemos ver isso de filho depois. Agora isso aqui parece estar ficando interessante.

Um som de alguém batendo na porta chega aos meus ouvidos. Os meus vestígios de sanidade e juízo pulam de alegria, embora uma parte específica do meu corpo chore de frustração. É a segunda foda que empatam hoje. Adrian me olha e o vejo sorrir conforme olha para a minha expressão. Com a bagunça da minha mente, não sei dizer se consegui fazer cara de paisagem para ele não perceber os meus pensamentos.

— É, acho que agora não vai dar para fazer uma garotinha ou um garotinho com os seus olhos — diz Adrian de um jeito calmo e doce.

Ao me colocar no chão e pela forma com que Adrian disse, me faz pensar se ele realmente não

está sério sobre isso. Escuto mais batidas na porta e grito que já vou. Adrian entra no quarto e o sigo com os olhos. Meus pensamentos não saem da situação em que acabamos de estar e me deixa um tanto robótica ao ir pegar uma calça jeans e vestir.

Amarro a blusa do Adrian para ficar com uma aparência mais apresentável. Adrian realmente é impulsivo, entretanto ele sempre leva tudo a sério e dá o seu melhor. Mesmo não sendo o tipo perfeito para se namorar, casar, ter filhos e dois cachorros, ele sempre foi um cara muito correto comigo, pelo menos nas partes que tinha que ser.

— Diana, não sei quem é, mas talvez seja melhor ir ver... — comenta, trazendo-me para a realidade.

Encaro seus olhos acinzentados, o rosto com suas tatuagens, que, aliás, cobrem grande parte do seu corpo. Ele parece um *bad boy*, mas seus olhos

sempre carregam algo diferente. Agora é meu namorado e sim, eu o amo, não tem erro nesse último pensamento. *Acho que de repente... Estou sentindo-me com coisas demais para pensar.*

— É, você está certo. Vou atender a porta — digo e apenas sorrio para ele.

Ele parece estranhar a minha calma e fica no quarto enquanto vou até a porta e a abro, dando de cara com o meu pai e Alex. Opa! *Assim que postei a foto do Adrian, recebi algumas notificações. Bom, estou em um relacionamento sério, não vejo motivos para negar nada.*

Meu pai está longe de ser um senhor comum, de cabelos grisalhos e barba grande, parece um Papai Noel. Contudo, ele tem 1,98 e é um cara que pratica esportes e musculação. Quase sempre usa terno e tem cara de poucos amigos. É um empresário que sempre quis tudo nos mais altos

padrões, inclusive ele mesmo. Alex tem os olhos azuis do nosso pai e a presença marcante nunca fez faltar mulheres. Dizem que é a cópia do nosso pai numa versão mais nova e um pouco mais baixa. Creio que seja normal, já que Alex é filho de sangue de Pierre D'Mancini.

— Olá filha! — diz o meu pai enquanto lhe dou espaço para entrar em casa.

— Oi, pai.

— Oi, Diana — fala Alex, entrando logo atrás.

— E aí, Alex. A que devo a visita? Resolveram dar uma pausa no trabalho?

— Sim, encontrei com o Benjamin. Segundo ele, você encontrou alguém especial. Como sou seu pai, meu dever é vir conhecer o rapaz que está te fazendo feliz. Claro, além de vê-lo com os meus próprios olhos.

— OK, então — digo, dando de ombros. Neste momento, o Adrian desce as escadas com uma das minhas camisas sociais masculinas que tenho guardada. Embora a camisa esteja meio aberta, mas acho que está valendo. *Eu acho.*

O olhar do meu pai e de Alex recaem sobre o Adrian e o clima fica meio pesado. Homens e suas manias de território. Na verdade, não sei, pois apenas ficam encarando-se.

— Bom, esse é o Adrian. O cara dessa proeza, pai. — Assim que digo *pai*, o olhar do Adrian se foca em mim e eu sorrio. Aposto que ele está preocupado com o pau sendo arrancado. — Adrian, esse é Pierre D'Mancini, meu pai.

Eu poderia enfatizar o fato de ser adotada, mas como só tive esse homem como meu pai, não vejo necessidade. Adrian estende a mão para cumprimentá-lo formalmente. *Quem vê, acha que é*

um bom rapaz. Mas meu pai surpreende a todos muito mais, pois abre um grande sorriso e o abraça, dando um abraço de urso em Adrian.

Eu poderia fazer a maior expressão de “que merda é essa?” da minha vida e... eu fico mesmo. Mas é claro que fico! Esse velho não cansa de me surpreender. Esperaria tudo, menos isso. Ainda mais o Adrian sendo o meu primeiro namorado que ele conhece, depois do idiota do Derick.

— Obrigado, garoto. Eu cheguei a pensar que a Diana iria ser como o irmão dela — diz, afastando-se e dando tapinhas no ombro do Adrian.

Como o irmão dela?

— Acredito, senhor — Adrian parece meio desconfortável enquanto Alex e eu trocamos olhares sobre essa reação inesperada. Até porque o meu namorado me surpreende e continua falando. — Que esse nunca seria o futuro dela. Benjamin e

ela são realmente muito parecidos, mas são pessoas diferentes. Cada um tem o seu próprio futuro e sua escolha de moldá-lo.

Meu pai o olha e eu conheço esse olhar. Ele achou o Adrian interessante. Meu pai sempre fez isso e percebi depois que fomos adotados que realmente gosta de pessoas... vivas e de personalidade. Como se fôssemos um investimento com alta probabilidade de dar certo.

— Claro, você tem razão — diz meu pai, encarando-o ainda com a mão no ombro do Adrian.

— Pai, sei que o Adrian é atraente, mas desde que colocou a mão nele, ainda não tirou. — Estreito os olhos, mas abro um sorriso divertido. — Eu estou ficando com ciúmes.

— Opa! Não quero roubar o seu namorado. Sua mãe ainda é o amor da minha vida — fala mais extrovertido. — Me diz. Como estão as coisas?

— Estão bem. Nós acabamos de acordar. A Nina esteve aqui pouco antes do senhor, veio nos chamar para sermos madrinha e padrinho do bebê dela — digo, embora saiba que o foco dele ainda está sobre o Adrian.

Pais...

— Hum, que bom. Que bom que a Nina veio convidá-los para isso. É muito importante! Amizade é algo precioso, realmente. Parabéns minha filha — fala, simpático. *Quem vê pensa que não é um empresário workaholic.* Mas sua expressão volta a ficar séria. *Na verdade, acho que passa tanto tempo trabalhando que não sabe mais diferenciar, o simpático que virou a máscara.* — E esse garoto trabalha?

Engulo em seco. Sabia que era apenas enrolação. Ele está estudando o Adrian, mas o problema sempre vem a cavalo. Além disso, tem

outro problema de namorar um delinquente. É que eles detestam autoridade! Meu olhar vai lentamente para o Adrian, esperando a reação.

— Não, não trabalho. A Diana me disse que teria uma vida de rei se ficasse com ela. Sou mais novo que ela, sabe? A mulher adora garotos mais novos e completamente inúteis. Contanto que sejam bom de cama, claro. Agora me dá licença que vou buscar pão. Amor, vou indo, mas já volto — diz, dando-me um selinho, e pega as moedas no meu potinho das moedas e chaves. — Depois eu devolvo seu dinheiro, você sabe que estou duro.

Adrian sai rapidamente pela porta da frente e só agora reparo que está com meu chinelo. *Uma gracinha! Minha camisa, meu chinelo, rasgou a minha calcinha. Eu estou bem com esse namorado.*

Vejo-o sentar em sua moto e olhar o céu pouco antes de dar partida com a moto, sumindo de

vista. Meu pai me observa, encarando o lugar onde o Adrian sumiu.

— Diana, você está sustentando e cuidando de um gigolô tatuado? — indaga, parecendo completamente perdido.

Seguro o riso. *Gigolô tatuado foi ótimo! Vou implicar com o Adrian depois.* Claro que estou surpresa com a falta de medo de morrer do Adrian. Mas o que se esperar dele? Ainda mais de frente com uma pessoa autoritária como o meu pai. Meu pai que está sendo ridículo, mas vamos dizer que é pai. Ou não, também não estou feliz com o comportamento dele. Claro, o abraço no Adrian foi algo inesperado! Porém, só para, no momento seguinte, voltar a sua rotineira forma de ser, tratando as pessoas como oponentes de um jogo de xadrez.

Mas por hora nada disso importa muito. Só

preciso resolver a indignação do meu velho e, claro, deliberadamente provocá-lo, pois foi um idiota.

— Rum! — digo e reviro os olhos para ele. Contudo, um sorriso travesso de canto insiste em permanecer em meu rosto. — Velho, para você que é alguém tão esperto parece que está ficando senil e perdendo a percepção. Adrian é uma pessoa diferente das demais. Isso é nítido. Ele está apenas brincando. Ou não. Não, tenho certeza! Ele se ofendeu com a pergunta, mas trabalha de alfaiate. Trabalha com o avô, Mr. Bianco.

Recebo o olhar tanto do meu pai como de Alex. *Pronto, virei uma espécie de análise.* Ele claramente ficou chateado com o “senil” ao ponto de uma veia em sua testa se destacar e seu rosto ganhar uma cor mais viva. Mas parece passar quando termina de digerir a informação.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele não parece alfaiate — afirma.

— Também acho. Acho que é aquela velha frase: nunca julgue um livro pela capa — digo, dando de ombros, tentando ser educada.

Alex, que silenciosamente ficou ali apenas observando atentamente, se movimenta, chamando a minha atenção. Ele encosta na parede e sorri.

— Pai, gostei daquele Adrian. Ele a faz sorrir e parece fazê-la feliz. Surpreendentemente pergunto ao senhor: quando foi a última vez que a Diana defendeu alguém com tanto ímpeto?

— Sim, é verdade, filho — murmura nosso pai mais ameno enquanto pensa. — Mais fácil ela ficar sem se envolver ou simplesmente provocar de puro deboche.

— Vocês dois sabem que eu estou presente, não é? — reclamo, unindo um pouco as minhas sobrancelhas, nem um pouco feliz.

PERIGOSAS ACHERON

— Relaxa, Diana — diz Alex. — Comentei apenas porque isso me tranquiliza. Não me olhe assim. Apenas não ficarei tão preocupado.

— Como se eu não soubesse fazer minhas escolhas e viver sozinha. Ele foi uma escolha minha — falo, dando um passo em sua direção, mas consigo compreendê-lo.

No entanto, sabem que não gosto de ninguém tomando conta da minha vida, controlando ou metendo-se. Da minha vida, corpo e decisões, cuido eu. O clima fica pesado, talvez pela recente falta de convivência comigo esqueceram de como sou. Alex apenas levanta a mão enquanto sorri.

— Ainda que seja uma pessoa de natureza independente como um gato, acredito que eu, o Gabriel e nossos pais podemos e vamos nos preocupar com você, Diana.

— Vocês acham que eu sou o tipo de pessoa

que iria ficar com alguém não confiável, vagabundo e filho da puta? — pergunto, cética.

— Se você o amar? Sim — responde ele em tom de ponto final. — Aliás, você já fez uma vez.

— Seria lindo se tivesse ficado na primeira frase, mas o projeto de Pierre 2.0 tem que cutucar a cicatriz — digo, fitando-o de cima a baixo com descaso. — Quer saber? Você pega a sua preocupação e a enfie...

— Alex e Diana! Podem parando — diz o nosso pai em um tom severo.

— Fazer o quê? Com ela só funciona se a pessoa bate de frente — murmura Alex, dando de ombros.

Recordo daquele menino triste quando veio procurar Benjamin e a mim no orfanato. Quem diria que viraria um homem forte e com coragem o suficiente de me enfrentar? Não é que não nos

PERIGOSAS ACHERON

damos bem, mas eles — minha família — podem se tornar bem protetores se dermos asas.

Adrian chega e abre a porta, segurando os pães embrulhados. Seu olhar se surpreende ao nos ver ainda aqui.

— Vamos tomar café como uma grande família feliz? — indaga em tom de dúvida.

Provavelmente não estamos com as expressões mais amigáveis, mas obedientes, vamos todos para a cozinha. Ajudo o Adrian arrumar a mesa. Não vou comer muito, pois há pouco já comemos, então me foco em servir o meu pai e o meu irmão. Assim que me sento, o Adrian se senta o meu lado, pousando sua mão sobre a minha coxa. Aparentemente as coisas — pai e irmão — sossegaram o rabo. Ou achei que sim por meio segundo.

— Então, Adrian, sou um pai que gosta muito

dessa minha filha mesmo com todo esse espírito independente. Você quer o que com minha filha? — Suspiro, tentando conter em vão minha raiva, e me preparo para falar, mas Adrian aperta a minha coxa e paro para olhá-lo.

— Quero me casar, ter uns três filhos e talvez adote mais um... — responde Adrian, calmo. Fico na dúvida se estava sendo verdadeiro ou sarcástico. *Mas espera, que porra é essa de três filhos? Não concordei nem com o primeiro!*

— Ei! — exclamo, interrompendo-o, mas sou interrompida por ele da mesma maneira que fiz.

— Ainda bem que você concordou, amor — diz esse cínico e salafrário. Estreito os olhos para ele, que me responde mandando-me um beijo. *Filho da puta miserável, você me paga com juro e correção!* Ele volta a sua atenção para o meu pai, que nos olha com um sorriso de canto. — Era só

isso que você queria perguntar, sogrão?

Ao ver o sorriso do meu pai e ver que o Alex também sorri, enfim compreendo... ADRIAN É UM MANIPULADOR DESCARADO! E corajoso, pois a manipulada fui eu para manipular aqueles dois! Volto a encará-lo fixamente. Começo a refletir quantos momentos mais que o Adrian me manipulou para colocar na ponta do lápis a conta do que vou me vingar. *Não pensem que me esqueci!* Ainda quero saber como fez para construir todo o cenário da noite anterior.

— Você é engraçado, garoto. Mas sou pai e a única coisa que tenho em mente é proteger a minha família, incluindo essa garota geniosa — fala meu pai.

Fofinho... Mas não me engana. Estava era curioso para saber quem conseguiu pôr uma aliança no meu dedo. Com esse pensamento,

apenas o olho de canto de olho, e, em retorno, seu Pierre apenas continua com sua pose de bom pai preocupado.

— Sim, compreendo. Para mim, a única coisa que tenho em mente é fazê-la feliz — diz Adrian e meu olhar recai sobre ele. *Ele sabe ser fofo, às vezes.*

Quem vê pensa que somos um casal normal, com famílias absolutamente comuns. Entretanto, acho que o Adrian realmente está sério, pois continua:

— E não me dou bem com qualquer tipo de autoridade, portanto, não me entenda mal. Não é nada pessoal, é um instinto talvez...

— Entendo, cada um tem sua peculiaridade. Diana odeia ser protegida, você odeia autoridade. Os dois parecem se compreender. De alguma forma, vocês combinam até na parte afetiva. O que

parece faltar nela tem em você — alfineta Alex.

Meu irmão não tem senso de “eu vou quebrar seus dentes” escrito na minha testa enquanto o olho. Engulo a saliva e fito, pronta para realmente brigar. Se eu soubesse que aquele menino ia virar isso, teria insistido mais em falar para Ben não o deixar brincar conosco.

— Bom, filho, acho que é hora de irmos. É domingo e a semana será corrida — diz meu pai. *Temos um esperto na família, pelo menos.* — O Gabriel te mandou lembranças, Diana.

— Está bem, pai. Lembranças a ele também. Levaremos vocês até a porta — falo, levantando e guiando-os para a porta. Adrian vem logo atrás e os deixo passar na minha frente, contudo Alex para no meio do caminho e olha para o Adrian.

— Minha irmã é uma pessoa difícil de cativar. Saberá me dizer como foi que conseguiu

essa façanha? Só curiosidade — indaga Alex, finalmente deixando sua curiosidade escapar.

— O que você acha que foi? — pergunta Adrian, abrindo um sorriso sem-vergonha. Enquanto ele sorri, minha vontade de me vingar dele retorna, fazendo-me sorrir também. Só que eles, inocentes, não sabem o motivo. — Minhas tatuagens?

— Acho que para ela tatuagens não fazem diferença. — Alex sendo bonzinho? Hum... Bom, realmente ele não é ruim, só acha que pode comigo e cutuca minhas feridas. Quer saber? É ruim, sim. *Filho da... nossa mãe.* — Ela tem muitos defeitos, mas preconceitos visuais por estilos diferentes, não.

— Então, cara. Só tenho uma coisa para te dizer: eu sou irresistível!

Olho para o Adrian, então para o meu pai e irmão. Eles estão enrolando para ir embora e lhes

darei um bom motivo para irem. Nego com a cabeça lentamente, chamando a atenção deles.

— Absurdo! — *Quero rir desta minha arte, mas faço a expressão mais séria que consigo.* — Não, Alex, o que vi nele foi isso aqui.

Vou até o Adrian, seguro as suas calças e puxo para baixo para em seguida sair do caminho, dando ampla visão do pau do Adrian, já que ele nunca usa cuecas. Meu pai e o Alex perdem a cor enquanto encaram. Eu? Estou quase arrancando sangue da minha boca de tanto que mordo meus lábios para não rir. Adrian olha para minha cara como se dissesse “Sério? Só viu isso em mim, cara? Que absurdo!” pouco se importando em estar com as calças baixas.

O que frustra a minha vingança um pouco, mas as caras do meu pai e irmão são impagáveis. Alex segura o terno do nosso pai, puxando-o como

se não acreditasse no que seus olhos veem.

— Pai... O namorado da Diana não tem um pau. Acabei de descobrir o porquê de eles se darem tão bem. Ela é o diabo e ele que tem a cauda! Se completam.

— Foi isso que falei da primeira vez que vi...

Ambos olham para mim, dando-se conta de que sou adulta e tenho uma vida sexual. Logo, obviamente, transei com o Adrian. Pela cara deles, imaginam mil e uma coisas, ficando ainda mais chocados. Adrian me olha e logo seu olhar cai nos dois. Ele claramente também está achando muita graça e continua o meu jogo.

— Espera, então quer dizer que *só* quer o meu INCRÍVEL PAU? — Faz drama a todo custo. — Que absurdo! Eu pensando que era porque sou gostoso! Te surpreendo e te inspiro a se aventurar!

— Definitivamente nunca achei alguém

PERIGOSAS ACHERON

como você, amor — digo, segurando o seu braço, permitindo-me ser um pouco sincera entre a brincadeira para ninguém desconfiar. — Algo no seu jeito de ser me faz acreditar que não posso mais viver sem você, talvez as suas atitudes inesperadas. Ou foi só a sua cauda mesmo.

— Estamos indo embora. Foi bom te ver, filha. Tchau — fala meu pai, pegando o Alex pela roupa e arrastando-o para fora de casa sem me dar a chance de dizer tchau. Dou risada com o desespero para sair daqui.

— Hum... Então você gosta do meu pau tanto assim, Diana? — diz Adrian, terminando de tirar as calças e virando-se de frente para mim.

— Claro e da sua boca também — respondo absolutamente sincera, tirando dele uma sonora gargalhada. — Mas o que quero saber agora é: como foi que fez para entrar na minha casa e

arrumá-la toda com as velas e flores enquanto estava comigo? Quem foi o meliante que invadiu minha casa?

— O mesmo que estava no restaurante. Quando entreguei a chave da moto, entreguei a chave da sua casa também — diz o sem-vergonha.

Na minha cara!

— Você deixou um cara que não conheço vir na MINHA casa? Adrian... Vou arrancar seu pau. Cadê minha faca japonesa? — digo, falsamente irritada.

— Mas aí você acaba com a diversão! Sem brinquedo, não tem parque de diversões — zomba.

— Eu faço um molde e mando fazer um igual, só que de plástico! E que vibra! Com bateria especial que dura mais — provoco rindo enquanto ele não sabe se fica indignado ou se ri também. Na verdade, acaba entregando-se ao riso, pois não tem

PERIGOSAS NACIONAIS

mais nada a se fazer em uma situação desta.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 23



RESOLVENDO ALGUNS MISTÉRIOS

Sem que eu perceba, o riso diminui e ele acaba com a distância entre nós e me coloca contra a parede enquanto sua mão se apoia nela. Sua face fica colada na minha e posso sentir o seu hálito quente contra a minha face, enquanto seus olhos se fixam nos meus e sua boca me atrai, parecendo perigosamente sedutora.

— Você não vale nada... — murmura.

Não tento sequer conter o meu desejo e passo a mão sobre a roupa fina que cobre o seu peito, deslizando até o seu pescoço e trazendo-o mais

PERIGOSAS NACIONAIS

para perto mim. Sem perder o meu sorriso, olho-o desejosa e bem-humorada. Beijo-o e Adrian não nega para que veio, beijando-me com fervor.

Não posso negar a sua afirmação de que eu não valho nada, mas também não preciso dizer que ele não é diferente de mim.

Sinto a sua mão passear pelo meu corpo e arfo conforme o meu corpo arrepia. Entretanto, ele se afasta de súbito e, para a minha total surpresa, se abaixa e pega sua calça, vestindo-a de volta como quem não quer nada. Ele leva a mão carinhosamente até minha face.

— Como você gosta apenas da minha “cauda”, hoje te deixarei de castigo — diz e o olho de cima a baixo, interrogando-o com um olhar de “perdeu o juízo?”. — Hoje, ficará apenas comigo e vai ser obrigada a me amar também. Se o meu “eu” louco não é o suficiente, teremos um pouco de paz.

PERIGOSAS ACHERON

Não entendi o que ele queria dizer até passarmos o fim de tarde assistindo *10 coisas que odeio em você*. Claro que ele não perdeu a oportunidade de dizer que pareço com a protagonista, principalmente quando ela mostra os seios ao professor. Descobrimos que nós dois gostamos de programas “Loucos por carros” e essas coisas. Mostro-o algumas das minhas séries favoritas, animes e filmes. Debatermos e quase arranco a cabeça dele. Não, é brincadeira. Mas claro que não seríamos perfeitos e os personagens favoritos dele são diferentes dos meus. Neste tempo todo, comemos só besteiras.

Como se não tivéssemos comido bobagens o suficiente, penso em comprar pizza para o jantar, mas me dou conta de como o Adrian está quieto e bonzinho demais. Tudo bem que nunca imaginei ter um programa desse, não com ele, não em um domingo, mas até que nos portamos bem, como um

PERIGOSAS ACHERON

casal normal. Coisa que estamos naturalmente longe de ser, mas assim é bom também.

O que me preocupa, como eu disse, é esse ar pensativo dele. Parece-me um prelúdio de problemas. Como para confirmar o meu pensamento, ele se levanta, sentando-se, e me olha fixamente.

— Você quer ter um filho comigo? — pergunta e me faz dar um sobressalto.

MAS O QUE DEU NESSE HOMEM?

Olho para o meliante de vinte e um anos que chamo de namorado. Realmente parece sério. Então o papo de mais cedo não era uma brincadeira. Adrian, cheio de tatuagens, safado e com um coração surpreendente lindo. Eu, egoísta, que amo ver o circo pegar fogo e não gosto de ninguém invadindo o meu espaço.

Sinto que não sou a pessoa mais indicada

para ser mãe. Como explicar isso? Não sou doce, não sou muito boa nem em tentar ser. Imagino se não vou estragar o psicológico da pobre criança. Sinto-me temerosa, mas assim que me permito realmente o ver, e não divagar, noto o seu olhar. Olho-o com bastante atenção.

Um menino com o seu olhar seria lindo, não é? Uma menina para deixá-lo louco até o último fio de cabelo parece interessante. Uma miniatura de nós dois. Sorrio, perversa.

— E então? — insiste, agora parecendo um pouco assustado com o meu sorriso.

— É um grande trabalho — *Mas pensar em não ter nunca um filho faz eu me sentir incompleta.* Será que no futuro uma “eu” que se negou veemente a ter um filho não chegaria ao fim da vida arrependendo-se? Isso se eu chegar ao fim da vida como velha. Vejo no Adrian e no seu amigo a

PERIGOSAS NACIONAIS

resposta dos meus pensamentos. Eles só queriam viver, realizar seus sonhos, ter propósitos e nunca se arrependerem, mas um deles já não pode fazer isso. O meu “eu” até hoje só soube viver sem arrependimentos e não depender de ninguém. OK, dependendo do Benjamin e da Nina.

Mas entregar a minha felicidade a outras pessoas, deixar que a minha alegria seja ver outra pessoa feliz... Não sei. Assim como com a Nina foi doloroso, pois ela está continuando sua vida sem depender de mim. Se eu tiver filhos, imagino o tamanho da dor que sentirei e não sei se aguentarei isso. Não terá uma bebedeira de uma noite para aplacar a minha dor. Ao mesmo tempo em que não ver como seria essa criança, que de alguma forma já estou sentindo um carinho só de imaginá-la, também me causa dor.

Infelizmente, falhei em me proteger. Falhei

PERIGOSAS ACHERON

em me amar antes de qualquer um. Daria a minha vida para ver todos eles bem e felizes. *Já disse que amar é uma bosta? Que o amor é meio masoquista? Então.*

— Se eu quero? — pergunto apenas para vê-lo se contorcer mais de ansiedade. — Talvez. Seria lindo de ver o projeto de marginal ou de diabret... Brincadeira! Nosso bebê seria um anjo. Só para ser contra todas as expectativas...

— Isso é um sim, Diana? — pergunta o Adrian entre um riso baixo.

— Sim, Adrian. É um sim, mas um não também. Ainda não. Pode não ser cedo para mim, mas é muito cedo para você. Ou não, afinal você foi muito bem com aquelas cri... — Mas ele me interrompe.

— Acha que eu não seria um bom pai? Ou que eu seria? — pergunta, parecendo mudar de

ideia, preocupado.

É de lua essa porra? Ele me faz realmente pensar seriamente nisso para mudar de ideia? Sério? Ah, Adrian... Seu filho da... Respira, Diana. Você é a mais velha aqui, seja a pessoa madura que é esperado que seja.

— Sim, como eu estava dizendo antes de um cara aí me atrapalhar. Mas não foi você que veio com essa ideia?

— É, eu sei. É que... não acho que sou um bom exemplo. Sabe a minha vida... — Olho-o e ergo uma sobrancelha, suspirando.

Menino problemático. Por essas e outras que eu não tenho paciência.

— Ah! Para! Não quer ter um filho comigo? Ótimo, mas não invente desculpa — digo, levantando do sofá, deixando-o lá. — Me inventa história, me faz refletir sobre isso... Para quê?

Adrian, não gosto de palhaçada.

Ele se levanta e vem atrás de mim, segurando o meu braço.

— Não fique brava comigo, sou humano. Às vezes, fico inseguro, embora faça tudo para viver sem arrependimento. Desta vez, envolve você também. Não poderia ser com outra pessoa. Envolve outras pessoas. Somos, no mínimo, fora do normal.

— Não venha se passar de louco. Lembro-me do que vi, de todo carinho pelo garotinho lá no evento no orfanato! Na verdade, com todas as crianças. Somos doidos? Somos completamente. Não nego, mas não sei você, contudo se me proponho a uma responsabilidade, eu não falho. Vou até o fim. Se eu disser que vou ter um filho, que vou ficar sem dormir, até se preciso ficar sem comer para não faltar, eu vou ficar. Isso não tem

nada a ver com a minha personalidade fora do comum!

Sinto o meu sangue ferver com uma raiva crescente em mim e me viro de frente para ele, pronta para ofendê-lo e mandá-lo para o inferno se falar mais alguma coisa, mas me vejo em um dilema, pois encontro o seu olhar de cachorro abandonado e paro.

Isso é sacanagem...

— OK, Diana. Entendi. Se acalme. Eu tinha algumas dúvidas, mas o que você disse é real. Obrigado por me responder as questões em minha mente — diz enquanto mantém o olhar no meu, meio que me obrigando a olhar para o outro lado. Fico calada, pois o achei fofo. Além de também sanar as minhas próprias dúvidas. Nossas inseguranças são as mesmas. — Quero te levar em um lugar ainda hoje...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa hora? — indago, ainda olhando para a janela. — Adrian, não é em um cemitério de novo, não é?

— Claro que não. Tenho amigos vivos também — diz sarcástico e um pouco irritado. OK, entendo que mereci essa. — Quero que você conheça pessoa viva.

— Então eu vou. Só vou tomar um banho rápido, arrumar a casa por cima porque está uma bagunça, aí iremos, pode ser? Não demorarei muito — informo.

— Claro, enquanto isso vou correr em casa e me trocar. Além disso, a moto precisa de gasolina — responde, puxando-me pelo braço. Ele me segura e me beija, murmurando contra minha boca: — Já volto, não morra de saudades.

— Faça-me rir. Você não é tudo isso — respondo, mostrando a língua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele aproveita esse momento para chupar a ponta da minha língua e se afasta apressado rindo. Pega as suas coisas que estão espalhadas pela casa, termina de se vestir, com a roupa toda amarrotada mesmo. Novamente me beija, mas nada além de um beijo casto, e sai. Assim que vai embora, me apresso para varrer a casa e tirar as velas e pétalas, agora murchas por completo.

Limpo correndo todo o primeiro andar e vou para o segundo, onde encontro os sapatos do Adrian. É assim que as coisas e pertences começam a se misturar e as pessoas vão entrando na sua vida? Claro, pois ele foi todo lindo com o meu chinelo para a sua casa.

Olho no relógio do lado da cama e penso que quebrei meu próprio recorde de varrer a casa toda. Sou uma estupenda dona de casa! Ou não.

Tenho trinta minutos. Encaminho-me para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tomar banho logo. Retiro a roupa até chegar ao banheiro, jogando-a no cesto invisível, porque o cesto que deveria estar aqui não está. Por quê? Porque sou tão boa dona de casa que levei para a lavanderia e não trouxe de volta. E adivinha? A roupa vai ficar no chão mesmo!

Ao entrar no banho e começar a ensaboar o meu corpo, sinto algumas partes doloridas. Partes que me fazem lembrar das loucuras que o Adrian e eu fazemos. *Nada como uma boa noite de sexo! As únicas dores que fico feliz em sentir e quero que se repitam todas as noites.* Penso no salafrário do Adrian e me recordo que logo estará aqui.

Percebo que está na hora de me depilar. Nunca vi pessoa para que os pelos cresçam mais rápidos que os meus. Parece que foi ontem que depilei! Além disso, sempre reparamos nas coisas. O Adrian gosta das lisas. O fogo pega no parquinho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de diversões dele. Não que ele vá poder brincar hoje. Afinal, foi ele quem disse que estou de castigo. Vai ficar na vontade também.

De banho tomado, saio do chuveiro e visto o roupão. Vou até cozinha e coloco a cera para amolecer em banho-maria, enquanto isso retorno ao quarto para pegar minha roupa. Visto o sutiã e a camisa, separo uma calça, uma calcinha e as coloco no banheiro. Retorno à cozinha apenas para pegar a cera e vou para o banheiro de volta. Checo a temperatura, pois ninguém quer queimar as partes preciosas!

Coloco a cera no papel, espalho no local que será depilado e puxo. A dor me invade, pois na genial ideia de depilar, esqueci o analgésico. PUTA QUE ME PARIU. Eu não sou obrigada a passar dor sozinha. Assim que o Adrian vier para casa, vai ser depilado também!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Respiro fundo, esperando a dor passar, e repito o processo até tatear e sentir que está tudo depilado. Passo a loção pós-depilatória e fico aqui sentada na tampa do vaso, respirando fundo. Meu Deus, tudo isso já deve ter demorado uma hora e não posso mais enrolar, pois logo ele estará de volta.

Coloco a calcinha e opto por um *short* leve, deixando a calça de escanteio. Calço a sandália, passo um pouco de perfume e um batom básico, apenas para ter alguma cor no rosto, e também defino os meus olhos com um lápis de olho preto. Visto a minha jaqueta e pronto.

A única pergunta é: onde aquele cara me levará desta vez?

Escuto o motor da sua moto na porta de casa, pego minha bolsa e, em passos largos, desço as escadas. Pego o meu capacete, me olho no espelho

PERIGOSAS ACHERON

do corredor uma última vez, checando se estou bem, e saio.

Quando passo pela porta, caminho até chegar a alguns poucos passos dele. Ele retira o capacete, tomando cuidado com o seu próprio rosto, e então abre os seus olhos, que me observam famintos. Segura uma lata de algo que não consigo definir pela baixa iluminação e usa uma camisa cinza e a jaqueta de costume. Suas íris não parecem mais claras, apenas duas bolas pretas que me fitam fixamente.

— Dá para sentir o seu cheiro delicioso daqui — diz de maneira sensual, ampliando o meu sorriso. Satisfeita com a sua reação, sorrio e pisco para ele.

Entretanto, um idiota grita da janela.

— Também posso sentir daqui!

Adrian procura com os olhos quem foi que

gritou e faço o mesmo, curiosa. Assim encontramos o indivíduo na janela vizinha da minha casa. Estou tão acostumada com a Nina como vizinha que esqueço que tenho outros. Percebo que, pela primeira vez, o Adrian realmente está com ciúmes. Ele me surpreende, jogando a lata que estava em sua mão no cara e acaba acertando na janela.

— A próxima é na sua cabeça!

— Desculpa, cara, foi brincadeira! — grita homem e entra para casa.

Dou os passos finais que nos separavam, fico entre a direção da casa do cara e o Adrian. Coloco a mão no quadril e estreito os olhos, usando uma boa dose de drama.

— O que foi isso, Adrian?

— Ele estava mexendo com minha mulher — diz ainda bravo, mas eu começo a rir.

— Hum... Sua mulher, é?

Não que a mulher aqui precise de proteção, mas foi fofo.

— Sim, minha. Te disse que é minha. Como mais vou ter que provar? — indaga, passando a mão pela minha cintura, e me puxa para o seu colo. Ele me dá um beijo leve apenas para descer o rosto até o meu pescoço e o morder.

Meu corpo todo se arrepia e tenho que me conter para não soltar um gemido baixo. *Vamos torcer para que ele não tenha percebido isso.* Mas caso tenha percebido, vamos mudar de assunto.

— Está ficando tarde para ir onde quer que estejamos indo, não? Aliás, para onde estamos indo, querido? — indago como quem não quer nada.

— É surpresa — responde apenas.

Com um sorriso sem mostrar os dentes, ele me solta e vou para a garupa, enquanto coloco o

PERIGOSAS ACHERON

meu capacete. Ele coloca o dele também e vamos para o seu lugar. Esse mistério me incomoda. Passamos pela ponte e fazemos todo o caminho até o moto clube. Alguns que estavam na porta gritam para nós, mas passamos direto. Isso me deixa ainda mais curiosa.

Durante mais algum tempo, seguimos as ruas até pararmos diante de uma casa bonita com jardim. Da última vez, era a casa dos pais, desta vez deve ser a casa do avô dele. Mas por que teria brinquedos? Também parece ter uma moto familiar no quintal. De onde conheço essa moto? Há brinquedos espalhados por todo o quintal. Adrian sobe uma rampa e vai diretamente até a porta da garagem. Do nada, escutamos um fino gritinho de uma criança de cabelos loiros, que sai toda animada pela porta.

O Adrian já é pai?

— O tio Adrian voltou, papai! — A garotinha vem em nossa direção com os cabelos bagunçados e pés descalços. Adrian me ajuda a descer e desce rapidamente em seguida, mas neste exato momento tem suas pernas abraçadas pela menina.

Adrian se abaixa, ficando da altura dela, e a abraça. Em seguida, o som de mais passos chama a minha atenção e vejo um senhor muito bem vestido, de sapatos polidos e cabelos bem-cuidados, embora completamente brancos. Tenho certeza de que nunca o vi antes, mesmo tendo a sensação de já ter visto. Isso se deve ao fato que o Adrian parece ter saído um tipo de clone do avô.

— Mia! Não disse para não sair correndo? Já disse que uma mocinha não deve simplesmente sair correndo de dentro de casa assim! — diz o idoso, chamando-lhe a atenção.

Ela parece ficar um pouco cabisbaixa.

— Sim, vovô.

Adrian não me disse que tinha uma irmã. Para minha total surpresa, mais uma pessoa sai da casa e sou obrigada a estreitar os olhos para garantir se estou vendo corretamente. Lion sai de dentro da casa, aparentemente tentando entender o que está acontecendo, embora ele esteja tão focado na menina que não reparou na minha presença aqui.

A menina me olha e eu sorrio para ela, mandando-lhe uma piscadela. Ela parece pensar um pouco, olha para o Adrian e corre para o Lion.

— Papai, foi ela! Ela que roubou o tio Adrian de nós! — fala, pulando e apontando para mim. O Adrian ri enquanto os olhares de todos recaem sobre mim. Sorrio na cara de pau e aceno.

Porque é o que resta.

— Boa noite, gente. — Lion me olha assustado e isso me diverte. Pisco para ele também,
PERIGOSAS ACHERON

sopro um beijinho e então aceno. Ele, como reação, faz a maior cara de “Estou fodido.”.

Ah, Lion, descobri o seu segredo.

— Oi, Diana — diz, claramente preocupado.

— Papai, você *conhece ela*? — pergunta a garotinha, parecendo claramente irritada e enciumada, fazendo um pequeno e fofo rosto enfurecido. — Pai! O que você está fazendo?

Ela o chuta com toda a sua força em suas canelas e corre para dentro. *Gostei da menina.* Lion nos olha chocado e com os olhos bem abertos, permanecendo estático. Sorrio para ele e digo:

— Vai logo atrás dela, papai. — Em silêncio, ele agradece, então se vira e volta correndo para dentro da casa atrás da pequena e linda garotinha de personalidade forte.

Sorrio, de certa maneira feliz. Sempre soube que o Lion parecia um cara de família e que seria
PERIGOSAS ACHERON

um bom pai. Sinto-me sendo observada e procuro de onde vem o olhar. Acabo encontrando o olhar do velho senhor. Amplio o meu sorriso e me aproximo.

— Olá, senhor. Desculpe o incômodo. Sou a namorada do Adrian. Prazer em conhecê-lo. — Apesar da minha polidez, o senhor arregala os olhos e me olha fixamente.

— Voltou a estudar, tem uma namorada que apresenta devidamente à família... — comenta, fazendo um leve beicinho pensativo, e se vira para o Adrian. — É essa garota a responsável por tudo isso, Adrian?

— Sim, vô. É ela — afirma Adrian.

O olhar do velho retorna para mim. Ele se aproxima de mim e me encara fixamente nos olhos, sério. Em seguida, segura a minha mão com firmeza. Fico um pouco assustada e procuro pelo

rosto de Adrian, mas logo volto o meu olhar para o senhor. Sinto suas mãos frias, mas não são trêmulas como de outros idosos que já conheci.

— Obrigado, menina. Por favor, poderia tocar na minha cabeça? — indaga, sério, e simplesmente não consigo entender onde ele deseja chegar.

Estreito os meus olhos e inclino suavemente a minha cabeça, como se de algum ângulo diferente pudesse obter respostas. Contudo, obviamente não as tenho.

— Para que o senhor quer que eu coloque a mão em sua cabeça? — indago, curiosa.

— Se você corrigiu meu neto, acho que fazer cabelo nascer neste velho é moleza! — diz tão convicto que demoro alguns segundos para começar a rir. Mesmo se quisesse parar, não poderia evitar. Antes que eu tivesse qualquer

PERIGOSAS NACIONAIS

reação a mais, o senhor prossegue. — Brincadeiras a parte, é tarde. Vamos entrar e tomar um café, ou um suco se preferir.

— Claro! — digo enquanto Adrian se aproxima do avô e cumprimenta.

Um olha para o outro e eles se entendem. Posso notar que suas semelhanças estão além das físicas, o que me faz rir. Já que nunca tive a perspectiva de olhar alguém e ver os mesmos traços que os meus ou algo assim, acho curioso. Ambos viram o seu olhar para mim, apenas dou de ombros e olho ao redor rapidamente. Volto a encará-los como se não fosse nada. Quando os dois se viram para mim ao mesmo tempo, fico ainda mais surpresa porque os faz parecer ainda mais.

Eles estendem as mãos para mim, chamando a minha atenção para elas. Parece que o avô do Adrian tem a mesma percepção das coisas que ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nesse pedido silencioso, me convidam a fazer parte daquilo. Se eu dissesse que o sentimento que isso provoca é familiar, estaria mentindo.

Seguro as mãos dos dois e subo os pequenos degraus na companhia deles. Tão logo me vejo dentro da casa. A casa é rústica, os móveis de madeira escura, com contrastes avermelhados e creme, dando um bom gosto e classe. Coisa que hoje em dia nas casas dos mais jovens não se vê. Tudo é tão bem-cuidado e limpo que faz parecer novo. Definitivamente o avô do Adrian é um homem com muito asseio com suas coisas.

Observando a casa, vejo Lion e sua pequena menina sentados no sofá. Ele com o braço no encosto do sofá com ela praticamente acolhida debaixo de sua asa. *Lion não parece pai de primeira viagem, parece saber muito bem como lidar com ela.* Ao passar por eles para ir à cozinha,

PERIGOSAS ACHERON

escuto suas palavras doces e ao mesmo tempo fortes, demonstrando respeito, autoridade, carinho e valor. *Um bom pai.*

Chego à cozinha e o momento familiar daqueles dois fica totalmente deles, sem mais ninguém se envolver. Adrian me diz para sentar à mesa, enquanto seu avô coloca a água no fogo. O Adrian se senta próximo a mim ao mesmo tempo em que o velho indaga próximo ao fogão.

— Qual é seu nome, menina?

— Diana, senhor.

— Belo nome. Faz com que me lembre de uma amiga de quando era criança — diz, recordando em um tom saudoso e melancólico. — Mas minha Nona não gostava dela, infelizmente.

O velho se aproxima e se senta próximo a mim, toma a minha mão com cuidado e educação, fitando em seguida a palma de minha mão. Ele a

PERIGOSAS ACHERON

olha com bastante atenção e sorri, voltando a sua mão para mim. Encaro-o atenta e desconfiada.

— Meu neto, ela não é uma mulher para brincadeiras, OK? A respeite e você será feliz. Se a irritar, estará lascado — aconselha o ancião.

Olho bem para ele e estreito os olhos. *Mas não era para ler a minha sorte, futuro ou sei lá? Como ele previu o futuro do Adrian na minha mão? Como assim?* Nesse pensamento, começo a rir. Acho que está apenas tentando quebrar o gelo.

Ambos, avô e neto, se entreolham e sorriem. Apenas digo bem-humorada:

— Gostei do senhor...

— Me chamam de senhor Bianco na vizinhança e no trabalho de Mr. Bianco. Mas do jeito que o mundo está informal, te permito me chamar de vô também, menina Diana — responde, sereno.

Ah, é verdade, a alfaiataria que o Adrian trabalha se chama MR. BIANCO. Esse é o sobrenome deles, então o nome do Adrian é Adrian Bianco. Interessante. Como eu pude ser tão tapada e não dar muita atenção a isso?

Antes de mais alguma palavra ser dita, Lion adentra a cozinha com sua pequena miniatura na versão feminina em seu encaixe. Assim que passam pela porta, ela toma a frente e junta as mãozinhas na frente do corpo como uma bonequinha.

— Desculpa a minha falta de educação. Meu nome é Mia. Sou filha do meu papai Lion e vivemos na casa do vovô. Prazer em conhecer você, tia.

Apesar do “tia” ter sido tão lindinho, ele me faz sentir velha. Só que ela é muito fofinha então eu a desculpo. Levanto-me da cadeira e vou até ela só para me abaixar até chegar à sua altura. Coloco a

mão em seus finos e delicados cabelos loiros.

— Não tem que se desculpar, Mia. Estava defendendo os seus direitos e está absolutamente certa! Brigue mesmo e deixe o papai doido — digo bem-humorada, piscando para ela no final.

Imagino que criança eu ia criar se fosse mãe. Talvez não seja para mim, mas algo nessa criança me faz ter um verdadeiro afeto, mesmo não a conhecendo direito. Ela se vira para o seu pai sorridente e diz satisfeita:

— Bem que você disse, papai. Ela é incrível!
— *Hum... Sou incrível!* Olho para Lion com um risinho, como se expressasse o meu pensamento. Ele apenas revira os olhos para mim até que sua pequena resolve falar mais. — Quero que ela seja minha mãe!

Todos nós a olhamos e nos entreolhamos. Ela é uma garotinha interessante e de ótimo gosto, mas

acho que dessa vez não vai dar. Lion se abaixa, embora continue muito maior que ela. Parece até um urso comparado a menina.

— Não dá, meu amor. Ela já tem o tio Adrian — ele diz pacientemente.

Ela se vira totalmente para o pai, tirando minha mão dela. Coloca a mão na cintura e o olha como se ele não pudesse ser mais bobo.

— Oras, papai, você rouba dele! Você é forte para que, hein? — diz ela com sua desenvoltura e eu sofro muito para não rir. *Menininha maravilhosa essa! Mas eu tenho que parar isso, senão pode dar ruim.*

— Espera aí, fofurinha. Não tem que me perguntar se eu quero casar com seu pai? — indago, tentando ser o mais paciente possível.

A pequena se vira para mim, encarando-me com seus profundos olhos azuis cristalinos como os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do pai, tão expressivos. *Essa menina com essa personalidade vai ser um perigo!*

— Claro que você quer o meu pai! É lindo, forte e loiro! — Ela se vira para o pai. — Pai, mostra seus peitos! Faz aquela pose de fortão!

Engasgo, imaginando o Lion fazendo pose de forte e trincando a barriga. Não que ele não seja o meu Deus nórdico favorito, todo *sexy* e bonitão. Mas pelos olhos de uma criança seria algo muito engraçado. Para disfarçar a graça que achei, me faço de pensativa.

— Hum... Pensando por esse lado, não é uma má ideia. Mostra aí seus peitos e pose de fortão, “papai”. — Não consigo concluir a frase sem rir, infelizmente.

Adrian se levanta com cara de bravo para a pequena. *Que bravo mais fingido.* Penso. Só está juntando as sobrancelhas e cruzando os braços.

PERIGOSAS ACHERON

— Ei, baixinha. Teu pai aí pode ser tudo isso, mas o dono da tua tia Diana sou eu. OK? — Ele cruza os braços para ela e Mia o encara fixamente. Arma o maior beicinho teimoso, mas por fim suspira, deixando seus ombrinhos caírem cabisbaixos.

— OK, tio. Desculpa, titia — diz, amuada.

Volto meu olhar para o Adrian de forma dramática, como se lhe dissesse “seu monstro” e ele faz a mesma coisa que a menina, fazendo um beicinho teimoso e virando a cara para mim.

Assim já sabemos quem está ensinando a menina a ser dramática.

O senhor Bianco ou o vô, como disse que eu poderia chamá-lo, se levanta e vai terminar de passar um café. Enquanto diz ao Lion para pegar “aquilo” no armário. Por um tempo, me pergunto o que seria esse “aquilo”, mas pelos olhos animados

da Mia, que vai apressada sentar a mesa, e Adrian, que não está muito diferente, imagino que seja algo bom. Ele volta sem ninguém pedir para a mesa, se senta e espera obediente o café ser servido.

Assim que o Lion põe este “aquilo” na mesa, sei o que é. É uma daquelas latas de ferro com muitos biscoitos sortidos. Eu jurava que não se fabricava mais isso. Animada, sento-me à mesa e aproveitamos o momento. Engraçado que não se passaram nem vinte minutos e a pequena encrenquinha já estava dormindo sentada com um biscoito e o segundo copo de leite pela metade em mãos.

Lion olha a filha e cuidadosamente tira as coisas de sua mão. Aproveito que ela dormiu e pergunto:

— Lion, quem é a mãe dela? Onde está?

O Lion me olha e dá um sorriso sem mostrar

os dentes, enquanto toma sua menininha no colo. Balança a cabeça em negativa para mim e murmura:

— É melhor não falar disso, Diana. — Então toma distância e entra para levar a menina para a cama.

— Isso é história para outra hora — diz Adrian, terminando de comer. — Vamos embora, amor? Tenho faculdade amanhã e você, trabalho. Temos muito que resolver se formos trabalhar para os seus amigos.

O avô do Adrian intervém.

— Seus amigos vão abrir uma empresa e chamaram vocês? Que bons amigos! Realmente esses jovens me surpreendem! É bom, meninos. Se precisarem de parceria ou financiamento, me contatem, sigam o que amam. Pode ser difícil, mas batalhando sei que serão mais felizes. Admiro isso

PERIGOSAS NACIONAIS

nos jovens e sinto falta disso em mim, às vezes... — admite, levantando-se e indo até o outro cômodo, voltando com alguns cartões. — Esses são os meus contatos, do meu advogado e do rapaz que deixei tomando conta da parte administrativa. Boa sorte, jovens.

Estou surpresa com o apoio no negócio que ele sequer perguntou qual seria, nem o tipo de empresa ou qualquer coisa. Ele é louco ou uma pessoa de lindo coração que realmente acredita na felicidade dos jovens. Como não consigo acreditar em pessoas tão boas, vamos pensar em um meio termo, pendendo mais para o louco. Mas uma boa pessoa, devo concordar.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 24



COMO PARTIR UM CORAÇÃO

Não percebo como está tarde. Adrian se levanta e se vira de forma gentil para mim, segurando o meu braço com cuidado. O meu olhar recai sobre ele e um sorriso doce brota em seus lábios, indicando sem necessidade de palavras para que eu me levante também. Em um tom sereno, diz:

— Vamos, amor, temos que ir para casa.

Olho para ele com seu abuso de chamar a minha casa de *casa*. Acabo balançando a cabeça em negativa e me viro para o vovô. Dou de ombros e o senhor abre um sorriso satisfeito, olhando-nos

enquanto nos acompanha até a porta. Despeço-me dele, que me surpreende, segurando o meu rosto e dando um beijo em minha testa.

— Vão com Deus, meus jovens.

Vamos para a moto do Adrian e logo ponho o meu capacete. Sorrio de relance vendo o desenho dele. Adrian, por sua vez, põe o dele e voltamos para a minha casa em uma viagem tranquila. Ao invés de ir embora, ele realmente vem logo atrás de mim para dentro de casa comigo, ainda solta um baixo riso.

— Adrian, assim que passar pela porta, tranque — digo enquanto me apoio no móvel próximo à porta e tiro os meus sapatos.

— Sim, senhora. Posso saber do que tanto ri?
— indaga logo depois de trancar a porta.

Viro-me para ele e me dou conta que realmente estou toda melosa. Tudo culpa desse
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marginal sem-vergonha que anda sendo tão carinhoso. Mas pior de tudo é que me espanto mesmo é com o fato que não me importo com isso, apesar da implicância. Adrian aqui em casa e na minha vida é só... não sei. Devo estar ficando completamente louca. Vou jogar a culpa na Nina e dar uma de louca. Está tudo bem.

— É que tem um palhaço aí que invade a casa alheia — digo, mostrando-lhe a língua.

Adrian me olha, ergue uma sobrancelha e abaixa um pouco a cabeça depois da surpresa. Fecha os olhos e move a cabeça em negativa enquanto ri, levando uma das mãos a boca para voltar o seu olhar sem-vergonha para mim. Um que me faz arrepiar e achar no mínimo interessante o caminho que nossa conversa tomou subitamente.

Ele dá mais alguns passos em minha direção, me toma pela cintura e me ergue em seu colo.

PERIGOSAS ACHERON

Enlaço minhas pernas em seu quadril.

— Vou te dar bons motivos para deixar esse palhaço aqui ficar.

— É? — indago, provocativa, e aproximo os nossos rostos enquanto passo os braços pelo seu ombro.

Ele não responde, apenas toma a minha boca com a sua em um profundo beijo. Vira-se e me apoia contra a parede sem o menor cuidado, provocando uma risada minha.

— Calma aí, *boy*. Vamos para cima para que eu tome um banho. E você também! — Desta vez, é ele quem ri. Desencosta-me da parede e me carrega em seu colo até o andar de cima, deixando-me bem diante do banheiro.

Tomo um banho rápido e, logo que saio, apenas usando o meu roupão, Adrian entra, passando por mim e dando um tapa em minha

bunda. Apenas reclamo divertida com essa ousadia.

Como vamos “brincar”, não me preocupo nem em tirar o roupão. Apenas me seco, sento e me apoio contra os travesseiros. Não o vejo sair do banheiro, pois em algum momento acabo pegando no sono. Acordo com o meu celular tocando, meu roupão aberto e um safado pelado dormindo confortavelmente do outro lado. Viro-me procurando o meu celular e sem querer o chuto. Não que ele pareça sentir o chute.

Pensei de verdade que íamos transar, mas a idade chega ou o cansaço nos abate. Resolvo levantar de uma vez para desligar o aparelho. Assim que faço, ainda sonolenta, balanço a cabeça para organizar os pensamentos. Não quero saber quantas poucas horas dormimos, pois será pior.

Vou até o banheiro para tomar um banho para despertar. Em seguida, vem aquela velha rotina de

pegar roupa, vestir, me maquiar e perfumar. Coloco um terninho, optando pelo *look* todo social. Pego o meu crachá junto com a chave e dou uma última olhadela no espelho, arrumando a calça social que tem a mania de marcar tudo.

A semana só está começando e as segundas sempre são as piores, então pego um salto baixo para colocar lá e coloco um tênis confortável no pé. O único diferencial dessa manhã é: tem um belo folgado da bunda branca na minha cama. Se sair e trancar a porta, ele ficará puto porque não poderá ir à faculdade.

Vou até a cama, me sento na beira dela e dou alguns tapinhas em sua bunda.

— Hey, homem, veja se acorda.

— Claro... — resmunga.

— Vou deixar a chave aqui. Não se esqueça de levar para mim no trabalho — falo e, para ter

certeza de que fui ouvida, belisco a sua bunda.

— Ai! Está bem, Diana — reclama, mal-humorado devido ao beliscão. Só de pirraça, belisco de novo. — Porra!

— Cadê o “meu amor” nessa frase? — indago e ele se vira, ficando de lado entre os travesseiros. Só agora olhando para a minha cara. Estreita os olhos para mim e, apesar de tudo, eu o acho fofo.

— Claro, meu amor Diana. Porra! — Eu não consigo evitar rir. *Esse cara é muito filho da puta.*

Levanto-me da cama, deixo a chave sobre a cômoda e me encaminho para a minha moto. Como sempre, passo pela ponte ou tento, pois o trânsito esta manhã está horrível não sei porquê. Mas pelo tempo que sou obrigada a ficar na ponte é inevitável me lembrar do Adrian. Dou risada sozinha até passar pelo motivo do trânsito. Têm

algumas máquinas arrumando algumas partes da ponte e estão repintando o chão em outras.

Quando finalmente chego à empresa, o porteiro me reconhece e me deixa entrar no estacionamento. Mas somente quando estou no saguão que me recordo que meu crachá estava preso no chaveiro de casa. Ligo para o Adrian ali do saguão mesmo e ele rapidamente atende.

— *Esqueceu de dizer que me ama ou o seu crachá, senhorita Mancini?* — diz, divertido.

— O crachá — respondo, provocando.

— *Nossa, essa doeu!* — diz, dramático.

— Adrian, pode trazer a chave para mim, por favor?

Ele fica durante uns cinco segundos em silêncio, pensativo, para então dar um risinho de quem vai aprontar. *Olha aí! Já vem arte.*

— *Claro que levo, mas só depois de ouvir você dizer que me ama.*

Sério, o Adrian anda fofo ou é impressão minha? Mal sabe ele que sou daquelas parentes da Felícia. Contudo, entro na sua.

— Te amo, te amo e te amo, seu bobo — digo rindo e ele parece feliz do outro lado da linha. Se bem que Adrian já estava cobrando carinho de mim.

— *Já estou indo, amor* — Logo desliga e, como não posso entrar na minha sala, vou até os sofás do saguão e me sento para esperá-lo chegar. Vejo Nina e Luke passarem conversando tão concentrados que não me veem.

Meu celular começa a tocar novamente e vejo na tela uma nova foto de contato, desta vez é Adrian deitado ao meu lado mostrando a língua enquanto eu dormia de roupão. Filho da mãe.

Rapidamente o atendo.

— *Diana, meu amor, estou preso no trânsito da ponte. Eu posso demo...*

Não escuto mais a sua voz. O som de algo colidindo é alto e ruidoso. Escuto alguém gritando e um barulho terrível como se o celular rolasse e batesse pelo chão. Meu coração gela assim como o sangue em minhas veias. A cor falta ao meu rosto.

Uma lágrima solitária rola pela minha face e em minha garganta se forma um nó. Minha respiração falha e fico em choque por poucos segundos.

— Adrian... — digo em um fio de voz. Em seguida, ela parece voltar com toda a força quando grito no telefone e levanto do sofá. — ADRIAN? ADRIAN! ADRIAN! FALA COMIGO! ADRIAN!

Ao longe, apenas escuto murmúrios. O mais próximo que chego a escutar é “Meu Deus!”.

Não... Minha visão fica turva com as lágrimas que molham toda a minha face. Volto a gritar, chamando-o, enquanto meu corpo todo parece tremer.

Minha respiração está pesada e meu desespero faz com que algumas pessoas parem para me olhar. Algumas se aproximam para perguntar o que está acontecendo e eu simplesmente não consigo falar. Abro minha boca e a fecho. Quando finalmente minha voz sai, parece rasgar a minha garganta.

— O Adrian... meu... meu namorado. Ele estava vindo para cá, então... — Minha fala oscila e não consigo parar de chorar. Eles tentam me amparar com um copo de água com açúcar.

Sabe aquele negócio de ver uma vida passando pelos seus olhos? Então. Vejo do dia em que o conheci, as suas expressões, nossas artes,

nossos momentos até a maldita voz dele antes desses ruídos que vem da ligação ainda aberta. Ele chamando-me de “meu amor”. Essa maldita forma carinhosa que eu simplesmente evitei chamá-lo tantas vezes. Sei que eu sou assim, não posso mudar. Não é que não o ame, mas esta pessoinha aqui ama implicar com quem ama. Agora, eu não sei se vou poder implicar com Adrian novamente.

— Não, eu não preciso de copo de água! — digo, jogando longe o copo enquanto seco as minhas lágrimas. — Eu vou lá e vou agora.

Entretanto, alguém segura o meu braço e me viro, vendo o meu chefe.

— Me solte — digo pausadamente.

— Você não irá a lugar algum, senhorita — fala, calmo e preocupado.

— Eu preciso ir agora — sussurro, segurando as minhas lágrimas. Só quero ir até onde o Adrian

PERIGOSAS ACHERON

está.

— Não posso deixar você ir no estado que está. Você está pálida e tremendo. Se você for, serão dois acidentes e não um. Te levarei até lá.

Ele está certo. Preciso me acalmar. Meu chefe me guia até o estacionamento e me leva ao seu carro. Explico o caminho para a tal ponte, mas não tem nada mais aqui, só alguns policiais e a moto batida do Adrian. Meu corpo todo começa a suar frio e as lágrimas ameaçam cair novamente. Trêmula, observo atenta a moto. Meu chefe pede que eu fique no carro enquanto fala com os policiais. Neste tempo, tento realmente me controlar e pôr a cabeça no lugar.

Estou desesperada, assim não serei de ajuda e não me deixarão ir até ele. Ligo para o Lion e conto tudo que aconteceu. Ele pergunta onde Adrian está, mas minha voz quase desaparece quando tenho que

PERIGOSAS NACIONAIS

dizer que não sei. Lion diz para manter a calma e para mantê-lo informado. Concordo enquanto o meu chefe retorna.

— Disseram que o rapaz foi levado para hospital, estava inconsciente. Me deram o nome e o endereço de lá, vamos.

Concordo com a cabeça e pergunto o endereço para avisar a família do Adrian. Assim que ele passa, envio por mensagem para o Lion, que me responde com um simples “Estou indo”.

Chegando ao hospital, vejo as motos do clube estacionadas em frente. Considerando que eu estava mais longe daqui e é do lado do clube praticamente, não me surpreendo. Saio do carro assim que o meu chefe para e vou apressada para a recepção. Antes de falar com a moça, Lion vem até mim e vejo que o clube praticamente inteiro está aqui para saber do Adrian.

PERIGOSAS ACHERON

— Calma, Diana. Já perguntei. Ele está passando por exames neurológicos, mas está fora de perigo — diz, tentando me passar tranquilidade, mas apenas ergo a sobrancelha e o seguro pela camisa.

— Ele está passando por exames no cérebro e você está me pedindo calma? Caralho, Lion! — exclamo, indignada, irritada e preocupada.

Subitamente minha visão começa a ficar turva. Enquanto olho o Lion com raiva, meu corpo amolece e então simplesmente apago. Sonho com o Adrian sorrindo para mim enquanto implicamos um com o outro em um dia normal. Sinto que tem algo errado, então o chão some sob meus pés e acabo acordando. A primeira coisa que vejo é um médico com uma lanterninha no meu olho, quase me cegando. Viro o rosto e o olho feio. *Mas que porra.*

— Que bom que acordou. Desculpe pela luz,

é procedimento médico. Mas me diga... Como está se sentindo, senhorita?

— Sinto-me zozna ainda...

— Apesar de sabermos que o seu desmaio é devido ao nervoso, pedimos autorização às pessoas que estavam com você para fazermos alguns exames. Só para saber se não pode estar anêmica também ou algo assim. Não se preocupe, apenas se mantenha calma.

— O Adrian...

— Tenha calma. Você deve ficar em repouso. Te medicamos para se acalmar. Tem alguém que quer te ver — diz o médico e vai até a porta, abrindo-a e revelando Lion. Ele rapidamente entra.

— Como está, Diana? — indaga.

— Eu estou bem! Me diga como está o Adrian... — murmuro muito preocupada já que o médico não quis dizer nenhuma palavra.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Adrian já saiu dos exames e está bem agora. Apenas está dopado, mas acredite, ele está bem. O avô dele te colocou na lista de visitas para poder vê-lo... — Lion tenta ser o mais cuidadoso comigo possível, entretanto é interrompido pelo médico.

— Mas agora ela não vai a lugar algum. Está de repouso e vai ficar aqui. — O médico recebe um olhar do Lion que imagino que gele a sua alma, pois o homem em questão dá um jeito de sair daqui o mais rápido possível.

— Estimo melhoras, Diana — diz Lion com o seu jeito sério.

Ele me dá um gentil sorriso e sai da sala. Eu fico aqui, sozinha, ou melhor, com os meus pensamentos. Remoo que se não tivesse sido uma completa idiota, não teria deixado o crachá junto com a chave em casa. Por que eu fui pedir para que

PERIGOSAS ACHERON

o Adrian me trouxesse? Se eu não tivesse pedido ele não estaria aqui neste hospital.

Fecho os olhos e uma dor latente de culpa me toma o coração. Não costumo ser sentimental, mas como posso ser diferente? É culpa minha. Ele ainda hoje me pediu para dizer que o amava e eu falei brincando, coisa que nunca falei a sério... Que péssima namorada. Penso, rindo amargurada. Levo as mãos à minha cabeça e simplesmente me resta chorar um pouco mais em silêncio

Quando já estou mais calma e chorei tanto que me sinto vazia por dentro, a enfermeira entra no quarto em que estou e pergunta se tenho convênio. Vejo ao lado da cama a bolsa que estava comigo e pego de dentro dela a minha carteira. Abro-a e pego o meu cartão, ela anota os dados e me libera, dizendo que já posso ir.

Saio do meu quarto e vejo Lion através de

um vidro no fundo do corredor da sala de repouso. Pergunto à enfermeira que me liberou qual é o quarto em que o Adrian está para poder visitá-lo quando estiver melhor. Ela me diz, mas fala que somente poderei vê-lo amanhã. Concordo com a cabeça, afinal já imaginava isso. Vou em direção à sala de repouso e ela segue o seu caminho. Por sorte, o quarto em que o Adrian está é neste mesmo sentido. Assim que ela me perde de vista, entro no quarto e o espio.

Vejo-o no leito, cheio de tubos e com uma faixa na cabeça. Seu rosto está mais esbranquiçado e parece tão frágil daqui. Lembro-me do seu sorriso sem-vergonha, da maldita ponte em que o conheci, da calcinha que mostrei naquele dia, do bicho de pelúcia que ele me deu, das nossas transas, dos nossos risos. Lembro também da nossa primeira noite dormindo um ao lado do outro, em como parecia normal tê-lo ao meu lado. Eu não me

PERIGOSAS ACHERON

importei, era como se fosse uma parte de mim. Sim, uma parte importante de mim.

Essa imagem dele de agora corta o meu coração e, em passos leves, me aproximo para segurar a sua mão que está tão gelada. As lágrimas que eu pensei ter secado voltam. Nunca estive tão enganada. Elas rolam quentes pela minha face e encosto a minha testa na mão do Adrian, pedindo perdão. Neste momento, aperto um pouco a sua mão e, para minha total surpresa, ele aperta de volta. Levanto a minha cabeça para olhá-lo, mas Adrian continua dormindo. Sorrio feliz e seco o rosto com a palma livre.

Estou um tanto bêbada de sono, ainda sob o efeito do remédio que os médicos me deram provavelmente, ou de tanto que chorei. Levanto-me e me afasto para poder sair do quarto do Adrian antes que se deem conta. Tento ser positiva, mas

não sou muito boa nisso. Saio para o corredor, devastada.

Acabo dando de cara com o Lion do lado de fora da sala, encostado na parede.

— Ele segurou as minhas mãos — digo com a sombra de um sorriso.

Lion me olha e sorri terno. Coloca a mão no topo da minha cabeça e a acaricia, bagunçando os meus cabelos, e com a outra me puxa para um abraço. Fica em silêncio durante algum tempo e então fala baixinho:

— O médico disse que aparentemente ele não teve nenhuma lesão além da forte pancada. Vão tirar os tubos logo. Mas agora acho que você deve ir.

Concordo em um movimento com a cabeça e com passos cambaleantes ando até o lado de fora do hospital. Chamo um táxi e, logo que ele chega,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu entro e dou o endereço de casa, lutando para me manter acordada até chegar lá.

Chego e entro com a chave reserva. Já está tarde, então não me preocupo com banho nem nada. Não me julguem, mas apenas tiro os sapatos quando chego ao quarto e me jogo na cama. Estou vendo tudo como um enorme borrão e apago assim que a minha cabeça encosta no travesseiro.

De tão cansada que estava, perco a hora do trabalho. Levanto da cama e pego o celular enquanto procuro uma roupa para vestir. Aproveito também para ligar para o Lion.

— Como o Adrian está?

— *Ainda dopado.* — Com a angústia batendo forte em meu peito, engulo em seco.

— Está bem. Obrigada por ficar com ele aí — digo o mais firme possível para que não acabe com a voz trêmula.

PERIGOSAS ACHERON

Parecendo preocupado comigo, ele comenta:

— *Como você está? Quando desmaiou, achei que podia estar grávida...*

— Como eu estaria grávida? Não transamos sem camisinha e se ela tivesse estourado nós teríamos percebido.

— *Diana, informação demais!* — exclama.
— *Não queria ter que imaginar isso.*

— Se não queria, não perguntasse — exclamo um pouco mais animada e desligo.

Por segundos, essa diversão se mantém, mas então uma lágrima ameaça retornar. Balanço a cabeça e vou tomar um banho rápido. *Não há nada que eu possa fazer.* Após terminar o banho, me troco rapidamente, afinal não tem jeito. Ligo para um táxi, pois não estou psicologicamente bem para dirigir. Depois de pronta, saio de casa apressada para aguardar o veículo.

Quando o táxi chega, tomamos o rumo para o meu trabalho, passando como sempre na ponte. *Se eu não tivesse esquecido o crachá... Quando estivesse saindo para o trabalho, ele estaria esparramado na cama com aquela bunda branca novamente*, penso. O taxista comenta que um motoqueiro foi atropelado nesta ponte e, ao que parece, foi por um carro desgovernado. Ao que tudo indica, não viu a sinalização das placas dos trabalhadores.

Escuto as suas palavras e tento analisar mais seriamente, mas não consigo. É um pesar que me deixa mais abalada, minha mente não parece raciocinar como desejo. Ao chegar ao trabalho, saio do carro após pagar a corrida, com coração apertado e irritada por não conseguir voltar ao meu normal. Passo pelos seguranças da recepção e um deles educadamente me para, entregando um crachá provisório. Ao que parece, o chefe não queria

PERIGOSAS ACHERON

chamar muito a atenção.

— Ele irá melhorar, senhora — diz o segurança. — Poderá ir vê-lo.

Olho-o atenta e o reconheço, é o mesmo que veio me perguntar se tinha visto um “meliante” quando Adrian apareceu aqui na minha palestra para se vingar da frustração que o deixei passar.

Sorrio e ele sorri de volta. Vou para minha sala e foco o máximo possível em meu trabalho, agilizando todos os trabalhos para ficar com a mente ocupada até o almoço. Tão focada em meu empenho, não vejo o meu chefe se aproximar. Parado na porta, ele me faz pular assustada quando bate nela. Com o meu coração a mil, olho para o homem como se fosse o *Chewbacca* ou, dizendo mais popular: irreal, fantasioso ou uma assombração.

— Posso entrar, senhorita Mancini? Como

está hoje?

— Um pouco melhor, velh... digo, senhor —
Ele me olha de lado como se fosse brigar e, ao mesmo tempo, abre um sorriso de canto.

— E como está o rapaz? — pergunta enquanto se aproxima e senta na cadeira diante da minha mesa.

— Ele está estável, embora ainda apagado...
— falo, tentando parecer impassível, entretanto as lágrimas resolvem rolar sozinhas pela minha face no silêncio que se fez após terminar a frase.

Ele se levanta, me oferece um lenço e agradeço em silêncio. O velho me olha atento enquanto seco as lágrimas.

— Irei te liberar. Embora faça seu trabalho com empenho, não posso ser desumano a este ponto. Vá vê-lo, menina. Não posso imaginar a sua dor e ainda está aqui firme e forte, só desabou

quando falei com você — diz com um singelo sorriso. — Diana, ninguém é forte o tempo todo, não fuja dos seus sentimentos. Você o ama e está sofrendo. Isso só significa que, até onde sei, é humana.

Olho-o em silêncio de forma significativa e engulo em seco. Respiro fundo para tentar me recompor. Não gosto que tenham pena de mim, isso me irrita, mas não tenho como negar o quanto estou mal. Não tenho como negar, porque sinto que a culpa é minha. Não tenho como negar, porque eu realmente amo aquele cara no hospital mais do que poderia supor. O que me resta é aceitar.

— Obrigada... — Levanto-me, pego a minha bolsa e saio apressada da sala sem olhar para trás. Vou para onde o meu carro ficou desde ontem na garagem e me encaminho o mais rápido que posso, sem dar motivos para a polícia me parar, porque

não sou burra o suficiente de fazer merda que me fará demorar ainda mais. *Clichê demais para mim.*

Chegando ao hospital, deixo o carro em algum estacionamento próximo. Na recepção, falo que vim para ver Adrian Bianco e me apresento. Eles me deixam entrar, mas terei que esperar na sala de visitas, onde encontro Lion sentado ao lado da filha. Mia, por sua vez, está grudada no braço do pai, chorando. Ela soluça e chama pelo “tio Adrian”, com o seu rostinho todo vermelho enquanto pede para que ele acorde logo.

Eu entendo a dor dela e tenho que me segurar para não me juntar a ela e chorar. Aproximo-me dela e coloco a mão em seu ombro. Seu pequeno rostinho vermelho me olha. Dou-lhe um fraco sorriso e ela tenta me corresponder. Olho para o Lion e digo:

— Olá, Lion.

— Olá, Diana — diz em um cumprimento. — Eles tiraram os tubos hoje de manhã. Estamos aguardando a liberação para poder ir vê-lo.

O médico aparece e, assim que vê o Lion, abaixa o tom de voz. Parece que ele tem medo.

— Ele acordou. — Meu coração dá um salto e um frio na barriga vem firme e forte. — Podem entrar os três, mas nenhuma emoção forte. OK?

Encaminhamo-nos para o quarto do Adrian. Deixo a Mia e o Lion entrarem primeiro. Ela abre um enorme sorriso ao ver o Adrian e corre para ele.

Vê-lo acordado mexe comigo de forma absurda, mas com um grande alívio. Abaixo a cabeça subitamente e me sinto aliviada. *Ele acordou. Ele acordou. Por Deus e graças a Deus. Adrian acordou.* Lembro-me mais uma vez de que antes disto tudo que aconteceu, ele me pediu para chamá-lo de meu amor. Quando me preparo para

PERIGOSAS NACIONAIS

chamá-lo de amor, Adrian quebra o silêncio primeiro enquanto me olha.

— Você está namorando, Lion? — indaga sem nenhum traço de brincadeira. Neste momento, o meu coração se aperta de uma maneira violenta. — Mia realmente precisa de uma mãe.

Todos nós paramos estupefatos e ficamos em silêncio. Em um fio de voz, me aproximo e digo:

— Você não se lembra de mim?

— Não. Eu deveria? — pergunta, curioso e confuso.

— Você não se lembra de mim, seu porra? — falo já alterada, com os lábios tremendo e a raiva borbulhando em mim.

— Repito: eu deveria? — diz ele com sua audácia que sempre me fez rir, mas desta vez me faz querer socá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha a porra da sua mão, seu animal! —
Ele olha e fica com cara de babaca, estranhando a aliança.

— Ué...

— Lerdo! — Pego a prancheta onde está o nome dos familiares que podem visitar e mostro para ele o meu nome e o “namorada” escrito ao lado.

— Mas eu não tenho namorada! — exclama mais confuso ainda.

— Para de brincadeira — aviso, falando pausadamente.

— Mas não estou brincando! Quem é você, sua louca? Por que mentiu para entrar aqui?

Respiro fundo e tento contar até dez em vão, pois com a prancheta em mãos, bato-a em seu pau, surpreendendo a todos e extravasando um por cento da minha raiva. Entre seus gritos de dor, ele me

PERIGOSAS ACHERON

xinga:

— Demônio! Cão de saia! Está louca, caralho? — grita, segurando suas partes.

É automático. Fecho a minha mão e soco seu nariz com toda a minha força, ao ponto de descer sangue. Olho-o mais uma vez indignada e quero bater ainda mais nele. O médico, junto com alguns enfermeiros, salvam o Adrian da minha fúria e me tiram da sala. Debato-me, chutando e batendo para todos os lados. Xingo até a próxima encarnação do Adrian, dos médicos e enfermeiros.

— E eu achando que o loiro era o problema — comenta o médico.

— Ah, vá tomar no seu cu! Não te perguntei nada, filho da puta! Esse caralho de homem na primeira chance me esqueceu! — Descontrolada, coloco tudo para fora. — Eu chorei por causa desse cara! Me tornei tão malditamente frágil durante

PERIGOSAS NACIONAIS

essas últimas vinte e quatro horas pensando nesse idiota! E ele tem a cara e a coragem de falar isso olhando nos meus olhos? Me culpei pelo acidente não sei quantas vezes! PARA QUÊ? Para ele me esquecer? EU VOU BATER NELE ATÉ ELE ESQUECER QUE É HOMEM! OU ELE SE LEMBRA DE MIM OU VAI ESQUECER TUDO!

— Calma, senhora — diz um dos enfermeiros que está segurando-me do lado de fora do quarto. — Ele está em um quadro de amnésia recente. Faremos mais exames, mas a senhora não pode agredi-lo! Se acalme!

— Calma porra nenhuma! — exclamo, agora falando mais baixo, embora ainda alterada, mas então começo a rir enquanto choro. Paro de me debater e eles, vendo que eu não me debatarei mais, me soltam e sento no banco próximo. Levo as mãos à cabeça e a abaixo, apoiando meus cotovelos em

PERIGOSAS ACHERON

minhas pernas. Começo a chorar e rir ainda mais.

Vejo Lion saindo do quarto e ele me olha preocupado.

— Talvez seja melhor assim, Lion. — Respiro fundo e solto, deixando meus ombros caírem. Encosto-me na cadeira. — Sabe, foi minha culpa porque pedi para ele levar o maldito cartão. Ele tem vinte e um anos e muito para viver com qualquer pessoa. Ou com uma que lhe ponha juízo na cabeça — comento, rindo amarga — Se eu ficar aqui aguardando que ele melhore e se lembre de mim, será pior para ele superar. Adrian poderá seguir adiante, coisa que infelizmente não vou poder. A partir de hoje, volto a ser solteira e ele também. Como se nada tivesse acontecido. Diga a Adrian que foi um prazer conhecê-lo. Até algum dia, Lion — digo enquanto uma lágrima solitária rola pela minha face.

PERIGOSAS NACIONAIS

Levanto-me, reunindo o que sobrou de mim e vou embora sem olhar para trás.

Ninguém morre por conta de um coração partido, não é?

Chamo um táxi e vou a um bar que frequentava antes de conhecer o Adrian. Ao chegar nele, o *barman* me reconhece e me olha surpreso. Assim que me aproximo o suficiente, me sento diante dele.

— Uma dose de tequila, por favor.

— Boa noite, Diana. Faz tempo que não te via por aqui. Vai beber moderadamente? — indaga.

Sorrio sarcástica no modo que a Nina sempre chamou de “modo diaba”, inclino a cabeça e o fito de maneira charmosa.

— Você tem o número do táxi, certo? — Ele me olha, pensativo e sério.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto prepara a dose que pedi, tiro a aliança do meu dedo e penduro no colar que o filho da puta apanhou para recuperar. Suspiro, sentindo o metal frio contra o meu peito, e penso.

Ah, cara... Estou tão fodida!

Assim que o *barman* entrega o meu pedido, viro a dose, sentindo o líquido queimar a minha garganta. Entretanto, o que provoca as lágrimas não é a bebida. *Maldição!*

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25



UM AMOR CAÓTICO, MAS AINDA É AMOR

Após sair do bar, sem fazer nada além de encher a cara e chorar mais do que deveria, chutei o saco de um babaca que achou que poderia curar minha dor com seu pau. *Um trouxa...* Mas ainda assim, foi um dia normal.

Pego o táxi e vou direto para casa, para a minha cama, de onde sinceramente não tenho vontade de sair tão cedo. Foi o que eu fiz por dois dias, comi, dormi, assisti séries, li, xinguei o Adrian. Nina apareceu algumas vezes em casa e eu sei disso porque na minha geladeira não aparece

comida magicamente.

Acordo pela manhã com um barulho de moto e me levanto esperançosa, mas logo volto a me jogar de costas na cama. *Idiota, é isso que estou parecendo.* Bufo, frustrada com esse meu pensamento, pois ele deve estar na cama do hospital, flertando com as enfermeiras ou só dormindo.

Na verdade, não importa se Adrian está fazendo algo ou não. Não posso me esquecer de que ele não faz ideia de quem eu sou. Logo, não somos mais nada um do outro. Sinto-me uma idiota, realmente. Uma experiência fraca o suficiente para se esquecer. Quantas pancadas na cabeça as pessoas levam e não perdem a memória? Quantas brigas o Adrian já se envolveu e nunca esqueceu ninguém?

Mas tinha que *me* esquecer, aquele filho da

puta.

Meu celular toca e rolo na cama para alcançá-lo. Assim que o pego, atendo e levo à orelha.

— Alô?

— *Olá, Bom dia. Sou uma enfermeira do hospital em que o seu namorado estava internado* — responde, mas como não continua falando, fico preocupada.

— Aconteceu algo? — pergunto, já me sentando na cama novamente.

— *Não, senhorita, pode ficar tranquila. Ele saiu do hospital hoje sob a tutela da família. Como não retornou aqui e não estava dando notícias, nos pediram para entrarmos em contato.*

Novamente sinto o meu coração despedaçar com o pensamento e com a esperança de que talvez tivesse se lembrado de mim. Mas se tivesse acontecido, aqui seria o primeiro lugar que ele

PERIGOSAS ACHERON

viria. Mesmo se eu o atacasse com fúria.

Engulo em seco, fecho os olhos com força e solto trêmula a minha respiração. *Aquele homem me estragou.* Forço uma tosse, abro os olhos e retomo a minha postura.

— Obrigada por avisar. — Desligo.

Sinto a minha visão turva, junto com uma tontura e uma fraqueza. O meu coração bate como louco e meu corpo treme. Isso me apavora. A inquietude e a falta de controle me desesperam. Sinto-me começando a hiperventilar e as lágrimas quentes queimando a face. Olho para os lados, aflita e angustiada, procurando uma salvação e, é quando vejo a minha jaqueta do “Diabolic”. Lembro-me do seu sorriso, do seu hálito quente e então começo a chorar desenfreadamente com uma angústia esmagadora. Permito que meus sentimentos extravasem. Toda a dor precisa ir de

alguma maneira.

— Não era para ser — digo a mim mesma até me acalmar e parar de tremer. — Nada mudou. Só voltou a ser o que era. É isso.

Após alguns minutos, mais calma e conformada, volto a me deitar e a me cobrir na vã esperança de dormir mais. Não quero olhar a cara de ninguém, nem do chefe, das vadias, nem quero lidar com malditos papéis infinitos. Muito menos quero as pessoas vendo-me nesse estado, mesmo as que se importam comigo.

Mesmo com a casa silenciosa, o sono não vem, infelizmente. Escuto o som da minha porta da frente sendo aberta e o chão rangendo com passos subindo as escadas. Até teria medo, mas não estou sentindo ânimo. Principalmente quando tudo me lembra do filho da puta do Adrian. Só sei me perguntar neste momento o porquê permiti que ele

entrasse na minha vida, mente e coração. Não deixo as pessoas fazerem isso exatamente porque, quando me apego, é essa merda.

Afeta e me atinge demais.

Batem na porta do meu quarto e apenas espio sobre os ombros, contudo não abrem a porta.

— Diana, sou eu, o Benjamin. Sua amiga me ligou e disse que estava preocupada com você, que não tem ido trabalhar e nem sequer saiu de casa nesses dias. Se o Adrian estiver aí, manda que ele vista a roupa.

Levanto-me e me sento, desanimada.

— Ele não está, Benjamin.

— Ué... Já acabou o seu romance com o rapaz marginal? Digo, Adrian. — Benjamin abre a porta e vai entrando. Assim que me vê, sua face se transfigura para uma preocupada. Vem até mim e se senta na beira da cama. Segura a minha mão com

PERIGOSAS ACHERON

a sua direita e com a esquerda toca a minha face.

— Você está pálida. Você não comeu ainda, não é? Já vai ter um colapso... — Mal sabe ele que já tive, contudo fingirei demência. Eu penso. — Mas o que foi que o Adrian fez?

— Pálida? Deve ser porque só comi ontem... — Ele me olha cínico e eu dou um sorriso fraco. — Ah, o Adrian? Ele não lembra mais de mim...

Tentei não demonstrar, mas ao terminar a frase, minha voz falha. Ele me olha, parecendo aflito e irritado com o que vê. Vem mais para perto e me envolve em um abraço reconfortante. Abraço-o de volta e enfio a cara em seu ombro.

— Ele está te ignorando? — Sua voz está mais fria agora e imagino que não expliquei direito.

— Não, Ben. Ele sofreu um acidente, ficou hospitalizado e perdeu a memória. Na verdade, ele esqueceu apenas de mim e de tudo o que passamos

juntos — explico e mordo o lábio inferior. Sinto-me uma babaca por estar nessa puta “*bad*”. Continuo a falar para justificar e soluço, chorando. — Eu... admito que eu amo aquele idiota. Amo muito aquele cara.

Benjamin me olha espantado e então sorri para mim. Escuto uma risadinha distante, mas conheço essa risada muito bem e não é a do Benjamin. Nem espero a criatura se pronunciar e já falo.

— Engraçado, Nina. Veio tripudiar na minha dor?

— Desculpa, Diana. Eu só pensei que não ouviria isso da sua boca. Não isso, não nesta vida — diz, entrando no quarto. — Também não pensei que te veria assim algum dia, minha querida e preferida Diaba. Saudades, minha amiga. Você sempre me ajudou, acho que chegou minha vez de

te ajudar.

— Me ajudar? Você tem que cuidar é desse seu barrigão aí. — Ela sorri e passa a mão na barriga.

— Diana... Abre seus olhos. Você não parece a mesma mulher. Olha aqui. — Ela vem até a beira da cama, próxima dos meus pés, e se senta enquanto a observo tirar um espelho do bolso. Nina o vira para mim e não me reconheço no espelho. — Seu homem está fugindo e você vai deixar? Se ele te esqueceu, faz com que se lembre de novo! Se nunca lembrar, conquiste-o de novo! Seja a diaba por quem ele se apaixonou, a mulher endiabrada que tanto amamos.

Fecho os olhos, sorrio sem mostrar os dentes e inclino a cabeça, retomando o meu juízo e minhas ideias para o lugar. Dou uma risada baixa e meu sorriso se amplia. A dor me entorpeceu e me

PERIGOSAS NACIONAIS

ofuscou. Sou muito grata por ter apenas essas poucas pessoas que posso contar nos dedos na minha vida. Ao seu modo, cada um veio no momento certo para ser tão essencial para mim.

Levanto-me, vou até Nina e a abraço, rindo e um pouco trêmula pela onda de emoções voltando a tomar conta de mim. Murmuro um “obrigada”, acaricio a sua barriga e faço o mesmo com Benjamin, embora não tenha bebê. Ele ri e encosta a sua testa na minha.

— Agora saiam do meu quarto, pois preciso me arrumar — digo com a voz mais firme possível, ainda que com bom humor.

— Saio sim. Vou para a cozinha arrumar as coisas. Pedi ao Luke para ir na mercado, pois era certo que você não ia comer. — Ela me olha como uma verdadeira mãe. — Antes de ir atrás do seu rapaz, vai comer. Viu, dona moça?

PERIGOSAS ACHERON

Dou risada e me pergunto quanto tempo fazia que a Nina não cuidava de mim.

— Claro, mamãe.

Ambos saem e vou pegar umas roupas para vestir após o banho. Na minha busca, vejo a calcinha que usei quando salvei o Adrian na ponte, o que me faz rir sozinha. Pego-a junto com um *short* jeans curto, que dará destaque à minha bunda e às minhas coxas, uma camisa branca e a minha jaqueta especial.

Quando já estou de banho tomado, me visto e me maquio. Coloco uma bota e desço as escadas, vendo todos os três sentados bonitinhos à mesa, esperando-me com o lugar vago. Aproximo-me, pego um copo de leite destinado a mim e o bebo. Rápida, cato um pão e o como também, sob o olhar curioso de Luke, Nina e Benjamin.

— Adoraria fazer sala, mas tenho que fazer

PERIGOSAS NACIONAIS

um homem lembrar que eu sou a única para ele — digo com um sorriso de canto, pisco e giro o meu corpo, dando meia-volta e virando-lhe as costas.

Caminho rapidamente da cozinha ao corredor, pego a chave da moto e o Benjamin me chama da porta. Viro-me enquanto ele joga em minha direção algo grande e me assusto. Quer me matar! Mas reconheço ser um capacete.

— Vai lá me dar orgulho, irmãzinha.

Sorrio, mando um beijo e vou sem mais delongas para fora. Subo na moto e, quando coloco o capacete, vejo meus amigos na janela da sala. Satisfeita com o apoio, dirijo até a casa do avô do Adrian. Entretanto, ao chegar lá, reparo que algo está estranho. Todos, assim que escutam o barulho da minha moto, saem correndo, parecendo aflitos.

Meu estômago dá um rebuliço e engulo em seco.

PERIGOSAS ACHERON

O que aconteceu agora?

Estaciono a moto em frente à garagem deles e tiro o capacete. Lion vem em passos apressados, aproximando-se de mim.

— Você viu o Adrian? — indaga, segurando o meu braço.

— Não, vim aqui para vê-lo... O que aconteceu, Lion? Ele não acabou de sair do hospital?

— Hum... Chegamos em casa pela manhã, mas ele deu um jeito de fugir e não estamos encontrando o cara em lugar nenhum. O pessoal do moto clube está a procura e nada até agora, nem um sinal. Nossa esperança era que ele tivesse ido até você — explica e conclui, aflito.

— Nem uma pistinha sequer? — pergunto no mesmo tom aflito.

— Ele só pegou a moto e saiu na surdina. Se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

puder nos ajudar, quanto mais pessoas tiver, melhor — diz ele.

— Claro que eu vou ajudar. — Coloco o meu capacete de novo e volto para trás com a moto.

O primeiro lugar que me vem à mente é a ponte e é para lá que vou. Entretanto, não o encontro lá. O segundo lugar é perto de minha casa, para ver se pelo menos passou perto de lá. Nada. Fico dando voltas e voltas, o que leva um bom tempo. Cansada de tentar adivinhar onde aquele louco foi parar, vou para o moto clube para ver se posso obter mais informações. O pessoal me recebe bem e me convida para comer com eles. Penso em negar, mas a minha barriga me trai, roncando ao ouvir o convite, então sou obrigada a aceitar o almoço com eles. Não sabia que era tão tarde e só me dou conta ao olhar no relógio e ver que são quase três da tarde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando acabo de comer, um dos rapazes chega um pouco mais animado.

— Ficamos sabendo que um cara do posto de gasolina disse que o viu. Ele comprou gasolina e aspirinas. Foi próximo... — Assim que ele me vê, olha fixamente para mim. — À sua casa, Diana.

Olho para ele. Mas eu vim de lá! Só que realmente o posto é próximo à minha casa. Se ele comprou aspirinas, é porque está tendo dores de cabeça ainda. Levanto-me apressada, agradeço todo o carinho e saio.

Volto para minha moto e logo para o posto de gasolina, confirmando quando ele foi visto. Faz pouco tempo. Pergunto qual foi a direção que seguiu, além de reabastecer minha própria moto. O rapaz diz que ele seguiu a rua. Vou de loja em loja, passando por onde ele possa ter entrado até que chego então na padaria.

PERIGOSAS ACHERON

— Diana! Faz tempo que não te vejo! — exclama o padeiro.

— Sim, faz mesmo. Mas escuta, posso te perguntar algo? Pode ser estranho. — Sorrio, simpática.

— Pode, sim — diz, curioso.

— Você viu um rapaz que veio um tempo atrás de chinelo rosa, todo mal arrumado e parecendo um gigolô? — O padeiro ri como se engasgasse.

— Vi, sim — fala rindo e imagino que seja com a lembrança. — Ele passou aqui tem uns quarenta minutos. Aliás, ele foi em direção à sua casa.

Meu coração dá uma grande descompassada. Vou apressada de volta para a minha moto e na direção de casa. Chegando aqui, nada parece diferente. Fico cabisbaixa e o meu vizinho me

PERIGOSAS ACHERON

chama da sua janela, assustando-me.

— Hey! Vizinha? — Estranho mais ainda ele chamando-me do que o aparecimento súbito. Fora a última vez que o Adrian jogou a lata nele, nunca tinha realmente falado com o homem. — O que houve? Seu namorado esteve aqui agora pouco e me perguntou de você. Ele perguntou onde uma garota de olhos felinos, cabelos negros e de sorriso maldoso morava. Estranhei, mas só poderia ser você.

Meus olhos se abrem muito, a respiração trava e a vontade é gritar de alegria, mas me contenho e mantenho o meu foco. Mesmo que meu coração esteja dando piruetas de felicidade e meus olhos ameacem marejar, agora não é lugar nem momento.

— Ele te disse para onde iria? — pergunto mais esperançosa e cheia de expectativa. Mesmo

me olhando curioso para saber o que de fato está acontecendo, eu não explico nada. *Nem vou explicar, não é da conta dele.*

— Imaginei que ficaria curiosa e perguntei para onde ele iria, só para poder te avisar. Ele disse “Vou para um *rally*, o pessoal da faculdade convidou”. Aí procurei na internet e vi uma matéria que ia ter um *rally* hoje. Posso te passar o endereço — diz, satisfeito com a sua genialidade.

Agradeço, espero-o dizer o endereço e me encaminho para lá sem olhar para trás. *Quem convidou deve ter sido aquele projeto de mulher! Ele foi à faculdade! Isso só significa uma coisa! Ele está lembrando-se! Acelero e vou o mais rápido que posso, só que desta vez sem cautela. Se as muitas vão chegar em casa? Vão sim e o Adrian que vai pagar!*

Adrian, se você morrer nessa corrida de rally

PERIGOSAS NACIONAIS

antes que eu chegue até você, darei um jeito de te matar de novo!

Demora um tempo ainda, mas chego à faculdade. Segundo o endereço que o meu vizinho deu, era perto dela. O que não é mentira, pois vejo a moto dele no estacionamento. Apesar do acidente, ela continua inteira. Estaciono a minha, saio em disparada e murcho o pneu da moto dele. Assim garanto que se ele resolver sair daqui demorará mais tempo.

Mesmo ao longe vejo pessoas bebendo, conversando, gritando. Todas muito animadas. Quando subitamente vejo algumas motos voando, meu coração gela. Mas me lembro que os caras fazem manobras e coisa e tal. Ando de um lado para outro procurando o Adrian.

Meus pés já estão começando a doer de tanto procurar esse homem!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Escuto uma turma falando que ia começar uma nova corrida. *Espera... Ele não...* Corro em direção à linha de partida das motos e encontro o idiota falando animado em cima de uma moto toda arranhada e suja de lama. Para ajudá-lo a se matar, sempre aparece um filho da puta!

Quem foi o gênio que emprestou aquela moto para esse demente? Irritada, me aproximo mais e dou uma de Adrian. Bato a mão no corrimão e pulo para dentro da pista. As pessoas aos poucos vão virando a sua atenção para mim e eu quero mais é que se foda.

Paro na frente da moto dele e ele para de rir.

— Você? — Em um primeiro momento, ele parece confuso.

— Eu mesma. Desce daí, Adrian! Desça imediatamente, seu filho da... — mando, mas sou interrompida por ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Garota, você é louca? Está me perseguindo? Já disse que não conheço você! — fala, genuinamente intrigado, o que provoca a minha ira.

Esse homem só pode estar brincando com a minha cara.

— Como? Você me procura, me faz correr como uma louca atrás de você! E ainda tem cara de dizer isso? — indago, furiosa, segurando-me para não o estapear até virar gente.

— O quê? — começa, mas o interrompo.

— Você não se lembra de mim, é? Eu vou fazer você se lembrar de mim. — Começo a abrir o botão do *short* e assim que eu estou começando a abaixá-lo, o pessoal ao redor começa a gritar, mas entre todos, um grito se destaca. Eu paraliso.

— Diaba! Você não vai fazer isso, não! — exclama, furioso e todo enciumado. — Como você

PERIGOSAS ACHERON

sai por aí mostrando o que é meu?

Em um primeiro momento, fico confusa e então ergo o olhar lentamente para ele, sentindo o meu coração estremecer. Adrian larga a moto, que logo cai no chão, e vem em minha direção apressado e em passos largos. Tira a jaqueta e me cobre com pressa. Olho-o e passo a ponta da língua nos dentes enquanto junto os pontos, começando a ficar realmente irritada.

Ele realmente perdeu a memória? Ou só está tirando com a minha cara? Não, mesmo Adrian tem limites... acho. ACHO! ACHO BOM PARA A SUA SEGURANÇA!

— Está louca? Por que está fazendo isso, amor? — *Amor... Estava com saudades.* Emociono-me, mas algo parece errado. Nenhuma pergunta foi respondida.

Ele... Eu acho, não sei mais. Acho que

PERIGOSAS ACHERON

buguei. Quanto mais penso, pior fica. Claro, eu só posso ter sofrido um curto em meu cérebro porque... Sério? Respiro fundo e o encaro. Analiso a situação por um lado mais frio e com mais cuidado. Mas jogo a frieza de lado junto com a cautela quando um pensamento fixa em minha mente: Adrian só lembrou de mim por causa dessa calcinha. Maldito!

— Adrian... — falo pausadamente.

— Oi, meu amor? — responde, inocente.

— Você só lembrou de mim por causa da calcinha? É isso mesmo, seu filho da puta? — indago entre os dentes.

— Eu... lembrei de você? É, eu lembrei! — diz, confuso. Então tudo parece fazer sentido para ele, que fica feliz.

Ele parece feliz, mas eu? Eu começo a enchê-lo de tapas, socos, chutes e a xingá-lo de todos os
PERIGOSAS ACHERON

nomes possíveis. Além das reclamações, claro.

— SEU FILHO DA PUTA! Sabe a angústia que passei? Sabe do desespero da sua família? Do meu coração sangrando? Sabe como caralho foram os últimos dias? Você perdeu a memória e lembrou por causa da minha calcinha? Sério, cara? Você é um filho da puta! — grito, extravasando a minha raiva para voltar a bater nele com tudo que posso. — Quer essa merda de calcinha? Eu te dou! Estou farta! Palhaço! Idiota! Babaca! Maldito! Para mim chega! Para mim basta! Não dá mais. Parabéns! É loucura demais até para mim! Eu não tenho mais psicológico para isso.

Concluo ofegante e então sinto as lágrimas descendo assim que a raiva vai suavizando-se. Minha voz vai ficando mais baixa até ficar em um fio apenas.

— Calma, Diana. — Protege-se, mas ainda

parece confuso. — Nossa, por que isso tudo?

— É porque eu te amo! Seu babaca! Eu te amo! Malditamente te amo! Por que tinha que ser você? Tem um tanto de homem gostoso por aí, tinha que ser você? Por que foi me esquecer? Droga, Adrian — digo entre as lágrimas e ele sorri, retomando a sua postura e enlaçando a minha cintura.

Só Deus sabe o quanto eu senti falta desse homem.

Ele me beija com uma paixão que me toma o fôlego. Retribuo o beijo com certo desespero, devido a todas as emoções que me atormentaram por todo esse tempo. O pessoal grita ao nosso redor, comemorando. Aplausos, pulos e muita bagunça. Eu não ligo. Não ligo para mais nada. O meu Delinquente se lembrou de mim.

— Eu também te amo, Diana — murmura

quando paramos o beijo para respirar. — Mas acho que deveria subir esse *short* e o fechá-lo.

Algumas pessoas se aproximam, pedindo-nos para sairmos para poderem dar continuidade à corrida. Concordamos e saímos do meio do caminho, logo após me arrumar de volta. Adrian, no entanto, não solta a minha mão e vai puxando-me entre as pessoas até chegarmos a uma área mais isolada e entrarmos por uma porta.

Dou-me conta que é o vestiário masculino. *Mal voltou e já está aprontando.*

— Adrian, o que você está pensando? — indago, curiosa. Do jeito que o homem é doido e inesperado, então é melhor perguntar de uma vez.

— Neste momento? Em você. Nua, molhada, suada, sedenta, cheia de fogo rebolando no meu... — Interrompo ao notar que ele não trancou a porta.

— Você está doido? E se nos pegarem?

PERIGOSAS NACIONAIS

Podem nos ver. Eu já disse que não quero aparecer em site pornô, né? — digo entre uma risada. Acaba ficando claro que não me importo exatamente em sermos pegos e sim em parar em algum site pornô por aí.

Ele ri baixo e eu tenho a resposta do quanto gosta exatamente dessa possibilidade, desse perigo. Isso é tão a cara dele que me faz rir também. Fiquei pouco tempo sem Adrian em minha vida, mas pareceu uma eternidade. Finalmente entendi o sentido de “Nada tem a mesma graça sem você aqui” que em filmes os pombinhos geralmente usam.

Ele me guia até a área dos chuveiros e entendo a sua ideia. Faço-o parar para que eu possa tirar a minha roupa. Logo que ele entende o motivo, faz o mesmo que eu. Penduro as peças onde geralmente se coloca as toalhas ao lado do último

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chuveiro e o Adrian também as coloca lá. Contudo, em momento algum tira os olhos de mim. Tomamos o cuidado de deixar as coisas mais próximas para qualquer eventualidade conseguirmos fugir.

Com esse pensamento, olho para o Adrian e me pergunto se ele pensou o mesmo que eu. Entretanto, com seu olhar de desejo sobre mim, me esqueço até o que estava pensando. Principalmente ao descer o rosto e encontrar a mais perigosa das armas. Numa breve risada, me permito mergulhar no desejo.

Sempre fomos carne, fogo, desejo e paixão. Mas em seu olhar agora tem mais que isso. De alguma forma, consigo ver a saudade e nenhum sinal da tristeza que sempre carregou. Saber que ele também sentiu saudades involuntárias de mim também me faz feliz. Ele não se lembrava do meu

PERIGOSAS ACHERON

rosto, mas seu coração me procurou. Odeio como tenho estado romântica e odeio muito mais o quanto isso me deixa feliz. Por isso, me inclino para frente e, quando vou agarrar o meu homem, escutamos o som de alguém se aproximando.

Adrian me prende contra a parede, protegendo-me com o seu corpo. Seu pau já está duro contra o meu mesmo neste instante. Seu olhar se mantém ainda fixo no meu e eu retribuo com um sorriso. *Ah, cara, essas coisas só acontecem quando estou com o Adrian.*

Os passos se aproximam, mas param subitamente. *Acho que fomos pegos.*

— Opa! Foi mal! Achei que não teria ninguém por aqui agora... — diz uma voz masculina.

— É, mas tem... — fala Adrian, alto o suficiente, mesmo que sua voz esteja rouca pelo

desejo. — Pode sair, por favor? E não se esquece de fechar a porta.

— É claro. Foi mal aí, cara — responde o desconhecido e se afasta.

Esperamos o som da porta da frente fechando para voltarmos a falar qualquer coisa. O silêncio não nos afeta e muito menos nos deixa constrangidos. Na verdade, o nosso tesão é quase palpável, inabalável. Então escutamos o som da porta e o Adrian se abaixa, ficando com a sua boca na altura da minha.

— E então? Onde paramos? — diz em um tom sedutor.

Mordo os meus lábios enquanto sorrio matreira. Ele me beija lentamente de forma que estremeço, mas não demora muito para descer até o meu pescoço, mordê-lo levemente e levar os seus beijos até aos meus seios. Anseio por senti-lo por

completo e abro minhas pernas, onde Adrian ao invés de se encaixar em mim, coloca sua perna entre as minhas apenas para esfregar sua coxa contra a minha intimidade.

Só para frustrar os meus planos, o meu celular toca. Estico a mão com dificuldades para alcançar as roupas, onde o pego no bolso da jaqueta, atendo e escuto a voz do Lion.

— *Oi, Diana? Achou?* — pergunta, preocupado.

— Oi... Lion — digo e, como pura provocação, Adrian resolve dar atenção justamente agora ao meu clitóris, descendo a mão pela minha cintura, percorrendo a minha barriga até o ponto específico. Como se não fosse o bastante, chupa e morde o meu seio e acabo gemendo, mesmo no meio da ligação.

Tento me conter e acabo batendo a mão no

PERIGOSAS NACIONAIS

chuveiro e abrindo-o. Viro-me para o Adrian e digo:

— Calma, Adrian! Meu Deus! Estou no telefone — digo e ele segue rindo travesso contra a minha pele, fazendo-me arrepiar. Volto a focar no celular e noto que está mudo. Lion desligou.

Mas também, quem pudera!

— Está vendo, ele desligou na minha cara! Sua culpa...

— Desculpa... — fala ele, mas não parece nem um pouco arrependido enquanto ri baixinho.

— Engraçado, você. Só uma pergunta: vai ser sem camisinha mesmo? — indago e, como resposta, sou presenteada com mais um dos seus sorrisos travessos e sedutores.

É muito sem-vergonha e cara de pau mesmo. Penso, rindo e balançando a cabeça em negativa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estava com saudades. Parece que não te vi por tanto, tanto tempo. Por que você se escondeu de mim? Te procurei e você se escondia... — fala ele, mas a sua boca parece focada em algo enquanto suas mãos e corpo estão em outra coisa.

Adrian se silencia, voltando a beijar o colo do meu seio, enquanto sua mão trabalha entre as minhas pernas, deixando-me cada vez mais molhada e sedenta por ele. No misto de emoções loucas dos últimos dias, o meu desejo parece ficar ainda maior e estou quase me desfazendo em seus dedos.

— Eu não me escondi — digo, ofegante, tentando me controlar para conseguir falar. A palavra “esquecer” ainda provoca uma físgada dolorosa em meu peito. — Você que me esqueceu, babaca!

PERIGOSAS ACHERON

Ele deixa de beijar o meu colo para voltar a ficar da minha altura, endireitando o seu corpo. Adrian fica mais alto que eu, mas tão próximo de mim como no dia da alfaiataria, no início da nossa história não tão romântica assim, mas sempre carregada de intensidade.

— Como você pode dizer isso? — pergunta, olhando em meus olhos. — Como posso esquecer a melhor parte da minha vida?

EPÍLOGO



Suas palavras ecoam dentro de mim, aquecendo e desfazendo todo o nó da minha garganta que a dor de ter sido esquecida por ele deixou. Adrian olha nos meus olhos, seduzindo-me no seu silêncio e então sua boca chega a minha com fervor, beijando-me e tomando de mim o ar. Sem deixar de pressionar a intimidade com a sua coxa. Não posso dizer que ele não sabe o que fazer para me deixar sedenta. Mas Adrian sabe tanto quanto eu que isso não é o suficiente e que preciso de mais, contudo, imagino se ele sabe mesmo o quanto o quero dentro de mim.

Empurro-o, tirando-o de cima de mim, e ele

PERIGOSAS NACIONAIS

acaba escorregando e caindo no chão sentado, com as mãos para trás. Olha-me confuso e sorrio. Ignoro a sua confusão, pois no momento não me importo nem um pouco, afinal, logo terá suas respostas.

Caminho os poucos passos que nos separa e subo em seu colo. Sem delongas, me sento sobre o seu pau de forma que a penetração acontece totalmente. Gememos juntos com a sensação entorpecente que nos invade. Meu corpo se sente enfim, preenchido, mas ainda longe de estar satisfeito.

Começo a cavalgar, subindo e descendo lentamente, soltando gemidos roucos, intercalando com rebolados que não leva apenas ele a loucura. Mas o tesão faz com queira mais e mais, com uma sede insaciável. Adrian, ao que parece, está da mesma forma, pois desiste de segurar o peso do próprio corpo e se deita no chão, assim podendo

PERIGOSAS ACHERON

usar as suas mãos. Ele as leva em uma carícia pelas minhas pernas até chegar ao meu quadril.

Posso ver em seus olhos de fome. Aperta com força a parte lateral da minha bunda, marcando a sua mão contra a minha pele clara. Observo seu rosto e ele morde os lábios, enquanto desliza a palma até a minha bunda o suficiente para encher a mão. Adrian a segura com firmeza, levando-me mais para si. Neste momento, vejo-o sorrir e, em seguida, começar a ditar estocadas. Com força, a cada estocada, sinto-me enlouquecer. Quase me faz gemer alto o suficiente para que quem passar lá fora consiga ouvir.

Nesse sobe e desce, sua ereção chega ao meu ponto mais sensível e tenho que usar de toda a minha concentração para não me desfazer em prazer. Pensar em golfinhos, talvez no mar ou qualquer coisa que não seja sexo, pois senão

acabaria por gozar agora mesmo. Ele também parece chegar perto disso, pois diminui a velocidade das estocadas. Ou isso foi o que pensei, porque ele tira uma das mãos da minha bunda e a desliza ao longo do meu corpo, subindo para cintura e costas até chegar aos meus curtos cabelos.

Enquanto me acaricia, Adrian me faz deitar sobre ele.

— Diana, no momento, não poderemos fazer muito, mas hoje, já, já, quando chegarmos a sua casa, te mostrarei que não tem como te esquecer — murmura ele, desta vez sem piadas, sem jogos e sem provocações. Adrian é um sedutor perigoso, que me faz arrepiar até o último fio de cabelo. — E certificarei que você jamais consiga me esquecer também.

Não tenho tempo de responder, retrucar ou qualquer coisa do tipo, pois meu namorado de

repente dominador 2.1 segura com mais firmeza os meus cabelos e ao invés de apenas levar o ritmo, fazendo-me descer em sua ereção, ele se movimentava contra mim para que a estocada ganhasse mais força.

Estamos entregues ao prazer, de maneira frenética, com gemidos intercalados e olhares nublados quando o celular volta a tocar. Ignoramos e continuamos o que estamos fazendo, nesse vai e vem maravilhoso, mas o som do aparelho é chato e ecoa por todo o lugar.

Maldição!

Tentamos pelo menos, para não nos frustrarmos tanto, nos apressar. Sem nos conter, ele solta o meu cabelo e volta sua mão ao meu quadril. Ergo o meu corpo e levo minhas mãos até os meus próprios seios, sob o seu olhar, eu os acaricio.

Eles realmente precisavam de atenção, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

eu não tinha pressa até então. Preferia as mãos dele, mas no momento não temos tempo. O celular silencia, mas logo volta a tocar de novo. *Maldita pessoa insistente*. No momento em que finalmente acabo gozando, Adrian tenta tirar antes de gozar dentro de mim e suja as minhas pernas. O celular toca pela milésima vez.

E agora, além disso, escutamos alguém batendo na porta.

Que merda, ninguém pode transar em paz mais!

Sabem reencontro, as pazes, essas coisas! Que droga! Até a brisa do meu orgasmo perde um pouco do valor. *Sacanagem!*

Respiro fundo e me levanto. Ele faz o mesmo com uma cara de mal-humorado também. Tomamos cuidado com o chão escorregadio e mal chego perto das minhas coisas quando o celular

PERIGOSAS ACHERON

volta a tocar. Atendo-o pelada mesmo e muito puta. *Me pegar pelada? Ninguém nasceu de roupa, então, dane-se.*

— Fala.

— *Senhorita Mancini?* — diz uma voz levemente familiar.

— Eu mesma, o que foi?

— Você está sendo chamada à delegacia. Se souber onde o senhor Bianco está também... — fala, parecendo ter um gosto amargo na boca. — É de suma importância a presença de vocês aqui. Foram descobertas algumas provas que dizem respeito a vocês.

Arrumamo-nos o mais rapidamente possível e nos encaminhamos para a delegacia, cada um em sua moto. Ao chegarmos lá, um pouco tortos, mas muito curiosos, passamos pelas pessoas da recepção e, abusados, vamos direto para sala do PERIGOSAS ACHERON

delegado.

— Anunciar para que, né? Entrem e se sentem — diz, virando o monitor do seu computador para nós.

É revelada uma filmagem de segurança da ponte. O carro bate com força no Adrian, que falava no celular, isso acabou ferindo-o. Eu não consigo ver muito, pois foi rápido e seria mentira se não dissesse que para o meu coração é algo doloroso. O carro que bateu aparece dando marcha ré, atravessa no sentido oposto dos veículos e foge.

Em uma segunda câmera podemos ver melhor, parece ser de dentro de um carro que estava vindo no sentido oposto, pegando o rosto do homem responsável. Derick. Ele bate na moto do Adrian, dá marcha ré, dando para ver não só o rosto como a placa do carro. Então o veículo do Derick passa por esse que estava filmando, buzinando alto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu sangue parece ferver dentro de mim. Minha expressão fica dura como pedra e por dentro, em minha mente, um ódio crescente toma conta de mim.

— A partir disso, fomos investigar e encontramos mais algumas filmagens. Ele vem seguindo e vigiando a casa da senhorita Mancini já faz algum tempo. Nas câmeras das ruas podemos confirmar através da placa do carro. Podem ficar tranquilos, já estão a sua procura para detê-lo e prendê-lo por tentativa de homicídio qualificado. Acrescentando também a perseguição em que a senhorita estava sofrendo, se quiser processá-lo estará livre para fazê-lo. Mas como ele apenas vigiou, não se aproximou nenhuma dessas vezes, se torna complicado para mantê-lo preso além da tentativa de homicídio. Uma medida protetiva pode ser tomada e, infelizmente, esse é o nosso limite.

PERIGOSAS ACHERON

Não deixo transparecer a minha profunda ira diante de tudo isso e respiro fundo.

— Obrigada por fazer o seu trabalho, conto com você para logo o ver atrás das grades.

— Podemos deixar um dos nossos rapazes próximo a você por um tempo enquanto não o encontramos, ele pode voltar a ir atrás da senhorita.
— Tenta o delegado.

— Derick ainda não perdeu o total juízo, pois ele sabe que tenho posse de arma. Se ele me atacar, não vai sair sem pelo menos um tiro no peito.

— Você está mesmo falando isso para um delegado? — indaga, incrédulo. Ele está começando a achar graça.

— Estou avisando de antemão. — Levanto-me da cadeira. — Se não fizerem o trabalho devidamente e encontrarem um corpo, aí sim poderão pensar em me prender. Mesmo sendo sob
PERIGOSAS ACHERON

legítima defesa não hesitarei em matá-lo. Entrarei em contato com a família do rapaz e eles terão, no mínimo, que ressarcir a despesa do conserto da moto e do hospital. Passar bem, senhor delegado.

Levanto-me e olho para o Adrian, que me encara com a mesma cara de surpresa. Suspiro e reviro os olhos. *Sério?* Encaminho-me para a porta, já passando por ela quando ele ri, se levanta e vem atrás de mim, passando a mão na minha cintura e puxando-me para si.

— Calma, só estava pensando que me apaixonei de novo — murmura no pé do meu ouvido.

Ainda sinto uma raiva borbulhar dentro de mim. Como o Adrian acha que eu iria reagir? Como ele pode estar tão calmo? Caralho! É real, a culpa é minha. Ele poderia estar morto, mas por um milagre ficou apenas algum tempo sem memória

além dos ferimentos.

Mordo meus lábios e me desvencilho dele, indo em passos largos para a minha moto. Sinto a voz da culpa e da raiva ocupar a minha mente. Ele vem atrás de mim preocupado, mas não consigo me focar e prestar atenção necessária nele. Coloco o meu capacete e vou direto para a minha casa. Meu coração está a mil e piloto um “pouco” mais rápido do que é aconselhado.

Chego rapidamente em casa e deixo a moto na frente mesmo. Encaminho-me para dentro e vou diretamente em busca da minha arma. Assim que a pego, o Adrian aparece todo preocupado comigo, até ofegante por me procurar pela casa. Acho que estava tão agitada que não o ouvi.

Seus olhos pousam em minha mão e seu rosto se contorce de dor. Ele se apoia no batente da porta.

— Diana... Não.

— Adrian, não fique no meu caminho.

Ele endireita o seu corpo, desencostando do batente e vindo até mim. Estou em um estado de raiva em que só percebo que estava tremendo quando ele se aproxima perto o suficiente para tocar o meu rosto, descendo a ponta dos dedos pelo meu pescoço e indo para os meus braços até chegar às minhas mãos.

— Diana...

— A culpa é minha, Adrian. Eu vou matar o Derick. Assim o problema irá finalmente... — No entanto, não termino a frase, pois Adrian tira a arma da minha mão e em silêncio coloca em um móvel próximo. Vira-se para mim novamente e me empurra contra a parede.

— Diana... — ele começa e eu o interrompo.

— Não quero te ouvir, Adrian! Você foi parar no hospital entubado!

PERIGOSAS NACIONAIS

— EU JÁ FUI PARAR NO HOSPITAL MUITAS VEZES E NÃO FOI POR SUA CULPA!

— grita, perdendo as estribeiras.

— MAS DESSA VEZ FOI, PORRA! —
grito de volta.

— Foda-se!— exclama e se aproxima de mim, dando-me um beijo violento contra a parede.

Debato-me e luto, mas Adrian não me solta. Pelo contrário, ele segura as minhas mãos e as leva para cima da minha cabeça, colocando as pernas entre as minhas para me travar, sem nunca separar o beijo. Continuo lutando e a culpa não me deixa em paz, pois o pegou quando estava sozinho. As lágrimas começam a rolar pelo meu rosto, culpada, frustrada por não me soltar, por ser impossível matar o Derick quando ainda éramos jovens e então nada disso teria acontecido. Por ter sido tão idiota no passado...

PERIGOSAS ACHERON

Percebendo que eu estava chorando, Adrian para o beijo.

— Diana, nunca pensei que te veria chorando desse jeito...

— Cala a boca, idiota! — retruco, engolindo o choro.

— Não dá. Você é o amor da minha vida. Não quero que viva este momento se culpando quando a culpa não é sua. Não quero que seja presa. A não ser que seja naquela cama lá de cima enquanto transamos. Quero você por toda a minha vida. — Ele respira fundo e continua. — Eu não quero mais perder ninguém. Quando disse que queria filhos, não estava brincando. Porra, Diaba! Eu quero te dar o golpe da barriga!

— É o quê? — Olho incrédula. *Pronto, é o fim. Enlouqueceu de vez.*

— Eu quero te prender a mim — diz, rindo

PERIGOSAS ACHERON

da minha expressão. — Eu quero ter filhos com seus olhos. Quero te amar para sempre. Quero ser louco apenas ao seu lado. E se você for presa, isso não será possível. Como poderemos casar se você matar o Derick?

Suas palavras me trazem de volta à sanidade. Brincando com o humor, expondo o seu coração. Vejo-me acalmando com mais facilidade e respiro fundo algumas vezes antes de encará-lo nos olhos.

— Adrian, não me verá falando isso com frequência, então preste atenção. — Sorrio e ele me parece curioso. — Você é o diamante bruto mais lindo que tive o prazer de conhecer. O cara mais louco, que superou tudo que eu pudesse supor. A sensação de perder você foi a pior experiência da minha vida e faço qualquer coisa para não se repetir.

Ele sorri, parecendo emocionado, e encosta a

sua testa na minha. Então continuo, com o meu coração batendo muito forte.

— Às vezes, pode parecer que não, mas me encontro feliz em amar você, em tudo que você representa de importante dentro de mim. Aliás, está um espaço em meu coração que corajosamente mereceu estar. Quero e vou ser mãe de um menino ou menina com seu olhar. Não vou esperar me pedir em casamento devidamente, pois o que falou agora está muito diferente de um pedido de convencional. Sei que quer fazer tudo certo, mas não precisa. Já aviso porque isso não vai rolar.

Ele ri e parece querer falar algo, mas não deixa, continuando.

— VOCÊ irá casar comigo, sim. Vamos num cartório e tudo resolvido. Mas estou em débito com a minha consciência. Você poderia ter morrido, não foi um acaso. Porém, a mais certa é que, sim, foi

culpa minha. Não posso viver comigo mesma sabendo que o homem que conquistou meu coração poderia ter sido morto por causa de um maldito babaca que me seguia. Tenho que pôr um ponto final nisso e eu não vou pedir sua opinião, é uma escolha minha.

— Você pelo menos sabe onde ele está? —
Suspira pesadamente.

— Sim. Ele ainda é o babaca do Derick. Não um gênio do crime.



Juntos, vamos de carro até o bairro onde cresci. Um bairro mais bem-cuidado, mas nada realmente extravagante. Embora a família Mancini tenha dinheiro, meu pai optou por comprar uma casa bem familiar. Claro, tem muitos quartos, empregados para cuidar devidamente da casa, mas nada parecido com o *glamour* de uma mansão de

PERIGOSAS NACIONAIS

New York.

Estou falando tudo isso, mas, no entanto, não estou indo para a casa dos meus pais. E, sim para a da família do Derick. Uma casa que já foi linda, mas na morte do pai da família, tiveram que demitir os empregados e fazer por eles mesmos o que tinham que fazer. Ao me aproximar da casa, chego a conclusão que não se deram bem em sua luta para se reerguer.

No quintal não tem mais o jardim bonito que a mãe do Derick um dia tanto se orgulhou, não tem mais as flores e árvores frutíferas. *Bom, não os farei pagarem as despesas, afinal, logo se vê que não têm mais dinheiro.* Mas a partir do momento em que sair deste carro terei que ter um coração duro.

— Adrian, ligue para a polícia e deixe a ligação ativa. Não deixe de manter ligado o GPS.

PERIGOSAS ACHERON

Ele concorda com a cabeça e saio do carro após estacionar. Em passos calmos vou até a porta e bato. Não demora muito para uma senhora sair, que reconheço como mãe do Derick. Ela aparentemente não se lembra de mim, mas também parece ser quinze anos mais velha do que é. Ela está nervosa por me ver com Adrian logo atrás de mim.

— Olá senhora, estou na busca do Derick — falo, educada, ainda que fria e séria.

— Não sei onde ele está, menina. Está sumido tem dias — diz, nervosa.

— Sério? A senhora se lembra de mim? — pergunto como quem não quer nada.

— Não, deveria? — indaga, assustada.

— Não, não acho que deveria. — Olho-a de cima a baixo. Ela está nervosa, agarrando-se ao que sobrou: seu filho. Sou uma diaba, mas tenho uma

consciência. Perdoa-me, Deus, desta vez terei que ser de fato uma filha da puta. — Bom, senhora, se não for por bem, será do pior jeito. Te dou cinco minutos antes de chamar a polícia e dizer que o seu filho fugitivo acusado de uma tentativa de homicídio está usando a senhora como refém. A senhora está claramente nervosa. Ele está te usando e te manipulando.

— Meu filho não está me usando! Estou o protegendo! — murmura, furiosa, contradizendo-se. — Ele é tudo o que tenho. Meu menino!

Assim ela acaba revelando a verdade. É triste para ela, mas infelizmente não muda os fatos. O filho dela é uma ameaça a se considerar já que chegou a esse ponto. Deveria ter lutado antes e não contra mim.

— A senhora está protegendo uma pessoa que tentou matar alguém. Isso, senhora, não é um

feito de apenas um menino — digo, severa. — Derick tem feito uso de drogas, perseguido pessoas, carrega armas brancas e bateu o carro contra um motociclista, levando-o a ficar ferido em um hospital.

— Não! É mentira! Ele é só impulsivo! Não sei do que está falando ou com que autoridade você está aqui! — grita, nervosa, como uma leoa defendendo o filho. Completamente cega para a verdade. — Você ainda traz esse marginal junto!

— Estou aqui na qualidade de vítima, pois conheço seu filho. E o seu filho impulsivo quase matou esse alguém. O tal marginal que está me acompanhando, segundo o seu preconceito. O seu filho me perseguiu e atacou o meu namorado no claro intuito de matá-lo.

— Não! Não o meu menino! — retruca, agitada. — Você é um monstro querendo mandar

meu pobre menino para a prisão. Ele é só um menino.

— Isso, senhora, é um engano. Eu não fiz nada, ao contrário dele. — Mas posso ver que está cega na busca de defender o filho. — São seus olhos de mãe que a faz cega. Ele não é só um menino, muito menos um pobre menino. Bom, em todo caso... Adrian e então? Quanto tempo?

Não preciso me virar para ele, pois tenho a plena confiança nele, coisa que pensei que nunca teria em ninguém. Adrian levanta a mão, revelando o celular, e o leva ao ouvido.

— Olá, espero que tenha sido o suficiente, senhor delegado. Sim. OK. Dia... Diana, eles estão a caminho.

A mulher abre bem os olhos e se vira, gritando para o filho correr, pegar o carro e fugir. Mas ela para, espantada, e grita como se fosse um

filme de terror. Derick está no meio da sala em pé, portando uma faca grande de cozinha. Ele se inclina, tomando impulso e vindo em minha direção.

Tudo acontece muito rápido.

A mãe dele é empurrada, Adrian me puxa, usando a si mesmo como escudo, e ouço o som de dois tiros. Um silêncio reina por alguns segundos. Todos sem saber como reagir ou o que aconteceu. Olho no sentido de onde Derick vinha e vejo-o sentado no chão com o braço esquerdo sangrando e a orelha também.

Surpresos, olhamos para trás e vemos aquele policial que persegue Adrian há anos. Ficamos absolutamente chocados e sem palavras. A mãe do Derick chora de soluçar, fazendo-nos olhar para ela.

— Saiam da frente — grita o autor do

disparo, com a arma ainda em punho, aproximando-se com cautela. — Rapaz, você está preso!

Sandro, com uma das mãos, puxa um rádio e fala nele. Não demora muito e alguns carros de polícia chegam e em seguida uma ambulância. Tudo é muito agitado enquanto nos enchem de perguntas. Derick é algemado e encaminhado para a ambulância. Médicos são obrigados a sedar a mãe dele. O delegado briga comigo e, depois de falar a porra toda que queria, vai embora possesso da vida.

O policial que nos salvou se aproxima.

— Oi, crianças. Estão bem? — Ele está bem relaxado e diz como quem não quer nada.

— Estamos, graças a você. A pergunta é: por que, Sandro? — indaga Adrian. Eu falar isso seria equivalente a beber fel, admito.

— Você não é o único capaz de abrir os olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

e mudar, delinquente. Ver as coisas com outros olhos. Eu só demorei um pouco mais — diz, dando de ombros.

— E como foi que brotou do chão no momento certo? — pergunto, curiosa.

— Simples, eu sei o quão impulsivos vocês são e os segui. Sabia que fariam as coisas ao seu próprio modo.

Isso me faz sorrir. Ele vira as costas e acena com a mão, despedindo-se.

— Tchau, Diaba. Tchau, Delinquente. Isso não é um adeus, pois sei que nos veremos novamente.

PERIGOSAS ACHERON

EXTRA 01



AQUELE OUNT QUE VOCÊ RESPEITA OU É SÓ SAFADEZA?

Alguns meses se passam e Nina tem os seus três bebês! Caraca! Três! Luke fez logo de uma vez três para passar por toda gestação e tudo mais de uma vez só. Se tiver mais filhos, a Nina já pode se aposentar. *Se fosse eu, essa fábrica de bebês iria anunciar falência.* Por falar no casal fofura, a empresa do Luke foi aberta e oficialmente estamos trabalhando como loucos.

Adrian no TI e eu no *marketing* digital. Entretanto, como somos poucos na empresa, somos PERIGOSAS ACHERON

multitarefa. Luke foi obrigado a conseguir mais funcionários, pois senão eu seria obrigada a deixar Nina viúva e os bebês órfãos de pai. *Empresa no início é de enlouquecer qualquer mente sã.*

Desde que o Derick foi preso, o Adrian mais fica aqui em casa do que em qualquer outro lugar. O folgado me fez arrumar um espaço no meu quarto para pôr uma cômoda para as coisas dele, já que meu guarda-roupa era terra de dona com uma *winchester 22*, segundo ele. Eu nem sou tão assim com meu guarda-roupa. É um completo absurdo.

Neste fim de semana, disse que não sairíamos da cama, mas tem um porém. Tem tanta roupa suja, até porque têm coisas do Adrian junto, mas tanta roupa que já já ela cria vida e vem dar um tapa na minha cara e um chute na minha canela para tomar vergonha e lavar. Então é isso que estou fazendo, lavando roupa. O Adrian usa muitas roupas com

especificações. *Bom, acho que faz parte de ainda ser um alfaiate.*

Estou aqui dando uma de dona de casa, tirando as coisas do bolso e separando por tipo de tecido. *NUNCA PENSEI QUE IA VIRAR DONA DE CASA. E NÃO VIREI MESMO.* Mas, vez e outra, temos que fazer uns bicos de faxineira e lavadeira, senão a casa vira um lixeiro. Brincadeiras à parte, encontro um papel amassado com marcas de dobras que caiu do bolso da calça do Adrian.

Telefone de alguma profissional do sexo? Ah, Adrian! Vou te pegar na porrada! No entanto, sou pega desprevenida quando o abro e vejo seu conteúdo.

A minha *bad girl*

Amo quando me põe em brasa,

*sempre tão louca e às vezes controlada.
Sempre fui um tipo de cara totalmente
errado,
mas a minha garota safada entra no jogo.
Brinca com o meu corpo e toma para si
tudo que eu tenho dentro de mim.
Minha garota centrada, safada e
entorpecente.*

*Toco o seu corpo e beijo a sua boca,
gravo em ti as minhas mãos
em minha alma, as curvas do seu corpo
A cada sensação, entrego a minha alma
à diaba com a maior satisfação.*

*Quem de nós tem coragem de falar de amor
Quem de nós pode dizer que não?
Quem pode nos entender?
Não sei se consigo fugir do seu olhar.*

PERIGOSAS NACIONAIS

*Entrei no seu jogo e você no meu.
Não estávamos dispostos a amar.
Não queríamos e nem precisávamos.
Emoções que não cabem em palavras.*

*Você acha que me engana,
você me joga no canto e
faz o que quiser comigo e eu sei
que com você sempre tem que ser assim.*

*Eu gosto de você descontrolada e faminta.
Brinca comigo, com ou sem castigo.
Mastiga e incendeia o meu pouco juízo.
Atormenta o meu sono e o meu raciocínio.*

*Na minha roupa tem seu cheiro.
Somos duas metade de um só.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Quero cuidar de você,
quando finge que está bem e não está.
Sei que não confiará em mim,
não cuido nem de mim.*

Sou um completo louco.

*Te dou loucuras, te dou tesão e aventuras.
Sei que sempre ansiou por alguém como eu.*

*Alguém que te marque o corpo,
marque a mente e o coração.
Alguém como eu que te ama
sem colocar as palavras.*

*Te dou o meu coração,
pois é a única coisa que fui incapaz de
dar a qualquer outra pessoa.*

PERIGOSAS ACHERON

*Sei que sempre quis alguém que grave em ti
a sua existência, como ninguém antes.*

Ser o homem da sua vida.

*Gravo em ti, as minhas mãos e
em minha alma, as curvas do seu corpo.
A cada sensação, entrego a minha alma
à diaba com a maior satisfação.*

Casa comigo?

Termino de ler e fico sem palavras. Encaro o papel e me esqueço do tempo, das roupas e apenas um sorriso cálido nasce em meus lábios. Alguém alguma vez me dedicou um poema? Ou simplesmente teve o cuidado de me tratar tão bem e com cuidado mesmo sabendo que eu não sou sensível ou chego perto de ser muito romântica?

As suas palavras me emocionam de alguma forma. Acho que isso é devido à minha novidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

Adrian desce as escadas e esconde o papel antes de ele dar a cara na porta da lavanderia. Quando ele o faz, está apenas com a toalha enrolada na cintura.

— Diana, viu a minha calça preta jeans? Vou precisar. Tenho que ir a uma loja comprar roupas, já que não estou com tempo para fazer as minhas.

— Joguei na máquina de lavar — digo, fingindo demência.

— Hum... — fala, olhando para mim meio pensativo. — E tirou as coisas do bolso?

— Não.

— Mulher doida, e se tem dinheiro nos bolsos? — brinca, rindo.

— Agora já era — digo, dando de ombros.

Ele suspira, pergunta se quero ir junto e concordo. Por que não? Subimos para o meu quarto

PERIGOSAS ACHERON

e empresto um moletom meu. Ele dobra um pouco para parecer um *short* e coloca uma camisa. Olho-o vagamente de cima a baixo e me pergunto como ele pode parecer tão gostoso. *Gente, que hormônios são esses?*

Balanço a cabeça, me levanto e pego um vestido e umas sandálias. Arrumo-me rapidamente e vamos para o meu carro. Quando chegamos e entramos no *shopping*, vamos diretamente à loja em questão. Adrian escolhe umas roupas e me sento para deixá-lo mais à vontade. Como não tenho muito o que fazer, fico olhando ao redor e acabo vendo roupas de bebê ao longe, fazendo-me voltar a pensamento em como seria o nosso bebê.

Mas tenho o pensamento interrompido, pois do nada o meu celular toca, fazendo-me dar um sobressalto. Eis que vejo uma mensagem do Adrian.

“Diana, preciso de ajuda. Eu já tentei, mas não adiantou nada. Não quer descer e está doendo muito”.

Em anexo, está uma foto do pau dele duro e outra foto com a cara dele de desesperado. Após dramáticos segundos de silêncio, minha risada vem em forma de gargalhada. Sei que pareço uma completa louca, mas não aguento. *Sério, cara? Nas melhores horas.* As pessoas me olham estranho, mas como eu iria explicar que meu namorado teve uma súbita ereção no *closet*? Apenas os ignoro e o respondo:

“Onde você está?”

Pouco depois, chega a resposta.

“No closet 9”

Levanto-me e pego algumas roupas. Não presto muita atenção, apenas cato quaisquer roupas masculinas e vou lá com a desculpa de entregar e

PERIGOSAS ACHERON

pegar as que ele levou.

Ao chegar ao closet, olho para ele, que está com uma real expressão de dor.

— Com problemas assim tão jovem, Adrian?

— Não sei do que está falando. Problema para mim é quando resolver não subir mais. — Lutando contra a palavra problema... Homens! — Por hora, isso é um... inconveniente.

— Hum... É? — digo, colocando a mão no quadril. — Então não precisa de mim. Estou saindo.

Viro-me de costas para ele, pronta para ir embora. No entanto, ele segura a minha mão e me puxa completamente para dentro. Abraça-me pelas costas, com seu pau apoiado na minha bunda, e murmura.

— Não vai... Estou com um problema... Preciso de você, por favor.

Sorrio, me viro e o beijo. Ultimamente a minha libido tem estado nas alturas, então acabo beijando-o com tanta fome que Adrian geme contra a minha boca. Não preciso nem falar como um Adrian no *ponto* e murmurando ao pé do meu ouvido me deixou. Porém, desta vez vou me conter.

Tento ser o mais rápida possível, pois logo aparece alguém aqui. Abaixo-me, passando a mão pelo seu corpo até chegar ao seu pau. Seguro e pressiono um pouco antes de chupá-lo. Quando o chupo, uso a mão para auxiliar, levando-o ao limite. Faço gozar após algum tempo. *Ele pode ter certeza de que, chegando em casa, quero a minha vez e é isso.*

Estou me levantando enquanto limpo a boca quando ele fala ofegante:

— Tinha algo naquele papel.

— É? Para mim? — Finjo que não sei e me

faço de curiosa.

— Sim...

— Então teria que ter me dado — digo, serena.

— Não achei bom o suficiente... — admite.

— Inseguro? — provoco.

— Apenas te amo mais do que aquele papel possa definir... — diz em um meio sorriso.

— Que romântico — falo, passando a mão em seu rosto com carinho. — Adrian, nesse amor todo, só tenho algo a dizer.

— O que é, meu amor?

— Só não me faça ficar abaixando assim nos próximos meses por causa da barriga, pois será difícil ficar subindo e descendo. — Dou um selinho dele e saio do *closet* como quem não quer nada, deixando-o ali chocado com a notícia de que será

pai. Porém, paro no meio do caminho e olho para trás, já no corredor. Adrian está só com a cabeça para fora do *closet* olhando para mim. — Ah! E amor! Cuidado quando falar que quer dar o golpe na barriga em alguém, pode dar certo.

Vejo-o lindamente mudar de uma expressão de choque para um sorriso que não cabe nele.

EXTRA 02



UMA LOUCA PARA CHAMAR DE MINHA

ADRIAN

Alguns meses depois...

Diana já está com a sua barriga enorme e o bebê já dança que é uma beleza. *Inquieto e agitado. Será que vai dar problema?* Penso bem-humorado ao mesmo tempo em que acaricio a barriga da Diaba. Embora Diana nem esteja olhando para a minha cara. *Logo eu que sou assim irresistível. Infelizmente, não posso disputar com meus inimigos.*

PERIGOSAS NACIONAIS

Está focada no quê? No seu balde de coxinhas de frango frito! Mas não é tudo, assiste vidrada o último filme lançado de “Avengers”. Mas está em lançamento no cinema, Adrian gostoso? Sim, ela trouxe ao cinema um balde de frango frito e aí de quem falar alguma coisa para essa grávida perigo.

Ao sairmos do cinema, ela fala sobre o filme e eu entro no embalo. Normal. Mas sabe aquelas mudanças de humor das mulheres? Então, com esses hormônios piora. Porque do nada a doida olha para mim e pergunta:

— Esqueci de perguntar, mas como foi que lembrou de mim? — indaga, curiosa e com seus olhos brilhantes.

— Foi a sua calcinha sensual.

— Adrian... — diz em tom de aviso. Suspiro e sorrio ao mesmo tempo em que não me canso de

PERIGOSAS ACHERON

olhar a minha Diaba favorita.

— Na verdade, não lembrei. Também é como se eu nunca tivesse esquecido. — *Como explicar algo que nem eu sei direito definir?* — Depois daquele acidente, senti muita dor e então apaguei. Em meio à dor, me senti cair em um buraco infinito e subitamente era como se não estivesse mais. Não sei em que momento foi que comecei a sonhar ao invés de ter a sensação de cair. Em um minuto estava com meu amigo na escola, no minuto seguinte me vi conversando com ele quando revelou a sua doença. Então, foi como se uma neblina cobrisse meus olhos e tudo ficasse rápido, a morte dele e todas as coisas que vivi. Tudo... Até ver um bonito nascer do sol.

— Mas nada disso responde a minha pergunta. — Ela me olha como se eu fosse louco e eu sou. Sorrio porque eu amo o jeito como seus

olhos falam mais que suas palavras. Pergunto-me como não me apaixonar por ela? Diana é o tipo de mulher que me tira o chão.

— Quando vi o nascer do sol, um tipo de neblina com lapsos de memória me veio à mente. Um sorriso perverso que me fez arrepiar. A sua voz era doce, mas suas palavras surpreendiam a todos e me faziam sorrir todas as vezes. Sua pele sempre macia, branca e a sua calcinha de renda. Pedacos de pele e sensações, que me fizeram ansiar por morder e marcar como minha. Nesses *flashes*, me vi chupando e mordendo de fato esses seios suculentos. — Ela ri e estreita os olhos para mim. *O que posso fazer se sou tarado nessa mulher?* — Mas também via traços mais comuns. Cabelos curtos, pretos ou castanho-escuros, não importava. Tão linda, foi o que eu pensei a cada *flash* com um pouco mais de você. Mas eu não sabia de alguma maneira quem era você.

A sensação dolorosa de falhar com ela e o seu olhar quando acordei no hospital volta como um tapa. Não me recordava dela, óbvio que a deixou surpresa, mas então furiosa também. Mas era nítido para quem quisesse ver a dor gritante em seus olhos. Agora, ao recordar, me sinto mal e ao mesmo tempo compartilho sua dor. Aproximo-me dela e a envolvo em um abraço mesmo com a barriga grande entre nós.

— A mais bonita e sensual que já vi, com seus olhos felinos perversos e sorriso malicioso, ao mesmo tempo em que morde o lábio — digo, acentuando o fato que ela está fazendo isso agora, o que a faz abrir o sorriso um pouco mais — Momentos tão eróticos e o som perfeito do seu gemido, mesclados entre uma fração de recordação e outra. Tão perfeita para mim que não consegui juntar tudo isso em uma única pessoa. Parecia impossível existir. Foi estranho, foi triste, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bagunçado, sensual e lindo. Mas esse foi o eu dormindo após o acidente e me esquecendo quem era você.

— Você é um filho da puta, sabia? Você fala coisas bonitas, logo depois fala algo para me deixar triste — diz em um meio sorriso.

— E você gosta das coisas bonitas que falei — afirmo. — Infelizmente, o resto não é tão bonito. A princípio, quando pensei que era namorada do Lion, foi um misto de desculpa para saber quem era você e ao mesmo tempo um pensamento que a Mia merecia uma mãe. Sua reação como sempre, minha querida Diaba, foi fora do esperado totalmente. Mas também me deixou pensativo. Como eu poderia esquecer alguém assim? Já me meti em muitas brigas, muita confusão e nunca esqueci ninguém. Então, me senti errado, estranho e tive a genial ideia de bater a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça de novo.

— Que porra de ideia foi essa? — exclama.
— Você é doido? E se eu não fosse atrás de você?
— Sou louco, sim, por você — digo, rindo.
Ela não faz ideia do quanto.

FIM

AGRADECIMENTOS



Gratidão a vocês por terem acompanhado desde o início!

Obrigada, “Perfeitas Diabas”, por sempre apoiarem lindamente a história. Obrigada, amigas que sempre estão ao meu lado quando dou umas piradas. Obrigada, revisoras e amigas que ajudaram em algum momento: Monique C.; Natália D.; Jéssica L.; Christine K.; Clyra A.; Wânia A.; Mag A.; Eveline K.; Letti O.; Pry O.; Eduarda G.; e tantas outras amigas. Vocês são incríveis e sempre atenciosas. Obrigada, leitoras que indicam o livro por aí de todas as formas possíveis.

Obrigada por todos os comentários ao longo do livro no Wattpad. EU AMO CADA UM

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

DELES. Não sabem quantas vezes salvaram os meus dias. Foi um imenso prazer ter vocês conosco nesta louca viagem de amor não tão romântica, mas com uma avalanche de emoções.

Eles não são como no primeiro livro que colocam o coração nas palavras. Mas para quem sai da superfície, emoções profundas.

A ideia de um casal com tudo para dar errado nunca pareceu tão certa. Pessoas fora do padrão, da caixa e do convencional. Um casal que não foi feito para encontrar um “feliz para sempre”. Não, a não ser que não fosse com a sua alma gêmea. Foi um prazer causar seus risos e até mesmo as suas lágrimas. Repito: obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

SOBRE A AUTORA, OUTROS LIVROS & REDES SOCIAIS

O pseudônimo “Mellody Ryu” é usado por duas pessoas: Mônica Kimi S. O. Reis e Michael Sergio da S. Belmiro, juntos desde 20/03/2010. Mônica é uma romântica incurável, sempre fã de animes, livros de romance, poemas, séries e RPG. Michael, por sua vez, fã de jogos de mmorpg, animes, filmes de ação/fantasia/aventura e, claro, RPG. Aliás, o primeiro livro a ir para a Amazon e a ser concluído, foi tirado de um jogo que seria para passar o tempo.

Por que o pseudônimo? Um dia, Mônica indagou a ele que nome achava que combinaria com ela e ele respondeu: Mellody Ryu. Veio da admiração pela cultura japonesa e por seus dragões. O pseudônimo foi usado por quatro anos unicamente por Mônica.

Obras:

— **DUOLOGIA Perfeitos**

Livro 01 — Perfeito Azarado

Livro 02 — Perfeito Delinquente

Spin-off 01 — Inigualável

Spin-off 02 — Como se tornar irresistível

— **Série: Doce Mentira**

Livro 01 — Avassalador

— Demais livros da série estão em construção.

*Livros em negrito estão disponíveis

— **Disponíveis apenas no Wattpad**

Diga, Alice. Quem é você?

Pecados

Redes sociais:

Facebook: Mellody Ryu

Instagram: @Mellody.ryu

Wattpad: @MellodyRyu

E-mail: mellody.book@gmail.com

Pensa que acabou? Vocês pediram e em breve teremos a história do nosso misterioso Deus nórdico Lion. Segue a sinopse e prólogo:

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

EM BREVE...

VAMOS DAR UMA ESPIADINHA
NO PRÓXIMO LIVRO?

INIGUALÁVEL

SPIN-OFF DE PERFEITO DELINQUENTE

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SINOPSE



A guerra fez Lion ver a vida com outros olhos, desejando apenas ficar longe de tudo. Só que uma proposta, que parecia a solução dos seus problemas, pode mudar tudo. Ser segurança pessoal não deveria ser um desafio, exceto se sua cliente for uma mulher linda, rica e com uma personalidade que o irrita, mas também o instiga.

Em uma turbulência de emoções, nasce um amor que não existe resposta, apenas um desejo.

Acorde-me quando setembro acabar.

A pedidos, a história do nosso querido Lion.

PRÓLOGO



ADMIRAÇÃO, RESPEITO E FERIDAS INCURÁVEIS

Guerra. É isso o que vivemos todos os dias aqui Faluja, no Iraque. A pressão é constante, os pensamentos devem ser silenciados quase sempre, a mente focada apenas em uma coisa: ser forte. É importante não se desesperar no caminho, pois um descuido pode custar sua vida.

Claro, para a nossa saúde mental, temos que nos permitir pequenas diversões. Mesmo que sejam completamente temporárias e mentirosas com coisas significativas ou fúteis. Alguns bebem, outros leem livros. Alguns se consolam com o fato de que depois de seis meses poderão voltar para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa. Outros desistem na primeira semana e muitos morrem ainda tentando começar a lutar por algum ideal.

Não é como se estivéssemos em batalha vinte e quatro horas por dia, mas não é como se não vivéssemos com ela na mente neste mesmo período. Estou em uma equipe em que obviamente cada um carrega seus motivos, suas lutas e as suas guerras internas. Respeito cada um meus companheiros, mas não confio em todos. Nos últimos anos juntos, sabemos do que cada um é capaz ou não.

Alguns estão aqui por julgarem capazes de salvar o mundo. Outros, porque é a única coisa que sabem fazer. Às vezes, isso é a única coisa que os restou. Dentre todos meus companheiros, chegamos a um específico. Em algum momento, ou desde o início, me vi admirando um homem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sargento Williams perdeu a sua mulher para a leucemia. Enquanto ele trabalhava, ela lutava sozinha. Na sua morte, afundou-se no trabalho de vez. Como eu disse, alguns estão aqui porque foi a única coisa que restou. Quando eu cheguei, um completo novato, ele já estava aqui há alguns anos.

É um exemplo de profissional, mas um daqueles que bebem muito em seus intervalos para se distrair. Ele viu potencial em mim e me acolheu quando cheguei. Um homem de poucas palavras, de fato, mas com grande dor no coração. Ele tem o máximo respeito e a minha admiração. Um dia, o vi segurando uma foto, nela tinha um homem sorridente e uma mulher, pequena e delicada. Todos felizes. Muito diferente da expressão que ele carrega hoje.

O sargento é cansado e sempre sério, com um desgaste nítido. Claro, não é como se não sorrisse,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas todos em pouco tempo descobrem por fofocas o motivo de ele se manter neste inferno. Ele sabe delas e chegou a confirmar, assim como nos mandou procurar algo mais útil para fazer.

Não nego, acho comovente. Não saberia lidar com a dor que ele carrega. O motivo principal de se empenhar para fazer da melhor forma possível o seu trabalho e sobreviver a ele por todos esses anos, lutar para conseguir salvar vidas, para tentar compensar a vida que ele não pôde salvar.

Estávamos esperando o grupo de rastreio com alguma informação de uma bomba em potencial quando avistamos um menino brincando com uma bola, que em meio a sua brincadeira escapou e veio parar perto da nossa base.

Williams é o primeiro a se aproximar e se abaixar para pegar o brinquedo. Ele para e olha a bola, deixando-me curioso. Mas a resposta logo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vem quando ele imita o movimento de lançador de baseball, jogando para o menino. Ele vai ao delírio, pulando para pegar a bola com seus olhos brilhantes. Mesmo em uma distância segura, eu sorrio. Sorriso que morre quando, em uma das casas próximas, vejo alguém observando a cena. Fico em alerta ao mesmo tempo em que meu corpo todo se contrai. Pego a minha arma e a saco disfarçadamente.

A pessoa entra e some de vista. O menino, a esta altura, está perto do Williams, falando animado. Levanto-me, engolindo em seco, e guardo a minha arma, indo até eles. Abaixo-me na altura do menino.

— Oi, garotão. Você leva jeito, mas infelizmente não está na hora de voltar para casa? Sua mãe deve estar preocupada com você — digo, tentando ser o mais sutil possível. — Já são três

PERIGOSAS ACHERON

horas. Ela deve estar na janela ou no telefone perguntando se alguém te viu.

— Mas são onze horas agora, moço. — Williams vira a cabeça, olhando no sentido que eu falei, e sorriu para a inocente criança.

— Sério? — Olho o meu relógio. — Nossa! Verdade, o tio errou! Desculpa! Mas já vai ser hora de comer, não é?

— Sim! Eu vou lá então. Obrigado pelas dicas, tio — diz e sai animado.

Explico a situação ao sargento e para os outros membros do grupo e ficamos em alerta, ao mesmo tempo em oramos para que Deus abençoe e proteja essa criança.

Ao longo dos dias o menino retornou, sempre animado, cativando cada um dos membros. Até que um dia, recebemos o alerta de um homem bomba. Rapidamente nos preparamos e seguimos ao local

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

designado pela equipe de rastreamento, mas nada no mundo nos prepararia para o que vimos ali. O nosso menino cheio de vida agora estava estático, no meio da rua, com uma bomba e grades sobre elas em seu pequeno corpo. Abalou nosso emocional gravemente. Nada nos prepararia para aquilo. Williams vestiu sua roupa de proteção o mais rápido que pode, pegou suas ferramentas e as prendeu no macacão.

Em passos lentos, se aproximou dele. Como eu era seu suporte, fiquei a alguns metros de distância enquanto uns rapazes ficaram no carro e outros observando ao redor. Williams, ao chegar até o menino, passa a mão em sua cabeça, tentando tranquilizar o garoto. Através da nossa frequência de rádio, posso escutar o que estão falando.

— Calma, rapaz, iremos dar um jeito de tirar essas coisas feias de você.

PERIGOSAS ACHERON

— Tio... — Escuto a voz embargada do menino, o que me faz engolir em seco. — Nós vamos para o mesmo céu?

— Você não deveria pensar nisso, pois vou te tirar daí. Sou o melhor! — diz com ânimo.

Não posso mentir o quanto isso testa a força de um homem. A guerra não testa apenas nossa capacidade física, mas também nosso cérebro e coração. Ainda somos humanos e isso é dilacerador. Não somos tão fortes. Não acho que existe alguém sem empatia para que não sinta nada nestes momentos. Estou há três anos aqui e esta é a primeira vez que vejo usarem uma criança.

Vejo Williams tentando abrir a grade que está sobre a bomba, mas ele xinga baixo.

— Este alicate não vai servir. Walker, traga o hidráulico.

— Sim, sargento — digo prontamente, me

PERIGOSAS ACHERON

levanto e vou para o carro.

Pego-o e me viro, retornando rapidamente. No meio do caminho, escuto uma exclamação do sargento Williams.

— Merda! Lion, não venha! Ativaram a contagem de trinta segundos.

— Mas senhor! — exclamo, ainda apressado em sua direção.

— É uma ordem! — grita, virando-se na minha direção, e eu paro, engolindo em seco.

Tudo passa diante dos meus olhos, em uma maldita câmera lenta. Ele se vira para o menino, o abraça com força e, como pode, o menino abraça de volta, chorando.

— Desculpa, garoto, eu falhei.

— Mas tio... — O sargento o interrompe.

— Se não for o mesmo céu, eu vou dar um

jeito de te encontrar.

Essa foi a última frase do homem que eu mais admirei na vida e que sempre terá toda a minha admiração. A bomba explode e, mesmo na distância em que estou, o impacto me joga no chão e apago.

É isso! Até logo!